

**5º Seminário  
de Extensão**  
da Universidade Fumec  
06 a 08 de maio de 2008



**Caderno de Artigos 2007**



**5º Seminário  
de Extensão**  
da Universidade Fumec  
06 a 08 de maio de 2008

**Caderno de  
Artigos**



Ficha Técnica – Caderno de Artigos – 5º Seminário de Extensão da  
Universidade FUMEC

Organização e avaliação dos textos

CoExt/FUMEC: Prof. Osvaldo Manoel Corrêa, Prof. Eduardo Chahud,  
Prof. Emerson Tardieu A. Pereira r., Profa. Stella Maris Nassif Dias C.  
Pinto, Profa. Sandra M. das Graças Maruch Tonelli

Apoio Técnico: Tania Porto Guimarães Veloso, Cristiane Patrícia de  
Paula Santos e Reginaldo Alberto Teixeira

Seminário de Extensão da Universidade FUMEC

S471 (5. : 2008: Belo Horizonte, MG)  
2008

Cadernos de Artigos. – Belo Horizonte: Universidade FUMEC,  
2008.

159 p. : il.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-99359-15-0

1. Ensino Superior. 2. Extensão universitária – Congressos. I.  
Universidade FUMEC.

CDU: 378

---

## CONSELHO DE CURADORES

Av. Afonso Pena, 4171  
Bairro Mangabeiras  
CEP: 30130-009  
Belo Horizonte/MG  
Tel./Fax: (31) 3280-9100  
Site: [www.fumec.br](http://www.fumec.br)  
E-mail: [fundacao@face.fumec.br](mailto:fundacao@face.fumec.br)

### CONSELHEIROS

Prof. Emerson Tardieu de Aguiar Pereira Junior – Presidente da Fundação  
Profa. Juliana do Couto Bemfica - Vice-Presidente da Fundação  
Prof. Eduardo Georges Mesquita  
Prof. Célio de Freitas Bouzada  
Prof. Mateus José Ferreira  
Prof. Aurélio Agostinho Verdade Vieito  
Prof. Márcio José Aguiar  
Prof. Renaldo Sodré

---

## UNIVERSIDADE FUMEC

Av. Afonso Pena, 3880/4º andar  
Bairro Cruzeiro  
CEP: 30.130-008  
Belo Horizonte/MG  
Tel.: (31) 3269-5250  
Fax: (31) 3269-5206  
Site: [www.fumec.br](http://www.fumec.br)  
E-mail: [reitoria@fumec.br](mailto:reitoria@fumec.br)

### REITOR

Prof. Antonio Tomé Loures

### VICE-REITORA

Profa. Maria da Conceição Rocha

### PRÓ-REITOR DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO

Prof. Ricardo José Barbosa Bahia

### PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

Profa. Valéria Cunha Figueiredo

### SETOR DE EXTENSÃO

Prof. Luiz Antônio Melgaço Nunes Branco – Coordenador

### SETOR DE EDUCAÇÃO MEDIADA POR TECNOLOGIA INTERATIVA (i-neti)

Prof. Eucídio Pimenta Arruda

### SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Prof. Rodrigo Fonseca e Rodrigues - Coordenador

### SETOR DE REGISTRO E INFORMAÇÕES ACADÊMICAS

Janet Míriam Lourenço – Coordenadora

### COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO

Profa. Maria Helena de Oliveira Guimarães – Coordenadora

### COMISSÃO DE EXTENSÃO (CoExt 2007)

Prof. Osvaldo Manoel Corrêa – Coordenador

Prof. Eduardo Chahud

Prof. Emerson Tardieu Aguiar Pereira Jr.

Profa. Sandra Maria das Graças Maruch Tonelli

Profa. Stella Maris Nassif Dias C. Pinto

---

## FACULDADES DA UNIVERSIDADE FUMEC

### FACULDADE DE CIÊNCIAS EMPRESARIAIS – FACE

Diretor Geral – Prof. Ricardo José Vaz Tolentino

Diretor de Ensino – Prof. Marco Túlio de Freitas

Diretor Administrativo – Prof. Emiliano Vital de Souza

### FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS – FCH

Diretora Geral – Profa. Thaís Estevanato

Diretor de Ensino – João Batista de Mendonça Filho

Diretor Administrativo – Antônio Marcos Nohmi

### FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FCS

Diretor – Prof. Ramon Moreira Cosenza

Vice-Diretora – Profa. Marilene S. Marques Michalick

### FACULDADE DE ENGENHARIA E ARQUITETURA – FEA

Diretor Geral – Luiz de Lacerda Júnior

Diretor de Ensino – Lúcio Flávio Nunes Moreira

Diretor Administrativo – Fernando Antônio Lopes Reis

# SUMÁRIO

## Artigos de 2006

Arquiteto da família: educação ambiental a partir de coleta de dados no Bairro Nova Vista - Belo Horizonte-MG .....	12
Contribuições para a sistematização das práticas pedagógicas e educativas em uma creche filantrópica .....	19
Uma experiência de aprendizado: Programa de atividades de extensão a partir de práticas inclusivas e responsabilidade social .....	22

## Artigos de 2007

A grande BH também dá samba: Manifestações de cultura popular na Comunidade de Nossa Senhora do Rosário em Justinópolis .....	26
A Mulher Negra no Aglomerado da Serra – Uma tentativa de diagnóstico visando à <i>Meta do Milênio</i> número 3: “Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres” .....	31
Catálogo Artesanato Solidário: Projeto Terceira Idade .....	39
Manutenção do CEPETURH .....	41
Ciclo tipográfico: ciclo de palestras e/ou oficinas para introdução ao universo da criação tipográfica, seu emprego como elemento de criação de sentido e de organização da informação textual .....	44
Creating Options Through Empowerment: The Vila Nossa Senhora de Fátima Initiative .....	46
Escritório de Negócios do Barreiro: Geração de Renda para Idosos de Baixa Renda a partir de uma ação consorciada .....	53
Evolução e Perspectivas do Infosenior – Informática Sênior .....	57
Festival de Corais de Belo Horizonte .....	62
Educação, violência e pobreza: A profissionalização como parte da solução .....	68

GEMTI - grupo de estudantes que multiplicam e transformam idéias .....	72
Ginástica laboral/parceria SLU – Universidade FUMEC .....	77
Humor e magia: A outra face do cuidar .....	82
Inclusão Digital: a experiência da Universidade FUMEC .....	85
Jornal Arena Da Moda .....	89
Melhor idade em ação III .....	95
Orientação profissional e de carreira: programa de extensão desenvolvido na FACE/FUMEC .....	98
Passaporte de leitura .....	110
Projeto Cidadania Ambiental .....	123
Projeto da educação gerencial para a maioria .....	127
Projeto de atendimento ao bebê de risco da maternidade Odete Valadares .....	131
Projeto desportivo sociocultural - 2007- FUMEC .....	134
Projeto Econsciência .....	139
Proposta piloto de capacitação para utilização de ferramenta de gestão de banco de alimentos .....	142
Projeto: “Saúde na FUMEC: a vez da voz do professor” .....	147
Sobre sustentabilidade: têxteis coloridos, estampados e poluentes. ....	151
Veículo do saber: projeto de extensão segue seu caminho, na disseminação de ações em prol da sustentabilidade. ....	154

# APRESENTAÇÃO

*Segundo definição do Programa de Apoio à Extensão Universitária (PROEX) da Secretaria de Educação Superior do MEC, extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade. Ainda segundo o PROEX, criado em 2003, a extensão é uma via de mão dupla, com livre trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará na sociedade a oportunidade da elaboração da prática de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, professores e estudantes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, fará ampliar e elevar o nível do conhecimento anterior.*


*No caso da Universidade FUMEC, essa interação com várias comunidades em diferentes formas de organização, estabelece uma troca de saberes que tem tido como consequência a revitalização do conhecimento pelo contato com a realidade externa às nossas Faculdades, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva das comunidades na atuação da universidade e vice-versa.*

*A Universidade FUMEC responde, prioritariamente, pelas suas condições acadêmicas, apresentando e debatendo critérios de patamares de qualidade que atendam às exigências da sociedade. Na área específica de extensão, abrange cursos e projetos de extensão universitária com ênfase na defesa das minorias e na inclusão social, visando aprofundar uma política que venha a fortalecer a institucionalização das atividades de extensão.*

*Uma das finalidades do que a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, atual Lei de Diretrizes e Bases, chama de educação “superior” é justamente (art. 43, inciso VII): “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição”.*

*O que estamos fazendo agora é registrar um leque de promoções da Universidade FUMEC, nessa linha*





*ditada pela legislação e pelas necessidades detectadas, cujas soluções sentimos que estavam ao nosso alcance.*

*Pode não ter sido o máximo. Mas foi o melhor que se pôde fazer, com sensibilidade e dedicação aos problemas da comunidade.*

*Prof. Antonio Tomé Loures*

*Reitor da Universidade FUMEC*

# PROJETOS DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FUMEC - 2007

## 1 – Projetos Interunidades

Arquiteto da família – educação ambiental e ações preventivas e curativas para salubridade de ambientes construídos: Modalidade Prática jurídica e psicossocial (FCH/FEA)

Coordenação: Claudia Teresa Pereira Pires (FEA) e Gustavo Brígido Pedras (FCH)

Coral da FUMEC

Coordenação Maestro Lindomar Gomes

Festival de Corais

Coordenação Maestro Lindomar Gomes

Projeto Desportivo Sócio Cultural FUMEC (FACE/FCH/FCS/FEA)

Coordenação: Professora Licéne França

## 2 – Projetos desenvolvidos nas Unidades

### 2.1 – Projetos de Extensão da Faculdade de Ciências Empresariais - FACE

A grande BH também dá samba

Coordenação: Rita Lages Rodrigues

A mulher negra no Aglomerado da Serra: “Uma tentativa de diagnóstico visando à meta três do milênio – Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres

Coordenação: Walter Alves Victorino

Belô com sabor

Coordenação: Maria Regina Fernandes L. Cavalcanti

Creating Options Through Empowerment: The Vila Nossa Senhora de Fátima Initiative

Coordenação: Lincoln Mourão

Curso de navegação via GPS para pessoas de necessidades especiais

Coordenação: José Henrique Silva Júnior

Escritório de Negócios do Barreiro – Geração de renda a partir de uma ação consorciada – Planejamento contábil, fiscal e tributário

Coordenação: Rosa Maria Abreu Barros

Escritório de Negócios do Barreiro – Geração de Renda para Idosos de Baixa Renda a partir de uma ação consorciada

Coordenação: Lincoln Mourão

Faculdade Gerencial para a Maioridade

Coordenação: José Henrique Silva Júnior

Formação de profissionais de vendas

Coordenação: Clodoaldo Lopes Nizza Junior

Inclusão digital para adolescentes e jovens

Coordenação: Renata Tolentino

Manutenção do Centro de Pesquisa em Turismo e Hotelaria

Coordenação: José Henrique Silva Júnior e Rita Lages Rodrigues

Passaporte de Leitura

Coordenação: Dulce Helena B. S. Melo

Programa de Orientação de Carreira

Coordenação: Zélia Kilimnik

## **2.2. Projetos de Extensão da Faculdade de Ciências Humanas - FCH**

Cidadania Ambiental

Coordenação: Gustavo Brígido A. Pedras

Curso de Alfabetização e Letramento para Adultos Maduros

Coordenação: Cleonice Bahia e Maria da Penha Esteves

Direito em ação

Coordenação: Astreia Soares Batista

É possível avaliar, na educação infantil, crianças de 02 a 06 anos?

Coordenação: Thaís Estevanato e Custódio Cruz de Oliveira e Silva

Implantação de políticas públicas para população idosa em municípios da grande BH

Coordenação: Eucídio Pimenta Arruda

Informática Sênior

Coordenação: Eunice Maria Rocha

Intervenção a tempo – detecção de sofrimento psíquico em bebês e crianças pequenas – Qualificação dos educadores-cuidadores

Coordenação: Tânia Aparecida Ferreira

Seminários sobre Convergência Digital e Cibercultura

Coordenação: Jorge Rocha Neto da Conceição

### **2.3. Projetos de Extensão da Faculdade de Ciências da Saúde - FCS**

A Universidade no desafio da Promoção à Saúde: uma parceria da Faculdade de Ciências da Saúde/FU-MEC e o Programa Banco de Alimentos

Coordenação: Marisa Antonini

GEMTI – Grupo de Estudantes que multiplicam e transformam idéias

Coordenação: Amália Verônica Mendes

Melhor Idade em Ação III

Coordenação: Sandra M<sup>a</sup>. das Graças Tonelli

“Oficina do riso” - A arte de cuidar

Coordenação: Eduardo Tavares

Projeto de atendimento ao bebê de risco do Hospital Municipal Odilon Behrens

Coordenação: Ana Raquel Pereira Caixeta

Saúde na FUMEC: A vez da voz do professor

Coordenação: Flavia Horta A. Gobbi

### **2.4. Projetos de Extensão da Faculdade de Engenharia e Arquitetura - FEA**

Agência experimental de Design Gráfico

Coordenação: Claudia Terezinha Teixeira de Almeida

Arquiteto da família – educação ambiental e ações preventivas e curativas para salubridade de ambientes  
construídos. Modalidade: Assistência técnica  
Coordenação: Claudia Teresa Pereira Pires

Artesanato Solidário no Aglomerado da Serra. Capacitação em artesanato para jovens em condição de  
vulnerabilidade social  
Coordenação: Natacha Silva Araújo Rena

Catálogo Artesanato Solidário Barreiro  
Coordenação: Juliana Pontes Ribeiro

Ciclo tipográfico: ciclo de palestras e/ou oficinas para introdução ao universo da criação tipográfica, seu  
emprego como elemento de criação de sentido e de organização da informação textual  
Coordenação: Rafael Neder Barroca

Colóquio de Pesquisa em Moda  
Coordenação: Cássia Macieira

Jornal da Arena  
Coordenação: Ana Luisa Santos

Veículo do Saber: abrindo novos caminhos  
Coordenação: Flávio Fabrino Negrão Azevedo

Workshop Mineiro de Gestão de Projetos  
Coordenação: Luis Antônio M. N. Branco

# ARQUITETO DA FAMÍLIA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DE COLETA DE DADOS NO BAIRRO NOVA VISTA - BELO HORIZONTE- MG

## EQUIPE

Professora Coordenadora:

Profa. Cláudia Teresa Pereira Pires - Arquiteta Urbanista

Alunas Bolsistas:

Ana Cecília Estevão - Arquiteta urbanista - Egresso Universidade FUMEC.

Renata Fonseca Magalhães (estagiária Arquitetura e Urbanismo - Bolsista do último período de Arquitetura e Urbanismo)

Agradecimentos:

Associação Comunitária Bairro Nova Vista.

Posto de Saúde São José Operário.

Universidade FUMEC

## INTRODUÇÃO

*“Eis aí o verdadeiro papel dos arquitetos, de como conciliamos estas três coisas, ou seja, como fazemos coisas econômicas e de qualidade e, além disso, fazê-las bonitas; não incorrer no extremismo de dizer que vamos atender a esses fatores. E não devemos confundir estética com luxo, que é uma coisa muito diferente. (...) porque aos economizadores inimigos da estética eu lhes pergunto se não se preocuparam com a burocracia, que é muito mais cara que a estética” (Fidel Castro apud SEGRE; 1987, p. 43)*

*“Ser Arquiteto dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento implica não só um técnico ou estético, mas também um compromisso político” (SEGRE; 1987, p.43)*

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência da realização do projeto de extensão “Arquiteto da família: educação ambiental a partir de coleta de dados no bairro Nova Vista

- Belo Horizonte-MG”, durante os meses de julho a setembro de 2005, avaliando seus objetivos, a metodologia aplicada, as metas atingidas e os desdobramentos possíveis de serem realizados a partir da perspectiva de novas propostas abertas durante a realização do projeto.

Grande parte das vezes, projetos extensionistas têm por objetivo

*“estimular a inserção da instituição na sociedade por meio do apoio, acompanhamento e avaliação das atividades extensionistas desenvolvidas, entendendo a Extensão como a ação que procura fazer uma ponte entre dois lados: o científico e a realidade do dia-a-dia. Sendo uma via de mão-dupla, a Extensão leva à sociedade o conhecimento desenvolvido e traz dessa atividade as demandas e expectativas sobre o papel da Universidade” (FUMEC, 2006),*

estabelecendo uma interlocução entre a sociedade e a Universidade. A Universidade atua, dentro da sistemática de atuação da atividade extensionista, como proponente de ações educativas que visem ao encontro da teoria, aprendida em sala de aula, e a prática, que nada mais é que a aplicação do conteúdo acadêmico à vivência cotidiana, da realidade teorizada em sala de aula.

A escolha do nome do projeto tem a ver com a necessidade de aproximar o trabalho realizado com a realidade da comunidade, evidenciando que o projeto extensionista é, antes de tudo, atendimento familiar. A alusão ao nome do projeto de Saúde da Família não foi coincidência, haja vista que este projeto, voltado para a Medicina familiar, tornou-se revolucionário na sua proposição de uma Medicina digna, justa e próxima da realidade do paciente, levando médico e agente de saúde (membro participante da comunidade) a participar do cotidiano e dos problemas que interagem com a sua vida e podem dar sinais importantes para auxiliar num processo de investigação de uma síndrome adquirida.

Neste contexto, no ambiente de discussão da teoria e prática e suas interfaces possíveis, o projeto extensionista “Arquiteto da família” foi idealizado como projeto de assistência técnica e educação ambiental a ser desenvolvido no bairro Nova Vista, zona leste de Belo Horizonte-MG, trazendo uma proposta de informação, apoio e orientação técnica para a qualidade do espaço arquitetônico do morador do bairro, tanto na melhoria de sua casa como na solução de problemas relacionados a ela.

No projeto de extensão em questão, estabeleceu-se um contato interessante entre os futuros arquitetos, estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade FUMEC e os moradores do bairro popular Nova Vista, localizado na porção leste do município de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, onde 83% dos imóveis são irregulares e proliferam situações de des-

conformidade da edificação com a lei. Esses futuros arquitetos, estudantes de Arquitetura, como estagiários do projeto de Arquitetura e Engenharia Pública, já que haviam experimentado, 12 meses antes, o contato pessoal com esta mesma comunidade, por meio de um convênio piloto firmado entre a Universidade e o poder público local, no caso a Prefeitura de Belo Horizonte. Teve como base para o primeiro contato uma experiência prévia adquirida durante a fase de implantação do convênio de Engenharia Pública, em 2004, continuidade do projeto em 2005 e sua transformação em programa em 2006, como aprimoramento da segunda etapa do contato comunitário, que foi feito a partir da implantação do Posto de Atendimento do “Arquiteto da Família” feita exclusivamente por intermédio do projeto de Extensão, com patrocínio da FUMEC e da FUNADESP e rico de oportunidades e aprendizado.

Na avaliação que se fez da execução do projeto de Engenharia Pública, faltou na avaliação que se fez da sua execução mais ênfase no trabalho de divulgação sobre a proposta, com a veiculação, dentro da comunidade, do propósito do projeto e do cunho inclusivo da proposta. A falta da consolidação da interlocução dos técnicos contratados pela Prefeitura com a comunidade, que era objetivo inicial do projeto de Engenharia Pública, previsto no escopo de sua proposta, acabou por dar ao projeto caráter secundário, não tendo sido feito a contento, prejudicando a realização ou o atendimento das metas pretendidas pela Prefeitura. Diante da ausência da informação ou do contato preliminar, a comunidade mostrou-se retraída, desconfiada das reais intenções dos técnicos, haja vista a preponderância da falta de informação sobre o projeto. O convênio passou a ter caráter unilateral e pouco participativo na sua implantação, como na obtenção de informação para atualização dos cadastros da Secretaria Municipal de Regulação Urbana que, em agosto de 2005, tendo recebido os dados do trabalho em janeiro de 2005, finalmente emitiu os certificados de Baixa e Habite-se das famílias que se enquadraram nos requisitos por ela determinados.

Tentando evitar esses percalços, o trabalho extensionista, feito desde 2005 de forma piloto e hoje com metodologia consolidada, privilegiou, nesta segunda etapa, o contato comunitário.

A diferença conceitual do trabalho do “Arquiteto da Família” embasou-se na implantação do projeto com participação comunitária que, acreditou-se, delineou os rumos tomados pelo trabalho realizado no bairro. Foi privilegiada uma abordagem interativa comunidade-escola dentro da assistência técnica e o “Arquiteto da Família” procurou dar maior ênfase ao contato do técnico com o morador do bairro, estabelecendo-se uma relação de camara-dagem entre ambos, o que facilitou a atuação dos alunos como verdadeiros agentes comunitários locais de Arquitetura.

Sua implantação coincidiu com o período pré-eleitoral. A assinatura do convênio foi feita em julho de 2004 e a implantação do

projeto se deu em setembro, portanto, a um mês das eleições. A veiculação de propaganda na mídia impressa ou mesmo nos veículos oficiais não foi viabilizada. O único contato feito com a comunidade foi a entrega de um panfleto explicativo de porta em porta. A coordenação, por parte da FUMEC, fez, por iniciativa própria, dois contatos com os postos de atendimento de saúde do bairro, que foram decisivos para a viabilização do trabalho no bairro. O posto de Saúde São José Operário deu apoio, convocando os agentes de Saúde da Família a ajudarem na viabilização da proposta. Pode-se dizer que daí nasceu o “Arquiteto da Família” N.A.

A perspectiva da incorporação ao projeto, do paradigma da educação ambiental e da disseminação da informação a partir da realização de assembléias participativas tornou possível trabalhar a comunidade sob três aspectos diferentes de organização de trabalho: disseminação de informação, produção de elementos para a educação ambiental comunitária e elaboração de planejamento. Por isso, considera-se que houve ganho qualitativo considerável na execução da proposta do “Arquiteto da Família” no bairro, haja vista o grau de interação e aceitação que o projeto obteve junto à comunidade.

## O PROJETO DE EXTENSÃO - CARACTERIZAÇÃO

O tema central do projeto de extensão “Arquiteto da Família” foi, desde o ano de 2005, a organização da prática da educação ambiental, voltada para a melhoria do espaço arquitetônico construído. O objetivo central do projeto foi possibilitar a viabilização de uma proposta de assistência técnica à comunidade do bairro Nova Vista, explorando um enfoque participativo para o trabalho de assistência técnica.

A construção informal do bairro, sem arquiteto, é da ordem de 97% dos projetos. Os moradores constroem sem o arquiteto, não conhecendo sua função, e utilizam material de boa qualidade, porém desperdiçam na má-gestão da construção e na ausência de um projeto prévio que norteie sobre a melhor forma de construir.

A proposta do projeto “Arquiteto da Família” amparou-se no conceito de assistência técnica, já disseminado por entidades de classe tal como IAB, CREA, FNA, mas se mostrou inovadora por vários motivos:

- Apresentou-se como uma alternativa ao serviço de Engenharia e Arquitetura Pública, realizado paralelamente no bairro, com a população de baixa renda, pois pretendeu estabelecer contato individualizado com o morador e a apro-

ximação do bolsista de extensão com a família atendida, transformando esse contato individualizado, num momento de aprendizado e troca de experiências.

- Somou-se ao escopo da assistência técnica, no campo da Arquitetura e Engenharia pública, a disseminação de informação sobre alguns campos do conhecimento que o arquiteto, em seu cotidiano, domina. O arquiteto, pela formação multidisciplinar que possui e que, portanto, conhece tem condições de orientar e encaminhar o morador atendido, dentro do projeto de assistência técnica, a buscar solução compatível para problemas relacionados com a habitação, que não fazem parte apenas do campo de conhecimento específico da Engenharia e Arquitetura.
- O trabalho extensionista feito com o aluno de Arquitetura ou futuro arquiteto visou a concatenar outras demandas, tais como jurídica e psicológica, com as específicas do projeto ou da reforma e melhoria do imóvel. No campo das condições de salubridade e habitabilidade do espaço habitado, o projeto pretendeu introduzir noções básicas que alterariam a qualidade do espaço habitado.
- O “Arquiteto da Família” possibilitou a integração do estagiário bolsista com a realidade de grande parte da população brasileira que, de acordo com dados aferidos em pesquisa de campo no bairro, desconhece o que faz e qual a importância do arquiteto e seu campo de trabalho.
- O bolsista realizou a experiência de trabalhar com uma abordagem multidisciplinar na condução do projeto de assistência técnica, ao englobar, em sua atuação, técnicos e agentes comunitários envolvidos em programas do governos tais como o Programa Saúde da Família.
- O bolsista estabeleceu contatos dinâmicos, informativos e participativos com a comunidade ao realizar assembléias de esclarecimento do projeto de extensão, periódicas e geralmente quinzenais durante toda a duração do projeto.

## OBJETIVOS DO PROJETO

O projeto de extensão “Arquiteto da Família” procurou conscientizar o estudante sobre o papel social do arquiteto, produzindo abordagem multidisciplinar da Arquitetura, na análise de um pedaço da cidade consolidada. Acredita-se que o contato da Universidade com a realidade urbana brasileira proporcionou trocas reais entre a teoria e a prática. O exercício da profissão do arquiteto foi levado à comunidade do bairro Nova Vista de forma democrática, privilegiando uma comunidade que habitualmente não teve acesso aos serviços do profissional de Arquitetura. Foi tarefa do projeto:

- Democratizar o exercício profissional do arquiteto ao disseminar sua prática profissional como parte do programa de educação ambiental ou educação para percepção do ambiente construído.
- Disseminar a assistência técnica de qualidade, no campo da construção civil, feita por futuros estudantes de Arquitetura e a coordenação constituída.
- Atender o morador de forma personalizada, nos problemas relacionados à sua casa.
- Fazer a análise, no que tange ao estado da casa, à sua segurança, sua habitabilidade, sua salubridade e seus indicadores de qualidade de vida.

Além da assistência técnica personalizada, coube ao “Arquiteto da Família” atender a outras demandas, como as de caráter fundiário, por exemplo, e que foram cadastradas afim de, após contato prévio com as instâncias adequadas, serem encaminhadas para os núcleos de Prática Jurídica da Universidade FUMEC. Neste ponto, o projeto está em concordância com a abordagem multidisciplinar exigida em ações desta natureza. O Arquiteto da Família acaba por atuar como um apoiador e um administrador e gerenciador de conflitos.

Desta forma, o projeto se permitiu trabalhar as questões ligadas à convivência familiar, agravadas pela coabitação das famílias em um único lote, prática comum, cadastrando e encaminhando-as para posteriormente serem tratadas pelos núcleos de auxílio psicossocial da Universidade, que gradativamente se tornaram parceiras na execução do projeto.

Trabalham no projeto profissionais habilitados para informar sobre linhas de crédito, sobre os programas existentes voltados para melhorias habitacionais, além de existir a possibilidade real de encaminhamento da mão-de-obra local para cursos profissionalizantes.

A tarefa do projeto “Arquiteto da Família” foi, além de estabelecer possibilidades de troca de informação, permitir também aconselhar tecnicamente ao morador sobre técnicas e custos dos processo de autogestão, somando ao saber local o conhecimento técnico possibilitado pela troca de informação que subsidiou o sucesso do projeto.

## METODOLOGIA

Como mencionado anteriormente, a metodologia utilizada deriva-se de uma visão crítica da atividade de assistência técnica para população de baixa renda realizada pela Prefeitura de Belo Horizonte, concomitantemente à continuidade do projeto extensionista.



As famílias visitadas do bairro Nova Vista foram atendidas pelos estagiários da FUMEC durante o segundo semestre de 2004, no escopo de trabalhos desenvolvido pelo convênio “Arquitetura e Engenharia Pública”. Essas famílias receberam, no segundo semestre de 2005, sua certidão de Baixa e Habite-se, finalidade principal da proposta-piloto. Essas mesmas famílias foram incluídas no projeto “Arquiteto da Família” porque havia uma rica base de dados constituída de questionários e levantamentos arquitetônicos produzidos durante esse período, que poderia ser utilizada, numa análise detalhada de cada uma dessas residências visitadas. A estas famílias somaram-se, nas demais etapas do projeto, exigências locais por atendimento, surgidas pelo insuflamento feito pelos alunos e coordenadores, por força das demandas do programa. Por outro lado, a legalidade perante a Secretaria Municipal de regulação Urbana também seria preciosa aos moradores que de alguma forma queriam incluir seus imóveis no comércio formal de lotes, haja vista que o documento de Baixa e Habite-se abre essa perspectiva de inclusão imobiliária.

A concessão de Baixa e Habite-se, portanto, acabou por possibilitar a averbação do imóvel no documento de propriedade, permitindo a inclusão dos seus imóveis em programas de melhoria habitacional existentes e constantes do plano de ação da política pública de habitação popular promovida pelo governo federal, em consonância com o Ministério das Cidades.

O projeto “Arquiteto da Família” trabalhou com uma lista de moradores que previamente já haviam sido visitados pelos estagiários do programa anterior, objeto de convênio da FUMEC com a PBH, por esses motivos. Acredita-se que o trabalho realizado pelos três estagiários do projeto “Arquiteto da Família”, juntamente com a coordenação, foi eficaz e pretendeu oferecer ao morador um pouco mais que a assistência técnica resultante em título de regularidade, avançando em direção à tarefa de informar e trabalhar de forma participativa na abordagem do problema habitacional.

O estagiário envolvido teve oportunidade de trabalhar o banco de dados existente de forma a retirar dele informações complementares ao trabalho a ser realizado nesta etapa. Acima de tudo, o projeto possibilitou a realização de atividades de cunho educacional, que ampliaram as potencialidades do trabalho de assistência técnica, que em muito se ampliaram no escopo do programa inicial trabalhado com a Prefeitura Municipal um semestre antes. No projeto “Arquiteto da Família”, no decorrer dos trabalhos teve-se a sensação de haver obtido avanços consideráveis na inclusão da Arquitetura e Urbanismo como item importante para ser trabalhado numa comunidade humilde como a do bairro Nova Vista. Houve apreensão de informações importantes para ambos os lados nos trabalhos realizados pelos estagiários e o resultado disso foi percebido na receptividade que houve ao projeto, pois, ao visitar as casas, os extensionistas:

- Realizaram vistorias e entrevistas com as famílias tituladas, a fim de levantar demandas de melhoria habitacional não discutidas no âmbito do projeto de Engenharia e Arquitetura Pública pela Prefeitura de Belo Horizonte. Nessas vistorias, escutaram pacientemente o morador e sensibilizaram-se com seus desejos e problemas. Estes foram os pontos principais. Esta forma de intensificação da atuação comunitária da Arquitetura pública obtida com o “Arquiteto da Família” fortaleceu a exploração das demandas comunitárias que, somadas à disseminação da informação sobre educação ambiental para o espaço construído de qualidade, possibilitaram a construção de uma relação de camaradagem entre comunidade e agentes extensionistas.
- Verificaram as condições de habitabilidade da edificação, pouco exploradas na ocasião anterior, e registraram atentamente suas demandas e seus problemas, analisando, classificando e comparando dados do Programa Saúde da Família, do governo federal, implantado no bairro pela Prefeitura de Belo Horizonte. Neste ponto, o Programa Saúde da Família subsidiou a atuação dos técnicos de Arquitetura em relação à listagem com o histórico de doenças encontradas entre os moradores visitados. Essa informação foi cruzada com a observação do interior das habitações e isso ajudou a relacionar este dado com as condições de saúde familiar encontrada. Este ponto do projeto constituiu-se como diferencial ao projeto de Arquitetura e Engenharia Pública, já que, ao relacionar o PSF com o “Arquiteto da Família”, foi possível fazer as seguintes observações: a primeira seria a de que algumas doenças recorrentes nos históricos dos pacientes do Programa de Saúde da Família estão intrinsecamente relacionadas à baixa qualidade da habitação produzida. A segunda foi que a assistência técnica personalizada pode ser viabilizada por contatos comunitários que, ao se universalizarem, disseminam a profissão do arquiteto urbanista, hoje ainda muito voltado para o atendimento da população mais favorecida de nossas cidades. Entende-se que essa assistência técnica deva ser abrangente no sentido do atendimento a todos os extratos sociais e que a mesma deva ser produtora do estreitamento das relações de confiança entre o profissional responsável, neste caso o arquiteto, e morador do bairro.

Além do trabalho de conscientização sobre os problemas da habitação e relacionados a ela e sobre o atendimento individual ao morador, a visita personalizada proporcionou:

A mobilização das lideranças populares, visando ao fortalecimento do projeto e à valorização da proposta de educação ambiental. O projeto foi apoiado entusiasticamente pela liderança comunitária e isso foi positivo.

A veiculação de informações sobre o programa em reuniões quinzenais, em que foi possível, inclusive, aferir a capacidade de

integração do projeto com as demandas da população. Da ceta de informações veiculadas, fizeram parte questões de ordem jurídica, bem como foram colocados em questão os serviços públicos recebidos e informações sobre como resolver questões relacionadas à prestação de serviço dos diversos órgãos da administração direta municipal.

A realização de seminários temáticos de discussão dos temas de interesse da população e voltados para o esclarecimento de dúvidas sobre as questões relacionadas pela assistência técnica.

## RESULTADOS OBTIDOS:

Em resumo, considera-se que o projeto “Arquiteto da Família” foi um projeto bem sucedido e atuou estabelecendo:

- Uma abordagem multidisciplinar da arquitetura dentro do espaço urbano, caracterizado pela clandestinidade e desconformidade de suas edificações.
- Uma abordagem multidisciplinar, que atuou de forma especial dentro de um bairro popular, de baixa renda, carente e cuja população constrói sua casa em processo de autogestão.
- Uma parceria com programas já legalmente constituídos e de âmbito federal e municipal, tais como o Programa Saúde da Família, propiciando abordagem multidisciplinar e multissetorial da questão da assistência técnica.
- O contato da Universidade com a realidade urbana, que acabou promovendo um encontro entre teoria e prática cotidiana, dentro de situações de convívio que propiciaram ampla troca de informação e, diante disso, fundamentos para a continuidade de um trabalho, sob bases consolidadas.
- A democratização do ofício profissional da Arquitetura e a veiculação da informação sobre as atribuições profissionais do arquiteto, pois foi pretendido que o programa promovesse gradativa aproximação do profissional formado na Universidade com segmentos de classe que não usufruem e desconhecem o papel social do Arquiteto.
- A adesão da Universidade FUMEC, por meio da escola de Arquitetura, a um projeto extensionista pioneiro em sua abordagem, que deu ao cidadão o acesso à assistência técnica de qualidade.
- O envolvimento comunitário na discussão e na proposição de solução dos problemas observados na habitação e dos desdobramentos dos problemas a ela relacionados
- Ao final do projeto, considera-se que o nível de abrangência e eficácia do programa cumpriu os objetivos propostos,

superando expectativas iniciais e possibilitando, inclusive, o encaminhamento de algumas questões diretamente veiculadas ao problema da assistência técnica que enriqueceram a experiência dos estudantes no trato com as questões cotidianas.

- Nos 105 atendimentos realizados, foi profícuo o resultado final, que acabou por sinalizar para a continuidade dos trabalhos numa etapa posterior, que acompanhará os encaminhamentos dados a algumas questões que transcendem os limites da Arquitetura e as ações que visem a dar soluções aos problemas habitacionais encontrados, a partir de ações corretivas que evocam a inclusão das moradias em programas públicos de melhoria da qualidade do espaço construído.

## DESDOBRAMENTOS DO PROJETO

Como desdobramentos do projeto entre os anos de 2005 e 2007, podem-se evidenciar como importantes de serem citados:

A participação da experiência no Primeiro Seminário de Assistência Técnica realizado em 15/09/2005, em Belo Horizonte-MG, no auditório do CREA-MG, sob organização do IAB-MO.

A participação do projeto no Primeiro Seminário de Assistência Técnica promovido de 3 a 5 de outubro, em Campo Grande, pelo Ministério das Cidades, selecionado como experiência inovadora no campo da assistência técnica.

O convite para exposição do projeto na Câmara Municipal de Belo Horizonte para membros das associações comunitárias de Belo Horizonte.

A realização de seminário “O Arquiteto e a Cidade” na Mostra Fumec, em outubro de 2005, com a participação de diversas entidades, entre elas: Movimentos de Moradias, poder público municipal, entidades de classe como IAB - Instituto dos Arquitetos do Brasil e lideranças comunitárias, cujo balanço foi positivo.

A inclusão do material referente ao programa na exposição realizada sobre experiências em Assistência Técnica na Segunda Conferência das Cidades, entre os dias 29, 30 e 1 de dezembro de 2005, em Brasília.

A indicação da coordenação do projeto “Arquiteto da Família” para participação como delegada indicada pelo movimento popular, para a Segunda Conferência das Cidades.

A veiculação do projeto nos veículos de mídia da capital tais como jornais impressos.

A veiculação do projeto como experiência pioneira, no programa televisivo do CREA-Mo. A apresentação dos resultados no Congresso Brasileiro de Arquitetos, realizado em outubro de 2006, em Goiânia, onde foi proferida palestra na Mesa Temática de Assistência Técnica.

O apoio do Instituto de Arquitetos do Brasil em ações complementares.

A aprovação de projetos complementares de extensão, que possuem desdobramentos na prática jurídica e na possibilidade de desenvolvimento de curso de capacitação.

A possibilidade de desenvolver um trabalho financiado com empresas privadas que estão em negociação para futuros convênios.

A criação do Bazar do Arquiteto, programa complementar de apoio à construção, com a coleta de materiais utilizados e sobras da indústria da construção civil.

A realização de campanha educativa nas escolas, tendo como produto final um concurso de desenhos infantis sobre o tema.

A elaboração de um calendário com os desenhos das crianças premiadas.

A implantação de um posto de atendimento fixo no bairro, com atendimento semanal.

O atendimento de 30 famílias/mês no projeto.

O encaminhamento das situações de risco social e demandas jurídicas para outros profissionais interessados em contribuir com o projeto.

O fortalecimento da Associação Comunitária como parte de uma estratégia de capacitação de grupos locais para gerenciamento dos projetos de melhoria habitacional.

Apresentação do projeto para a Prefeitura de Sabará e Nova Lima, para possível fechamento de convênio com a Secretaria de Habitação das Prefeituras locais.

## CONCLUSÕES

O projeto “Arquiteto da Família” foi uma experiência inovadora e, como tal, mereceu continuidade a partir da aprovação de novo período do Projeto de Extensão para o ano de 2006. Nessa etapa, a se realizar a partir de fevereiro de 2007, o projeto será implantado como continuidade do programa desenvolvido em caráter experimental e que se mostrou eficaz em propiciar a troca de informações entre comunidade e técnicos, bem como em possibilitar a construção de um projeto comunitário de planejamento e organização das demandas internas do bairro, no intuito de me-

lhorar as condições de vida das pessoas mais carentes do local. Como produto importante de ser avaliado, o projeto “Arquiteto da Família” propôs e conseguiu obter o consenso da população para que os técnicos do programa pudessem atuar como propo- sitores de um escopo de propostas de planejamento microrregio- nal embasado em coleta de informações relevantes sobre o bair- ro que pudessem ser utilizadas pela Associação Comunitária no trabalho de reivindicação de melhorias para o bairro, nas ações coordenadas pelo Orçamento Participativo da região.

Assim, visando ao atendimento dessa reivindicação popular sur- gida no decorrer dos trabalhos, foi elaborado um plano mu1ti- disciplinar para a área, que contou com a participação de um advogado, um engenheiro civil, além da colaboração direta de outros técnicos e até mesmo de voluntários (técnicos da Prefei- tura) na organização da informação, na produção do diagnóstico e na proposição futura de ações de preparação dos moradores para processos de autogestão na área do Planejamento, da In- formação, da Geração de Renda e da Gestão Ambiental, que está sendo proposta com recursos oriundos de outras fontes que não a que atualmente a financia.

O projeto de extensão em si adquiriu credibilidade e expandiu seu leque de atuação no bairro, por levar o profissional de Arqui- tetura a atuar democraticamente com uma população que, até então, prescindia de sua importância.

No que tange aos desdobramentos, a assistência técnica nos processo de autoconstrução pode ser ferramenta importante na universalização da proposta de arquitetura para todos, ampla- mente defendida por setores da intelectualidade ligada aos fó- runs de discussão da Reforma Urbana no Brasil. Acredita-se que as ações políticas dos arquitetos urbanistas possam vir a contri- buir duplamente para a melhoria da nossa comunidade, atuando como uma contribuição enriquecedora para ambos os lados: de um, os arquitetos participam dinamicamente da vida e da reali- dade da maioria da população brasileira; de outro, a comunidade aprende a ver o arquiteto como agente importante na melhoria de sua vida cotidiana.

Tal qual na Medicina da Família, implantada pelo projeto PSF, a Arquitetura da família, implementada pelo “Arquiteto da Família”, pode vir a ser um importante elemento estruturador de algumas políticas públicas ou até mesmo privadas de desenvolvimento urbano. O ofício do arquiteto pode se tomar um importante ve- ículo de transformação da rotina diária do morador de nossas cidades, transformando-se numa importante contribuição para a melhoria das condições de vida de nossas cidades. O arquiteto, produzindo a Arquitetura para todos, consciente de seu papel de agente político nos mais diferentes extratos comunitários, acaba levando para o cidadão das grandes cidades o acesso à técnica, ao projeto, à habitação de qualidade e ao que considera como

---

elementos importantes de sua concepção: a técnica, o custo e a qualidade do espaço por ele produzido.

## REFERÊNCIAS

SEGRE, R. *Arquitetura e Urbanização da Revolução Cubana*. SP: Nobel, 1987.

O PROPIC "Microplano Regional para o bairro Nova Vista..." foi aprovado em janeiro de 2006, em seu mérito, porém sem recursos. A Coordenação está empenhada em obter fontes de financiamento para sua implementação, desde então tendo inclusive agora apoio do IAB.

# CONTRIBUIÇÕES PARA A SISTEMATIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E EDUCATIVAS EM UMA CRECHE FILANTRÓPICA

## EQUIPE

Professores Coordenadores do projeto:

Custódio Cruz de Oliveira e Silva - Mestre em Ciências da Educação - CURSO PSICOLOGIA.

Thais Estevanato - Mestre em Ciências da Educação - CURSO PEDAGOGIA.

Alunas Bolsistas:

Carla Cristina Moreira - Estudante do Curso de Psicologia

Isabela Antunes Pereira - Estudante do Curso de Pedagogia

## OBJETIVOS

Para a realização do projeto, teve-se como objetivos:

1. Estabelecer um programa de formação pedagógica às educadoras de forma a desenvolver e preparar seu conhecimento, suas competências e habilidades voltadas para a promoção do desenvolvimento afetivo e cognitivo das crianças atendidas pela creche.
2. Sistematizar as atividades educativas promovidas por familiares, educadoras e gestoras escolares, de modo a possibilitar às crianças vivenciar nos âmbitos educativos da creche e da família atividades pedagógicas e recreativas que valorizem o respeito mútuo, a solidariedade, a justiça e o diálogo, baseadas na indissociabilidade entre o cuidar, brincar e educar.

## PALAVRAS-CHAVE

Educação Infantil, formação de professores, atividades pedagógicas lúdicas, educar-cuidar-brincar.

## METODOLOGIA

Para alcançarem-se os objetivos propostos no projeto, utilizou-se como metodologia de trabalho:

- Revisão e aprofundamento da literatura existente na área da Educação Infantil, enfatizando os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Infantil.
- Discussão da proposta do projeto de extensão com as gestoras da creche e reorientação do projeto.
- Pesquisa de campo, objetivando:
  - reestudo do projeto político-pedagógico da Instituição;
  - levantamento da formação pedagógica das educadoras;
  - levantamento da atuação pedagógica das educadoras nos ambientes da sala de aula, recreio e demais atividades desenvolvidas extra-sala;
  - Levantamento do perfil dos alunos e familiares.

Para levantamento dos dados em campo, foram usadas como instrumentos a observação participante e entrevista semi-estruturada, com o intuito de subsidiar dados para melhor adequação da proposta e o seu desenvolvimento.

- Palestras e oficinas.
- Minicurso de extensão destinado às educadoras, intitulado “Formação da Educadora Infantil”, organizado e oferecido em parceria com o Setor de Extensão da FCH-FUMEC.
- Encontros semanais da equipe do projeto (coordenadores e alunas-bolsistas) para constante discussão das atividades e implementação da proposta.

## RESULTADOS ALCANÇADOS

Entre os resultados alcançados com a realização do projeto, destacam-se:

- A parceria realizada com a creche escolhida.
- A contribuição para o aperfeiçoamento da formação pedagógica das educadoras.
- A sistematização de atividades educativas – pedagógicas e recreativas – que possibilitaram às crianças vivenciar nos âmbitos educativos da creche e no ambiente familiar atividades lúdicas que valorizassem o respeito mútuo, a solidariedade, a justiça e o diálogo.
- A discussão, com as educadoras, da indissociabilidade entre o cuidar, brincar e educar.
- A discussão com os familiares das crianças sobre a importância de atividades recreativas nos âmbitos da creche e da família.

- O estreitamento entre os dois cursos de graduação da Faculdade de Ciências Humanas - Pedagogia e Psicologia - a partir da aproximação entre as áreas do conhecimento dos referidos cursos.
- A integração de conteúdos teóricos estudados pelas estudantes/bolsistas em seus respectivos cursos e a prática vivenciada ao longo do desenvolvimento do projeto.

## DELIMITAÇÃO DE CAMPO

Como parceira para desenvolver o projeto de extensão no ano de 2006, encontrou-se uma creche localizada na região centro-sul de Belo Horizonte, situada no entorno da Universidade. De acordo com seu projeto político-pedagógico, ela está constituída como uma associação sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural e assistencial. Recebe crianças de dois a cinco anos de idade, de grupo socioeconômico de menor renda, em horário integral diurno. Conta com a participação de alguns parceiros, entre eles a Universidade FUMEC.

A instituição atende cerca de 50 crianças (no ano de 2006). De acordo com os dados do projeto político-pedagógico da creche, as crianças, em sua maioria, são filhas e filhos de mães que trabalham como diaristas ou empregadas domésticas nas proximidades da creche; oriundas dos aglomerados dos bairros da Serra e Cruzeiro; ou seja, dos arredores da Universidade; como também da região metropolitana de Belo Horizonte ou bairros periféricos da capital.

A estrutura familiar das crianças é diversificada, apresentando como dominância grupo familiar nuclear simples, famílias católicas, etnia negra, renda familiar entre um e três salários mínimos; em sua maioria têm apenas as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Há na creche, educadoras, estudantes universitárias, cursando Pedagogia; sendo uma pedagoga recém-formada.

As crianças são atendidas de segunda à sexta-feira, no horário de sete às 17 horas, organizadas em turmas de Maternal II, Maternal III, Infantil I e Infantil II, conforme a idade cronológica, tendo cada turma uma rotina diária e específica.

## O PROJETO

O projeto teve a duração de nove meses. Iniciado em março de 2006, a atividade inicial das estudantes bolsistas, em campo, consistiu na realização de observação ampla, nos diversos am-

bientes da creche, e uma observação mais específica nos ambientes da “sala de aula”, seguida de entrevista com as educadoras - ambos os instrumentos utilizados com o intuito de subsidiar coleta de dados sobre as práticas educativas e pedagógicas desenvolvidas no cotidiano escolar.

A análise dos dados coletados resultante dessas observações e entrevistas ressaltou uma proposta inicial voltada para o estudo dos brinquedos e brincadeiras e, conseqüentemente, remeteu ao estudo e discussão dos Referenciais Curriculares Nacionais (RCNs), enfatizando os conceitos sobre o cuidar-brincar-educar.

Essa discussão conceitual (sobre cuidar-brincar-educar e brinquedos e brincadeiras) realizada com as educadoras evidencia a preocupação dessas profissionais em manterem-se atualizadas e incorporarem em suas práticas educativas e pedagógicas uma concepção de educação infantil integrada às funções de educar e cuidar, propostas pelos RCNs. Ressalta-se que essa atitude das educadoras contribuiu não só para o desenvolvimento da qualidade do ensino na referida creche, como também para garantir a formação continuada e em serviço dessas profissionais, possibilitando uma reflexão sobre a própria práxis pedagógica.

Para os RCNs (Brasil MEC, 1998), educar:

(...) significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (p. 23).

Assim, a concepção de Educar proposta pelos RCNs destaca situações de brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada, que possibilitam o desenvolvimento das capacidades infantis, favorecendo a socialização, o relacionamento e aceitação com o outro, contribuindo, desta forma, para a formação de valores, o respeito mútuo, o diálogo e a solidariedade, numa perspectiva de se contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. O “exercício” das brincadeiras possibilita às crianças uma série de aquisições. Entre elas, pode-se citar o recriar e repensar sua própria realidade, atribuindo-lhe novos significados; favorecer sua auto-estima; interiorizar modelos; transformar conhecimentos já adquiridos. O ato de brincar favorece as crianças à tomada de decisões, no momento em que têm a oportunidade de escolher a/os amiguinha/os com a/os quais vão brincar; os papéis que irão desempenhar; os temas, enredos e cenários que irão criar. Estas situações das brincadeiras do faz-de-conta e dos jogos contribuem para vivências imaginativas que auxiliam a ampliação dos conhecimentos infantis, bem como a resolução de problemas importantes e significativos que estejam vivenciando.



Essa rediscussão da concepção de educar proposta para a educação infantil motivou o segundo momento do projeto: levantamento das brincadeiras infantis e listagem de jogos, brinquedos e brincadeiras que pudessem ser trabalhados em cada turma da creche. Esse momento, de extrema riqueza, possibilitou a construção partilhada da criação e confecção de brinquedos diversos e espontâneos, que foi realizada em uma reunião. Essa atividade interativa teve como ponto culminante uma reunião com os familiares das crianças, na qual foi possível aos adultos brincar e serem observados pelos filhos. Isto constituiu uma atividade inesquecível e estimulante para a equipe do projeto. Essa reunião, realizada pelas educadoras, contou com assessoria da equipe do projeto e teve como tema o relacionamento família-escola.

Em seqüência às atividades propostas pelo projeto, foi oferecido um minicurso de extensão destinado às educadoras, intitulado "Formação da Educadora Infantil", organizado e oferecido em parceria com o Setor de Extensão da FCH-FUMEC. A essa altura, foi possível discutir a questão do planejamento e da rotina das atividades desenvolvidas na creche. Ressaltou-se a necessidade de a aprendizagem ser realizada a partir de situações orientadas, enfatizando-se o ato de brincar, pois é através das brincadeiras que as crianças recriam seu universo, associando-o ao conhecimento que já possuem e aquele que está sendo construído de forma espontânea e imaginativa. Foi possível sensibilizar as educadoras e aprofundar a discussão sobre a indissociabilidade entre o cuidar, brincar e educar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a execução deste projeto de extensão, pôde-se observar consistente discussão sobre as temáticas abordadas no decorrer do projeto. Pôde-se perceber o conceito das educadoras sobre o que é criança; relacionar o projeto político-pedagógico da instituição aos RCNs e atender às demandas das educadoras, propondo, para o ano de 2007, um projeto voltado para a avaliação na educação infantil.

Sobre as dificuldades, pode-se ressaltar o cansaço apresentado pelas educadoras no momento da reunião, já que haviam passado por várias atividades no dia até o horário da reunião, o que ocasiona, algumas vezes, certo desinteresse e desestímulo.

Observando a rotina da creche, foi possível verificar algumas dificuldades apresentadas pelas educadoras, entre elas a não-participação dos pais e o não-reconhecimento do trabalho por parte destes, muitas vezes por falta de conhecimento sobre a proposta da educação infantil. Outro fator sobre as dificuldades, e que parece bem importante, já que a creche passa por mu-

danças devido à sua inserção no rol de instituições de educação infantil da prefeitura, é a questão da avaliação, tema proposto para a continuidade do trabalho na creche. Por várias vezes foi mencionada a idéia da avaliação na educação infantil, a forma como deve ser feita, se deve ou não ter avaliação, entre outros fatores.

É necessário relatar, também, o êxito na reunião de pais ocorrida em outubro/06, que teve representativo número de presentes, se levada em consideração a história de reuniões da creche, com participação de todos e ótimo aproveitamento. Foi possível, também, esse ano, fazer com que as educadoras se familiarizassem mais com os conceitos e idéias do RCN e que percebessem a importância do projeto político-pedagógico como norteador das ações desenvolvidas na creche.

Ficam ainda alguns pontos a serem retomados e desenvolvidos no ano de 2007, entre eles a questão da avaliação e a percepção e prática da indissociabilidade entre cuidar, brincar e educar.

## REFERÊNCIAS

BLANCO PÉREZ, A. *Sociologia. La Habana: Instituto Superior Pedagógico Enrique José Varona*, 2001.

BRASIL-MEC-Secretaria de Educação Fundamental: *Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC, 1998.

DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir.- relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*, 4ª ed. UNESCO-MEC-CORTEZ, 2000.

VYGOTSKI, L.S. *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Barcelona: Crítica, 1979.

VYGOTSKI, L.S. *Psicologia Pedagógica*: São Paulo: Martins Fontes, 2001.

# UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZADO: PROGRAMA DE ATIVIDADES DE EXTENSÃO A PARTIR DE PRÁTICAS INCLUSIVAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Coordenador:

Professor Jose Henrique S. Junior

## INTRODUÇÃO

Como fazer da escola um lugar mais atraente e alegre e os alunos permanecerem mais tempo nela é uma pergunta que tem sido feita com frequência a educadores. Segundo o Ministério da Educação do Brasil, o caminho a ser seguido passa pelo estímulo, reflexão e melhoria do ambiente escolar, pois na escola está o melhor caminho para a adoção de uma nova ética e novos padrões de comportamento, que levarão a sociedade a criar e manter um ambiente saudável, no qual todos convivam em harmonia.

A atividade de extensão universitária caracteriza-se por sua integração direta com o ensino e com a pesquisa realizados pela Universidade Fumec, permeando as diferentes facetas que constituem as suas áreas do conhecimento. Em sua grande maioria, tem como objetivo, direta ou indiretamente, a inclusão cultural, social, econômica e tecnológica de diferentes grupos sociais, dentro de várias linhas temáticas. A descoberta de novos caminhos metodológicos para o entendimento da arte no ensino regular, como uma das formas de relacionamento, leitura do mundo e expressão humana é uma de suas maiores preocupações. Nesse sentido, propõe-se a adoção de um conjunto de ações de extensão, visando a melhorar o ambiente escolar.

O programa de extensão tem por objetivo geral difundir o conhecimento promovido pela Universidade, seja pela produção ou pela sistematização do estudo universal disponível, oferecendo ao aluno dos cursos de graduação a possibilidade de complementar sua educação formal, acrescentando conhecimento a ser adquirido em eventos, extraclasse, a serem realizados junto à comunidade ou na própria escola, participar de atividade de ex-

tensão, pesquisa, planejamento e cooperação técnica, realizada por professores e estudantes de graduação do Curso de Turismo, no âmbito de projetos, planejamento, projetos orientados por professores qualificados, visando à aplicação e ao aprendizado de técnicas e métodos científicos, bem como ao desenvolvimento da mentalidade empreendedora e da criatividade, no confronto direto com os problemas oriundos da nossa sociedade.

Especificamente, o Programa visa a: oferecer espaço para a manifestação técnico/científica e cultural do corpo discente e docente; propiciar condições para que os alunos realizem estágios; aperfeiçoar as relações de intercâmbio entre a Universidade e a comunidade acadêmica; aumentar a probabilidade para que os alunos e a instituição utilizem o conhecimento da melhor maneira possível, na realização de suas atividades; produzir o saber sobre os processos de apropriação e utilização do conhecimento para a instituição; facilitar a articulação entre o ensino e a pesquisa relacionada às necessidades da comunidade acadêmica; contribuir na extensão e aplicação dos conhecimentos adquiridos no exercício das atividades acadêmicas e profissionais, incorporando novas informações e dados que ajudem a desenvolver esquemas de pensamento crítico; ser um instrumento que permite introduzir os estudantes de graduação à extensão, configurando-se como poderoso fator de apoio às atividades de ensino; iniciar e apoiar o aluno dos cursos de graduação na prática da extensão; desenvolver a mentalidade científica, crítica e investigativa dos alunos; estimular o professor orientador a formar equipes de extensão; identificar e estimular os alunos com vocação para trabalhos junto à comunidade; atender as demandas do setor na sua procura por apoio técnico, estudos e projetos para o desenvolvimento sustentável da atividade turística em Minas Gerais; promover acompanhamento e cooperação técnica; gerar estágios; captar e desenvolver projetos internos e externos à Fumec, bem como eventos; sistematizar, consolidar as informações disponíveis para a elaboração de futuros projetos turísticos em Minas Gerais; aperfeiçoar os processos de tratamento e armazenamento da informação; viabilizar o elo entre a atividade turística e as diversas disciplinas do curso.

A participação nos eventos é aberta a toda a comunidade acadêmica - professores, alunos e funcionários - em especial aos alunos do Curso de Turismo. Tem sido também uma ótima oportunidade para atuar conjuntamente com a comunidade, em particular do entorno da Universidade.

“Modo geral, as atividades desenvolvidas visam a trilhar por linhas específicas de atuação, destacando-se a formação e educação turística; o turismo e meio ambiente; o patrimônio paisagístico arquitetônico, cultural; a política, planejamento e gestão sustentável do turismo; a organização, desenvolvimento e competitividade em hospitalidade; entre outros”.



## ATIVIDADES DE EXTENSÃO

As atividades desenvolvidas pelo Centro são estabelecidas, preferencialmente, em parcerias distintas e têm como produto eventos culturais e científicos com as seguintes finalidades: criação de condições para que a comunidade acadêmica conheça os bens científicos, técnicos ou culturais disponíveis; desenvolvimento de conhecimentos e habilidades especializados e profundos, restritos a um objeto de trabalho ou estudo específico; divulgação da produção de conhecimento da FACE e da humanidade em geral, tornando a produção disponível e maximizando sua acessibilidade à sociedade; reprodução de vídeos, filmes e similares relacionados à atividade acadêmica; facilitação do acesso ao conhecimento gerado pela FACE em todas as suas modalidades - científica, técnica, filosófica, artística e cultural; realização de eventos científicos, técnicos e culturais, artísticos, sociais e esportivos; promoção de atividades organizadas para que a comunidade acadêmica tome conhecimento da produção intelectual nas diversas áreas do conhecimento, a partir do contato direto com os indivíduos que o produzem, sistematizam ou criticam, acompanhando o próprio processo de produção desse conhecimento ou conhecendo os seus resultados; realização de atividades que coloquem a comunidade acadêmica em contato com o patrimônio cultural da humanidade, de modo que as pessoas possam ter acesso a esse patrimônio; realização de atividades que visam a colocar à disposição da comunidade acadêmica materiais, equipamentos ou tecnologias para promover a acessibilidade a esses produtos.

## ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

O planejamento e a organização das atividades serão realizados pelos alunos do Curso de Turismo, por intermédio da Coordenação do Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão em Turismo e Hotelaria - CEPETURH.

À Coordenação do CEPETURH compete: selecionar os alunos que participarão das atividades do Centro; apreciar as propostas de atividades apresentadas; acompanhar e avaliar a execução das atividades; apreciar toda e qualquer alteração proposta para a atividade, nos casos em que esta já estiver aprovada pelas instâncias competentes; participar da obtenção de recursos para a realização da atividade; apreciar os relatórios das atividades de extensão.

Compete aos alunos: cumprir as determinações do estágio supervisionado; planejar, organizar, realizar, participar e executar eventos científicos, técnicos, culturais, sociais, esportivos, entre outros; promover a divulgação dos eventos, utilizando os órgãos e meios competentes; avaliar relatórios das atividades de exten-

são quanto ao cumprimento dos objetivos propostos, resultados obtidos, contribuição da atividade ao ensino, à pesquisa e ao acesso ao conhecimento; elaborar plano semanal e mensal de atividade; encaminhar propostas de atividades de extensão e encaminhar os relatórios das atividades de extensão, devidamente avaliados, à Coordenação.

## NORMAS DE FUNCIONAMENTO

Na elaboração, planejamento, encaminhamento, aprovação e execução de propostas de programas de extensão, permanentes ou eventuais, devem ser observados os seguintes procedimentos:

Qualquer membro da comunidade universitária (professor, aluno e funcionários) poderá participar do Programa de Extensão, formalmente ou como voluntário; Qualquer membro da comunidade universitária (professor, aluno e funcionários) pode sugerir atividades e ações, cabendo ao CEPETURH, deliberar a respeito - caberá ao CEPETURH a sua execução; quando o programa envolver mais de uma unidade da Universidade FUMEC, cabe ao CEPETURH disciplinar a sua execução.

### PROGRAMAÇÃO

Tendo presentes esses pressupostos, as atividades de extensão compreenderão ações nas áreas científicas, técnicas, culturais, sociais e esportivas, dentro dos projetos e linhas de ação, de acordo com os itens a seguir, com a participação dos corpos docente e discente, preferencialmente do Curso de Turismo:

1. Projetos de pesquisa  
Produção do conhecimento, desenvolvimento do pensamento científico e criatividade decorrentes das condições criadas pelo confronto com os problemas da pesquisa.
2. Projetos de extensão em parceria  
Vale Verde Alambique e Parque Ecológico - cooperação mútua entre as partes, para a implantação e gestão de projetos específicos envolvendo a recreação, informação turística, projetos científicos ambientais e de aprimoramento profissional.
3. Cartografia  
Produção gráfica de representações de áreas geográficas, como mapas ou gráficos. Identificação e documentação histórica e geográfica de pontos passíveis de serem tornados turísticos. Registro e documentação fotográfica, levantamento de coordenadas geográficas e principais cotas altimétricas mediante a utilização de GPS (*Global Positioning System*).

Caracterização dos atrativos histórico-culturais, entre outros.

4. Banco de dados sobre turismo  
Pesquisas específicas sobre turismo. Montagem de um banco de dados e de um sistema de informações turísticas, levantamento periódico de informações.
5. *Clipping* Eletrônico  
Visa a oferecer aos alunos do Curso de Turismo, diariamente, via e-mail, um conjunto de informações e notícias sobre os fatos, eventos, cursos, trabalhos e estudos, entre outros, na área de turismo e hotelaria, com o sentido de gerar, criar, ampliar e disponibilizar a informação que lhes são importantes.
6. Sempre às seis  
Promoção, às terças-feiras, de um evento, rigorosamente no horário de 18 às 18:50h, sobre aspectos importantes da nossa comunidade acadêmica, assim como: palestras, apresentações, exposições técnicas/artísticas, entre outros.
7. Talentos da casa  
Espaço aberto à manifestação artística e cultural, com apresentação de trabalhos dos alunos do Curso de Turismo, com notório talento artístico nas áreas de artes plásticas, esculturas, literatura, fotografia, entre outros.
8. Centro Cultural  
Espaço para a guarda, acomodação e exposição permanente dos trabalhos realizados por professores e alunos da Faculdade.
9. Cinema na Escola  
Criação, dentro do ambiente acadêmico, do hábito de ir ao cinema e assistir a um filme e debater sobre ele. Consiste na exibição e apresentação de filmes, vídeos e outros, ligados à área do cinema, no auditório da FACE, em sessões às 11:20 e às 17:30h, aberto à comunidade acadêmica.
10. Orientação vocacional, profissional e de carreira  
Apoio aos alunos no que diz respeito à sua vocação, carreira e profissão, por meio, inicialmente, de palestras, grupos de discussão, reuniões, entre outros, que serão realizados por profissionais adequados.
11. *City-Tour* em Belo Horizonte  
Roteiro turístico específico, em Belo Horizonte, a ser cumprido por crianças e idosos carentes, com planejamento, organização e operação dos alunos do Curso de Turismo.
12. Portal do Curso de Turismo na Internet  
Manutenção de uma página na internet a fim de divulgar notícias, eventos, trabalhos, fatos, entre outros de real interesse para o Curso de Turismo.

## NECESSIDADE DE RECURSOS

1. Físicos e materiais
2. Financeiros

## VAGAS DE ESTÁGIO CRIADAS

TOTAL 40

## RESULTADOS OBTIDOS

1. Projeto *City-Tour*

Durante o primeiro semestre deste ano, foram realizadas várias etapas do Projeto de Extensão da Universidade FUMEC – *City-Tour* - com novos monitores. Foi formado um grupo de 22 alunos do curso de Turismo e Gestão em Hotelaria. Alguns desses alunos cumpriam o estágio curricular obrigatório, mas a maioria era composta por alunos voluntários. Foram organizados seis passeios, entre eles quatro com grupo de crianças (total de 150 crianças) e um com dois grupos de idosos (total de 75 idosos - estes com a parceira com agentes comunitários).

Os primeiros passeios foram realizados com crianças necessitadas ao Zoológico de Belo Horizonte. Para isso, o grupo de monitores foi dividido em dois e cada um dos grupos ficou responsável por uma das visitas. Alguns dos alunos quiseram participar dos dois grupos. Na organização dos *City-Tours*, foram feitos contatos com as diretoras de cada escola e enviados pedidos de autorização aos pais das crianças para participarem dos passeios. Os alunos fizeram orçamentos dos lanches, realizaram as compras e prepararam os pacotes com surpresas para todas as crianças. Utilizaram o Laboratório de Turismo para preparar os lanches das crianças.

Durante os eventos, foi notado o bom comportamento das crianças. Após o dia do passeio ao Zoológico, os alunos voltaram à escola, onde recolheram desenhos dos animais de que cada criança mais gostou. Os outros passeios foram realizados também ao Zoológico, entre eles com um grupo de crianças especiais de uma escola no Aglomerado da Serra. Outros foram realizados com grupos de idosos ao Parque das Mangabeiras e crianças. Este passeio foi realizado em parceria, que patrocinou o transporte e o lanche dos participantes, e contou com todos os monitores, devido ao tamanho do grupo, que contava com 75 idosos. No parque,

foi realizado um *tour* de microônibus com os idosos. Todos os monitores se mostraram interessados e satisfeitos com o projeto *City-Tour*. Patrocínios conseguidos para esses passeios: os lanches do primeiro passeio, assim como as surpresas, que foram doados pelos próprios monitores. Um dos monitores doou os refrigerantes e a água. Noutros passeios, conseguiu-se o transporte da ABC Turismo e os refrigerantes (mate couro) de uma das alunas.

2. Cadastramento de *e-mails* de todos os estudantes do curso de Turismo. Eles foram cadastrados e passaram a receber semanalmente notícias sobre artigos de turismo, eventos, notícias da Embratur e informações sobre estágios;
3. Pesquisa e fornecimento de dados e informações a serem enviados aos alunos de turismo em seus *e-mails*;
4. Foram realizadas duas palestras no Projeto Sempre às Seis, contando com a parceira do Indetur - Instituto de Desenvolvimento do Turismo: a primeira com o renomado professor Mário Beni, da USP,- e a segunda com o senhor José Lourenço, um dos diretores da ABA V - Associação Brasileira das Agências de Viagens;
5. Realização de parceria com o DCE da apresentação das bandas compostas por alunos da FUMEC, nas sextas-feiras do mês de junho, no período da manhã e da noite;
6. Campanha do agasalho, recolhidos durante a Festa realizada pelo DCE no Bar do Marcinho e distribuídos para comunidades carentes;
7. Assinatura e início das ações do convênio com o Circuito Campos das Vertentes, cuja sede é em Oliveira, para realizar seu inventário turístico, contando com a participação de 26 alunos do Turismo;
8. Realização de eventos, pesquisa sobre opinião pública, entre outros.

# A GRANDE BH TAMBÉM DÁ SAMBA: MANIFESTAÇÕES DE CULTURA POPULAR NA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM JUSTINÓPOLIS

## EQUIPE

Coordenadora:

Rita Lages Rodrigues - Professora FACE/Universidade FUMEC

Pesquisadores:

Clarita Ribeiro Gonzaga - voluntária

Marcelo Lages Murta - voluntário

Estudantes:

Adriane Spínola Pereira

João Paulo da Silva Araújo

Letícia Firmato Esteves Menta

## 1 – APRESENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

### 1.1) A PESQUISA

Esta pesquisa foi concebida a partir do interesse demonstrado pela aluna Adriane Spínola Pereira, do curso de Negócios Internacionais.

O objetivo inicial era compreender as formas como as manifestações do samba de roda e do congado acontecem na comunidade de Nossa Senhora do Rosário, em Justinópolis.

Nesta perspectiva, levando em conta os movimentos migratórios da população nacional, poder-se-ia apreender algumas das maneiras como a cultura popular proveniente de outras regiões do Brasil vem a se estabelecer na realidade da Grande BH.

### 1.2) O TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de pesquisa consistiu de visitas de campo, ainda que sem a imersão necessária, devido ao curto espaço de tempo, e na realização de entrevistas com pessoas relevantes no processo.

Logo no início das atividades, pôde-se perceber que o recorte inicialmente proposto (a comunidade de Nossa Senhora do Rosário, em Justinópolis) não poderia constituir-se como única amostra relevante à discussão proposta, uma vez que a realidade encontrada em campo não correspondia às expectativas geradas pela apresentação inicial da aluna Adriane Spínola Pereira, quando de sua proposição. Sendo assim, optou-se por ampliar o recorte, adotando uma perspectiva comparativa que acabou por englobar o acompanhamento de algumas atividades do Grupo Fala Tambor, sediado em Belo Horizonte. Além disso, no interesse de conferir mais consistência à pesquisa, considerou-se pertinente restringi-la à observação do samba de roda na região metropolitana.

As visitas de campo consistiram, basicamente, no acompanhamento das atividades realizadas pelos grupos observados, bem como na coleta de dados referentes e apontamentos críticos e descritivos dos processos.

Quanto às entrevistas, foram elaborados questionários de orientação. As falas foram gravadas e posteriormente transcritas pela aluna Letícia Firmato Esteves Menta.

Finalmente, a partir do material coletado, a equipe pôde desenvolver a discussão que se segue.

## 2) O SAMBA:

O primeiro samba gravado em disco foi “Pelo Telefone”, de autoria reivindicada por Donga (Ernesto dos Santos), com gravação datada de 1917. Tal reivindicação gerou polêmica, uma vez que as composições da época eram feitas em conjunto, nas rodas de partido alto<sup>1</sup>.

A difusão radiofônica, a partir da década de 20, redimensionou o samba. Com a divulgação em massa, o estilo “desceu o morro” e passou a ser cantado por filhos da classe média, como Noel Rosa e Ari Barroso.

<sup>1</sup>Gênero musical tipicamente carioca que guarda suas origens no *samba-de-roda* da Bahia. É executado por pequenos grupos de dançarinos e músicos, em rodas em que são improvisados passos, versos e melodias.

Finalmente, nas décadas de 20 e 30, surgiram variações, como o samba enredo<sup>2</sup>, o samba choro<sup>3</sup> e o samba canção<sup>4</sup>.

Descendente direto do lundu<sup>5</sup>, o samba nasceu nas festas de terreiro, umbigadas e rodas de capoeira, numa mescla de ritmos urbanos como a polca<sup>6</sup>, o maxixe<sup>7</sup> e o xote<sup>8</sup>.

Fato é que as rodas, cujas formações podem ser facilmente comparadas com as festas de terreiro promovidas nos cultos de candomblé, estão na composição básica do mito de origem do samba.

## 2.1) UMBIGADA OU BATUQUE

Um dançarino ou dançarina posiciona-se no centro de uma roda e dança ao som de palmas, coro e instrumentação de base percussiva, vez ou outra floreada por instrumentos melódicos. Há uma "umbigada" em um(a) companheiro(a) de roda, num convite para a troca de lugares. O procedimento se repete de maneira espontânea até que o grupo se dissipe. É a dinâmica da roda de samba e do samba de roda.

## 2.2) SAMBA DE RODA

Talvez essa espontaneidade seja a característica mais marcante do samba de roda, que se configurou no recôncavo baiano, foi registrado como patrimônio cultural do Brasil pelo IPHAN, em 2004, e se tornou obra-prima do patrimônio oral e imaterial da humanidade pela Unesco, em 2005.

*Então olha aqui. A música, ela já vem no mesmo ritmo. No mesmo ritmo das palmas, no mesmo ritmo do pandeiro, (?) (toca o pandeiro). Ai entra o coral também. Palma e o coral. Então todo mundo tem que tocar no tempo, na batida da palma, um canto, na entrada e saída de um para o outro pra poder chamar, né? (...) É, no caso... eu tô aqui sambando, né? (toca o pandeiro) Sambando, né? Ai chega alguém e dá uma umbigada, aí fica no lugar da outra e a outra vai lá pra sambar. Pode até acontecer de duas mulheres sambar ao mesmo tempo na roda. Mas é*

<sup>2</sup> Gênero desenvolvido nos desfiles de escolas de samba, em que é desenvolvido um determinado tema.

<sup>3</sup> Gênero surgido na década de 30, resultante da fusão entre o samba e o choro, estilo marcado pelo andamento acelerado e estruturado a partir de um instrumento solista que é acompanhado pelos demais.

<sup>4</sup> Gênero surgido na década de 20. Valoriza os aspectos melódicos e mantém, em geral, caráter romântico.

<sup>5</sup> Canto e dança muito populares no Brasil dos séculos XVIII e XIV.

<sup>6</sup> Ritmo dançante, alegre e saltitante de matriz tipicamente europeia.

<sup>7</sup> Primeira dança reconhecidamente brasileira desenvolvida numa adaptação musical aos volteios e requebros que o brasileiro aplicava indisciplinadamente às rígidas estruturas da dança de salão.

<sup>8</sup> Estilo desenvolvido a partir de danças matrizes oriundas da Europa Oriental, que tem como bases instrumentais a rabeca, o pandeiro e o triângulo.

*bom sempre um par, né? Então, tá sambando, aí vai lá, aí o homem tira o outro, tira ele pra poder, né? A mulher vem pra tirar a outra, a que tá sambando, é que vai até lá. Então o que acontece, ela sambou, quando ela tiver um pouco assim bem já à vontade (...). (MESTRE ADÃO BATUTA, 2007)*

O próprio registro gera uma discussão acirrada acerca da questão da salvaguarda e preservação dos bens imateriais, diante da aplicação de uma perspectiva de imobilização sobre objetos. Polêmicas à parte, o registro foi resultado de uma pesquisa fundamentada na investigação de sistemas musicais brasileiros caracterizados pela combinação de instrumentos percussivos e violas.

Do ponto de vista jurídico, o registro desencadeou questões acerca dos direitos de imagem e de propriedade intelectual e gerou demanda para a elaboração de legislação referente.

## 3) OS CAMPOS

Foram encontradas duas perspectivas absolutamente distintas de desenvolvimento do samba de roda nos campos observados, o que proporcionou reflexões interessantes acerca das relações culturais envolvidas.

### 3.1) FALA TAMBOR

Carlinhos de Oxossi, fundador e principal ritmista do Fala Tambor, refere-se ao grupo como "o primeiro grupo de samba de roda de Minas Gerais". Desenvolve um trabalho bastante interessante junto à comunidade do bairro Pompéia, onde desenvolve rodas de samba com crianças e adolescentes em Escola Municipal da região, promovendo a valorização cultural da afro-descendência e trabalhando questões relacionadas à auto-imagem e à auto-estima.

Criado em 2000, o Fala Tambor define-se como um grupo cênico-vocal cujo trabalho está centralizado em leituras e releituras de matrizes africanas, bem como na elaboração de composições contemporâneas provenientes dessas matrizes, a partir de um trabalho de pesquisa de ritmos e danças.

*Até 2000, eu não era compositor de nada, agora eu tenho 86 músicas. Que falam do negro, tem músicas com pedações, frases em dialeto banto<sup>9</sup>. (...) a minha cabeça, a minha origem de candomblé é iorubá<sup>10</sup>. É nagô<sup>11</sup> (CARLINHOS DE OXOSSÍ, 2007).*

<sup>9</sup> Grupo etnolingüístico do qual faziam parte os escravos africanos provenientes de Angola, Moçambique e Congo.

<sup>10</sup> Grupo etnolingüístico africano composto por cerca de 200 subgrupos oriundos da região da Nigéria.

<sup>11</sup> Grupo etnolingüístico originário do Sudão.



O grupo tem como foco principal a elaboração de espetáculos comerciais que divulguem as tradições afro-brasileiras. Esta perspectiva delinea toda uma dinâmica de trabalho.

*Porque pra ser samba de roda você tem que, pra ser um grupo, tem que se organizar como um grupo, o grupo tende a relatar a si mesmo, cantar o que tem de... O que transita, na Bahia, no recôncavo. (...) - (CARLINHOS DE OXOSSI, 2007).*

A preocupação com a divulgação da matriz africana perpassa noções não apenas de identidade, mas de orgulho identitário e valorização das origens.

*(...) Ai me veio na cabeça fazer um grupo, mas também eu faria um grupo, mas tinha que convidar pessoas com muita competência. Atores bailarinos, bailarinos atores, para fazer jus à africanidade (...) Agora você pega e toca (...) e o povo vai pra cima com aquela forma africana. Não é nada robótico (...) não tem nada a ver com a cultura européia. (...) Nos orixás das pessoas os tambores conduzem o movimento, o campo influencia na expressão, na face. Os tambores fazem você subir, descer, rolar, deitar... Entendeu? Isso é africano demais, então não existe no Brasil nada mais africano (CARLINHOS DE OXOSSI, 2007).*

Esse “orgulho identitário” apresenta-se relacionado não apenas à recorrência à matriz africana, mas também a trajetórias de vida, heranças culturais, antepassados. Refere-se a modos de viver, modos de ser manifestos na roda.

*É, eles vão cantar... Amores perdidos, amores que eles querem... Vão cantar várias coisas, vão cantar reverências, vão fazer homenagens, reverências aos amigos, até de religioso, tanto pelo lado católico como pelo lado afro-religioso. Eles vão fazer sotaque, eles vão reclamar. São várias partes do samba de roda. (...) Igual eu tava falando, pra ser grupo, tem que montar sua história, contar, relatar. Não tem como chegar, pegar cantiga dos outros (CARLINHOS DE OXOSSI, 2007).*

Anualmente, o grupo promove, juntamente com a paróquia local, o “Carurusamba”. No evento ecumênico acontece a divulgação das atividades do Fala Tambor e de alguns colaboradores, além de uma cerimônia em homenagem a Cosme e Damião.

Em 2007, o evento contou com a colaboração de alunos, professores e funcionários do curso de *Design* da FUMEC, uma vez que eles foram responsáveis pela criação e confecção dos figurinos utilizados pelo grupo.



**Evento do Grupo Fala Tambor na Escola Municipal São Rafael, localizada no Bairro Pompéia. Outubro de 2007. As saias e as calças utilizadas foram concebidas e confeccionadas pelo curso de *Design* da Universidade FUMEC.**

### 3.2) MESTRE ADÃO BATUTA

Na comunidade de Nossa Senhora do Rosário, em Justinópolis, encontrou-se uma realidade bastante diversa, ainda que mantenha como pontos em comum o trabalho junto a comunidades carentes e a valorização da afro-descendência.

Mestre Adão Batuta dá aulas de capoeira aos sábados no Colégio Francisco La Banca.

Ao final de cada aula, a roda de samba é formada. Ainda que intuitivamente, Mestre Adão utiliza-se desse momento para construir a sensação de pertencimento que liga os participantes do grupo.

A valorização da matriz africana é reforçada a partir da construção de um imaginário ancestral:

*Porque os negros não usavam calçado, negro não usava roupa assim. (...) Usava era essa de baixo. Aqui não. Então calçado, o não calçado no samba é para que o*

*dançarino se sentir melhor, mais solto e em memória dos negros, né? Porque os negros não usavam e na senzala sempre acontecia música, né? Capoeira, samba, aquelas músicas pra poder abrandar o sofrimento (MESTRE ADÃO BATUTA, 2007).*

O próprio Mestre Adão, baiano de Salvador, utiliza-se da roda na promoção de sua identidade de migrante.

*Quer dizer... Aí chama criação, né? Que eu fiz... Peguei da Bahia, de Minas Gerais. Não adianta eu falar muito da Bahia. Posso falar até da capoeira. Eu tava até falando com um rapaz que eu trabalho com ele lá... Eu amo Belo Horizonte, onde eu como, bebo, durmo... Então é Belo Horizonte. A Bahia é minha terra de nascimento, mas eu dependo de Minas Gerais, então não adianta eu falar só de minha Bahia, Bahia... Não (MESTRE ADÃO BATUTA, 2007).*

A associação entre a capoeira e o samba de roda remonta à própria Bahia. É o momento do lúdico, assim como no recôncavo, quando as famílias saíam de casa no fim do dia e se encontravam na roda para se divertirem.

*(...) o mestre Canjiquinha, ele que introduziu o samba de roda na capoeira, tá bom? Então, o que que acontece? Ele colocou o berimbau porque é um instrumento da capoeira, né? (...) O mestre Canjiquinha<sup>12</sup>, o mestre Canjiquinha ele foi discípulo do mestre Aberrê<sup>13</sup>. O mestre Aberrê ele é da antiga, né? (MESTRE ADÃO BATUTA, 2007).*

Assim, Mestre Adão Batuta salienta diferenças instrumentais básicas que caracterizam o samba de roda, quando utilizado na capoeira, do samba de roda típico do recôncavo.

*O pandeiro é o instrumento básico do samba de roda. Pode ter o berimbau, o cavaquinho, a viola. Mas ele é O instrumento. É como se fosse na capoeira. O instrumento básico na capoeira é o berimbau. Ele é o mestre da roda da capoeira. (...) No samba de roda, os principais, né? Um cavaquinho, um pandeiro e o berimbau. Então o samba de roda, no sentido assim, folcloricamente, dentro da capoeira ele já não tem o cavaquinho. É o berimbau e o pandeiro. Agora, vamos supor, se ele for um samba de roda, vamos supor assim mais moderno, aí entraria o pandeiro, o berimbau, o cavaquinho, uma viola (...) Aí já entra a adaptação, né? E o cavaquinho também seria uma adaptação. Mas no folclore é o pandeiro e o berimbau. Estes são os instrumentos básicos de samba de roda. E as palmas, né? Que não podem deixar de acontecer. Porque a palma ela é natural, né? Ela é um complemento dos outros instrumentos. Seguido do canto, né? E coral (MESTRE ADÃO BATUTA, 2007).*

## 4) ENCONTROS CULTURAIS

Ao investigarem-se os desdobramentos do desenvolvimento de rodas de samba em Belo Horizonte, é preciso lidar com a convivência estética de matrizes muito distintas: a roda e o congado<sup>14</sup>. Talvez seja este o encontro cultural mais relevante à discussão proposta e também neste ponto os campos divergem em seu posicionamento.

Carlinhos de Oxossi, em coerência com a perspectiva comercial em que se insere o Fala Tambor, traça um paralelo entre ritmistas baianos e mineiros, numa perspectiva que deprecia a tradição mineira.

*Mineiro às vezes não se prepara e vai tocar em trios elétricos aí, em bandas. Sobe num trio elétrico, quando chega lá próximo da Bahia. Quando eles começam a tocar, tocam de uma maneira tão frágil, tão sem pegada, tão fraca que os caras ficam doidos pra tirar eles lá de cima. Então os baianos, quando pegam a entrada ali, eles pegam é (...) eles tem resistência (...) pra tocar pra Babado Novo, Ivete Sangalo e todos aqueles outros. Ele tem que ter muita pegada (CARLINHOS DE OXOSSO, 2007).*

Assumindo postura mais aberta às possibilidades oferecidas pela interação cultural que reflete, em certa medida, sua condição de migrante, Mestre Adão percebe a coexistência das tradições de uma forma mais otimista, valorizando a diversidade e aceitando a hibridação com naturalidade.

*Ó, o samba de mineiro é diferente. Claro, né? Porque não é da cultura de vocês, a cultura de vocês, mineiros, é congado. Então. Mas não deixa de ser uma cultura ótima, né? Não deixa de ser uma cultura também de raízes negras, né? Então o sambar de mineiro já vem mais com a perna, trabalha mais a perna. No nosso caso, trabalha a perna e o quadril, ó. E quebrando aqui a cintura. Soltando aqui... E a saia você ainda ajuda mais... Dá um movimento mais bacana. Não precisa por saia com goma, essa coisa toda não... Uma saia rodada, nesse caso, um bustiê, uma blusa mais legal, algo pra cobrir a cabeça, um torço branco na cabeça, argolões, contas, diferentes... (MESTRE ADÃO BATUTA, 2007).*

<sup>14</sup> Manifestação cultural brasileira, de influência africana e católica que ainda hoje permanece como fator identitário das comunidades que a praticam. Composta por uma série de ritos populares, a festa preserva tradições, ao mesmo tempo em que se mostra dinâmica e atual, permanecendo viva ao longo do tempo, em um espetáculo de cores, música, alegria e vitalidade cultural.

<sup>12</sup> Washington Bruno da Silva, Mestre Canjiquinha (1925–1994).

<sup>13</sup> Wagner Assis Fonseca Ruas, Mestre Aberrê (? – 1985).

## 5) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de divergirem em diversos pontos, em coerência com motivações bem específicas, tanto Mestre Adão quanto Carlinhos de Oxossi percebem a questão do registro do samba de roda do recôncavo baiano como uma medida importante para a valorização da matriz africana no Brasil.

## 6) FONTES DOCUMENTAIS

A base documental consistiu de gravações de instrumentos isolados e/ou em contexto de grupo, além de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas, a saber:

Entrevistas com Carlinhos de Oxossi (Ogan, ritmista e fundador do grupo Fala Tambor), realizadas em agosto e setembro de 2007.

Entrevistas com Mestre Adão Batuta (mestre de capoeira e educador), realizadas em novembro e dezembro de 2007.

## 7) REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ângelo Nonato Natale. *Música, contexto cultural e significado*. In: *Mito, dança e ritmo no Candomblé em Belo Horizonte*. RJ: UNI-RIO, 2001, p.28 – 56. Mestrado interinstitucional UEMG / UNI-RIO / CPES.

SANDRONI, Carlos. *Premissas musicais*. In: *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917 – 1933)*. RJ: Jorge Zahar / Editora UFRJ, 2001, p.19 – 37.

ZAMITH, Rosa Maria Barbosa. *Samba de roda no Recôncavo Baiano*. In: *Anais do VII Encontro Nacional da ANPPOM*. SP: ECA – USP / UNICAMP / ENESP, 1994, p. 44.

LACERDA, Marcos Branda. *Observações preliminares sobre os ritmos FON, a Burrinha de Uidá e o Samba em Ketu*. In: *XI Encontro Nacional da ANPPOM*. Campinas: UNICAMP, 1998, p. 215 – 218.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. SP: ANPOCS / EDUSP, vol 17, n°49, jul. / 2002, p. 11 – 166.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro*. In: *Revista Estudos Históricos*. RJ: Fundação Getúlio Vargas, vol. 03, n°06, 1990, p. 1 – 22.

SILVA, Rosângela. *A cadência do samba em Belo Horizonte*. In: *Revista Angoleiro é o que sou*. Belo Horizonte: Grupo Eu Sou Angoleiro, ano 02, n°02, 2007, p. 33 – 38.

CANTARINO, Carolina. *Nas rodas de samba*. <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=64>

VOLPATTO, Rosane. *Samba, o sabor do Brasil*. [www.rosanevolpatto.trd.br/sambabrasil.htm](http://www.rosanevolpatto.trd.br/sambabrasil.htm)

RIBEIRO, Bruno. [www.conciencia.net/2005/mes/07/bruno-robertomoura.html](http://www.conciencia.net/2005/mes/07/bruno-robertomoura.html)



# A MULHER NEGRA NO AGLOMERADO DA SERRA – UMA TENTATIVA DE DIAGNÓSTICO VISANDO À META DO MILÊNIO NÚMERO 3: “PROMOVER A IGUALDADE ENTRE OS SEXOS E A AUTONOMIA DAS MULHERES”<sup>1</sup>

## EQUIPE

Coordenação:

Walter Alves Victorino.

Professor Pesquisador:

Clayson Charles de Souza.

Alunos Bolsistas:

Ana Carolina Falção Matozinhos e Renan Tolentino Soares  
Silva.

## INTRODUÇÃO

Este ensaio busca refletir sobre o resultado da investigação realizada no Aglomerado da Serra (Vila Nossa Senhora de Fátima) para identificar a situação da mulher negra, com base na *Meta do Milênio* número 3. Aplicaram-se 706 questionários a mulheres que cursaram o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, com foco em algumas variáveis preestabelecidas que pudessem refletir a questão da desigualdade entre os sexos e a da autonomia, destacando-se: renda familiar, escolaridade, situação civil e quantidades de filho.

<sup>1</sup> Texto elaborado como resultado da atividade de extensão realizada no Aglomerado da Serra, de mesma denominação do texto aqui apresentado.

## COMO IDENTIFICAR AS DESIGUALDADES PREDOMINANTES?

O desenvolvimento sustentável traz ao debate a questão da justiça social, da ética e da política, todas associadas ao processo de mudanças, que se preocupa não só com os ganhos decorrentes do crescimento econômico e do acesso aos recursos naturais, mas também com os benefícios do desenvolvimento e a melhora da distribuição dos custos decorrente do processo de crescimento. Desse modo, o desenvolvimento sustentável releva não só as questões da igualdade social e ecológica, mas também a questão do desenvolvimento econômico, segundo Danaire (1999) *apud* Kraemer (2005). Sachs *apud* Campos (2001), *apud* Kraemer (2005), definiu cinco dimensões relacionadas à definição desenvolvimento sustentável, conforme mostra o quadro 1:

Sustentabilidade	Dimensões
Social	Que se entende como criação de um processo de desenvolvimento sustentado por uma civilização com maior equidade na distribuição de renda e de bens, de modo a reduzir o abismo entre os padrões de vida dos ricos e dos pobres
Econômica	Que deve ser alcançada através do gerenciamento e alocação mais eficientes dos recursos e de fluxo constante de investimentos públicos e privados
Ecológica	Que pode ser alcançada através do aumento da capacidade de utilização dos recursos, limitação do consumo de combustíveis fósseis e de outros recursos e produtos que são facilmente esgotáveis, na redução da geração de resíduos e de poluição, através da conservação de energia, de recursos e reciclagem
Espacial	Que deve ser dirigida para a obtenção de uma configuração rural-urbana mais equilibrada e uma melhor distribuição territorial dos assentamentos humanos e das atividades econômicas
Cultural	Incluindo a procura por raízes endógenas de processos de modernização e de sistemas integrados, que facilitem a geração de soluções específicas para o local, o ecossistema, a cultura e a área

---

Como a questão da sustentabilidade é um processo em desenvolvimento, incluindo-se aí sua construção teórica, é preciso definir os passos que permitam justificar a contínua busca do aperfeiçoamento da melhor justiça social.

## COMO BUSCAR A SUSTENTABILIDADE?

A necessidade de identificação de mecanismos que reflitam, em termos empíricos, as preocupações com os novos paradigmas associados a temas como justiça social, meio ambiente e responsabilidade social, de certo modo, aparece na sociedade, geralmente, diante de um processo de crise que, junto com os aspectos econômicos, sociais e políticos, precisam ser considerados em qualquer tomada de decisão proveniente do setor público, do setor privado ou, mesmo, de organizações não governamentais. Em uma perspectiva histórica, tal preocupação ganha corpo nos anos de 1980, em que não se vislumbrava solução para a crise que a sociedade passou a viver diante da total falta de identificação de qual dos setores referenciados pudesse encontrar a saída. O que se deduz é que tal alternativa envolveria não só um setor, mas a junção de um conjunto de participantes: estados (setor público), setor privado, organizações não governamentais e organismos multilaterais (Bird, BID, ONU), já que se tratava de definir como realizar a distribuição de uma riqueza gerada, quantificada, concentrada e medida por meio do Produto Interno Bruto de todas as nações. Ou seja, é incontestável que ocorreu crescimento econômico no mundo como um todo, embora pouco se possa dizer do desenvolvimento econômico, que traz a idéia de incorporação e distribuição a respeito do mesmo.

Tal quadro levou à necessidade da definição de um novo conceito que não só pondere o conceito de crescimento e desenvolvimento econômico, mas que considere as principais preocupações da sociedade com o meio ambiente, com a redução da pobreza e da miséria e a inclusão social. As questões a responder eram: “como melhor distribuir a riqueza alcançada depois de tanto tempo de crescimento?” e “como reduzir a miséria, a pobreza e a degradação do meio ambiente e provocar a justiça social?”

Essas indagações trouxeram ao centro do debate o conceito de **desenvolvimento sustentável**, que pondera as preocupações de natureza ambiental, social e econômica. A Comissão Mundial de Desenvolvimento e Meio Ambiente das Nações Unidas assim define **desenvolvimento sustentável**: “é suprir as necessidades da população mundial sem comprometimento das populações futuras”. Para que essas questões sejam respondidas, deve-se levar em conta o surgimento dos indicadores de sustentabilidade como instrumento simplificador, quantitativo e analítico de in-

formações de natureza técnica, de modo a facilitar a transmissão desses conhecimentos a vários grupos de usuários.

## COMO IDENTIFICAR UM BOM INDICADOR DE SUSTENTABILIDADE QUE PONDERE PRINCIPALMENTE A QUESTÃO DA DESIGUALDADE ENTRE OS SEXOS E A BUSCA DE AUTONOMIA ENTRE OS MESMOS?

A literatura, seja sociológica ou econômica, identifica como bom indicador de sustentabilidade aquele índice que consegue mostrar alternativas para solucionar as crises ou mesmo prever a possibilidade de que as mesmas venham a acontecer. Em decisões de natureza política, normalmente são adotados indicadores sociais e econômicos. No entanto, para que se possa acompanhar e, simultaneamente, registrar as mudanças ambientais, os indicadores devem possibilitar comparações (comparativos). Segundo Kawazoe<sup>2</sup> (2006), “um indicador econômico não leva em conta efeitos sociais ou ambientais, assim como indicadores ambientais não refletem impactos sociais e econômicos ou os indicadores sociais não consideram efeitos ambientais ou econômicos”. Assim, indicadores de sustentabilidade vão requerer uma visão muito mais ampla do que os indicadores tradicionais, uma vez que os mesmos devem ponderar a integração entre questões econômicas, questões do meio ambiente e questões envolvendo a sociedade objeto de análise. É possível identificar comparações entre indicadores econômicos, indicadores sociais e indicadores ambientais? Em caso afirmativo, como identificá-los?

## INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE

A construção de uma referência teórica sobre os indicadores de sustentabilidade só pode ser descrita ou pensada de acordo com os temas definidos pela ONU para o milênio, dado que só é possível pensar em justiça social em uma sociedade, quando se

---

<sup>2</sup> Indicadores de sustentabilidade. <http://www.unicamp.br/fea/Orte>

percebe, de forma explicitada, a preocupação com as exclusões raciais, econômicas ou política (cidadania). Portanto, pensar em sustentabilidade só é possível quando se reflete sobre como criar mecanismos reais de inclusão social e desde que os mesmos possam ser parametrizados. Assim, observar as metas do milênio é essencial para a definição de “políticas públicas incorporativas dos desiguais”, as quais podem ser comparadas, com base nos objetivos do milênio. Quais são as metas (ou objetivos) do milênio?

Até o ano 2015, os 191 países-membros das Nações Unidas comprometeram-se a cumprir os objetivos estabelecidos pela *Cúpula do Milênio*, definidos pela Assembleia Geral das Nações Unidas de 08 de setembro de 2000.<sup>3</sup> Denominado de *Objetivos de Desenvolvimento do Milênio*, o compromisso foi regulado por 18 metas, distribuídas em oito categorias, a seguir apresentadas:

- 1ª) ERRADICAR A EXTREMA POBREZA E A FOME - Reduzir à metade o percentual de pessoas com renda inferior a US\$ 1/dia; Reduzir à metade o percentual de pessoas que sofrem de fome.
- 2ª) ATINGIR O ENSINO BÁSICO UNIVERSAL - Garantir a todas as crianças e adolescentes pelo menos o Ensino Fundamental.
- 3ª) PROMOVER A IGUALDADE ENTRE OS SEXOS E A AUTONOMIA DAS MULHERES - Eliminar as desigualdades entre os gêneros nos Ensinos Fundamental e Médio, preferivelmente para o ano de 2005, e em todos os níveis de ensino até 2015.
- 4ª) REDUZIR A MORTALIDADE INFANTIL - Reduzir em dois terços a taxa de mortalidade de crianças menores de cinco anos.
- 5ª) MELHORAR A SAÚDE MATERNA - Reduzir em 75% as taxas de mortalidade materna.
- 6ª) COMBATER O HIV/aids, A MALÁRIA E OUTRAS DOENÇAS - Deter e começar a reduzir a propagação do HIV/aids; Deter e começar a reduzir a incidência da malária e outras doenças graves.
- 7ª) GARANTIR A SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL - Incorporar os princípios de desenvolvimento sustentável nas políticas públicas e programas nacionais; Inverter a perda de recursos ambientais; Reduzir à metade o percentual de pessoas sem acesso à água potável; melhorar consideravelmente a vida de pelo menos 100 milhões de habitantes que vivem em áreas degradadas até o ano 2020.
- 8ª) ESTABELECEER UMA PARCERIA MUNDIAL PARA O DESENVOLVIMENTO - Desenvolver um sistema comercial e financeiro aberto, baseado em normas, e não discriminatório.

*rio. Isso inclui o compromisso de alcançar uma boa gestão dos assuntos públicos e a redução da pobreza em cada país e no plano internacional; atender às necessidades especiais dos países menos desenvolvidos, o que inclui o acesso livre de tarifas e cotas para as exportações de seus produtos, a melhoria do programa de alívio da dívida bilateral oficial e a concessão de assistência oficial generosa aos países que mostraram determinação em reduzir a pobreza; atender às necessidades especiais dos países em desenvolvimento sem litoral e dos pequenos estados insulares em desenvolvimento; Enfrentar de maneira geral os problemas da dívida dos países em desenvolvimento com medidas nacionais e internacionais a fim de fazer a dívida sustentável de longo prazo; em cooperação com os países em desenvolvimento, elaborar e aplicar estratégias que proporcionem aos jovens trabalho digno e produtivo; em cooperação com as empresas farmacêuticas, proporcionar acesso aos medicamentos essenciais nos países em desenvolvimento; em colaboração com o setor privado, velar para que se possam aproveitar os benefícios das novas tecnologias, em particular os das tecnologias de informação e das comunicações.*

Uma das questões que prevalecem na sociedade brasileira versa sobre a desigualdade entre os sexos. A busca dessa redução significa “promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres”, que faz parte de uma das “Metas do Milênio”.

A pesquisa desenvolvida possibilita traçar um quadro atual da situação vivenciada pela mulher negra no Brasil e/ou em qualquer região ou local específico, dado que a mesma enquadra-se perfeitamente na perspectiva da redução da desigualdade entre sexos, da falta de oportunidade e da dificuldade de acesso aos serviços de saúde e à moradia.

## A MULHER NEGRA NO BRASIL

A situação vivenciada pela mulher negra no Brasil não pode ser pensada sem necessariamente levar-se em conta que as dificuldades atuais decorrem da forma como ocorreu a formação da mão-de-obra utilizada nas atividades produtivas desde o descobrimento. Portanto, são marcas que vêm desde o período da escravidão, quando, de um ponto de vista mais rigoroso, poucas mudanças foram percebidas. Continua a ocupar o último lugar na escala social, além de ser aquela que sofre mais fortemente as consequências da injustiça e da discriminação dos sistemas econômico, social e político vigentes no País.

As mais diversas pesquisas realizadas no Brasil nos últimos tempos demonstram claramente que a mulher negra apresenta

<sup>3</sup> <http://www.mospodemos.org.br>

o mais baixo nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento mais baixo. A situação de pobreza e marginalidade a que é submetida reforça o preconceito e a interiorização da condição de inferioridade que muitas vezes a torna tão inibida para enfrentar e reagir contra a discriminação sofrida. Quanto ao mercado de trabalho, a formação econômica do País contribuiu para que o negro passasse a pensar sobre si mesmo como uma raça inferior e marginalizada diante dos ganhos sociais, seja em termos de salário ou de oportunidades de ascensão a cargos mais qualificados. No caso específico da mulher negra, conforme destaca Paul Singer (1998), *apud* (Silva)<sup>4</sup>, “à medida que a mulher negra ascende, aumentam as dificuldades, especialmente devido à concorrência. Em serviços domésticos, que não representam prestígio, não há concorrência; conseqüentemente, as mulheres negras têm livre acesso, e é nesse campo que se encontra o maior número delas”.

Apesar das mudanças percebidas nos últimos anos<sup>5</sup>, a mulher negra ainda precisa lutar com mais intensidade pela defesa de sua cidadania, pois a sua ascensão social acontece de modo muito reduzido. Portanto, o entendimento da questão da mulher negra não pode ser compreendido apenas como uma questão racial, como um elemento secundário, destacando apenas as questões de natureza econômica. O negro não pode ser visto apenas como um consumidor de bens e serviços ou como fornecedor de mão-de-obra barata. Ainda prevalece na sociedade brasileira uma grande dificuldade de conviver com a questão racial e de aceitar que a mesma existe e de que é preciso enfrentá-la. Assim, enquanto esse processo de enfrentamento não for tratado de acordo com a sua importância, as desigualdades sociais que tenham por base a discriminação racial continuarão, com tendência ao acirramento, principalmente quando se trata de igualdade de oportunidades em todos os aspectos sociais. Portanto, a realização de um estudo que se proponha a diagnosticar a promoção da igualdade entre os sexos e a autonomia da mulher negra com base na “Meta do Milênio” torna-se extremamente relevante.

## CARACTERÍSTICA DO ESPAÇO AMOSTRAL

O aglomerado de vilas e favelas da Serra (Aglomerado da Serra), sem dúvida, é um dos maiores da região metropolitana.

<sup>4</sup> SILVA, Maria Nilza. Professora do departamento de Ciências Sociais da Universidade estadual de Londrina e Doutoranda na PUC/SP, em A Mulher Negra. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/0022/22csilva.htm>, acessado em 6.no.2006.

<sup>5</sup> Hoje já é possível constatar o crescimento da participação das mulheres negras nas Universidades.

Localiza-se na encosta da serra do Curral, ocupando área de aproximadamente 1.495.579 metros quadrados.

Segundo a prefeitura de Belo Horizonte, o Aglomerado da Serra é formado por seis vilas, com as seguintes denominações: Marçola (também conhecida como favela Cabeça de Porco), Nossa Senhora de Fátima (área escolhida para nossa investigação), Nossa Senhora Aparecida (conhecida como favela Pau Comeu), Nossa Senhora da Conceição, Cafezal e o Novo São Lucas. Para alguns pesquisadores e moradores locais, o Aglomerado possui 11 vilas.

## HISTÓRICO DO AGLOMERADO

Segundo informações da Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (URBEL), a origem da formação do Aglomerado data de 50 anos. A Vila Aparecida é o mais antigo espaço (50 anos) e o mais recente é o Novo São Lucas (19 anos). Ainda segundo a URBEL, 80% do terreno onde se localizam as vilas pertencem ao estado e 20% a particulares. Tal observação não é válida para a Vila Novo São Lucas, dado que ainda não se processou a identificação de propriedade da área ocupada.

## POPULAÇÃO DO AGLOMERADO

Não existe estatística precisa a respeito da população do Aglomerado da Serra. Para a URBEL, sua população total gira em torno de 37.641 habitantes. Já o distrito sanitário Centro-Sul trabalha com o total de 38.025 habitantes. A Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social estima uma população de 45.920 habitantes. O jornal Estado de Minas e a Rádio Favela<sup>6</sup> ressaltam uma população em torno de 160 mil habitantes, sendo que deste montante 60 mil pertencem à Vila Nossa Senhora de Fátima, objeto desta pesquisa.

Um dos principais problemas quando se estuda o local consiste em definir as políticas públicas é a clara assimetria de informação que o Poder Público detém a respeito da área.

<sup>6</sup>Rádio Comunitária, existente desde 1981, concebida e mantida pelos moradores da região.

## A PESQUISA REALIZADA – METODOLOGIA E RESULTADOS OBTIDOS

### METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA

Para o pesquisador, em sua busca da investigação o grande desafio é contornar a carência de dados que respondam a sua indagação, principalmente quando essa indagação exige apuração empírica. Nesse momento, ele é levado a tomar decisões que viabilizem a sua investigação e lhe proporcionem respostas em menos tempo possível, a custo adequado, com precisão das informações obtidas. Portanto, a utilização de amostras de uma determinada população tornou-se, do ponto de vista prático-teórico, o mecanismo mais fácil e adequado para atingir o tripé anteriormente referenciado. É neste sentido que a estratégia definida para esta pesquisa, que tenta observar o comportamento da mulher negra no Aglomerado na Serra (Vila Nossa Senhora de Fátima), optou pela utilização de uma amostra que servirá de base para a inferência da comunidade como um todo. A amostra aleatória ficou constituída de 706 questionários, em que se privilegiou a questão demográfica, que tem que ser vista não apenas sob o aspecto da preocupação do crescimento populacional, mas destacando também questões associadas às seguintes variáveis, entre outras: ocupação, nível educacional, nível de renda, sexo, idade, condições de moradia, número de filhos e condições de trabalho. Fixou-se como objetivo da pesquisa focar a questão da mulher negra no Aglomerado da Serra, visando à percepção da Meta do Milênio número 3, ou seja: “promover a igualdade de gêneros e a autonomia das mulheres”. Entende-se que a mulher negra enfrenta um problema de natureza cultural, que não lhe proporciona facilidade no mercado de trabalho e na representação na escala social. Então, essas variáveis parecem melhor refletir o comportamento de desigualdade e exclusão da mulher negra.

### ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados buscou, em sua essência, evidenciar a premissa estabelecida no objetivo, na qual se propugna investigar a Meta do Milênio número 3: promoção da igualdade entre sexos e autonomia das mulheres – as condições da mulher negra no Aglomerado da Serra.

## RESULTADOS OBTIDOS DE ACORDO COM AS VARIÁVEIS PREESTABELECIDAS

### A) IDADE

A idade média verificada foi de 28,5 anos, com coeficiente de variação de 35,3%.<sup>7</sup> Apurou-se que 50,6% das mulheres apresentaram idade abaixo de 26 anos e 26,1% delas apresentam idade acima de 35 anos. Para o Aglomerado da Serra, infere-se, com nível de significância de 5%, que a idade média das mulheres negras que ali residem encontra-se no intervalo 27,8 a 29,2 anos de idade, podendo, então, ser considerada uma população jovem.

### B) RENDA FAMILIAR

Conforme as informações tabuladas, 74% das mulheres entrevistadas apresentam rendimento inferior a dois salários mínimos e 9,4% delas estão na faixa de pobreza, por apresentarem renda mensal inferior a 0,5 salário mínimo.<sup>8</sup> A renda média mensal é de 1,43 salário mínimo, com coeficiente de variação de 77,8%. Observa-se um conjunto bastante heterogêneo no que diz respeito à variável **renda familiar**. Estima-se, com nível de significância de 5%, que as mulheres negras no Aglomerado possuam renda média mensal de 1,35 a 1,51 salário mínimo, que resulta, considerando o valor do salário mínimo de R\$ 380, num intervalo de R\$ 513,0 a R\$ 573,80.

Conforme pesquisa realizada pelo DIEESE<sup>9</sup>, a mulher negra, no ano de 1998, em Belo Horizonte, apresentava salário médio nominal de R\$ 319,00, que equivalia, de acordo com o valor do salário mínimo da época, no caso R\$ 130,00, a 2,45 salários mínimos. Nove anos após a pesquisa do DIEESE, percebe-se que o salário médio nominal da mulher negra é estimado em R\$ 543,40. Ou seja, conforme o salário mínimo atual, de R\$ 380, equivale ao rendimento de 1,43 salário mínimo. Percebe-se, em termos nominais, queda de 41,6% na renda. Este quadro se agrava ainda mais quando se relaciona o poder aquisitivo. No período da pesquisa do DIEESE (1998), até o mês de julho de 2007 (mês das entrevistas), a inflação, segundo o INPC, foi de 90,3%. Isso resulta em rendimento médio real para as mulheres negras de 0,75 salário mínimo. Se a conversão fosse feita em termos de dólar, em 1998 a mulher negra apresentaria rendimento médio nominal de U\$S 162,44 contra U\$S 289,41, verificado pela pes-

<sup>7</sup> Coeficiente de variação apresenta a relação percentual do desvio-padrão com base na média aritmética, sendo definido, portanto, como  $CV = (\text{desvio-padrão}/\text{média}) \times 100$ .

<sup>8</sup> Classificação feita pelos autores do projeto.

<sup>9</sup> DIEESE/SEADE e entidades regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED. 1998



quiza presente (julho de 2007), isto é, um aumento de 78,16% em termos nominais.

Pode-se concluir que o preconceito e a discriminação contra as trabalhadoras negras servem para situá-las nas posições mais desprestigiadas e mal-remuneradas.

### C) SITUAÇÃO CIVIL

A maioria das mulheres negras é solteira e 31,59% delas são casadas.

### D) ESCOLARIDADE

Observa-se que 35,6% das mulheres negras estão cursando entre a 5ª e a 8ª série do Ensino Fundamental e 35,3% delas estão cursando o Ensino Médio. Vale ressaltar que 1,3% apresenta formação universitária, sendo que a maioria se concentra na área de saúde. A mesma participação foi verificada para as mulheres analfabetas e para aquelas que possuem cursos profissionalizantes – no caso, 5,1%. Essa percepção pode ser afirmada para todo Aglomerado.

### E) QUANTIDADE DE FILHOS

Das entrevistadas, 28,61% não possuem filhos, enquanto 23,94% possuem apenas 1 filho. A participação das mulheres que apresentam dois ou mais filhos é de 44,90%. Uma análise que merece destaque é o cálculo do rendimento domiciliar *per capita*. Percebe-se que esse rendimento, se analisado com base nos valores médios encontrados, ou seja, rendimento médio mensal de R\$ 543,40 e cada família tendo em média 1,6 filho, será de R\$ 339,63. Em estudo recente desenvolvido pelo IBGE<sup>10</sup>, a população negra (homens + mulheres) em Belo Horizonte apresentou rendimento familiar *per capita* de R\$ 465,63.

### F) ESCOLARIDADE DOS FILHOS

Esta variável mostra que 69,06% dos filhos estão cursando o Ensino Fundamental e 1,67% está concluindo ou já concluiu o Ensino Superior. A participação dos analfabetos é de 15,05%. Isso cria melhor perspectiva para as futuras gerações, dado que a questão educacional é um dos fatores relevantes na distribuição de renda da sociedade e na qualificação profissional.

### G) CONDIÇÃO DE MORADIA

Conforme os dados pesquisados, quase a totalidade das mulheres possui em suas residências água tratada, banheiro e luz. Quanto à telefonia, apenas 57,8% delas mencionaram possuir.

### H) HABITAÇÃO

A grande maioria das entrevistadas, quase 90%, possui moradia própria. Cabe aqui uma ressalva: freqüentemente, ocorre divisão do terreno “pertencente” à família. O pai divide o lote com os filhos e estes, por sua vez, constroem em cima da casa original a moradia de seus filhos.

### I) EMPREGO

Esta variável revelou que 34,56% das mulheres negras entrevistadas estão desempregadas e apresentam tempo médio de desemprego de 18 meses. Em pesquisa realizada pelo DIEESE<sup>11</sup>, 23,3% das mulheres negras em Belo Horizonte encontravam-se desempregadas.

Observa-se que 58,5% das entrevistadas encontram-se em situação vulnerável de trabalho; isto é, são assalariadas sem carteira assinada. Apontam-se como justificativa: falta de opção de emprego, baixa escolaridade, local onde mora e condição de mulher negra. Tudo isso reforça a necessidade de a sociedade assumir que de fato ela é preconceituosa.

À medida que a mulher negra ascende, aumentam as suas dificuldades, especialmente devido à concorrência. Em serviços domésticos, que não representam prestígio, não há concorrência e, conseqüentemente, as mulheres negras têm livre acesso. Isso explica a intensidade da presença da mulher negra no emprego doméstico – no caso, 23,1%. Este valor é confirmado pela pesquisa realizada pelo Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM) e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)<sup>12</sup>, realizada em 2003, a qual menciona que 21% das mulheres negras no Brasil são empregadas domésticas.

Essa atividade é desvalorizada aos olhos de grande parte da sociedade, caracterizando-se pelos baixos salários, altos índices de contratação à margem da legalidade e ausência de contribuição à previdência.

A participação das mulheres negras empregadas com carteira de trabalho assinada no setor privado – que tem mais proteção legal e melhores remunerações – foi de apenas 12,9%. Já no setor

<sup>10</sup> IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego, setembro de 2006.

<sup>11</sup> DIEESE/SEADE e entidades regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego. Biênio 2004 – 2005.

<sup>12</sup> Brasil – Retrato das desigualdades: gênero e raça. Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a mulher (UNIFEM) e Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA). 2003.

público a participação das mulheres negras foi de 9,4%, contra 9% na pesquisa da UNIFEM com o IPEA, em 2003.

## J) ALIMENTAÇÕES DIÁRIAS DA FAMÍLIA

Das entrevistadas, 58,5% mencionaram que a família realiza, no mínimo, três refeições diárias. Em média, as famílias possuem 2,5 refeições durante o dia.

## N) ASSISTÊNCIA EXTERNA

Quanto à assistência externa, 65% das mulheres não recebem ajuda e apenas 24,2% recebem subsídios do Governo Federal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio*, elaborado pelo governo brasileiro e coordenado pelo Instituto de Economia Aplicada (IPEA), que contou com o apoio do Sistema das Nações Unidas no Brasil, além da participação de membros de 17 ministérios e das agências do sistema ONU, apresentou os resultados na “Metas do Milênio” para o Brasil para o ano de 2006. Entre as oito metas, deu-se destaque neste ensaio à de número 2 e à de número 3, na medida em que vão ao encontro do objetivo da pesquisa realizada. Essas metas são aqui apresentadas de forma resumida, de tal forma a comparar os resultados encontrados para a mulher negra no Aglomerado da Serra. Segundo o Documento de Acompanhamento, a meta sobre educação foi ampliada, passando de quatro para oito anos de estudo, para que ocorra a conclusão das crianças ao Ensino Fundamental. A taxa de frequência no Ensino Fundamental no Brasil, que no ano de 1992 era de 81,4%, passou para 93,8% em 2003. Ainda segundo o Relatório, a questão da universalização do Ensino Fundamental não constitui mais preocupação para o País, já que praticamente ocorre a universalização do mesmo, passando, a partir de então, a ser priorizada a questão da qualidade do ensino, além da busca pela redução da defasagem idade/série. Ou seja, é importante que sejam garantidas a permanência e a progressão na escola. O Relatório revela, ainda, que a participação das mulheres no sistema educacional é proporcionalmente superior à dos homens. Isso significa que a eliminação das disparidades entre sexo nos ensinos Fundamental e Médio não é mais aplicável no Brasil. No entanto, a discriminação contra a mulher continua existindo em termos de oportunidades no mercado de trabalho, remuneração inferior ao homem, baixa participação política e violência doméstica. Nesta meta, o governo brasileiro incorporou 11 indicadores,

com o objetivo de identificar a questão da desigualdade entre os sexos. Como exemplo de um desses novos indicadores, podem-se destacar: rendimento, hora da população ocupada, sexo, cor e número de anos de estudo. O documento revela que um homem com 12 anos ou mais de estudo recebe em torno de R\$ 16,2 por hora trabalhada, enquanto a mulher recebe aproximadamente R\$ 9,8. No item **cor**, os brancos com 12 anos ou mais de estudo recebem cerca de R\$ 13,8/hora de trabalho, enquanto os negros recebem R\$ 8,8/hora. Outros dados do IBGE<sup>13</sup>, publicados em 18.11.2006, no âmbito da Pesquisa Mensal de Emprego, apresentam outras informações da desigualdade entre **cor** e **raça**, tais como: a taxa de desocupação dos pretos e pardos é de 11,8%, enquanto a de brancos é de 8,6%. O rendimento médio dos brancos é mais que o dobro do recebido pelos pretos e pardos. Enquanto pardos e pretos recebem, em média, R\$ 660,45, os brancos auferem R\$ 1,292,19. Pelas metas para as mulheres negras no Aglomerado da Serra, como demonstrado pelo levantamento, fica evidente a necessidade de se acelerar a atenção à aplicação de políticas públicas orientadas para a redução das desigualdades gritantes a que as mulheres negras do Aglomerado estão sujeitas quando comparadas às mulheres brancas e, mesmo, às de cor do restante do País. Os resultados obtidos estão em patamares muito inferiores aos observados para o Brasil, conforme demonstrado no Relatório e Acompanhamento 2006, aqui de forma resumida destacando as metas de interesse da pesquisa. Na questão **escolaridade**, enquanto o País praticamente atingiu a universalidade do Ensino Fundamental, entre as mulheres negras do Aglomerado apenas 35,6% estão cursando entre a 5ª e a 8ª série do Ensino Fundamental e 35,3% estão cursando o Ensino Médio. No que se refere ao Ensino Superior, a participação da mulher negra do Aglomerado chega a apresentar um valor apenas residual 1,3% do universo pesquisado. No quesito **renda mensal**, o quadro já observado para as mulheres negras é duplamente perverso. Em primeiro lugar, o ganho das mulheres no País representa 70% do ganho do homem enquanto o das mulheres negras e pardas é de apenas 50% do ganho do homem, sendo que no caso das mulheres do Aglomerado é de apenas 42,1%, conforme levantamento lá realizado. Ainda segundo o Relatório, a taxa de desocupação dos pretos e pardos é de 11,8%, enquanto a de brancos é de 8,6% para o Brasil, contra 34,56% do Aglomerado para as mulheres negras. As demais variáveis pesquisadas no Aglomerado não escapam da trajetória preocupante quando da participação da mulher negra na escala social brasileira. É cada dia mais nítida a necessidade de que se assuma a real realidade da existência de uma desigualdade efetiva da mulher de forma geral e da mulher negra de modo particular. É urgente, urgentíssimo, que políticas públicas incorporativas sejam definidas no sentido da criação de oportunidades iguais que proporcionem condições que reduzam as desigualdades entre os sexos e possibilitem mais autonomia

<sup>13</sup> disponível em <http://www.ibge.gov.br/hoje/presidência/noticias/noticia>

---

das mulheres, em particular da mulher negra, em locais fortemente caracterizados pela exclusão social.

Os dados aqui apresentados enfatizam as enormes desigualdades que sofrem as mulheres negras. Expressam, ainda, a perversa manifestação da dupla discriminação que atinge mulheres negras e que faz com que essas vítimas do racismo e do sexismo encontrem-se concentradas nos piores postos de trabalho, recebendo os menores rendimentos, sofrendo com as relações informais de trabalho (e sua conseqüente ausência de proteção social tanto presente quanto futura – aposentadoria) e ocupando as posições de menos prestígio na hierarquia profissional. Ou seja, não se almeja caridade para as mulheres negras, mas sim justiça social.

## REFERÊNCIAS

DIEESE/SEAD e entidades regionais. **Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED**. 1998.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa de Emprego e Desemprego. Biênio 2004-2005**.

IBGE. **Coordenação de trabalho e rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego**, setembro de 2006.

\_\_\_\_\_. Estatísticas do século XX, IBGE, 2003, disponível em <http://www.ibge.gov.br>, acessado em 30.mai.2007

\_\_\_\_\_. PME Cor e Raça – setembro de 2006. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>, acessado em 18.nov.2006.

\_\_\_\_\_. Pesquisa mensal de Emprego. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/hoje/presidencia/noticias/noticia>. Acessado em 18.nov.2006.

IPEA. **Brasil – retrato das desigualdades gênero e raça**. Fundo de Desenvolvimento das nações Unidas para a mulher (UNIFEM) e Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA). 2003.

<http://www.mospodemos.org.br>

Silva, Regina Helena Alves de. A Voz da Periferia. Disponível em [http://www.naya.org.ar/congresso2000/ponencias/ReginaHelena\\_Alves\\_da\\_Silva.htm](http://www.naya.org.ar/congresso2000/ponencias/ReginaHelena_Alves_da_Silva.htm). Acessada em 16.jul.2007.



# CATÁLOGO ARTESANATO SOLIDÁRIO: PROJETO TERCEIRA IDADE

Professora Coordenadora:  
Juliana Pontes Ribeiro

Aluno Bolsista:  
Daniel Bonna

## O DESIGN APRESENTANDO O ARTESANATO: CATÁLOGO 9 + 1

Juliana Pontes Ribeiro

Em seu aspecto acadêmico, um catálogo de projeto serve como espaço de reflexão sobre os temas e estratégias conceituais que nortearam algum processo metodológico de ensino, ou seja, é um registro de processos criativos e de suas metodologias de desenvolvimento. Nesse caso, registrou-se a capacitação em *design* e artesanato no grupo de terceira idade do Barreiro, seus momentos criativos e suas decisões de produção. Mas o presente catálogo registra, além disso, construções subjetivas da memória dessas artesãs de terceira idade do Barreiro. O que esse projeto editorial faz é documentar vestígios de fatos vivenciados e recordações romanceadas pelas emoções e pelo aspecto afetivo das lembranças dessas mulheres. Esse trajeto gráfico leva o leitor a uma viagem por dimensões temporais de caráter subjetivo, camadas sensíveis que estão nos traços, esboços, anotações e rascunhos. Toda essa diversidade de manifestações simbólicas de natureza pessoal se une em uma única imagem para cada artesã: uma almofada. Esse produto manufaturado, além da presença da mão humana, projeta tempos passados em representações presentes. Outra dimensão essencial desse projeto de *design* é a possibilidade das artesãs terem o retrato do seu processo de criação e a amostragem dos resultados, construindo, assim, um meio de consulta e um portfólio para apresentação do perfil do artesão e de seu trabalho.

Como aspecto crítico, esse tipo de produto apresenta o desafio de compor uma complexa demanda de conteúdo e forma, envolvendo uma intensa produção de textos e imagens em curto espaço de tempo. Além da quantidade de informações a serem processadas, o projeto envolveu a organização desse conteúdo, a determinação e controle de prazos e tarefas para as instituições, professores e artesãos. O resultado do conceito gráfico constrói visualmente a idéia central do projeto: o diálogo entre *design* e artesanato, entre conceito criativo e processos alterna-

tivos de produção. O *design* aqui passa também pelo conceito de memória e pelo universo feminino constituído no olhar temático das artesãs.

O produto gráfico serve de registro de processo e de reflexão teórica ao mesmo tempo. Cumpre o seu papel de registro acadêmico e também serve de meio de divulgação do trabalho das artesãs. É um produto gráfico de alta qualidade em relação ao conteúdo e à concepção estética, capaz de divulgar com excelência o desenvolvimento da atividade extensionista em questão nos meios acadêmicos, na mídia e em grupos formadores de opinião; um registro completo da capacitação em *design* para o artesanato urbano, que serve como referência de pesquisa para o próprio grupo participante e para estudantes em geral. Temos em mão um instrumento de exposição do trabalho das artesãs para os lojistas e empresários, apresentando-os de forma completa e diferenciada. Além disso, apresenta a sistematização de conceitos e reflexões teóricas pertinentes à área profissional e acadêmica do *design* relacionado ao artesanato.

Esse esforço de produção de textos acadêmicos impulsiona a formalização do conhecimento adquirido no desenvolvimento da atividade extensionista de capacitação em *design* para o artesanato urbano e evidencia um desdobramento da extensão em pesquisa. O processo sugere abordar esta definição de artesanato urbano mais intensamente, em paralelo com questões como *design* sustentável e o *design* aplicado a processos alternativos de produção. Todos esses temas foram trabalhados de forma planejada ou por demanda originada na própria atividade de extensão e se mostraram extremamente atuais e interligados. A pesquisa, a partir desta experiência e recorte, será extremamente importante para a produção e consolidação de conceitos e conhecimentos em áreas do *design* que são ainda pouco exploradas por seu caráter arrojado e inédito, mas que estão em sintonia com os movimentos contemporâneos neste setor da cultura.

O trabalho oferece um produto gráfico de qualidade, que favorece a inserção social e econômica desse grupo em um mercado forte e rentável. Cumpre, assim, seus objetivos e em alguns pontos foi além do planejado, ganhando corpo de reflexão teórica e formatando um produto que extrapola o formato padrão de um catálogo, revelando a potencialidade do tema *design* e artesanato urbano como ponto de partida para investigações futuras.

Além de todos esses aspectos mencionados, ainda se pode destacar o caráter interdisciplinar deste projeto. O processo criativo foi discutido de forma coletiva entre a coordenadora do projeto de capacitação em *design* e artesanato, profa. Natacha Rena, a coordenadora desse projeto de *design* para o catálogo, Profa. Juliana Pontes, e o aluno bolsista de *design* gráfico, Daniel Bonna. Esse processo compartilhado permitiu que a equipe do *design* gráfico se inteirasse dos processos de capacitação

---

desenvolvidos um semestre antes, assim como do conceito de “memória” aplicado na criação das almofadas. Permitiu, ainda, a noção correta dos elementos imagéticos mais importantes, pontuando a seleção de imagens fotográficas e ponderando sobre a presença permanente da idéia de memória e do feminino, norteadoras do processo de desenvolvimento das almofadas. Essa interação entre as equipes de trabalho também permitiu melhor compreensão das relações imagem-texto presentes ao longo do catálogo.

Enfim, essa experiência de extensão universitária permitiu aplicar vários conceitos do *design* gráfico de forma ampliada, devido à constante interdisciplinaridade permitida ao longo do processo criativo desse catálogo. O seu título, 9 + 1, já demonstra seu caráter múltiplo e ampliado: uma soma. A soma em questão representa o número de artesãs envolvidas com o projeto; a diversidade de produtos dentro do próprio grupo de artesanato; um conceito de *grid* para a estrutura do *design* gráfico e a abertura para a soma de idéias provenientes das vertentes acadêmicas e práticas do grupo. Esse título demonstra a diversidade dentro da unidade: 10 pessoas que somam trabalhos, pensamentos e memórias distintas em um projeto comum. A materialização disso está no *design*: uma idéia única permitindo múltiplas imagens, variadas representações gráficas e conduzindo a um resultado híbrido do que se chama “memória”.

# MANUTENÇÃO DO CEPETURH

## EQUIPE

Coordenadores:

José Henrique da Silva Júnior (de março a julho de 2007)

Rita Lages Rodrigues (de agosto de 2007 a janeiro de 2008)

Alunos bolsistas

Carla Regina Torres Silva (de março a julho de 2007)

Natália Vilela Castilho (de março a julho de 2007)

Lucas Lobato (de março a novembro de 2007)

Priscila Alexandrina Silva (de agosto a novembro de 2007)

Flávia de Melo Porto Ferreira (de agosto a novembro de 2007)

Alunos voluntários no segundo semestre de 2007:

Fernanda Furtado Greco

Fernanda Guedes Souza

Flávia Alencastro de Carvalho e Moreira

Gustavo Machado Prota

Joseline Queiroz Amâncio

Maria Isabella Soares dos Santos

Marielle Lanza

Ao longo do ano de 2007, o CEPETURH, Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão de Turismo e Hotelaria da Universidade FUMEC, realizou várias atividades junto a alunos e comunidade externa.

Em meados do mês de agosto de 2007, assumiu a coordenação do Centro a professora Rita Lages Rodrigues, permanecendo até o término do projeto. A existência do CEPETURH ultrapassa a vigência do período do projeto de extensão, visto ser da própria FACE – Universidade FUMEC. O CEPETURH é essencial para a formação do aluno do curso de Turismo, pois configura um espaço no qual ele pode aplicar o conhecimento adquirido ao longo do curso, assim como aprender aquilo que não se aprende na escola, pois leva o aluno a participar da vida da comunidade extramuros universitários.

Os objetivos do CEPETURH são oferecer espaço para a manifestação técnico-científica e cultural; oferecer condições de estágio aos alunos; otimizar o intercâmbio entre o curso de Turismo da Universidade FUMEC e a comunidade acadêmica; otimizar a utilização do conhecimento pelos alunos e pela instituição na realização de suas atividades; e facilitar a articulação entre o ensino, a extensão e a pesquisa relacionados às necessidades da comunidade acadêmica.

# PROJETOS GERAIS DO CEPETURH

O CEPETURH oferece ao estudante diversas possibilidades e, antes de mais nada, deve ser um espaço no qual o corpo discente possa colocar em prática idéias na área de Turismo. Alguns projetos fazem parte do dia-a-dia do Centro, listados a seguir, que organizam as atividades a serem desenvolvidas ao longo do ano.

O projeto *City-Tour*, do CEPETURH, tem como objetivos levar entidades carentes (creches, asilos ou escolas) a conhecerem os atrativos de Belo Horizonte, propiciando-lhes conhecimento e lazer. Alguns critérios são adotados para a escolha dessas instituições: proximidade da FUMEC, necessidades, condições físicas das pessoas da terceira idade; autorização dos pais das crianças para os passeios. É necessário que haja planejamento, organização e execução de cada *City-Tour*. É realizada uma pesquisa junto à entidade escolhida para verificar o número de pessoas/crianças que participarão do evento, aluguel de transporte, o estudo dos roteiros a serem executados, preparação dos lanches dos participantes e das atividades lúdicas a serem desenvolvidas durante o *City-Tour*.

Outro projeto é o Projeto Semana do CEPETURH/“Talentos da Casa”, que tem por objetivo fazer com que os alunos do curso de Turismo tenham contato com o mercado de trabalho e com as atividades extensionistas promovidas pela Universidade, sensibilizando-os para a existência do Centro e convidando pessoas para realizarem palestras relativas ao curso de Turismo e ao mercado e a atividades sociais que podem ter a participação dos alunos. Essa semana ocorre concomitantemente ao projeto Talentos da Casa, em que é feita uma pesquisa em todas as salas da FACE para detectar os alunos que têm talentos especiais e estimular a sua participação no evento, promovendo a sua integração. Como é uma atividade relacionada à disciplina de eventos, é necessária a preparação de acordo com o conhecimento aprendido na referida disciplina: a montagem do ambiente para o evento, a elaboração de uma logomarca, a criação dos cartazes e a divulgação em toda a Faculdade, a coordenação e a desmontagem do evento.

O projeto *Clipping* Eletrônico, página na Internet, constitui pesquisa em meios eletrônicos, jornais, publicações e pesquisas científicas de artigos, notícias, teses, dissertações, monografias, congressos, seminários, lançamentos de livros para serem divulgados aos alunos. A página da internet do CEPETURH é projeto a ser executado no ano de 2008.

Outros projetos constavam para o ano de 2007, mas não foram efetivados, como o Cinema Comentado, desativado devido à falta de sentido de existir como atividade no CEPETURH, com um pequeno público e com a inexistência de comentaristas para

as sessões de cinema ao longo do primeiro semestre de 2007. Também não foi dada continuidade ao Projeto Mineirinho, tendo em vista que a parceria com o Mineirinho não continuou ao longo do ano de 2007, assim como o projeto Sempre às Seis, desativado tendo em vista o pouco interesse e a impossibilidade dos alunos de chegarem à instituição para assistirem palestras de seu interesse.

Como o CEPETURH é um projeto de longo prazo, ao final do ano foi feita uma pequena pesquisa com os alunos para saber do seu interesse e conhecimento em relação ao Centro. Muitos já haviam ouvido falar do CEPETURH, mas não sabiam dos projetos realizados. Outros não sabiam o significado da sigla e outros não sabiam o que era. Para fazer com que houvesse mais participação dos alunos, foi-lhes perguntado o que gostariam de fazer com o espaço do Centro. Como atividade a ser desenvolvida pelo CEPETURH, foi sugerida a realização de inventários turísticos de municípios de Minas Gerais, proposta que foi incorporada ao projeto apresentado à Universidade FUMEC no ano de 2008.

## ATIVIDADES REALIZADAS NO ANO DE 2007

No primeiro semestre, sob a coordenação do professor José Henrique da Silva Júnior, o CEPETURH realizou três *City-Tours* com alunos de escolas públicas da cidade de Belo Horizonte e o *Clipping*, com notícias sobre Turismo, de interesse dos alunos. Outro projeto levado adiante pelo professor foi o do Cinema na Escola, com sessões de cinema às sextas-feiras no auditório da FACE-FUMEC.

O trabalho a ser realizado é definido em reuniões semanais com os estagiários do projeto, nas quais são abordados os temas e as atividades de pesquisa e extensão a serem desenvolvidas durante a semana, como visitas a creches e asilos, bem como a pesquisa e o planejamento dos projetos do CEPETURH.

Projeto que merece destaque é o projeto do *City-Tour*, no qual os alunos se preparam para levar crianças e idosos de creches, escolas e asilos para conhecerem espaços da cidade relacionados ao Turismo.

Por vezes, a boa intenção e o trabalho dos alunos esbarram em condições peculiares dos espaços que se esperava atender com as ações do CEPETURH. Foi o caso da visita ao Lar de Idosas do Bairro Santa Tereza, sendo a idéia inicial organizar um passeio com as senhoras do asilo. Deparando com a dificuldade de locomoção de algumas senhoras, resolveu-se então oferecer um lanche para que elas pudessem se confraternizar apreciando

guloseimas. Esse momento foi especialmente interessante na medida em que elas se mostraram largamente interessadas em contar suas histórias e compartilhar as suas sabedorias com os alunos. É importante para os alunos perceber o quão fundamental pode ser a sua participação em programas sociais.



**City-Tour realizado com as crianças da Creche Nosso Abrigo ao Museu de História Natural da UFMG em dezembro de 2007.**

A parte mais instigante do projeto *City-Tour* do CEPETURH é a visita das crianças de escolas e asilos a pontos turísticos e as atividades de lazer com as quais não teriam contato se não fosse a atividade realizada no âmbito da Universidade FUMEC. No primeiro semestre de 2007, foram realizados três passeios com os alunos de escolas de Belo Horizonte. No segundo semestre, realizaram-se seis passeios com duas creches da cidade. Cabe aqui explicitar os motivos da decisão de se privilegiarem determinados espaços para serem atingidos pelo projeto *City-Tour*: acredita-se que com um trabalho continuado no qual as crianças das creches tenham mais contato com os alunos e com projetos da FUMEC, os resultados alcançados ultrapassem a simples lembrança de um passeio em um dia da infância. Para tanto, ao invés de realizar uma edição do *City-Tour* somente com cada creche, foi resolvido que se escolheriam duas instituições que seriam atingidas prioritariamente. As instituições selecionadas foram a Creche Nosso Abrigo, em virtude da proximidade com a Universidade FUMEC, e o Centro Infantil Elisa Duque de Cação, localizado no Bairro João Pinheiro, em virtude de uma das alunas, das mais empolgadas com o projeto, Joseline Queiroz Amâncio, conhecer a precariedade em que vivem as crianças atendidas pelo Centro.

Ao todo foram realizados três passeios com cada uma dessas instituições. Esses passeios foram programados pelos alunos, que preparam toda a logística para que tudo transcorra da melhor forma possível: a escolha da data e dos horários mais adequados, a contratação do serviço de transporte, a preparação



do roteiro a ser seguido, o lanche a ser servido e, por vezes, atividades com as crianças. Além de locais como Parque das Mangabeiras, Museu de História Natural da UFMG e Jardim Zoológico, foram realizadas também seções de cinema no auditório da FACE durante o período da tarde, momento em que o auditório fica ocioso. Assim, além de fornecer o transporte, a preparação dos roteiros e o material humano para a realização das atividades de lazer, a Universidade também ofereceu o espaço físico para a realização da atividade. Para crianças que até então não haviam tido a oportunidade de entrar em um cinema, a tela do auditório foi responsável por um momento precioso de realização de uma viagem lúdica ao mundo do Procurando Nemo ou do Carros.

No mês de outubro, o dia das crianças permitiu a coleta de doações de presentes e guloseimas entre os alunos da FUMEC, para serem distribuídos na Creche Nosso Abrigo, parceira nos projetos da FUMEC. Os presentes foram recolhidos pelo CEPETURH e separados de acordo com o sexo e a faixa etária das crianças e embrulhados para presente. No dia 10 de outubro, na creche, oferecemos algumas atividades lúdicas, incluindo uma contação de história, e distribuímos os presentes e as guloseimas.



**City-Tour realizado com o Centro Infantil Elisa Duque de Catão no Parque das Mangabeiras, em novembro de 2007.**



**Atividade realizada na Creche Nosso Abrigo, em comemoração ao dia das crianças de 2007. Contamos com a presença de uma contadora de histórias e distribuímos presentes e guloseimas para as crianças.**

Outra atividade que ocorreu ao longo de todo o ano de 2007 foi o *Clipping* Eletrônico, que consistiu de coleta de informações acerca do turismo ao longo do ano de 2007, de interesse direto dos alunos e disponibilizadas para os estudantes do curso pelo *e-mail* cadastrado no CEPETURH.

Em dezembro foi realizado um pequeno evento, “Talentos da Casa”, em que alunos da Fumec mostraram aos seus colegas algumas atividades de cunho artístico, cultural e desportivo. O evento foi realizado na área de convivência do prédio FACE II, com a realização de um *show* musical no intervalo da aula. Foram feitos *banners* mostrando o que é o CEPETURH e foram alugados equipamentos de áudio, porém o evento não teve a repercussão esperada devido à semana de provas finais e a uma forte tempestade que caiu no dia.

## CONCLUSÃO

As atividades do CEPETURH ao longo do ano de 2007 sofreram alguns percalços com a mudança na coordenação do Centro. Entretanto, continuou a ser uma importante ponte entre a pesquisa, o ensino e a extensão da Universidade FUMEC e já possui quatro anos de existência contribuindo para a formação de nossos alunos e que mostra aos alunos participantes que é possível para eles fazerem a diferença no mundo externo à instituição. Ademais, a aprendizagem é uma via de mão-dupla, os alunos aplicam o conhecimento aprendido ao longo do curso na elaboração e na execução dos passeios, assim como aprendem visões de mundo e a realidade de um mundo vizinho e ao mesmo tempo distinto do deles.

# CICLO TIPOGRÁFICO: CICLO DE PALESTRAS E/OU OFICINAS PARA INTRODUÇÃO AO UNIVERSO DA CRIAÇÃO TIPOGRÁFICA, SEU EMPREGO COMO ELEMENTO DE CRIAÇÃO DE SENTIDO E DE ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO TEXTUAL

Prof. Rafael Neder – FEA.FUMEC

## RESUMO

Este artigo apresenta as atividades desenvolvidas durante o a realização do projeto Ciclo Tipográfico, que teve como objetivo oferecer à comunidade a oportunidade de conhecer, a partir de palestras e oficinas, o trabalho que estava sendo realizado nos principais centros nacionais de desenvolvimento na área do *design* tipográfico.

## 1 – INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta as atividades desenvolvidas durante o a realização do projeto Ciclo Tipográfico. Foi uma ação combinada de palestras e cursos, que buscou fomentar a discussão acadêmica sobre a prática e a linguagem tipográfica. Como Minas Gerais não se apresenta no cenário nacional como um pólo de excelência em *design* tipográfico, o projeto buscou, então, incentivar essa importante área de concentração do *design* gráfico. Essa defasagem se deve, em parte, à inexistência de discussões que vão além do ambiente acadêmico e à inexistência de intercâmbio cultural entre profissionais de outros estados. Buscou-se promover, por intermédio do projeto, uma discussão sobre os novos caminhos da tipografia em Minas Gerais.

## 2 – OBJETIVOS

Oferecer à comunidade de profissionais em artes, comunicação e *design* a oportunidade de conhecer, por intermédio de palestras e oficinas, o trabalho que estava sendo realizado nos principais centros nacionais de desenvolvimento na área do *design* tipográfico.

## 3 – METODOLOGIA

O projeto foi executado em quatro fases: planejamento geral, divulgação, realização e avaliação. Na fase inicial, devido às restrições orçamentárias, o escopo do projeto precisou ser revisto e reestruturado. A primeira mudança foi a redução do número de atividades programadas para o ano de 2007. A partir da lista inicial de profissionais convidados, buscou-se então selecionar aqueles com propostas mais relevantes para que o projeto alcançasse seus objetivos. Uma vez definidas as novas datas, foi necessário repensar a estratégia de divulgação do evento. Devido ao baixo custo e alto grau de permeação entre o público-alvo, optou-se pela adoção da mídia eletrônica – Internet – como principal canal de informação e divulgação para o projeto. O *website* do projeto foi estruturado de modo a garantir que as informações desejadas por seu público fossem facilmente encontradas, garantindo-lhes mais experiência. A arquitetura do sítio ficou dividida nas seguintes seções de conteúdo: apresentação, notícias, *links* relacionados, *newsletter* e contato.

Na apresentação, o visitante do *website* teve acesso às informações relacionadas à organização do projeto. Na seção programação, foi disponibilizada uma grade fixa com o calendário dos eventos. Em notícias, foi criado um espaço exclusivo para a publicação de informativos sobre o projeto. Para maximizar o contato do projeto com o público, foi estabelecida a seção *newsletter*, na qual os interessados se cadastraram para receber *e-mails*. *Links* relacionados permitiam o acesso dos visitantes aos *sites* dos palestrantes. E, por último, a seção contato com um formulário para captação das dúvidas dos usuários. Para o gerenciamento do conteúdo do *website*, foi adotado o sistema *WordPress*. Esse sistema é distribuído gratuitamente por seus desenvolvedores, sob a licença de *OpenSource*. Além das razões financeiras, o sistema foi adotado por suas características técnicas: rapidez e performance, excelente usabilidade, suporte a *Rich Site Summary* (RSS) e compatibilidade com os conceitos de *web* semântica e a metodologia *web standards*.

Para facilitar o entendimento do público, o projeto foi divulgado como TipoMania. A construção da identidade visual do projeto partiu do conceito de transição. Como o objetivo do evento era se tornar um “divisor de águas” da produção tipográfica em Mi-

nas, a marca criada buscou evocar essa mensagem a partir da disposição do número 2007, sendo cortado por uma linha reta e, em seguida, a assinatura do projeto (Figura 01). Adotou-se como tipografia institucional para a marca e comunicação do evento a fonte *discord* (Figura 02). Esta foi escolhida por evocar em seu desenho uma percepção de modernidade, por suas formas geométricas elementares e ausência de serifa.



Figura 1 - Logotipo do evento.

DISCORD LIGHT © Rafael:Neder  
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZabcdef  
 ghijklmnopqrstuvwxyz0123456789

DISCORD REGULAR © Rafael:Neder  
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZabcd  
 efghijklmnopqrstuvwxyz0123456789

DISCORD BOLD © Rafael:Neder  
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZab  
 cdefghijklmnopqrstuvwxyz0123456789

Figura 2 - Tipografia institucional.

Por meio das cores buscou-se reforçar os conceitos explorados pelo logotipo. Além de formar uma paleta de cores ativa, a combinação magenta, azul e verde evoca o conceito de moderno. Em seguida, os elementos da identidade – logotipo, cor, forma, tipografia – foram articulados para a concepção da interface gráfica do *website* (Figura 03). Apesar de suas vantagens, o *wordpress* demonstrou algumas restrições quanto à personalização do *layout*, que teve que ser desenvolvido obedecendo à estrutura imposta pelo sistema. A partir da publicação do *site* iniciou-se a segunda fase do projeto.

Durante a fase de divulgação, inicialmente foram mapeados os principais portais especializados em *design*, listas de discussão e redes de relacionamento. Foram então redigidos *e-mails* divulgando o evento e convidando o veículo a conhecê-lo. Em paralelo à divulgação, aconteceu a última parte da fase de planejamento, que compreendeu também as negociações para o faturamento dos cursos que seriam financiados pela comunidade. Outra característica da segunda fase é o seu caráter cíclico.

Após o término de cada evento, os esforços de divulgação eram então redirecionados para o próximo evento.



Figura 03 – Telas do *website*.

Após a captação dos recursos necessários para a realização das oficinas, começava a terceira fase do projeto. Durante a fase de realização, coube à organização gerenciar o pleno funcionamento do projeto, monitorando as necessidades dos cursos, participantes e palestrantes. Ao término de cada evento iniciava a fase de avaliação que buscava mensurar o seu sucesso.

## 4 – CONCLUSÃO E SUGESTÕES

Após o término da primeira oficina e palestra no mês de maio, chegou-se à conclusão que a restrição orçamentária inviabilizara por completo a eficácia do projeto. Conseqüentemente, o projeto foi cancelado. Durante os meses de outubro e novembro do mesmo ano, foram até realizadas duas palestras que tiveram boa procura da comunidade. Para divulgar as palestras, a infraestrutura do *website* do projeto foi utilizada e com sucesso.

Apesar das dificuldades, os resultados foram positivos. Durante as atividades pôde-se perceber o interesse do público pelo assunto. As reflexões propostas pelo projeto motivaram discussões em sala de aula. O intercâmbio com os profissionais propiciou uma reflexão sobre as diferentes metodologias e estratégias de ensino adotadas na área. Neste momento, é necessária uma reflexão sobre as mudanças necessárias para a reedição do projeto.

Deveria haver mais interação entre o setor de extensão e os coordenadores do projeto. Essa interação teria como objetivo facilitar a resolução de eventuais problemas e propiciar um diálogo aberto entre as partes. Com o aumento da estrutura organizacional da Universidade, a adoção de um sistema de informação para o gerenciamento e acompanhamento dos projetos poderia servir como essa ponte entre professores e funcionários. Sem a contratação dos alunos-bolsistas para a realização de tarefas burocráticas e de apoio à organização, o projeto mostrou-se completamente inviável.



# CREATING OPTIONS THROUGH EMPOWERMENT: THE VILA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA INITIATIVE

## EQUIPE

Lincoln Mourão  
Guilherme Soares Correa Silva

## PALAVRAS-CHAVE

Inclusão produtiva de jovens, cooperação e empoderamento.

## FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

O Aglomerado da Serra é uma região de favela situada na encosta da Serra do Curral, composta de seis vilas: Marçola, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, Cafezal e Novo São Lucas.

Os dados sobre a população do Aglomerado são discrepantes. Segundo informações oficiais da década de 1990 para a Urbel - Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte - a população do Aglomerado era de 37.641 habitantes; para a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social era de 45.920. Porém, estimativas extra-oficiais do jornal Folha de São Paulo, do jornal Estado de Minas e da Rádio Favela (da própria comunidade), indicam população, hoje, de 160.000 habitantes.

A Vila Nossa Senhora de Fátima é uma das favelas que compõem o Aglomerado da Serra, com graves problemas de saúde, educação, urbanização e segurança. Carece de pavimentação, controle de deslizamento de terras, o saneamento básico só atende a 10% da população e a coleta de lixo a 48%. Aproximadamente 15% da população têm entre 15 e 21 anos de idade e 21% situam-se entre os 22 e 35 anos. A divisão por gênero é equilibrada, 49% homens e 51% mulheres, com predominância do estado civil solteiro (63%). No quesito escolaridade geral,

destaca-se que 34% da população tem até a 4ª série do Ensino Fundamental, 22% não responderam e 13% são analfabetos.

O nível de escolaridade se reflete na situação ocupacional da população, sendo que 39% não responderam, 17% se declararam estudantes (sem emprego) e 15% desempregados. Outro aspecto diretamente ligado à escolaridade e à situação ocupacional é a renda familiar: 19% da população não têm renda, e 22% têm renda entre meio e dois salários mínimos.

No quesito habilidades para geração de renda, o quadro é ainda mais preocupante, pois 36% responderam que não sabem ou não responderam e outros 36% declararam que não se aplica. Dos demais 28%, 16% informaram que sua renda é originada da prestação de serviços, mas não se sabe a natureza destes. Ao serem questionados sobre as instituições que ajudam a comunidade, 33% relataram que nenhuma instituição ajuda e outros 27% não sabem.

O público de referência/beneficiários: jovens em situação de vulnerabilidade social e econômica da região de Belo Horizonte, tais como alunos do Ensino Médio e Fundamental, oriundos da Escola Pública Municipal Edson Pisani e de famílias de baixa renda, com faixa etária entre 18 e 24 anos.

## DESCRIÇÃO INICIAL DO PROJETO

Na área temática de Educação, Cidadania e do Trabalho, o projeto “Criando opções de empoderamento: uma iniciativa na Vila Nossa Senhora de Fátima” de caráter social e interdisciplinar pretendia trabalhar com um público-alvo de 77 pessoas e envolveu a participação da comunidade na sua concepção, no desenvolvimento e na avaliação.

O projeto foi uma proposta de desenvolvimento de habilidades para a geração de renda em comunidades de baixo poder aquisitivo. A partir deste, buscou-se o desenvolvimento das aptidões e habilidades para a geração de renda na mesma. O projeto visava a atender a uma importante expectativa da população local e contatou a Universidade FUMEC, por intermédio da direção da Escola Edson Pisani. Essa expectativa justifica-se não apenas pela precária situação econômica dos habitantes do local, como também pela necessidade de ampliação dos recursos à sua disposição para que possam se inserir em uma economia de serviços de forma organizada e competitiva.

O projeto pretendia, ainda, enfatizar métodos e ferramentas contábeis que possibilitassem ao público-alvo maximizar os recursos disponíveis por meio de informações confiáveis e atualizadas, propiciando formação social, profissional-técnica e geren-

cial – de qualidade com foco na população-alvo, visando a dar credibilidade e sustentabilidade aos grupos para que trabalhem de forma organizada entre si. Desta maneira, pretenderam-se a maximização dos resultados e a continuidade das ações.

## PARTICIPANTES:

Universidade FUMEC:

Proponente e executora do projeto, por intermédio da Faculdade de Ciências Empresariais

Escola Municipal Professor Edson Pisani

Entidade parceira, por intermédio da disponibilização de espaço físico para as reuniões e contatos com a comunidade.

UNITEC/CITRUS – *Centre for Information Technology Research*

Entidade parceira que disponibilizou as técnicas de desenvolvimento do projeto.

MDS/PNUD:

Entidade parceira e financiadora do projeto.

Casa Gourmet – Arno

Parceira de realização de atividades de capacitação

Maxiline – Produtos para cabeleireiros

Parceira na realização de atividades de capacitação

## PLANO DE TRABALHO – ATIVIDADES DESENVOLVIDAS - 2007

### RESULTADOS FINAIS - CURSOS – 2007 (INCLUINDO 2006)

#### CURSO DE INFORMÁTICA

Ministrados cinco cursos com 36 h/aula cada, perfazendo um total de 180 h/aula.

Número de alunos inscritos: 135

Número de alunos que completaram o curso: 123

Evasão: 12

#### CURSO DE CULINÁRIA

Ministrados dois cursos com 24 h/aula cada, perfazendo um total de 48 h/aula.

Número de alunos inscritos: 39

Números de alunos que completaram o curso: 34

Evasão: 05

#### CURSO DE CABELEIREIRO

Ministrados dois cursos com 24 h/aula cada, perfazendo um total de 48 h/aula.

Número de alunos inscritos: 42

Números de alunos que completaram o curso: 42

Evasão: 0

#### CURSO DE REAPROVEITAMENTO DE ALIMENTOS

Ministrado um curso com 3 h/aula.

Número de alunos inscritos: 27

Números de alunos que completaram o curso: 27

Evasão: 0

## PÚBLICO BENEFICIADO:

No projeto inicial apresentado ao MDS/PNUD, previu-se o atendimento direto a 77 pessoas. No entanto, conseguiu-se alargar o horizonte de atendimento devido ao interesse e à participação demonstrados pela comunidade. Nesse sentido, o atendimento direto foi para 219 pessoas e o beneficiamento indireto para cerca de 800 indivíduos.

### QUADRO DEMONSTRATIVO FINAL – CONSOLIDADO (2006 / 2007)

CURSO	ANO	INSCRITOS	EVASÃO	COMPLETARAM O CURSO
Informática	2006/2007	135	19	116
Culinária	2006/2007	39	5	34
Cabeleireiro	2006/2007	42	0	42
Reapr. Alimentos	2007	27	0	27

Atividades realizadas - Planilha situacional			
Atividades Especificação	Meta	Fase	Situação
Assinatura convênio MDS/PNUD e FUMEC	1	1 e 2	realizada
Apresentação do Projeto à escola Edson Pizani	2	1	realizada
Formalização e assinatura convênio FUMEC/Escola Edson Pizani	2	2 e 3	realizada
Divulgação do projeto à comunidade - panfletos e cartazes	3	1	realizada
Apresentação do projeto à comunidade	3	2	realizada
Aplicação de questionários para levantamento de perfis, potencialidade e demandas	4	1	realizada
Análise dos resultados do questionário, elaboração das demandas e planejamento das ações demandadas	4	1,2,3,4,5	realizada
Ordenação das ações demandadas pela pesquisa e eleição de prioridades de ações a serem implementadas	4	6	parcialmente realizada A demanda acerca de capacitação em curso de inglês não foi realizada
Identificação do perfil necessário para a execução de atividades	5	1	realizada
Identificação da adequação e disponibilidade dos componentes do público-alvo	5	2	realizada
Formação e montagem dos grupos	5	3 e 4	realizada
Desenvolvimento e apresentação de palestras sobre práticas comerciais e suas implicações	6	1	realizada
Desenvolvimento e apresentação de palestras sobre aspectos jurídicos e suas implicações na atividade comercial	6	2	realizada p/ alunos cabelereiro
Avaiar o atendimento do conteúdo das palestras desenvolvidas	6	2	parcialmente realizada
Determinar estratégias para obtenção de recursos	7	1	realizada
Planejar necessidades de recursos para os grupos de trabalho	7	2	realizada
Identificar parceiros potenciais	8	1	realizada
Discussão das estratégias de envolvimento dos parceiros e interessados	8	2	realizada
Execução das abordagens (entrevistas, contatos e reuniões)	8	3	realizada
Pactuação de parcerias e financiamentos	8	4	realizada
Implementação e ações de cada grupo	9	1	realizada
Acompanhamento periódico de resultados	9	2	realizada

Realinhamento de ações se necessário	9	3	–
Formalização da continuidade autônoma dos trabalhos	9	4	não realizada
Avaliar as atividades desenvolvidas durante todo o período	10	1	realizada
Observação direta dos participantes	10	2	realizada
Aplicação de questionários para avaliação final	10	3	não realizada
Análise dos questionários	10	4	não realizada
Monitorar o desenvolvimento do projeto	11	1	realizada
Comparação dos dados do início do projeto e do final do projeto	11	2	realizada
Produção de relatório final	12	1	realizada
Entrega do relatório MDS/PNUD	12	2	realizada

## ANEXO 1 – PROGRAMA DO CURSO DE CABELEIREIROS – 2007

O curso tem o objetivo de formar profissionais basicamente para introdução no mercado de trabalho na área de beleza, mais especificamente na área de cabeleireiros.

Execução inicialmente básica de:

- Penteados;
- Cortes;
- Coloração;
- Descoloração;
- Permanente;
- Relaxamento;
- Alisamento;
- Diferentes tipos de tratamento capilar.

Utilizaram-se produtos e equipamentos adequados às técnicas de embelezamento dos cabelos, de acordo com as exigências e necessidades do cliente e com as tendências da moda.

Os cabeleireiros podem trabalhar como contratados em salões de beleza, como autônomos ou tendo seu próprio empreendimento.

## ANEXO 2 – PROGRAMA DO CURSO DE CULINÁRIA

**MÓDULO 1-** Primeiros passos na culinária (arroz, feijão, ovo frito, omelete, carne de panela e outras, massas, panquecas, saladas, manuseio/higiene de frutas, verduras e legumes).

- Aula 1 – O que é culinária? Noções de higiene pessoal e nos alimentos, organização e planejamento básico de um cardápio com equilíbrio.
- Aula 2 – Sendo necessário, falar mais sobre a montagem do cardápio, verduras, legumes e frutas.
- Aula 3 – Arroz (tipos, variedades, etc.), feijão (tipos, variedades, etc.) e ovos (frito, mexido, omelete, etc.).
- Aula 4 – Cortes e preparo de carnes, aves e peixes (cozido, assado, frito, grelhado, churrasco, etc.).
- Aula 5 – Massas e molhos.

**MÓDULO 2 e 3 –** Encomendas para festa (salgados, tortas doces e salgadas, bombons, docinhos, bolos doces e salgados, etc.), foi dito que seria para o consumo do bairro.

- Ajudante de cozinha;
- Cozinheiro profissional;
- Apresentação do Laboratório de Hotelaria da Universidade FUMEC como provável espaço para a realização de cursos.
- Escolha pela comunidade da cantina da Escola Edson Pizani para o desenvolvimento da primeira parte do projeto.
- Ainda como resultado das demandas da comunidade, houve sugestão de trabalhar a auto-estima e a postura profissional.

## **CURSO DE CAPACITAÇÃO EM CABELEIREIRO - 2007**

Fotos 1 e 2



**Local: Casa Gourmet Arno  
Parceria com a Casa Gourmet Arno e Maxiline  
Período: agosto / setembro de 2007**

## **CURSO DE INFORMÁTICA**

Fotos 3 e 4



**Local: Laboratório de Informática da FACE/FUMEC  
Período: Abril / Maio de 2007**



## CURSO DE CULINÁRIA

Fotos 5 e 6



Local: Casa Gourmet Arno  
Parceria com a Casa Gourmet Arno e Maxiline  
Período: agosto / setembro de 2007

## CURSO DE REAPROVEITAMENTO DE ALIMENTOS

Fotos 7, 8, 9, 10 e 11







# ESCRITÓRIO DE NEGÓCIOS DO BARREIRO: GERAÇÃO DE RENDA PARA IDOSOS DE BAIXA RENDA A PARTIR DE UMA AÇÃO CONSORCIADA

## EQUIPE

Lincoln Mourão

Rosa Maria Abreu Barros

Renata Henriques Heitor

## PALAVRAS-CHAVE

Inclusão produtiva, produção artesanal, extensão universitária, cooperação e empoderamento,

## FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A palavra administração vem do latim *ad* (direção, tendência para) e *minister* (subordinação ou obediência). Vários autores definem de diversas maneiras a administração. Uma definição bem moderna: administração é o ato de trabalhar com e por meio de pessoas para realizar os objetivos tanto da organização quanto de seus membros: fornecedores, empregados, beneficiários, parceiros, financiadores, investidores, associados, comunidade e sociedade. Ou ainda: administração é administrar a ação por meio das pessoas com objetivo bem definido - administração é o processo de planejar, organizar, dirigir e controlar o uso de recursos a fim de alcançar objetivos.

Com o intuito de controlar, apurar e prestar informações úteis para a tomada de decisão dos administradores, a Contabilidade é a Ciência que ressalta a importância na gestão do terceiro setor, pois admitir que os resultados sejam imprevisíveis e de difícil mensuração possibilita que essas organizações fiquem vulneráveis e sujeitas a críticas e descréditos.

Segundo Iudícibus (2000, p.19):

*“o estabelecimento dos objetivos da Contabilidade pode ser feito na base de duas abordagens distintas: ou consideramos que o objetivo da Contabilidade é fornecer aos usuários, independentemente de sua natureza, um conjunto básico de informações que, presumivelmente, deveria atender igualmente bem a todos os tipos de usuários ou a Contabilidade deveria ser capaz e responsável pela apresentação de cadastros de informações totalmente diferenciados, para cada tipo de usuário”.*

Nas organizações do terceiro setor, que em geral atuam com recursos oriundos de financiadores externos, existe a necessidade de avaliar os resultados obtidos com ferramentas eficazes, tornando a gestão eficaz um dos fatores que facilitam o aporte de novos recursos e continuidade da entidade. Essa falta de conhecimento de gestão tem impacto direto sobre a qualidade de vida da sociedade. Administradores bem preparados são recursos sociais importantes – essa é a base do desenvolvimento da teoria geral da administração.

Portanto, vale ressaltar que este trabalho visa a responder a seguinte pergunta: quais as principais dificuldades encontradas na implantação da gestão da ASTIB – Associação da Terceira Idade do Barreiro no Escritório de Negócios do Barreiro – Geração de renda para idosos de baixa renda a partir de uma ação consorciada e o que foi possível implantar?

Sintetizando as respostas:

Pessoas sem formação em gestão, com total desconhecimento da legislação fiscal, tributária, dos deveres dos gestores bem como dos direitos da entidade quando do cumprimento de suas obrigações estatutárias. A entidade nunca teve, até o final de 2007, registros contábeis mínimos, como um livro-caixa, um balancete, muito menos a apresentação de um balanço patrimonial, ou seja, não cumpre as mínimas exigências de uma gestão transparente.

Destaque-se que essa falta de formalidade e cuidados deve-se única e exclusivamente à falta de conhecimento dos gestores, característica acentuada, pois na sua grande maioria a gestão ainda é exercida por demais por essas pessoas voluntárias e que demonstram conhecimento escasso de gestão.

Não é apenas como uma resposta às mudanças no mercado de trabalho que este projeto se estabelece: ao tratar da inclusão produtiva e do desenvolvimento da consciência de cidadania, provoca reflexão sobre as relações sociais nas quais os trabalhadores(as) estão envolvidos(as) e das quais também são agentes.

O reconhecimento legal da atividade de extensão universitária como formuladora e facilitadora de ações integradoras entre a produção científica e a condução desse conhecimento produzi-

do à sociedade foi disciplinado no I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão:

*A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e sociedade.*

*A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência: a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade.*

*Além de instrumentalizadora desse processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social.*

Ao pavimentar o desenvolvimento econômico de uma sociedade fundamentada em modelos capitalistas cada vez mais *darwinianos*, as organizações produtivas, em busca de uma desenfreada produtividade e, conseqüentemente, uma lucratividade exacerbada, provocam uma exclusão social daqueles indivíduos que não desenvolveram uma capacidade adaptativa ao novo ambiente, por pura ausência de oportunidades e/ou de visão individual do ambiente de operação dos mercados.

A organização das empresas de forma consorciada e associativa constitui-se em importante fonte geradora de vantagens competitivas duradouras, principalmente quando estas são constituídas a partir do enraizamento de capacidades produtivas e inovativas visando ao empoderamento dos artesãos. Dessa maneira, projetos sociais, principalmente aqueles que objetivam a inclusão social produtiva, transformam-se em elementos amalgamadores e catalisadores das oportunidades excluídas pelo modelo capitalista.

Portanto, as cooperativas e ações consorciadas proporcionam a inserção ou reinserção dos indivíduos nos modelos profissionais exigidos, cujas demandas estão disponibilizadas no mercado de trabalho.

O projeto, cuja elaboração ficou a cargo da Universidade FUMEC, conta com a parceria da UNITEC – Nova Zelândia, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Administração Regional Barreiro e a ASTIB – Associação da Terceira Idade e Idosos do Barreiro.

## OBJETIVO

Criação e implantação de um Escritório de Negócios, com base em ação consorciada, proporcionando formação profissional para um público de baixa renda, focado na população acima de 50 anos de idade, em situação de risco pessoal e social, e seus familiares adultos desempregados e mulheres responsáveis pela manutenção familiar.

O projeto desenvolve atividades de formação sempre compostas por áreas de capacitação técnica e formação ampliada. Esta formação visa a desenvolver capacidades para se tornarem sujeitos atuantes na sociedade, assim como aumentar a possibilidade de inclusão social e incremento da geração de renda para suas famílias.

## METODOLOGIA

A metodologia para concepção e condução do projeto foi discutida entre os docentes envolvidos e submetida à avaliação da Coordenação de Extensão da Universidade FUMEC para atendimento em prazos regulamentares especificados em Edital específico. O projeto foi ainda submetido à apreciação e análise da Coordenação de Defesa dos Idosos da Administração Regional do Barreiro – Prefeitura de Belo Horizonte, da Associação da Terceira Idade e Idosos do Barreiro – ASTIB. Durante a construção do projeto, ocorreram debates sobre a metodologia com o Sr. Logan Muller da UNITEC – Nova Zelândia, visando à adequação a um modelo internacional, permitindo a ligação com os projetos de inclusão socioproductiva já desenvolvidos por essa instituição em outros países.

Esta metodologia permite que os conhecimentos transferidos para a capacitação dos indivíduos sejam assimilados em um contexto mercadológico e possibilitem a potencialização comercial dos produtos artesanais produzidos, além de capacitar esses indivíduos a gerir essa instituição cooperativa nos moldes de correção administrativa e de legalidade fiscal e tributária.

## ESTRUTURAÇÃO DO PROJETO

Atualmente, 1.680 pessoas participam dos grupos de terceira idade na região do Barreiro. O perfil dos participantes desses grupos é caracterizado por pessoas de comunidades carentes, que convivem diariamente com problemas sociais de mais alta complexidade e que encontram nos grupos de convivência não só espaços de sociabilidade, mas também espaços para atividade

des de geração de renda, pois, na sua grande maioria, os participantes são aposentados e recebem um salário mínimo mensal. Por essa razão, necessitam complementar a renda familiar com trabalhos artesanais realizados nos grupos de convivência com a finalidade de prover o sustento de suas famílias. Cabe ressaltar que muitas famílias (30,4%) pertencentes à área de abrangência administrativa da Administração Regional do Barreiro dependem única e exclusivamente da renda dos idosos.

O Barreiro conta hoje com 23 grupos de convivência da terceira idade, sendo que 16 estão conveniados com a Prefeitura de Belo Horizonte por intermédio do Conselho Comunitário do Centro Social do Barreiro. Esses idosos desenvolvem atividades produtivas de base artesanal para tentar elevar seus ganhos. Porém, seus produtos não apresentam competitividade, seja por falta de qualidade, seja pelo baixo preço.

Este projeto proporciona, portanto, a melhoria qualitativa dos produtos artesanais gerados para incrementar tanto a qualidade técnica quanto a cultural dos produtos desenvolvidos por artesãos da terceira idade do Barreiro e pretende, conseqüentemente, aumentar tanto o valor que este pode atingir no mercado quanto a venda destes em novos mercados. Traz consigo a complementaridade e a interdisciplinaridade necessárias à viabilização de empreendimentos produtivos, devidamente inseridos em um modelo comercial, decorrentes da inserção de práticas modernas de gestão financeira e administrativa, além da adequação da forma jurídica legal e tributária.

Para permitir o desenvolvimento e implementação do projeto e atender as limitações orçamentárias e financeiras impostas aos projetos da Universidade FUMEC, foram apresentados inicialmente três projetos independentes provenientes de duas faculdades – engenharia e arquitetura e ciências empresariais e, ao mesmo tempo, interdependentes nos produtos finais e complementaridades. A Faculdade de Engenharia e Arquitetura apresentou o projeto de artesanato solidário contendo toda a proposta relativa a *design* e a Faculdade de Ciências Empresariais apresentou dois projetos: capacitação para gestão e capacitação contábil.

O modelo implementado de gerenciamento do projeto necessitou da integração entre os cronogramas dos projetos individuais, de maneira a assegurar a complementaridade e a integração entre eles. Foram realizadas reuniões iniciais entre todos os envolvidos, direta e indiretamente.

O dimensionamento do projeto também levou em consideração as restrições relativas a tempo de execução dentro de um intervalo estipulado pelo edital da Universidade FUMEC para os projetos de extensão universitária. Os projetos iniciaram-se em março/06 e encerraram-se em dezembro/07.

## VISÃO PARTICULARIZADA DOS PROJETOS

- Subprojeto de Gestão

Identificar, após a seleção de produtos gerados pelo subprojeto de *design*, as matérias-primas e os materiais auxiliares à produção da linha de artesanatos.

De posse das necessidades identificadas, desenvolver, documentar e treinar os artesãos em processos de aquisição, estocagem e distribuição aos grupos de convivência, determinando, ainda, o fluxo e a frequência de compra, utilizando técnicas de lotes econômicos, negociação de preços e condições de pagamento.

Criar controles formais que permitam, a partir da encomenda de produtos artesanais dos grupos, a determinação das quantidades de matérias-primas a serem adquiridas, seguindo filosofia contida nos sistemas MRP – *Materials Resource Planning*.

Desenvolver rotinas de controles administrativos para recebimento de materiais e distribuição por grupos de convivência em função das encomendas. As rotinas referem-se a atividades internas necessárias ao bom funcionamento da instituição para assegurar a integridade administrativa e confiabilidade nos dados e informações geradas para gerenciamento de resultados e distribuição de resultados, conforme a participação de cada indivíduo ou grupo de convivência.

Construir rotinas comerciais que assegurem a integridade das atividades operacionais e de relacionamento entre os indivíduos ou grupos de convivência, preservando a proporcionalidade de sua atividade produtiva de artigos artesanais na produção total do grupo.

Capacitar coordenadores(as) de cada grupo, nas técnicas de gestão, suficientes para a administração das atividades da entidade, em especial determinando níveis aceitáveis mínimos que possam, eventualmente, comprometer a saúde operacional, administrativa e financeira da instituição.

- Subprojeto Contábeis

Analisando a extensão do projeto, a implantação da metodologia, bem como a continuidade dos processos, percebeu-se a necessidade de avaliar as práticas comerciais, contábeis e até mesmo a revisão dos processos de constituição e legalização da entidade de maneira a atender as exigências legais e fiscais. Constatou-se que, na sua maioria, esse tipo de organização é liderada por pessoas voluntárias, mas na maioria das vezes sem habilidades ou competências gerenciais.

Estudos recentes comprovam que as organizações do terceiro setor estão passando por uma crise de sustentabilidade, tendo dificuldades de captar recursos (financeiros, materiais e humanos) de maneira eficiente e contínua, assim como utilizá-los com competência. A formação de competências administrativas e operacionais é importante para a melhoria da gestão, bem como a importância da adoção de sistemas de planejamento, avaliação e monitoramento dos recursos.

Neste sentido, a ciência da Contabilidade pode produzir um conjunto de conhecimento e de ferramentas de gestão que venham a aparelhar essas entidades para o aumento de sua competitividade e sua eficácia.

## RESULTADOS

O Escritório de Negócios do Barreiro é um projeto iniciado em março de 2006, com conclusão em dezembro de 2007.

Os resultados apresentados a seguir relatam a evolução do projeto.

Quando analisados os dados desse trabalho, identificou-se que a Astib faz parte dessas Instituições de Microporte, que é administrada por voluntários idosos que, na sua grande maioria, nunca tinham tido a oportunidade de se capacitarem em gestão, tema até então de desconhecimento dos atuais gestores da Entidade.

Em uma das reuniões com o grupo das atuais gestoras da Astib, e atendendo à solicitação da Secretária Municipal – Regional Barreiro, definiu-se um programa de treinamento, Curso de Capacitação em Gestão Contábil e Administrativa para Associação. O curso foi ministrado em dois módulos de quatro horas, nos dias 21 e 28 de novembro de 2007 nas dependências da FACE/FUMEC. O objetivo do curso foi capacitar os gestores da Astib para a gestão autônoma dos recursos próprios e/ou de terceiros. Foram trabalhados conceitos teóricos com exemplos e exercícios práticos de bens, direitos e obrigações, a importância dos registros dos fatos e atos da entidade, da responsabilidade civil dos gestores de acordo com o novo Código Civil Brasileiro e a importância da Contabilidade como ferramenta de uma gestão transparente.

Avaliamos, nós e as participantes, como proveitoso e importante os assuntos trabalhados, conforme apresentado na integra o relato da Sra. Célia Lucia de Souza – Vice-Presidente da Astib.

Outro ponto importante foi o compromisso por nós assumido de registrar, a partir de dados apresentados, no mínimo em livro-caixa as informações de recebimento e pagamento dos últimos anos, para que a entidade possa enviar a um escritório contábil,

com o objetivo de dar seqüência aos registros até então desconhecidos. Esta foi uma decisão que veio ao encontro da necessidade de transparência na prestação de contas das atividades da Astib.

## CONCLUSÕES

As conclusões que podem ser obtidas – capacitação para melhoria das linhas de produção selecionadas e capacitação para gestão – sugerem a assertividade do assunto – inclusão social produtiva – e permitem identificar a plena absorção das capacitações ministradas e a conveniência das ações alinhadas às necessidades do público-alvo.

## REFERÊNCIAS

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. *Políticas de Extensão Universitária Brasileira*. 1.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 135p.

CAMPOS, Maria da Luz Góis; LOPES, Elinete Luisa. *Administração da produção artesanal em empresa cooperativa: o caso da Copala*. R.Ad., São Paulo, v.41,n.2,p.208-216,abr./maio/jun.2006.

MEYER, J. W. ROWAN, B. *Institucionalized organizations: formal structure as myth and ceremony*. American Journal of Sociology, 83:340-63, 1977.

GIL, Thais Nogueira; PENA, Roberto Patrus Mundim. *Análise de um Projeto de Responsabilidade Social Empresarial: Inclusão ou Integração?* In: ENEO Encontro Nacional de Estrutura Organizacional. ANPAD, 2006.

PENA, R.P.M.; CARVALHO NETO, A. *Responsabilidade Social Empresarial e Desenvolvimento Local: a dimensão política e a dimensão estratégica da atuação social das empresas*. In: *Trabalho e Cidade*. Belo Horizonte, PUC-Minas, 2004.

SACHS, Ignacy. *Inclusão social pelo trabalho*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004

# EVOLUÇÃO E PERSPECTIVAS DO INFOSENIOR – INFORMÁTICA SÊNIOR

## EQUIPE

Professora Eunice Maria Rocha de Moraes

Aluna Bolsista: Alessandra Oselieri

Agradecimentos aos alunos bolsistas que participaram do projeto de “Informática Sênior” no ano de 2007 - Alessandra Oselieri, Edna Mara Marcolino Oliveira, Ilda da Conceição de Azevedo Silva, Luciana Batista da Silva e Paulo Roberto Anunciação Caldeira – e aos monitores voluntários, em especial Michelle Baccharini Viegas e Tânia Maria Silva Castro, que atuaram como instrutoras; todos estudantes do Curso Superior de Formação em Cuidador de Idosos

## RESUMO

O presente trabalho apresenta o histórico do curso de Informática Sênior e o perfil das turmas que cursaram no 2º semestre de 2007. Mostra que há grande satisfação dos alunos em realizar um curso específico para o público da terceira idade e que as especificidades desse público merecem que a Universidade dê destaque a programas voltados para eles, com maiores investimentos nesta área.

## 1- HISTÓRICO DO CURSO

O Curso de Informática Sênior iniciou-se no segundo semestre de 2005 – setembro. Foi uma proposta do Coordenador do Curso Superior de Cuidador de Idosos – Professor Roberto Márcio Sant’André – como forma de garantir espaço para que os alunos realizassem estágio supervisionado. A proposta foi implementada pela professora Eunice Maria Rocha de Moraes que, na época, era a Coordenadora do Estágio Supervisionado do Curso. No segundo semestre de 2005, todos os colaboradores do Curso de informática eram voluntários. Eram oferecidas duas turmas

de 30 alunos cada uma e o conteúdo estudado era internet. No primeiro mês de curso, mais de 80 idosos deixaram o nome para participarem de novas turmas. Na semana da Mostra FUMEC, foi estruturado outro curso intensivo de uma semana, somando o total de 20 horas, também com o conteúdo de Internet, para outros 30 idosos.

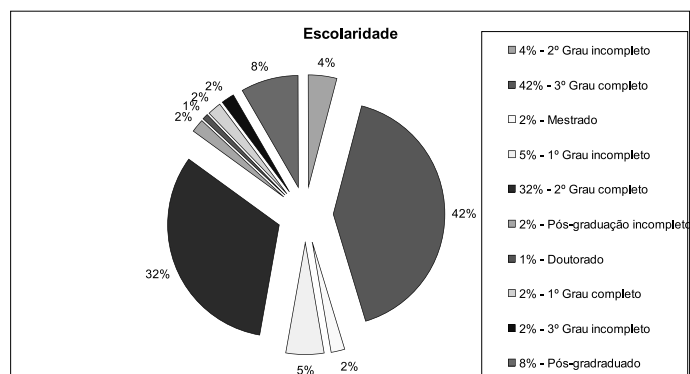
Em novembro de 2005, a professora Eunice Rocha de Moraes apresentou um projeto de extensão que foi aprovado pela Universidade FUMEC. As aulas tiveram início em março de 2006. Os alunos que já estavam participando do projeto em 2005 foram convidados a participar do próximo módulo, cujo conteúdo foi editor de texto – *word*. Os alunos novatos iniciariam-se no módulo básico, cujo conteúdo foi internet. Os alunos novatos foram selecionados por meio da lista de espera, cujos nomes, na maioria, eram indicados por alunos do próprio curso. No segundo semestre de 2006, por orientação e necessidade de reestruturação do projeto conforme normas do setor de extensão, começou a cobrança dos módulos que, mesmo tendo seu preço reduzido em relação ao mercado (R\$ 40,00), permitia a divisão em quatro parcelas de R\$ 10,00 cada. A arrecadação desses valores a partir de então proporcionou o pagamento de bolsas para alunos que monitoram as aulas. Hoje, o projeto ainda conta com monitores - voluntários e bolsistas - que utilizam o trabalho para estágio supervisionado do curso. Geralmente, o aluno bolsista assume o papel de instrutor em uma das turmas. Atualmente, ele tem o apoio de mais dois bolsistas como monitor e os voluntários que se dispuserem a monitorar naquele horário. No segundo semestre de 2007, havia 127 alunos matriculados e eram oferecidos três módulos – Internet, *word* e de *power point*, sendo que 77 alunos estavam distribuídos nas três turmas de Internet que eram oferecidas. Também nesse semestre houve três alunos do próprio Informática Sênior monitorando em turmas de Internet. Isto é muito importante para o projeto, pois a proposta inicial do professor Roberto Sant’André era que os próprios idosos se tornassem monitores e instrutores do curso, mostrando que a informática é uma atividade que também faz parte do cotidiano dos idosos desta nova geração.

## 2- PERFIL DOS ALUNOS QUE CURSAM INFOSENIOR NO 2º SEMESTRE 2007

A escolaridade dos idosos que freqüentam o curso de informática sênior ultrapassa, para a grande maioria, mais de 11 anos de estudos. Ressalte-se que 42% dos entrevistados possuem 3º grau completo, 32% possuem 2º grau completo, 8% possuem pós-graduação e 1% possui doutorado.

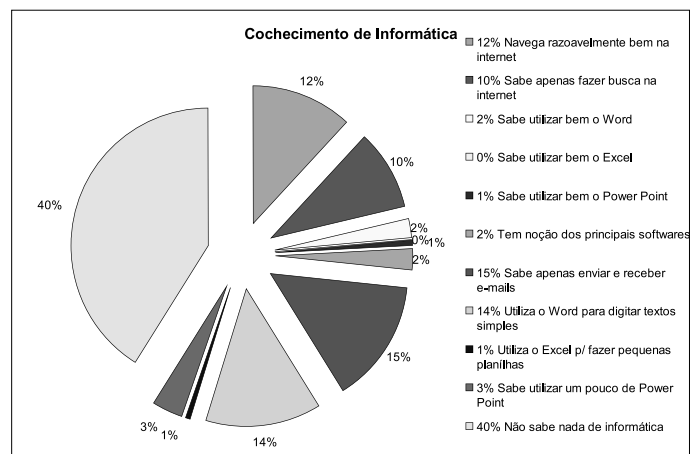


## GRÁFICO 1



Quanto ao nível de conhecimento em informática apresentado pelos alunos no início do 2º semestre de 2007, 40% não possuíam qualquer tipo de conhecimento em informática antes de ingressar no Curso Infosênior, 15% sabiam apenas enviar e receber *e-mails*, 14% utilizavam o *word* para digitação de textos simples, 12% navegavam razoavelmente bem na Internet (Gráfico 2).

## GRÁFICO 2

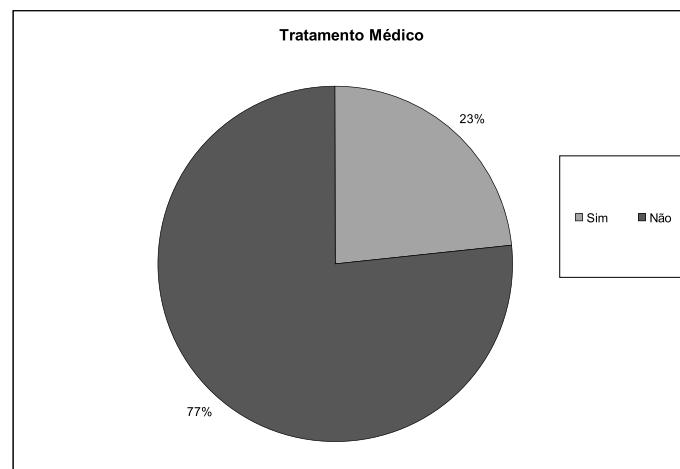


Quando questionados sobre o que os levou a freqüentar o curso e que tipo de mudança observaram em suas vidas após o conhecimento adquirido, obtiveram-se as seguintes respostas: aprender computação (29%), acompanhar a tecnologia (21%), comunicar-se com parentes fora de Belo Horizonte (19%), necessidade de fazer amigos (12%), utilizar no trabalho (10%). Os demais dividiram-se entre utilizar os novos conhecimentos no trabalho e a necessidade de sair de casa. Apenas 3% não souberam relatar qual a importância do curso.

Os alunos foram questionados em relação ao seu estado de saúde para que se pudesse mensurar se diante de algum tipo de dificuldade física (limitações físicas, tratamentos, etc.) havia

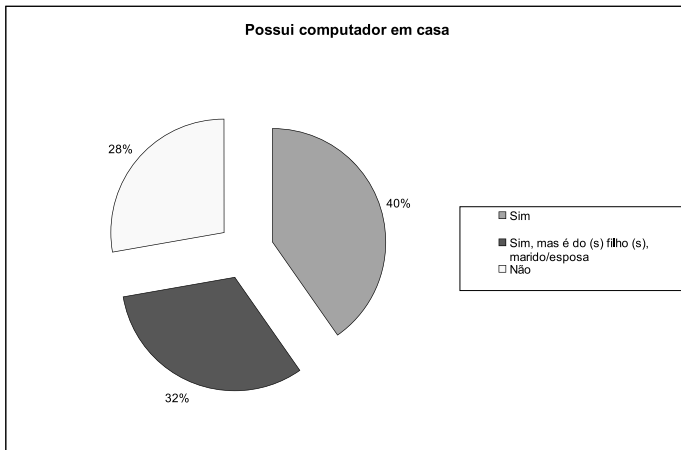
alguma implicação desmotivadora em relação ao seu aprendizado. Verificou-se que a maioria (77%) dos entrevistados não possuía problema relacionado à saúde, mas 23% que registraram algum problema não demonstraram ao longo do curso qualquer problema em freqüentar as aulas (Gráfico 3). Durante o período de aulas, houve relatos de idosos, para alguns monitores, de que a freqüência às aulas era algo importante para sua motivação e desenvolvimento, o que estava ajudando na sua recuperação.

## GRÁFICO 3



Com o objetivo de verificar a possibilidade de treinamento e manutenção dos conhecimentos adquiridos durante o curso, os alunos foram questionados quanto a ter ou não computadores em casa ou no trabalho. Dessa forma, pôde-se avaliar o desenvolvimento e o nível de prática de cada aluno. Poder-se-ia avaliar se o grau de dificuldade em relação ao aprendizado estava relacionado diretamente a alguma dificuldade psíquica/intelectual ou motora ou meramente ligada à falta de prática do aluno. Com os dados levantados, percebeu-se que 40% dos alunos possuíam computadores em casa, o que facilitava a prática dos exercícios, melhorando seu desempenho em aula; 32% possuíam computador, mas estes pertenciam a mais de uma pessoa na residência e, portanto, não tinham livre acesso à máquina, manifestando, assim, insatisfação em relação à prática; e, finalmente, 28% não possuíam computador em casa (Gráfico 4).

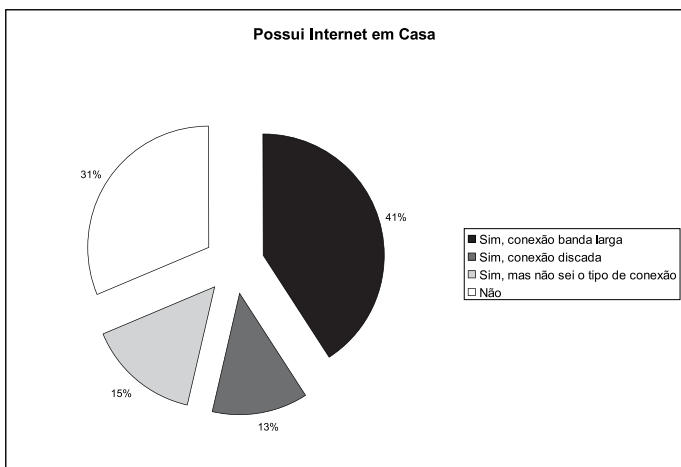
GRÁFICO 4



Percebeu-se, nos alunos que não possuem computador em casa, que seu desempenho é um pouco inferior ao dos demais, uma vez que, sem a prática diária, os conhecimentos adquiridos em aula não são fixados com facilidade, levando-se em consideração ainda a problemática relacionada à dificuldade de memorização (memória de trabalho curta), estreitamente ligada ao envelhecimento.

Mensurou-se ainda o fato de possuírem acesso fácil à Internet fora do curso, em casa, trabalho ou salas de Internet e observou-se que 41% possuem Internet banda-larga em casa, 31% não possuem Internet, incluindo neste percentual aqueles que também não possuem computador em casa, 15% possuem Internet, mas não souberam informar o tipo de conexão e 13% possuem conexão discada (gráfico 5).

GRÁFICO 5



Isto permite inferir que a utilização da Internet nos lares dos idosos é algo comum, pois, em aproximadamente 70% das casas há algum tipo de acesso.

### 3- ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de, desde o início do curso, em 2005, seguirem-se as orientações propostas por Kachar (2003), utilizando grande quantidade de exercícios, repetições dos mesmos, notou-se que o diferencial para o melhor aprendizado dos idosos nesse segundo semestre de 2007 foi a adaptação das apostilas em passos, seguindo o raciocínio dos idosos. Isto trouxe grande avanço no processo de aprendizado dos mesmos.

O grupo tem alta escolaridade, mas as dificuldades decorrentes da memória são comuns a praticamente quase todos os integrantes. Estruturar as apostilas em passos, seguindo cada etapa a ser realizada, com diversas repetições, torna o aprendizado menos árduo.

A performance do idoso na utilização do *software* foi mais proveitosa quando repetindo pela segunda vez o módulo, principalmente para aqueles que já estão com problema de memória. Pois sua memória é muito curta e quando eles ficam sem usar algum comando por algum tempo, esquecem; e também têm muita dificuldade para guardar o que deve ser feito quando algum conteúdo novo é ensinado, mesmo com repetição de exercícios.

Apesar das dificuldades de aprendizado devido às características da própria idade, os idosos mostram-se muito satisfeitos com a experiência de poder realizar um curso direcionado especialmente para o público da sua idade, uma vez que suas especificidades são respeitadas e tratadas conforme a necessidade de cada um.

Diversas mensagens expressando gratidão pela realização do curso são recebidas pelos monitores, instrutores e coordenação do curso. Uma dessas mensagens foi encaminhada por *e-mail* pela aluna Rose Marie, que parou o curso no 2º semestre de 2007, mas que, via *e-mail*, continuou acompanhando as novidades e acontecimentos do grupo e, no final do 2º semestre, encaminhou uma mensagem mostrando a importância do curso para sua comunicação via net e sua vontade de retornar o curso, pensando, inclusive, em utilizar a informática para preparar-se para o mercado de trabalho. Seguem-se suas palavras:

*que bom saber que já houve mais uma formatura e que você está conseguindo cada vez mais nos colocar no mundo moderno da informática.*

*Pena que este semestre não pude comparecer às aulas, mas no próximo, com certeza estarei aí novamente com vocês. Quero aproveitar para agradecer através de você à FUMEC, por eu estar podendo passar esta mensagem, pois antes do Infosênior, nem ligar o computador eu sabia. E, tenho certeza que com todo o apoio que a FUMEC já nos deu e, certamente continuará nos*



*proporcionando, vamos continuar melhorando e valorizando cada vez mais toda a estrutura física, instrutores e você, que com sua coordenação, direção, dedicação e muita paciência, caminharemos e, quem sabe alguns de nós poderão até arriscar a voltar ao mercado de trabalho. Será que é sonhar muito alto? Feliz Natal e que 2008 chegue carregado de realizações e com a turma do Infosênior colada em você! Abraços, Rose Marie*

Outra mensagem que demonstra o quanto o curso preenche vazios e é um lazer é relatado pela aluna Ludma Manbrini, que na primeira semana sem aula já reclama que está com saudade das aulas, conforme relato:

*Queridos Professores*

*Ainda com saudades das aulas de infosênior, quero expressar meus agradecimentos aos esforçados Professores Tânia, Paulo, Alessandra, Nilcilene e Eunice Maria Rocha de Moraes, pelos exemplos de dedicação a nós da terceira idade. Foi uma agradável surpresa pelo conhecimento adquirido e que jamais receberia não fosse pela dedicação de todos.*

*Meus agradecimentos, Diretoria da FUMEC e Digníssimos Professores, pela atenção, almejando a todos um FELIZ NATAL e PRÓSPERO*

*ANO NOVO.*

*Ludma Mambrini Lauria e Família.*

*Belo Horizonte, 10 de dezembro de 2.007.*

Para entender um pouco esse sentimento destas pessoas e mostrar que é importante aprofundar neste projeto, apoiando propostas que tornem estas pessoas felizes, segue uma mensagem de reflexão escrita por uma aluna do infosênior – Maria de Lourdes Gomes de Barros – em homenagem à sua mãe, nos últimos momentos dela, e que nos permitirá entender melhor esses sentimentos:

*“Como sou agradecido, meu Deus!*

*- aos que apertam minha mão, envelhecida, beijam meu rosto ressequido, abraçam meus ombros arqueados e frágeis satisfazendo minha necessidade de aconchego e afeição;*

*- aos que não se impacientam com meu andar lento, cansado e me cumprimentam com simpatia;*

*- aos que procuram pronunciar as palavras de forma clara ao se dirigirem a mim, não se incomodando de repetir o que disseram minimizando minha surdez e crescente lentidão de raciocínio;*

*- aos que, percebendo minha solidão, me visitam, ouvem minhas histórias, inúmeras vezes repetidas, ajudando-me*

*a preencher os momentos tão vazios do final da minha existência.*

*Ajuda-me, Senhor, a lembrar-me deles, quando estiver bem junto a Ti.*

*Livre-me, Senhor, de me considerar dono da verdade, impedindo-me de ficar distribuindo palpites, conselhos, lições aos que amo, sob a desculpa de que tenho mais experiência de vida.*

*Minhas dores, carências, saudades, sentimentos de abandono e exclusão estão aumentando com os anos, mas impeça-me, Senhor, que eu fique relatando-os em detalhes intermináveis cansando a todos, tornando-me uma companhia enfadonha.*

*Também não quero ter a fraqueza de ficar repetindo “acho que já está passando da hora de eu ir embora”, “já vivi o bastante”, “estou só cansando vocês”, provocando ansiedade, culpas, remorso e, conseqüentemente, uma maior dedicação a mim, daqueles que me rodeiam.*

*Que eu não faça da velhice uma enfermidade e da idade avançada uma desculpa para esperar ou exigir dos que me são caros mais do que podem ou querem me dar.*

*Que eu entenda que filhos e netos vieram ao mundo não para me servir em minha velhice, mas para viverem sua própria vida, construir sua própria vida, construir sua própria história.*

*Ajuda-me a aceitar, senão com naturalidade, pelo menos sem revolta e depressão, os limites da convivência social, da audição, visão, locomoção, memória, etc. que a idade teima em me impor.*

*Finalmente, livra-me de ser um velho ranzinza, ranco-roso, implicante, mal-agradecido, reivindicador, sensível às menores falhas alheias. Dá-me a doçura das passas douradas ao sol, a suavidade da brisa de uma manhã de abril, a delicadeza das pétalas da rosa, a compreensão de um coração que ama sem exigência.*

*E, que na hora da minha partida, Senhor, eu me vá, pé ante-pé, bem de mansinho, sem que aumentem as minhas dores ou a dor e o trabalho dos que, perto de mim, estiverem.*

*Confio em Ti, Senhor!”*

## 4- REFERÊNCIAS

KACHAR, Vitória. *Terceira Idade e Informática*. São Paulo: Cortez, 2003.

NERI, Anita. *Qualidade de vida e idade madura*. São Paulo: Papirus, 1993

# FESTIVAL DE CORAIS DE BELO HORIZONTE

Como um projeto, que começou com um único coral e o objetivo de propiciar intercâmbio cultural entre seus participantes, culminou com o maior evento do gênero no país.

Por Marcelo Sander<sup>1</sup>

Um dos projetos promovidos pelo Setor de Extensão e Pesquisa da Universidade Fumec, o Coral da Fumec Canta Minas, envolve a participação da comunidade interna e de egressos por meio do incentivo ao canto coral. Beneficia a população em geral, na medida em que o Coral se apresenta em eventos diversos, tanto municipais quanto regionais. Entre seus componentes, estão professores, alunos, funcionários e egressos. Fundado em 1998, o Coral completa dez anos de atividades, sempre sob a direção e regência do maestro Lindomar Gomes e apoio do instrumentista e arranjador Leonardo Cunha.

Após participar de diversos eventos culturais e festivais de corais pelo estado com o Coral da Fumec e após constatar que Belo Horizonte ainda não tinha um evento parecido, o maestro Lindomar Gomes decidiu, em 2003, que era chegado o momento de realizar um festival de corais na cidade. Para isso, o apoio da Fumec foi fundamental. À Universidade se juntaram novos participantes, como a Belotur, a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, a Cemig, entre outros, com base nas Leis Municipal e Federal de Incentivo à Cultura.

Assim, de 07 a 09 de novembro de 2003, nascia o Festival de Corais Universitários. O evento trouxe à cidade apresentações artístico-culturais de corais universitários e realização de *workshops*, palestras e criação de um centro de discussões e mesas-redondas com temas relativos à pesquisa e extensão no canto-coral. Além do Coral da Fumec, eleito anfitrião do Festival, outro coral também mantido pela Faculdade de Ciências Humanas da Fumec e regido por Lindomar se juntou à causa: o Coral Alegria de Cantar do Neeti (Núcleo de Estudos da Terceira Idade).

## 1 – O EMBRIÃO

Naquele ano, o Festival quebrou paradigmas em relação a outros eventos do gênero, pois uniu artistas de expressão regional e nacional com trabalhos vocais consagrados a corais de instituições de ensino superior do interior de Minas Gerais, da capital e de outros estados.

<sup>1</sup> Membro do Coral da FUMEC, Jornalista da Equipe do Festival de Corais e ex-aluno do Curso de Comunicação da FUMEC.

O Festival levou artistas e corais até o grande público, em apresentações gratuitas em pontos turísticos e espaços públicos de Belo Horizonte. A partir da diversificação geográfica dos espaços de apresentações, constituiu-se um exemplo feliz de descentralização das atividades artístico-culturais, sensibilizando instituições privadas e públicas, ilustrando outras realidades acadêmicas bem distintas daquelas que normalmente se associam aos estudantes universitários.

Além das apresentações dos corais, o Festival trouxe ciclo de palestras, debates e *shows* apresentados por importantes nomes da música coral – regentes, arranjadores, professores de expressão corporal, canto e profissionais da voz.

Em julho daquele ano foram iniciados os trabalhos de criação de peças gráficas para o evento. Folheteria, *website*, arranjos exclusivos, contatos com instituições culturais para a concessão dos espaços de apresentação, contratação de fornecedores, etc.

Apresentaram-se no Festival, além dos corais, os grupos vocais Boca Livre e Trio Amaranto. Como tema dessa primeira edição, o Festival homenageou Ary Barroso no ano de seu centenário. Uma das homenagens culminou, no dia do encerramento, com a apresentação do Coral Madrigal Ubaense, de Ubá, terra natal de Ary. Na mesa-redonda e no bate-papo, participaram o compositor mineiro Fernando Brant, os integrantes do grupo Boca Livre e do Trio Amaranto, a coreógrafa internacionalmente premiada, Marlene Silva, além de outros profissionais ligados à música, como o Dr. João Gabriel Marques Fonseca, professor de Medicina e Música da UFMG; Cláudia Maria de Souza Bausbaum, fonoaudióloga; Amin Feres, cantor lírico e maestro; maestro Márcio Miranda Pontes e as maestrinas Lara Frick Matte (UFMG) e Dorit Kolling (UFMS).

Outra homenagem se deu no dia 03 de novembro, na Assembléia Legislativa de Minas Gerais, durante solenidade de homenagem ao centenário de Ary Barroso. O Coral da Fumec estreou arranjo exclusivo de Leonardo Cunha da música-tema do Festival, “Isso Aqui O Que É”, presenteando a filha de Ary, Mariúza Barroso, com um buquê de flores.

O Festival de Corais Universitários de Belo Horizonte também fez parte da campanha “Quem Gosta de BH tem seu jeito de mostrar”, com o *slogan* “Cantar BH”, e também foi inserido na programação cultural do Fórum Social Brasileiro, realizado na cidade naquele ano.

## CONTRAPARTIDA SOCIAL

O último dia do evento contou com uma contrapartida social. Um grande coral foi formado pelo público presente e por idosos e crianças oriundos de vários Centros de Apoio Comunitário das regionais, ensaiados por quase um mês pelo maestro Lindomar Gomes e pelo pianista Leonardo Cunha, para cantarem com os

coros universitários a música-tema do Festival “Isso Aqui O Que É”, na praça da Igreja da Pampulha. Embora embrionário, o Festival mostrou a que veio: levar cultura e música de qualidade de fácil acesso a todos e abrir caminho para outras edições.

## 2 – UM CLUBE DE CORAIS

O 2º Festival de Corais foi um marco nas atividades culturais de Belo Horizonte, alcançando o circuito estadual de festivais, movimentando o cenário nacional, fazendo da cidade referência em expressões populares, atendendo a disposição do público e destacando Belo Horizonte no cenário cultural brasileiro.

Mais corais, mais artistas, mais espaços, mais eventos. Essa edição impôs um desafio: ser maior e melhor que o primeiro. Em 2004, de 26 a 28 de novembro, o Festival homenageou o movimento musical Clube da Esquina. Naquele ano, foram promovidas Mesas Redondas com renomados profissionais, com temas vários tais como: expressão corporal, técnica e saúde vocal e a história do Clube da Esquina contada por alguns de seus integrantes.

Também promoveu 50 apresentações de corais convidados e *shows* especiais com o grupo vocal Equale, Encaixa Couro, Maracatu Lua Nova, Trio Amaranto, Toninho Horta, Telo Borges, Marilton Borges, Renato Motha, Affonsinho, Tavito e 14 BIS.

O Festival integrou os diversos segmentos sociais - empresas, associações, instituições - em atividades acadêmicas e culturais que visaram à troca de informações e o crescimento mútuo. Segundo Lindomar Gomes, “Belo Horizonte carecia de um grande festival que atraísse, mobilizasse e destacasse o canto-coral, visto ser atividade já amplamente desenvolvida, mas que não encontrava, até então, lugar de destaque na agenda cultural da cidade, apenas por ainda não ter sido oferecido espaço e tempo que promovessem uma exposição e congraçamento à altura”. Foi com base nesta carência observada - e em todo o potencial de exposição turística e riqueza cultural que este projeto expressivo de canto pode oferecer - que foram erigidas as bases que fizeram com que o Festival de Corais se tornasse referência nacional, exercendo sua profícua vocação.

A novidade dessa edição ficou por conta dos lançamentos de CDs. O Grupo Equale lançou “Um Gosto de Sol”, interpretando músicas de Milton Nascimento. Já o grupo 14 Bis fez o lançamento do CD “Outros Planos”, com a presença de Márcio Borges, autor do livro “Os Sonhos Não Envelhecem”, agradecendo a homenagem com a música “Planeta Sonho”, encerrando o 2º Festival de Corais de Belo Horizonte.

Foram veiculadas muitas matérias jornalísticas na TV, entre as quais uma em cadeia nacional exibida no programa “Bom Dia Brasil”, da TV Globo, e mais de 100 citações em emissoras de rádio de Belo Horizonte e região. O total do tempo de exposição nessas mídias foi de mais de três horas, perfazendo uma estimativa global de investimentos da ordem de R\$ 247.215,00. A mídia espontânea gerada em jornais mineiros superaria R\$ 94.000,00 caso fosse substituída por publicidade paga.

## CRÔNICA

Nessa edição, o Festival ganhou crônica de Fernando Brant no jornal Estado de Minas do dia 01 de dezembro de 2004, na página 10 do Caderno EM Cultura. Seguem alguns trechos:

*“A cidade foi invadida por vozes de meninos e meninas, de moças e rapazes, homens e mulheres... Pelo segundo ano seguido, os corais tomaram conta de nossas praças e espalharam harmonia, melodia e poesia por nosso novembro.”*

*“O canto que bateu aqui veio de lugares distantes; de Veredinha, por exemplo. Mais de 30 crianças, a maioria meninas, colocaram em estado de graça o público que assistiu ao som e aos gestos de sua apresentação... Ouvir Itamarandiba, minha e do Milton Nascimento, cantada e interpretada por pequenos anjos negros, foi de arrepiar.”*

*“São coisas de responsabilidade do maestro Lindomar Gomes, um singelo encantador de notas musicais e de pessoas, que leva a vida sonhando e realizando sonhos. As idéias, sempre boas, surgem em sua cabeça, ele se entusiasma e logo sai à luta para torná-las fatos concretos.”*

*“Tem asas o nosso maestro. O engraçado é que sua calma e sua voz mansa não parecem combinar com o empreendedor que ele é... Lindomar é da delicadeza e da eficiência. Rege sua turma com a fineza do maestro que é. Sua equipe de produção funciona como um naipe de vozes afinadas. Por ser tranqüilo e por liderar com sabedoria, os moços e moças que trabalham ao seu redor estão sempre alegres, dispostos e, por isso, belos.”*

*“A beleza vale a pena. Ano que vem tem mais.”*

E teve!

O 3º Festival de Corais aconteceu de 11 a 15 de novembro de 2005. Neste ano, se tornou membro da “*International Federation For Choral Music*” entidade vinculada ao “*International Music Council*”, da Unesco.

### 3 – MAIOR E AINDA MELHOR

A 3ª edição do Festival contou com o patrocínio da Cemig, via Lei Federal de Incentivo à Cultura, Pátio Savassi, Líder Aviação, da Universidade Fumec e dos apoios da Rede Minas, Phocus 4, PMMG, Belotur e Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Comemorando os 40 anos da Era dos Festivais de MPB, trouxe 55 corais de diversas categorias e de diferentes lugares do Brasil (aproximadamente 1.800 vozes), com apresentações gratuitas em 20 pontos turísticos de Belo Horizonte durante cinco dias. Promoveu Mesa Redonda com maestros e coralistas, elegendando como tema a difusão de música popular no canto coral com fomento de novos arranjos. Ofereceu espaços de discussão sobre os festivais de MPB a partir de Bate Papo inédito com o crítico musical Zuza Homem de Mello e os artistas Fernando Brant, Márcio Borges, Murilo Antunes, Rubinho do Vale, Tavito, Cadinho Faria, Hélio Delmiro, Celso Adolfo, Tavinho Moura e Zé Rodrix.

Foram mais de 140 apresentações de corais convidados e *shows* especiais com os artistas Fernando Brant, Rubinho do Vale, Tavito, Toninho Horta, Cadinho Faria, Bilora, Hélio Delmiro, Celso Adolfo, Tadeu Franco, Tavinho Moura, e Zé Rodrix. As oficinas abordaram temas como “Música Popular e Canto-Coral” e “Cantoterapia”, com as ministrantes Alza Alves e Sônia Prazeres, respectivamente.

Nesse ano, o *site* do Festival de Corais passou por uma grande reformulação, contando com novas seções, transformando-se em um Portal com conteúdo dinâmico abrangendo arranjos de MPB para *download* gratuito, artigos sobre canto-coral, informações sobre maestros e arranjadores, *clippings*, vídeos, MP3 de artistas e coralistas participantes de edições anteriores, comunidade virtual (*Orkut*) e loja virtual para a venda de produtos relacionados ao canto-coral, como CDs, livros, instrumentos musicais, etc. Somente nos meses de setembro, outubro e novembro, momento que concentrou as inscrições, seleção e realização do Festival, a *home-page* foi visitada por mais de 15.000 pessoas.

A análise quantitativa/qualitativa da mídia espontânea, acrescida de permuta a título de apoio cultural, foi calculada em R\$ 258.254,25. Foram veiculadas 15 matérias jornalísticas em emissoras de TV e 12 matérias jornalísticas em emissoras de rádio em Belo Horizonte. O total do tempo de exposição em rádio e TV foi de mais de duas horas, somando R\$ 201.144,25, caso fosse mídia paga. O restante, cerca de R\$ 57 mil, foi atribuído à mídia espontânea em jornais como Estado de Minas, O Tempo, Hoje Em Dia, Aqui, Super Notícia, Diário da Tarde e os *sites* Agenda BH, FUMEC, Canta Minas, Belotur, Ecoart Corais, Nota Independente, Oba Oba, ABRC, *Orkut*, Movimento e PBH.

### CRESCIMENTO

O 3ª Festival de Corais de Belo Horizonte teve um vertiginoso crescimento se comparado às duas edições anteriores, transformando a cidade na capital brasileira do Canto-Coral. O êxito do Festival pode ser demonstrado pela captação integral da verba aprovada pelo Ministério da Cultura, além dos patrocínios da Lei Municipal de Cultura de Belo Horizonte e aporte direto de recursos pela Universidade Fumec sem o uso dos mecanismos de renúncia fiscal.

Outra demonstração do sucesso de crítica e público do Festival é que ele passou a integrar o Calendário Oficial da Belotur, empresa pública de Belo Horizonte responsável por atividades culturais e de turismo na capital mineira, bem como o recorde de inscrições de corais, feitas quase que imediatamente após a divulgação do Regulamento.

A experiência colhida dos festivais anteriores permitiu, ainda, o desenvolvimento de uma monografia, de autoria do coordenador do Festival, Lindomar Gomes, cujo teor abordou a prática da música popular no canto-coral e seu impacto social, para o curso de especialização em “Prática de Ensino e Recurso Pedagógico”, na Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e também na Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), já que o tema revelou-se novo e propício para a criação doutrinária, constituindo, por si só, vasto campo para o ensino, pesquisa e extensão.

### 4 – CULTURA POPULAR

A eleição da cultura popular como tema do 4º Festival de Corais de Belo Horizonte foi um aspecto positivo do projeto diante da cultura mercadológica que impera nos tempos atuais. Entre os dias 22 e 30 de novembro de 2006, a cada apresentação e ao final delas os corais resgataram a música folclórica ao executarem repertório abordando a cultura regional em que se encontram inseridos, além do *pot-pourri* encomendado especialmente para o Festival. Assim, abriu-se espaço para homenagear a cultura popular num tempo marcado pela cultura volátil, mercantilizada e sem apego a tradições.

Nesta edição, foram celebrados o congado, a folia de reis, as modas de viola, serestas, cantigas de roda, o maracatu, o frevo, o calango, as marchinhas carnavalescas, o maxixe, o carimbó e as canções campeiras e, sobretudo, a Música Popular Brasileira. Ao lado de outros importantes acontecimentos que congregaram a população belorizontina em torno das artes no ano de 2006, como o Festival Internacional de Teatro, Palco e Rua (FIT), o Festival de Arte Negra e o Salão do Livro e Encontro de Lite-



ratura, o Festival de Corais interiorizou-se com apresentações também em Ouro Preto, Mariana e Sabará.

Cerca de dois meses antes do evento, todos os corais selecionados receberam CDs contendo as partituras a quatro vozes e também as partituras dos instrumentos do *pot-pourri* arranjado pelo instrumentista Leonardo Cunha especialmente para essa edição. Assim, mesmo distantes, cada maestro pôde ensaiar previamente com seu coral.

Em sua 4ª edição, participaram 64 corais e mais de 2.200 coralistas de norte a sul do Brasil, que se revezaram em mais de 250 apresentações em 25 espaços públicos de Belo Horizonte, Ouro Preto, Mariana e Sabará, com entrada gratuita a toda população. Para enaltecer a cultura popular, apresentaram-se os grupos folclóricos Guararás, Tumbaitá e Congá e os artistas Fernando Brant, Tavinho Moura, Anthônio, Maurício Tizumba, Rubinho do Vale e Chico Lobo.

Foram promovidas ainda as oficinas “Música Popular e Canto Coral”, com o maestro uruguaio Pablo Trindade, “Dança de Roda” com Sônia Prazeres, “Percussão Corporal” com o maestro Eduardo Fernandes e “Socorro – Preciso Cantar”, com Tato Fischer.

Um evento desse porte precisou de uma equipe técnica e administrativa maior e mais especializada para fazer toda a produção, incluindo formalização de convites, reserva de espaços públicos, cotação de preços, fechamento de contratos, contato com rede hoteleira, gestões junto à Belotur para licenciamento dos espaços públicos, obtenção de alvarás, policiamento, limpeza pública, impacto no trânsito, guarda municipal e montagem de toda a infra-estrutura logística e operacional.

## MÍDIA ESPONTÂNEA

Na análise de cobertura midiática, foram contabilizados a respectiva minutagem (tempo computado em segundos) e o investimento em reais. Foram veiculadas 18 matérias jornalísticas na TV e 24 no rádio. À mídia espontânea acrescentem-se as inserções comerciais feitas a título de apoio cultural. O total do tempo de exposição no rádio e na TV ficou, assim, em duas horas e vinte minutos, perfazendo uma estimativa global de investimentos da ordem de R\$ 288.045,50. Na mídia impressa, foram 1.148 cm<sup>2</sup> de divulgação espontânea, com um investimento previsto de R\$ 90.232,00, caso fossem utilizados informes publicitários pagos.

Sucesso de público e crítica, o êxito do Festival não se demonstrou somente em números, mas também no interesse das Prefeituras de Nova Lima, Contagem, Caeté, Pedro Leopoldo, Lagoa Santa em também receber o Festival.

O testemunho do Prefeito Municipal de Belo Horizonte, Fernando Pimentel, publicado na agenda do Festival, não deixa margem a dúvidas quanto à relevância e importância do evento. Segundo o prefeito, essa iniciativa “(...) contribui, de forma decisiva, para ampliar ainda mais a vocação de nossa cidade como pólo de cultura, turismo e entretenimento, ao lado de importantes acontecimentos que congregaram nossa gente em torno das artes este ano, como o Festival Internacional de Teatro, o Festival de Arte Negra e o Salão do Livro”.

## 5 – O MAIOR FESTIVAL DE CORAIS DO BRASIL

Entre os dias 05 e 14 de outubro de 2007, os desafios foram ainda maiores: superar tudo o que já se tinha feito nas edições anteriores, tanto em quantidade como em qualidade. Nesse período, Belo Horizonte se tornou a capital nacional do canto-coral. Um desejo antigo se tornou realidade nessa edição: a participação de corais estrangeiros, dando ao evento, pela primeira vez, proporções internacionais.

A voz e o tambor. A escolha do tema - a princípio inusitada - reflete o caráter ao mesmo tempo de valorização da cultura brasileira e de integração e congruência de estilos. A cada apresentação e ao final delas os corais vivenciaram o universo da música percussiva ao executarem repertório abordando os tambores, além da música-tema “Voz Tambor” especialmente encomendada aos compositores Fernando Brant e Leonardo Cunha. Os ensaios também foram feitos antecipadamente, cada maestro com seu coral, mediante envio de CD e disponibilização dos arranjos no site oficial do evento. Foi a primeira vez que o Festival teve uma música com letra e arranjos inéditos.

Em sua 5ª edição, participaram 80 corais e mais de 3.000 coralistas de todo o país, além de corais da Venezuela e Eslovênia, um novo recorde. Coralistas e artistas se revezaram em mais de 250 apresentações em 30 espaços públicos de Belo Horizonte, Contagem, Itabira, Ouro Preto, Mariana e Sabará, transformando o evento no maior do gênero no Brasil. A experiência adquirida ao longo das edições anteriores e a participação de grupos estrangeiros corroboraram a tendência inevitável de internacionalização do Festival, que este ano contou com os patrocínios e apoios da Cemig, Serasa, Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, Universidade Fumec, Sesc Laces Contagem, Horizonte Têxtil e Belotur.

Os *show* que sucederam as apresentações dos corais ficaram por conta de Afro-Reggae, Anthonio, Banda do 12º BI, BorTam, Coco Ouricuri, Cia Baobá, Candombe da Serra do Cipó, Djalma Corrêa, Educação pelo Tambor, Grupo de Danças Folclóricas



Guararás, Fala Tambor, Harém da Imaginação, Maracatu Lua Nova, Maurício Tizumba e Tambor Mineiro, Projeto Polícia e Juventude e Fica Vivo, Tamborilata e Tino Gomes.

Foram ofertadas as oficinas “Música Popular e Canto Coral”, com o maestro uruguaio Pablo Trindade, “Buscando a Harmonia no encontro de vozes e tambores” com Sônia Prazeres, “Rito Coral: Voz e Movimento”, com a maestrina Ana Yara Campos “Brincadeiras Cantadas” com Cecília Cavaliere e “Tambores latinos” com músicos uruguaios e venezuelanos.

Na maior exposição midiática em toda sua história, o Festival foi citado em 31 matérias jornalísticas na TV e 38 em rádios de Belo Horizonte, além de inserções comerciais feitas a título de apoio cultural. O tempo total de exposição nesses dois meios foi de mais de 05h10’, perfazendo estimativa global de investimentos de R\$ 842.499,50. Já na mídia impressa foram 1.148 cm<sup>2</sup> de divulgação espontânea, com um investimento previsto de R\$ 142.499, caso fossem matérias pagas.

## O FUTURO

Para o ano de 2008, os números superlativos atraem interesses de novas cidades no circuito de apresentações de corais e artistas. Com o tema “50 anos de Bossa Nova” e nova roupagem, o 6º Festival de Corais de Belo Horizonte passa a se chamar FIC - Festival Internacional de Corais 2008. O evento acontece entre os dias 15 e 24 de agosto e as negociações já estão avançadas para apresentações em Barão de Cocais, Betim, Caeté, Contagem, Divinópolis, Itabira, Nova Lima, Ouro Preto, Pedro Leopoldo, Lagoa Santa, Sabará, Santa Luzia, Sete Lagoas e Vespasiano, além de Belo Horizonte. É outra prova de que o Setor de Extensão e Pesquisa da Universidade Fumec cumpre sua missão de estimular a inserção da instituição na sociedade por meio do apoio, acompanhamento e avaliação das atividades extensionistas desenvolvidas, entendendo a Extensão como a ação que procura fazer uma ponte entre dois lados: o científico e a realidade do dia-a-dia. A Extensão (e, por conseguinte, o Festival) leva à sociedade o conhecimento desenvolvido e traz dessa atividade as demandas e expectativas sobre o papel da Universidade.

## RELAÇÃO DE LOCAIS QUE JÁ RECEBERAM O FESTIVAL DE CORAIS:

Centro Cultural de Contagem

Centro de Cultura Belo Horizonte

Centro Mineiro de Referência em Resíduos – CMRR

Colégio Estadual Central

Conservatório da UFMG

Espaço Cultural Phoenix da Universidade Fumec

Espaço de Convivência da Universidade Fumec

Funarte Casa do Conde

Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade – Itabira

Fundação Clóvis Salgado – Palácio das Artes - Sala Juvenal Dias

Fundação Clóvis Salgado – Palácio das Artes - Sala João Ceschiatti

Galeria Chaves – Barro Preto

Galeria Mondrian – Barro Preto

Igreja de Santa Tereza

Igreja Nossa Senhora da Conceição – Sabará

Igreja São Francisco – Ouro Preto

Igreja São José

Jardim Zoológico

Livraria Café Chocolate – Ouro Preto

Mercado Central de Belo Horizonte

Mercado Santa Tereza

Mosteiro Beneditino de Nossa Senhora das Graças

Museu de Mineralogia Professor Djalma Guimarães (Teatro de Arena)

Museu Histórico Abílio Barreto

Palácio da Justiça de Minas Gerais

Parque Ecológico da Pampulha

Parque das Mangabeiras

Parque Municipal Américo René Giannetti

Praça ABC - Dalva Botequim Musical

Praça da Estação

Praça da Igrejinha da Pampulha

Praça da Liberdade

Praça Diogo de Vasconcelos – Savassi

Praça Duque de Caxias – Santa Tereza

Praça Juscelino Kubitschek – Sion

Praça São Francisco de Assis, Igreja São Francisco de Assis – Pampulha

Praça Sete de Setembro

Praça Tom Jobim – Santa Efigênia

Prefeitura de Belo Horizonte  
Restaurante Popular II  
Sesc Laces – Contagem  
Shopping Alta Vila – Nova Lima  
Shopping Oiapoque  
Teatro do Sesi – Mariana  
Teatro Municipal de Sabará  
Teatro Municipal de Ouro Preto  
Terminal Rodoviário de Belo Horizonte

## O FESTIVAL EM NÚMEROS

Festival	Ano	Datas	Dias	Corais	Artistas	Locais	Público direto	Mídia espontânea (em R\$)
1º	2003	07/11 a 09/11	3	14	3	8	15000	-
2º	2004	26/11 a 28/11	3	19	6	12	20000	R\$ 94.235,00
3º	2005	11/11 a 15/11	5	55	15	20	30000	R\$ 258.254,25
4º	2006	22/09 a 30/11	9	64	9	25	40000	R\$ 378.277,50
5º	2007	05/10 a 14/10	10	80	20	30	40000	R\$ 945.498,50

## FOTOS:

<http://www.festivaldecorais.com.br/foto.aspx>

# EDUCAÇÃO, VIOLÊNCIA E POBREZA: A PROFISSIONALIZAÇÃO COMO PARTE DA SOLUÇÃO

## EQUIPE

Coordenador:

Clodoaldo Lopes Nizza

Alunos Bolsistas:

Augusto Mazzaro Vilar de Almeida

Fernanda Pires da Silva

## RESUMO

Este trabalho discorre sobre a realização de um projeto de extensão realizado no ano de 2007 pela Universidade Fumec – Fundação Mineira de Educação e Cultura, mais precisamente pela FACE, que teve como âncora a idealização de um curso de vendas como opção para a melhoria da empregabilidade de jovens moradores de áreas de risco na cidade de Belo Horizonte.

Tentou-se a qualificação de seus membros mais jovens das famílias, a fim de possibilitar o aumento de renda das mesmas, uma vez que estes possuem dificuldade aumentada na busca por seu primeiro emprego, seja pela condição socioeconômica, instrucional ou pela falta de experiência nas diversas áreas demandadas pelas empresas.

## 1 – INTRODUÇÃO

A renda no Brasil, de trabalhadores formais e informais, é baixa. Os salários no nosso país estão entre os piores do mundo e a distribuição da renda não é diferente. De acordo com a pesquisa do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), 1% dos brasileiros mais ricos - 1,7 milhão de pessoas - detém uma renda equivalente à da parcela formada pelos 50% mais pobres (86,5 milhões de pessoas) - (Nascimento, A.E & Barbosa, J.P., 2003).

Praticamente um terço da população brasileira (31,7%) era considerada pobre em 2003. Ou seja, 53,9 milhões de pessoas viviam com renda *per capita* de até meio salário mínimo (Folha de São Paulo 29/03/2007 [www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br)).

Além disso, quanto mais se trabalha, menor é o ganho auferido pela classe laboriosa de baixa escolaridade:

*“A renda dos trabalhadores com salários mais robustos e maior escolaridade ‘puxaram’ para cima o rendimento médio da população brasileira em fevereiro” (Folha de São Paulo 29/03/2007 [www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br))*

Por outro lado, estudos revelam que a qualificação profissional promove o aumento da produtividade do trabalhador e, como consequência, o aumento de sua renda (Bastos e Perelli, 1998).

Junto a estes fatos, a escada do arrocho da renda familiar vem trazendo a desesperança para muitas famílias das classes menos abastadas e muitas vezes a mesma desesperança vem acompanhada de outros fatores, como a aproximação da violência, mais especificamente a *violência estrutural*, que engloba as condições adversas e injustas da sociedade para com a camada menos favorecida da população (Maldonado, Maria. T. , 2004).

Os adolescentes são as maiores vítimas dessa situação. Observa-se a entrada maciça dessa faixa de idade nos meios criminosos e, como consequência, a maioria é assassinada antes dos trinta anos de idade (Dimenstein, Gilberto. 2002).

Para Simone Gonçalves, pesquisadora do Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz:

*“A violência está muito mais associada à desigualdade social do que à miséria em si. Há países como a Índia ou alguns da África que são extremamente pobres, mas que são muito menos violentos. A disparidade social brasileira é fator determinante da sociedade violenta que temos.”*

Também é fato que a busca de soluções para diminuição da pobreza faz parte de ações governamentais e não-governamentais. Uma das possíveis soluções ou possível parte de solução para isso é a qualificação profissional, no intuito de facilitar o acesso às vagas de mercado, tentando, assim, melhoria de renda para as famílias de baixo poder. Os programas de geração de empregos e educação são exemplos de ações que promovem a justiça social. É crescente o aumento de investimentos privados em projetos socioculturais (educação, artes, cinema), mas ainda é necessário que proliferem tais iniciativas com vistas a oferecerem aos jovens carentes uma oportunidade de desenvolverem seu potencial e buscarem mais oportunidades de emprego e renda. Somente esse tipo de ação poderá mudar o perfil assistencialista nacional, promovendo o desenvolvimento de competências (Maldonado, Maria. T. , 2004).

## 2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 – TRABALHO

A definição de trabalho de acordo com o Novo Dicionário Aurélio engloba, perfeitamente, o seu significado na aplicação capitalista:

*“Trabalho...(1) Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim... (2) Atividade coordena de caráter física e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento...(16) Economia: Atividade humana considerada como fator de produção...” (Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda, 2004).*

O trabalho é uma das questões de suma importância para a criação e recreação da vida e, como consequência, da sociedade. Dentro do cunho social, o trabalho é percebido de diferentes formas pelos atores de uma sociedade. Há aqueles que o entendem como uma forma de subsistência, outros o enxergam como uma maneira de poderem participar do atraente mundo do consumo; em outra situação o trabalho é fonte de orgulho e ainda pode ser percebido como uma atividade enfadonha. Em suma, o que se observa são dois lados de uma mesma atividade: um, onde o trabalho é fonte de riqueza, capaz de elevar o homem a uma condição mais confortável física e mental; e outro, o trabalho como privador da liberdade, levando o homem à condição de servo em função de suas necessidades. Saber sobre as formas de organização e realização do trabalho a partir de uma visão crítica é uma maneira de se buscar o ponto de equilíbrio entre os dois aspectos (Nascimento, A.E & Barbosa, J.P, 2003).

### 2.2 – DESEMPREGO, RENDA E VIOLÊNCIA

Uma das mais tradicionais explicações de cunho sociológico acerca da criminalidade é a teoria da anomia, de Merton (1938). Segundo ela, a motivação para a delinquência decorreria da impossibilidade de o indivíduo atingir metas desejadas por ele, como, por exemplo, o sucesso econômico.

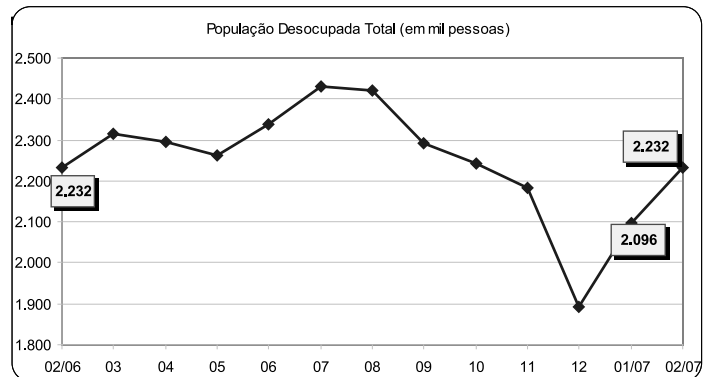
*“Reduzir a desigualdade é uma questão urgente. Para isso, são necessárias políticas que melhorem a distribuição de renda no País. Contudo, oferecer alternativas para crianças e adolescentes que vivem nas áreas mais vulneráveis também pode ajudar a reduzir os efeitos das diferenças sociais. O primeiro passo é garantir uma educação de qualidade que permita ampliar a escolaridade dos adolescentes e aumentar suas chances de inclusão social. É preciso ainda que existam espaços de profissionalização que garantam renda para estes meninos e meninas. Vale lembrar que, nestes casos, o trabalho só é*

*permitido a partir dos 16 anos ou na condição de aprendiz a partir dos 14” (Simone Gonçalves, pesquisadora do Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, 2003).*

Neste sentido, verifica-se na região metropolitana de Belo Horizonte uma situação de alerta que vem sendo acompanhada pelos órgãos governamentais. A Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – registrou elevação no contingente de desocupados (2,2 milhões) na comparação com o mês anterior (6,5%), no total das seis regiões pesquisadas. No confronto com fevereiro de 2006, foi constatada estabilidade. Já em relação ao âmbito regional, comparando-se a janeiro último, duas regiões metropolitanas registraram acréscimos nessa estimativa: Rio de Janeiro (14,6%) e **Belo Horizonte (11,7%)**. A mesma pesquisa mensal aponta o perfil das pessoas desocupadas, demonstrando que o jovem é a parte mais prejudicada.

*“Destaca-se que entre os desocupados, (...) em relação à faixa etária, 7,5% tinham de 15 a 17 anos, 37,0% tinham de 18 a 24 anos... Dentre os desocupados, 18,1% estavam em busca do primeiro trabalho” (IBGE, 2007).*

O gráfico a seguir mostra a evolução, de fevereiro de 2006 a fevereiro de 2007, da população desocupada, para o total das seis regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa.



FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego.

### 2.3 – TRABALHO, EDUCAÇÃO E POBREZA

A promoção do emprego é fator fundamental para o combate à pobreza. Em contrapartida, a pobreza está intimamente ligada aos padrões de emprego e estes, por sua vez, exigem qualificação do atual e do futuro trabalhador (Dimenstein, Gilberto. 2002).

O conceito de qualificação não é recente e figura como ponto de encontro entre Economia do Trabalho, Sociologia do Trabalho e Sociologia da Educação. Numa visão mais atual, a própria Pedagogia também adota o conceito a partir de discussões sobre as

relações entre trabalho e educação (C.F. Gomes *et al*, 1989 apud Bindi Lima, A. A., 2005).

Quando se analisa a relação trabalho X educação, faz-se necessária uma observação de como os processos educacionais são influenciados pelas necessidades da produção, principalmente quando estão ocorrendo mudanças significativas nos processos de trabalho. Numa perspectiva econômica, o trabalho é a fonte geradora de renda e riqueza. Neste contexto, a qualificação do trabalhador fica intimamente ligada à capacidade de empregabilidade (Biondi Lima, A. A., 2005).

### 3 – OBJETIVOS

Promover a inserção de jovens carentes no mercado de trabalho, a partir da melhoria de conhecimentos específicos em atividades comerciais e informática, evitando seu ingresso na marginalidade.

## 4 – METODOLOGIA

O projeto foi organizado em duas fases. A primeira, de caráter organizacional, tem como objetivo a organização geral que envolva a preparação inicial e seleção de participantes.

### 4.1 – A ORGANIZAÇÃO GERAL

A organização geral envolveu a distribuição de datas, criação de apostilas, preparação da logística de lanche e demais assuntos periféricos relacionados à sala de aula ou o treinamento propriamente dito. Nesta fase foram envolvidos outros setores da Universidade, como a prefeitura, copa, xerox e recursos audiovisuais.

Envolvendo as cadeiras de Administração mercadológica I e II, Administração de Marketing, Vendas no varejo e informática com carga horária definida de 24 hora/aula em caráter presencial, as aulas foram programadas para se realizarem de segunda à quinta-feira de 14:00 às 15:40 e de 15:50 às 17:30h.

Foi prevista a aplicação de quatro módulos: Produtividade em Vendas de Varejo (12 horas/aula), *Word* (4 horas/aula), *Excel* (4 horas/aula), *Windows* (4 horas/aula) e *Power Point* (4 horas/aula). Cada módulo e seus devidos conteúdos programáticos tinham por finalidade formar um profissional de varejo mais completo, que pudesse atuar nas diversas frentes oferecidas pelo setor de vendas.

Os módulos eram independentes e utilizariam aulas expositivas, simulações, filmes, exercícios e avaliação ao final de cada um, por meio de provas individuais, totalizando 100 pontos. Ao final de cada módulo, os participantes deveriam obter a média mínima de 70 pontos para obterem o certificado de conclusão, gerando, desta forma, mais comprometimento por parte dos mesmos.

Para realização de todo esse processo, o projeto pode contar com um professor e três estagiários, sendo um aluno bolsista, com 20 horas semanais, responsável pela criação e execução da parte de informática; uma aluna bolsista, com carga horária de 10 horas semanais, como apoio organizacional; e, por fim, uma estagiária voluntária, com 10 horas semanais, de apoio ao professor.

### 4.2 – A SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Já a fase de seleção de participantes visava ao nivelamento de idade e perfil socioeconômico dos participantes. Para tal, a participação de entidades parceiras se fez extremamente necessária, uma vez que as mesmas detinham o conhecimento específico do público-alvo do projeto.

### 4.3 – A PARTICIPAÇÃO DAS ENTIDADES PARCEIROS

Para participar deste projeto, foi convidada uma entidade parceira da AMAS. No início dos trabalhos com a AMAS, foram realizadas visitas para apresentação do projeto e formalização da parceria, em que a Universidade Fumec participaria com execução, estrutura e parte dos custos de todo o projeto e a AMAS com a indicação e seleção dos participantes a serem beneficiados com o projeto e o transporte. Durante todo o ano de 2007 foram montadas duas turmas. A primeira com 29 alunos e a segunda com 22. É importante ressaltar que o baixo número de alunos da segunda turma foi consequência de um fator não esperado: a falta de parte da verba da AMAS destinada ao transporte dos alunos. Com essa falta, teve-se que reduzir a carga horária da parte de informática de 12 para 8 horas/aula e diminuir o número de alunos.

## 5 – RESULTADOS

Apesar das dificuldades encontradas na aplicação deste projeto de extensão, os resultados podem ser considerados bons no que tange ao seu objetivo. Dos 51 alunos que ingressaram, concluíram o módulo básico - Produtividade em Vendas de Varejo - 48 participantes. Dos três desistentes, verificou-se que dois se empregaram nos setores ligados ao curso de extensão (vendedor,

caixa, balconista ou atendente), antes mesmo da conclusão, tornando-se o horário incompatível com sua atividade profissional.

Durante as atividades, percebeu-se a capacidade do público-alvo selecionado em poder, realmente, exercer as funções objeto do treinamento, ficando claro que o projeto foi elaborado de acordo com as reais necessidades dos alunos.

## 6 – FATORES DE LIMITAÇÃO E SUGESTÕES PARA MELHORIAS DO PROJETO

Como fatores limitadores à realização dos objetivos, percebe-se que o projeto poderia ter um resultado mais efetivo com as mudanças de alguns pontos, a saber:

- Busca de mais parceiros com o objetivo de diluição de custos de transporte e diversificação do público-alvo.
- Participação da Fumec na seleção dos participantes.
- Criação de um contrato de parceria com os demais participantes do projeto.
- Revisão da parte de informática: eliminação da parte de Windows e aumento da carga horária dos demais módulos.

## REFERÊNCIAS

BARROS, A. Correia de Andrade, S., PERELLI. *Relatório de Acompanhamento de Egressos do PEQ-PE 1999*. RECIFE: Pimes – UFPE, 1999.

BIONDI Lima, A. A., & Moreira Lopes, F. *Construindo Diálogos Sociais: Diálogo Social e Qualificação Profissional: Experiências e Respostas. MTE - Ministério do Trabalho e Emprego*. Brasília. Volume 1, 2005).

DIMESTEIN, Gilberto: *O Cidadão de Papel: A infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil*. Editora Ática. São Paulo. 20ª Ed. 2002.

FERREIARA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Editora Positiva. São Paulo. 3ª ed., 2004)

Folha de São Paulo 29/03/2007 [www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). [www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br)

MALDONADO, Maria. T. *Os Construtores da Paz: Caminhos da prevenção da violência*. Editora Moderna, São Paulo 2004 – 8ª impressão.

MERTON, R. K. (1938), "Social Structure and Anomie". *American Sociological Review*, vol. 3, pp. 672-682.

NASCIMENTO, A.E & Barbosa, J.P.. *Trabalho: História e Tendência* Editora Ática São Pulo. 3ª Edição. 2003



# GEMTI - GRUPO DE ESTUDANTES QUE MULTIPLICAM E TRANSFORMAM IDÉIAS

## EQUIPE

Professora Coordenadora  
Amália Verônica Mendes da Silva

Professoras Colaboradoras:  
Elizabeth Marguti e Raquel Vasconcelos

Alunos Bolsistas e Voluntários:  
Fábio Henrique Braga (bolsista), Fernanda S. Vieira, Marcelo de Castro, Ana Paula R Vasconcelos, Débora Sallim, Laíse O. Miranda, Paloma G. Almeida, Mônica Moraes e Gisele Oliveira (bolsista)

Professora colaboradora ICB/UFMG:  
Maria Norma Melo

Alunos UFMG:  
Ana Carolina Lage e Felipe Silva Arruda (bolsista)

## INTRODUÇÃO

Na comunidade científica, sobretudo na área de saúde, observa-se uma preocupação constante com o desenvolvimento de técnicas de avaliação diagnóstica e possibilidades terapêuticas mais modernas. No entanto, ao mesmo tempo em que se verificam grandes evoluções tecnológicas para o diagnóstico e tratamento de doenças, mais de 300 milhões de pessoas no mundo são afetadas por parasitos transmitidos através do contato com o solo, água e alimentos (MALTA, 2002).

Da mesma forma, tanto alguns microrganismos pertencentes à microbiota normal quanto aqueles da microbiota transitória têm causado significativo número de enfermidades por meio da contaminação pela falta de higienização adequada dos alimentos e dos utensílios domésticos, da água de consumo e pela pouca higiene pessoal. Outras doenças de origem infecciosa que ocorrem em altas prevalências na população são: a cárie dentária e a doença periodontal (VASCONCELOS, 2004).

No Brasil, tanto as infecções bacterianas quanto as parasitárias constituem problemas de saúde pública, apresentando-se de forma endêmica em diversas regiões. Apesar de serem evitadas com o auxílio de medidas preventivas relativamente simples, sua ocorrência é alta, estando associadas às condições econômicas, políticas, sociais e educacionais (WHO, 1998; MACHADO, 1999).

Nos últimos anos, muitas são as contribuições teóricas em relação à promoção de saúde. No Brasil, vários programas em saúde têm sido realizados, cuja análise tem demonstrado que, embora preocupados com uma ação ampla, de modo geral se inspiram numa prática assistencialista e especializada, com predomínio de subprogramas isolados (VASCONCELOS, 2004).

Outro aspecto que vem chamando a atenção é a discussão sobre a fragmentação do ensino, especialmente na área de saúde. A discussão e a prática da interdisciplinaridade vêm acontecendo e educadores acreditam que um dos desafios no processo de transformação dos cursos refere-se à incorporação da concepção ampliada de saúde, com ênfase na integralidade (BATISTA, 2006).

As Universidades, por intermédio de seus professores das áreas da saúde e de educação, poderão operacionalizar esses ideais e ainda promover a inserção precoce dos acadêmicos em atividades com a comunidade.

GEMTI, formado por professores e alunos das Universidades FUMEC e UFMG, estabeleceram parceria com a Secretaria de Educação de Nova Lima para a realização de atividades de extensão, que permitem a participação da comunidade no processo de aquisição de conhecimentos adquiridos pelos acadêmicos nas Universidades. O projeto proporciona aos alunos, precocemente, o confronto entre o conhecimento adquirido na Universidade, com as necessidades da população, contribuindo para melhor formação de profissionais mais conscientes de seu papel na sociedade.

## OBJETIVOS

Contribuir para a promoção da saúde de indivíduos de comunidades carentes do município de Nova Lima; inserir e promover precocemente a integração dos acadêmicos da área de saúde à realidade social, ao aprendizado do trabalho em equipe multidisciplinar, além de capacitá-los em metodologias e técnicas aplicadas ao diagnóstico das parasitoses e de microrganismos.

## METODOLOGIA

A partir da orientação da Secretaria de Educação de Nova Lima, foi desenvolvida uma série de atividades no ano de 2007 na Escola de Ensino Fundamental Harold Jones. A instituição atende cerca de 300 crianças na faixa etária de quatro a 12 anos, matriculados nos turnos da manhã e tarde, de acordo com os ciclos pedagógicos.

O projeto foi elaborado segundo as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos (Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG Parecer nº ETIC 454/04.

Inicialmente, foi realizada uma reunião com a comunidade para a apresentação da proposta de trabalho do GEMTI. Nessa oportunidade, foram preenchidas fichas cadastrais, os termos de consentimento livre e esclarecido para participação no projeto e ainda breve questionário para obtenção de informações sobre o interesse na participação do projeto, forma e local onde os responsáveis adquirem informações sobre saúde e sugestões de temas para serem trabalhados.

## ATIVIDADES EM CURSO

Acadêmicos do curso de Biomedicina que cursavam a disciplina parasitologia conduziram parte das propostas do projeto, sob a orientação dos participantes do GEMTI. Formaram-se grupos para o trabalho com os pais, com as crianças e ainda para a elaboração dos lanches que eram servidos ao final das atividades.

As reuniões aconteciam quinzenalmente, aos sábados, durante os meses de março a junho; e de agosto à primeira quinzena de outubro. A divulgação era feita previamente por meio de convites pessoais nos quais era informado o assunto que seria discutido. A periodicidade quinzenal tinha por objetivo despertar o interesse e o compromisso da comunidade e o GEMTI.

Primeiramente, foram distribuídos 70 recipientes plásticos devidamente rotulados e identificados, com líquido conservador (formol 10%) para coletas múltiplas de fezes. A orientação para a coleta das fezes foi feita por meio de palestra e oficina orientadas pelos alunos. Concomitantemente, as crianças foram estimuladas à coleta de fezes, participando de trabalhos manuais como colagem, pintura e dramatizações sobre o tema.



O diagnóstico parasitológico de fezes foi realizado no Laboratório de Parasitologia e Patologia da FCS-FUMEC pelos próprios alunos durante as aulas práticas de parasitologia e nos intervalos, sob a orientação de monitores, membros do GEMTI, e supervisão do professor de parasitologia.

Microrganismos presentes em placa bacteriana foram evidenciados após a realização de *swabs* nas mãos de crianças e do ambiente, após a realização da palestra e oficina sobre o tema. O objetivo era estimular a higiene pessoal e do meio ambiente.

Nos encontros seguintes os alunos desenvolveram dinâmicas de grupo, “palestras-relâmpago”, oficinas, grupos operativos e dramatizações sobre parasitoses humanas, higiene pessoal e ambiental, saúde bucal e manipulação, armazenamento e valor nutritivo de alimentos. Alguns temas trabalhados representaram demanda da comunidade.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 70 recipientes distribuídos para a coleta das fezes das crianças, 27 (38,5%) retornaram. Diante da boa receptividade, esperava-se mais participação dos pais em relação à entrega

do material para exame. Duas hipóteses foram levantadas pelo grupo para a baixa adesão aos exames parasitológicos: falta de interesse das professoras, que poderiam estimular os alunos para a realização dos exames, e a facilidade de obtenção de antiparasitários proporcionada pelo atendimento no posto de saúde localizado em frente à escola. Mesmo assim, novas tentativas foram feitas, contudo, sem êxito. A esse respeito, Carvalheiro e Ferrioli Filho (1985) avaliaram o custo/benefício dos retornos para a busca de material biológico em inquéritos epidemiológicos e afirmaram que deve ser esperado um nível de recusa variando de 5 a 25%. Os resultados dos exames parasitológicos de fezes são demonstrados na Tabela 1.

Tabela 1- Frequência de enteroparasitos em crianças na faixa etária de quatro a 12 anos, matriculados na Escola Municipal Harold Jones, Nova Lima, 2007

Parasitas intestinais	Positivos	
	nº	%
Giardia lambia	4	17.4
Entamoeba coli	12	52.2
Endolimax nana	1	4.4
Hymenolepis nana	1	4.4

Conforme observado na Tabela 1, o mais alto nível de infecção foi para *Entamoeba coli* que, embora seja comensal, reflete o grau de contaminação da água, alimentos e meio ambiente, por dejetos fecais humanos no local trabalhado. O encontro de *Endolimax nana* e *Giardia lambia* confirma o exposto. Pupulin *et al.* (2001) relataram resultados semelhantes para esses protozoários em trabalho que visava à melhoria nas condições de vida de famílias carentes em Maringá (PR).

O predomínio da frequência de protozoários em relação à de helmintos também foi registrado por outros autores. Malta *et al.* (2002) citaram predomínio de infecções por protozoários em crianças de grupos etários inferiores (berçários e maternal) quando comparados com os da pré-escola, que eram mais parasitados por helmintos. Os helmintos, especialmente *Ascaris lumbricoides*, não foram diagnosticados. Esse resultado não era esperado, já que a literatura registra com frequência altos níveis de parasitismo entre crianças. As crianças com resultados positivos foram atendidas pela equipe de saúde da família no posto de saúde localizado em frente à escola Harold Jones.

As experiências com a comunidade participando das oficinas, dramatizações e discussões sobre os temas propostos no contexto da educação para saúde foram positivas.

Segundo Azevedo *et al.* (2007), a inclusão da família como foco da atenção básica em saúde transcende o cuidado individualizado focado na doença, contextualizando a saúde produzida num espaço físico, social e relacional, o que possibilita o resgate das múltiplas dimensões do processo saúde-doença.

Verificou-se que, das formas utilizadas para a troca de informação entre os universitários e a comunidade, as atividades lúdicas tiveram mais participação. Toscani *et al.* (2007) afirmaram que atividades lúdicas contribuíram para o aprendizado sobre parasitoses e constataram que essa estratégia para promoção da saúde alcança melhores resultados quanto jovens forem os indivíduos. Apesar dos bons resultados, não se espera que a simples transmissão de uma informação transforme o indivíduo à vontade do “educador”. Sem dúvida, é preciso que haja interação e troca de conhecimentos para que as estratégias propostas tenham sucesso.

Com base no depoimento dos alunos, percebeu-se que a inserção precoce em trabalho com a comunidade propiciou aquisições nos planos cognitivos, de habilidade e de atitudes, uma vez que possibilitou um primeiro contato com a população durante o curso, permitindo extrapolar os limites da academia e participar do processo de articulação saúde/sociedade.

O diagnóstico parasitológico de fezes foi aprovado pela maioria dos alunos de Biomedicina, que fizeram treinamento e puderam observar *in loco* os determinantes para a transmissão das parasitoses. A este respeito, Azevedo *et al.* (2007) destacaram o valor desse olhar para os profissionais da área de saúde no processo de prevenção e promoção da saúde.

Um aspecto que vem chamando a atenção do grupo é a dificuldade em dar continuidade ao projeto por tempo necessário, para que todos os temas propostos, inclusive pela comunidade, sejam tratados. A participação dos atores principais, as crianças, é bastante significativa. O mesmo não acontece com seus responsáveis, pois a cada reunião o número de ausentes aumenta. Vale ressaltar que as professoras e as merendeiras raramente participam das atividades. Esse comportamento parece ser padrão nessas comunidades. Nesse sentido, o GEMTI vem discutindo forma de motivação, participação e vínculo não só da comunidade, mas também dos professores e funcionários das escolas. Sem dúvida, a participação dos representantes das escolas, professores e funcionários é fundamental para o sucesso do projeto e, nesse sentido, mais uma vez percebe-se a importância do trabalho em equipe.



## CONCLUSÃO

O GEMTI faz um movimento na busca de profissionais de diferentes áreas ligadas à saúde, tendo como objetivo maior escutar os atores e, unidos, construir o conhecimento e a prática, tendo como ponto de partida as parasitoses humanas, com a finalidade de que os agentes se apropriem desse conhecimento para integrá-los à sua prática diária no controle da saúde individual e comunitária.

Os objetivos do GEMTI já estão sendo atingidos não só com a formação de grupos interdisciplinares, como também no propósito de inserir precocemente o estudante de Biomedicina, Enfermagem, Medicina e Psicologia em ações de saúde fora da academia, estimulando a responsabilidade social desses profissionais em formação.

Frente aos resultados obtidos o grupo foi despertado para discutir o problema da fragmentação do ensino na área da saúde, evidenciando dicotomias entre: teoria-prática, saúde-doença,



promoção-cura, aliadas à necessidade da interdisciplinaridade e aos desafios da prática da educação em saúde.



VASCONCELOS, R. *et al.* A saúde bucal e a educação: o que os educadores em formação conhecem sobre o tema?. *Revista Iberoamericana de Odontopediatria e Odontologia do Bebê*, Curitiba, v.7, p.575-584, 2004.

WHO. The world health report: Life in the 21st Century- A vision for all. World Health Organization, Geneva, 241p.1998.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C M. *et al.* Avaliação das condições de habitação e saneamento: a importância da visita domiciliar no contexto do Programa de Saúde da Família. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.12, n.3, p. 743-753, 2007.

BATISTA S.H. A. Interdisciplinaridade no Ensino Médico. *Rev. Bras. Edu. Med.*, Rio de Janeiro, v.30, n.1, p.39-46, 2006.

CARVALHEIRO, J. R.; FERRIOLLI FILHO, F. Inquéritos domiciliares de prevalência de parasitoses intestinais: custos relativos dos retornos sucessivos. *Bulletin of the Pan American Health Organization*, Washington, DC, v. 98, n. 4, p. 320-326, 1985.

MACHADO, R.C. *et al.* Giardíase e helmintíases em crianças de creches e escolas de 1º e 2º graus (públicas e privadas) da cidade de Mirassol (SP, Brasil). *Rev. Bras. Méd. Trop.*, São Paulo, v.32, n.6, p.697-704, 1999.

MALTA, R. C.; WAIB, C.M; CASTELLO BRANCO Jr., A.C Investigação Epidemiológica Sobre Enteroparasitos em Crianças em Idade Pré-escolar no Município de Lins(SP) *Rev Patol. Trop.* , Goiânia, v.31 p.109-120, 2002.

PUPULIN A. R. T. *et al.* Envolvimento de Acadêmicos em Programa Integrado Visando a Melhoria nas Condições de Vida de Comunidade. *Acta Scient.*, Maringá , v.23, p.725-729, 2001.

TOSCANI, N.V. *et al.* Desenvolvimento e análise de jogo educativo para crianças visando à prevenção de doenças parasitológicas. *Interface*, Botucatu, v.11, n.22, p.281-294, 2007.

# GINÁSTICA LABORAL/ PARCERIA SLU – UNIVERSIDADE FUMEC

## EQUIPE

Professoras Coordenadoras:

Cláudia Ferreira Mazzoni, Aládia Cristina Rodrigues

Alunos do curso de Fisioterapia:

Andressa Furtado Calixto, Breno Marcos Tadeu Almeida, Daniel Márcio D. S. Costa, Renata de Oliveira Gesualdo, Rafael Emediato Gabbay

Alunos do curso de Educação Física:

Paloma Alvarenga Duarte, Gabriela Junqueira M. Cassiano, Igor Coimbra Santos,

## 1 - INTRODUÇÃO

Qualidade de vida tem um significado muito amplo e está relacionada a vários fatores como educação, transporte, moradia, trabalho, participação nas decisões. Está relacionada ainda a um conjunto de condições materiais e não-materiais, aos aspectos culturais, históricos e de classes sociais. Acima de tudo, tem relação com a saúde. Nesse sentido, um conjunto de pressupostos e metodologias vem sendo desenvolvido para entender seus significados e sua relação com a saúde. Uma queda na qualidade de vida pode implicar prejuízos na saúde e contribuir na instalação de níveis de incapacidade para a realização de lazer, sociais e atividades laborais (BUSS, 2000).

Os trabalhadores que aplicam sua força de trabalho e conhecimento na produção de bens e serviços, quase sempre, em nosso país têm sua condição de saúde e qualidade de vida relegada a segundo plano, diante das demandas por sobrevivência e dos interesses corporativos relativos à produção e ao lucro (GONÇALVES E VILARTA, 2004).

A utilização da atividade física ou do exercício físico orientado é um importante recurso de intervenção no processo de melhoria ou promoção da saúde, inclusive da saúde do trabalhador. Qualquer trabalhador, em algum momento da sua vida, pode passar por situações de tensão, de alto nível de responsabilidades e de

cobranças, seja no âmbito ocupacional ou familiar, impactando negativamente a sua qualidade de vida.

Dessa forma, muito se tem discutido e publicado sobre a importância das atividades físicas e do estilo de vida na melhoria da saúde e na qualidade de vida das pessoas. Estima-se que 70% da população brasileira apresentam estilo de vida sedentário, o que a predispõe às mazelas oriundas desse modo de viver. É comprovado que a prática de atividade física é fundamental para a manutenção ou melhoria da saúde do ser humano, contribuindo para a qualidade de vida e para o desenvolvimento harmônico do corpo e da mente (NAHAS, 2001)

A ginástica laboral tem sido apontada como uma estratégia de ação importante, tanto no caráter preventivo de sintomas do sistema músculo-esquelético como na integração social de pessoas envolvidas em atividades laborais afins. Essa atividade consiste na prática de exercícios físicos específicos realizados coletivamente durante a jornada de trabalho, na qual o relaxamento e alongamento muscular terão a finalidade de prevenir sintomas provenientes de doenças ocupacionais, como os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT), os quais podem ser caracterizados por encurtamentos e estiramentos musculares, tendinites, lombalgias, etc., e a manutenção e/ou promoção do bem-estar físico e mental por meio de atividades educativas diferenciadas. Ela pode ser realizada antes do expediente de trabalho, considerada ginástica laboral preparatória, durante o trabalho, caracterizada como ginástica de pausa, e após as atividades laborais, denominada ginástica de relaxamento (LIMA, 2005).

Revelados em pesquisas, os benefícios diretos para as empresas que promovem a ginástica laboral seriam as melhorias na qualidade dos serviços prestados, com a diminuição do afastamento do trabalho gerado por distúrbios osteomusculares e elevação da força, flexibilidade, agilidade e resistência no exercício das tarefas. Entre os benefícios para trabalhadores estão a diminuição de dores corporais; prevenção de doenças ocupacionais como LER/DORT, redução do cansaço e da fadiga muscular; melhora da atenção e concentração para as atividades diárias; melhoria no relacionamento social, do trabalho em equipe e do ambiente de trabalho, além da prevenção de acidentes de trabalho (GONÇALVES e VILARTA, 2004).

Preocupados com a qualidade de vida dos servidores e com o conjunto de fatores que contribuem para manter a saúde do ser humano em perfeitas condições, desenvolvemos um projeto de atividade de Ginástica Laboral na Superintendência de Limpeza Urbana (SLU) em Belo Horizonte. A implantação desta atividade teve como objetivo geral promover a qualidade de vida dos servidores, viabilizando o seu bem-estar físico e mental; e como objetivos específicos: 1) preparar os servidores para aquecimento dos grupos musculares solicitados nos afazeres ocupacionais; 2)



amenizar os efeitos gerados pelo estresse e lesões em estágio inicial, possibilitando tratamento; 3) promover melhor integração entre os servidores da SLU, fortalecendo o “espírito de equipe”, tornando o ambiente de trabalho mais agradável e descontraído; e 4) diminuir o absenteísmo causado por lesões e doenças ocupacionais.

## 2 - DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE EXTENSÃO GINÁSTICA LABORAL PARCERIA FUMEC/SLU

Este projeto foi elaborado a partir de demanda da própria SLU – que é uma Autarquia Municipal criada pela Lei nº 2.220, de 27 de Agosto de 1973 – e tem como finalidade a exploração dos serviços de varredura, limpeza urbana, coleta, depósito, tratamento, transformação dos resíduos sólidos da capital. Para a realização desses serviços, conta com aproximadamente 5.000 trabalhadores, entre pessoal próprio e empresas prestadoras de serviços.

A implantação deste projeto ocorreu em 2006 e se manteve em 2007 com a ampliação do número de acadêmicos e de funcionários da SLU. Participaram da segunda fase 10 acadêmicos participaram, sendo oito voluntários e dois bolsistas (um acadêmico do curso de Educação Física e um do curso de Fisioterapia), coordenados por duas professoras, também dos cursos de Educação Física e de Fisioterapia. O envolvimento de todos os segmentos da instituição parceira se manteve, o que garantiu a continuidade das atividades e a implementação do programa nos viadutos da Floresta e do Castelo Branco. As mesmas etapas da metodologia aplicadas em 2006 foram processadas nos novos viadutos, a saber: 1) acompanhamento das atividades laborais para conhecer as rotinas diárias dos garis e compreender o esforço físico e as demandas dos trabalhadores *in loco*; 2) levantamento dos sintomas músculo-esqueléticos por meio de questionários em que foram registradas queixas de dores, distensões, torções e aspectos da saúde em geral; 3) Visitas de acompanhamento dos monitores em cada setor no mínimo duas vezes por semana, realizada de 7:00 às 7:30h ou 13:00 às 13:30h; 4) elaboração da série de exercícios, trocada mensalmente; 5) realização de atividades educativas diferenciadas, como dinâmicas de grupo; 6) realização de palestras educativas; e 7) reaplicação do questionário de sintomas músculo-esqueléticos e comparação de dados para avaliação das atividades desenvolvidas.

O trabalho foi desenvolvido pelos monitores por meio do acompanhamento, manutenção das atividades propostas e avaliação

constante, sob a coordenação de professoras dos cursos de Fisioterapia e Educação Física.

## 3 - PRINCIPAIS RESULTADOS ALCANÇADOS

Em 2007, as atividades do projeto de ginástica laboral foram ampliadas para os garis sediados nos viadutos da Floresta e do Castelo Branco. As atividades daqueles sediados no viaduto Santa Tereza possibilitaram traçar um perfil desses trabalhadores.

A grande maioria desses trabalhadores é do sexo feminino, a média de idade está acima de 40 anos e o tempo médio de profissão, acima de 16 anos. Todos estes dados são similares nos três grupos estudados (Tabela 1). O uso de bebida alcoólica e o tabagismo apresentaram mais alta porcentagem entre os garis do viaduto Castelo Branco (Tabela 2).

**TABELA 1: PERFIL DOS GARIS SEDIADOS NOS VIADUTOS SANTA TEREZA, FLORESTA E CASTELO BRANCO**

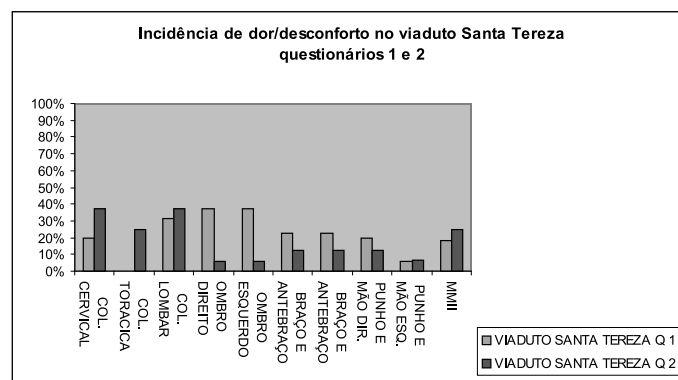
	GÊNERO		ESTADO CIVIL					IDADE (anos)	TEMPO NA PROFISSÃO (anos)
	Masculino	Feminino	solteiro	casado	viúvo	divorciado	outros	$\bar{X}$	$\bar{X}$
<b>Viaduto Santa Tereza</b>	20%	80%	20%	49%	17%	12%	2%	46,77	16,63
<b>Viaduto Floresta</b>	10%	90%	56%	31%	10%	3%	0%	42,23	18,23
<b>Viaduto Castelo Branco</b>	13%	87%	26%	41%	13%	18%	2%	43,88	18,79

**TABELA 2: PORCENTAGEM DE TABAGISMO E DO CONSUMO DE BEBIDA ALCOÓLICA**

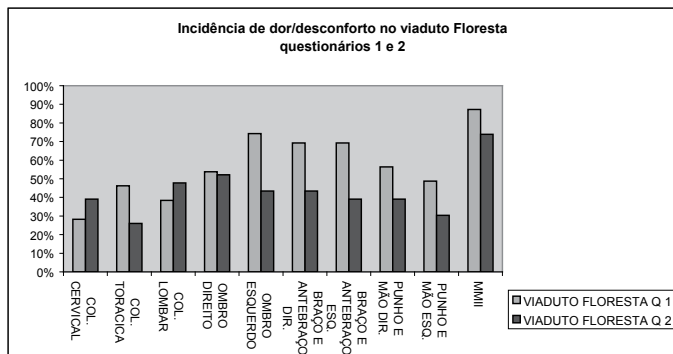
	USO DE BEBIDA ALCOÓLICA	USO DO CIGARRO
<b>Viaduto Santa Tereza</b>	11,36%	15,91%
<b>Viaduto Floresta</b>	20,51%	17,95%
<b>Viaduto Castelo Branco</b>	23,08%	23,08%

Quanto à incidência de queixas do sistema músculo-esquelético, observou-se que os segmentos corpóreos que apresentaram mais alto índice de queixa foram a coluna torácica, a coluna lombar, os ombros e os membros inferiores. Estes mesmos segmentos apresentaram mais baixo índice de redução de sintomas após a aplicação do segundo questionário. Os garis sediados no viaduto da Floresta apresentaram mais altos índices de dor/ desconforto nos diversos segmentos corpóreos em relação aos demais. Este grupo apresentou a média de idade mais baixa entre os três viadutos e tempo de profissão bastante similar ao dos garis sediados no viaduto Castelo Branco. Ao se verificar as segundas entrevistas aplicadas depois de pelo menos três meses após a implantação da ginástica laboral, notou-se que o grupo que apresentou índice de melhora mais baixo foi também o da Floresta (Gráfico 2). Em contrapartida, os melhores índices de diminuição dos sintomas físicos foram obtidos entre os garis do viaduto Castelo Branco (Gráfico 3). Esses resultados podem ser explicados pelo comportamento diferenciado dos grupos, observado pelos monitores. Os garis do viaduto da Floresta apresentaram o mais baixo índice de engajamento no programa e demandaram mais estratégias de motivação por parte dos monitores para que o grupo mantivesse as atividades. Os garis sediados no viaduto Castelo Branco foram mais assíduos, motivados e envolvidos com o projeto. Este fato parece refletir, de maneira positiva, sobre as queixas físicas.

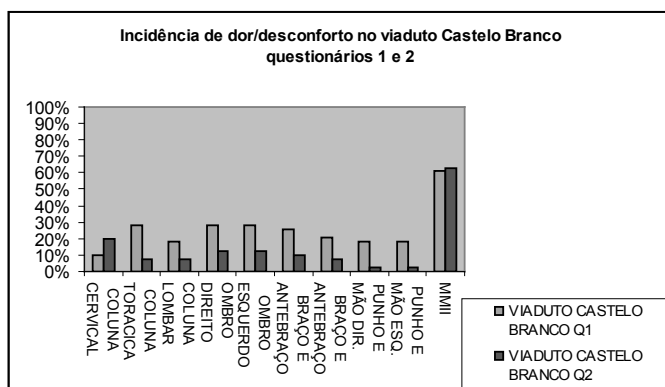
**GRÁFICO 1: INCIDÊNCIA DE DOR/ DESCONFORTO NO VIADUTO SANTA TEREZA**



## GRÁFICO 2: INCIDÊNCIA DE DOR/DESCONFORTO NO VIADUTO DA FLORESTA



## GRÁFICO 3: INCIDÊNCIA DE DOR/DESCONFORTO NO VIADUTO CASTELO BRANCO



Assim como relatado em 2006, os garis continuam creditando à ginástica laboral a melhor disposição para manter não somente as atividades ocupacionais, mas também os afazeres domésticos. Para muitos deles, a ginástica laboral é a única oportunidade de participarem de uma atividade física regular. Ao analisar o item execução de atividades físicas regulares no segundo questionário, percebeu-se que esse número se manteve inalterado entre os garis do viaduto Santa Tereza, aumentou de 10 para cerca de 40% entre os garis do viaduto Castelo Branco e diminuiu entre os do viaduto da Floresta. Mais uma vez constata-se a dificuldade de manutenção do programa neste viaduto.

Outros aspectos considerados resultados positivos da atividade foram:

1. Interação entre acadêmicos e profissionais de fisioterapia e educação física;
2. Interesse e participação dos garis no projeto;

3. Total apoio dos setores administrativos da SLU para o desenvolvimento de todas as ações propostas pelo projeto;
4. Aprendizado para os acadêmicos na organização e liderança de atividades desenvolvidas em grande grupo;
5. Oportunidade de aplicação, na prática, de conceitos teóricos de disciplinas tais como cinesiologia, fisiologia e saúde ocupacional e qualidade de vida;
6. Aprendizado para os acadêmicos de trabalho em equipe e tomada de decisão;
7. Aprendizado para os acadêmicos sobre a importância da transformação da linguagem científica para uma linguagem popular para que fosse garantida a compreensão das orientações repassadas aos trabalhadores;
8. Participação da Universidade em ações de caráter socio-educativo elevando o conceito da Universidade FUMEC junto à Prefeitura de Belo Horizonte.

Apesar dos vários ganhos e pontos positivos apresentados, a continuidade de um programa de ginástica laboral é um grande desafio. A manutenção da motivação dos garis, as alterações semestrais de horários dos acadêmicos, refletindo em composições de novas escalas de trabalho, e as trocas esporádicas de estagiários são fatores que acarretam interrupções temporárias das atividades.

## 4 - CONCLUSÃO

Concluiu-se, com o planejamento, organização e desenvolvimento deste projeto, que as ações executadas vêm ao encontro das diretrizes curriculares dos cursos de saúde, que enfatizam a necessidade da formação do profissional com visão crítica e reflexiva, que seja capaz de desenvolver suas competências a partir da realidade em que está inserido, pois os acadêmicos só foram capazes de elaborar e desenvolver palestras educativas a partir do momento em que entrevistaram, acompanharam e entenderam as atividades dos garis. Pode-se ainda citar outros aspectos positivos, como: a interação entre acadêmicos e profissionais de Fisioterapia e Educação Física; o aprendizado dos acadêmicos na organização e liderança de atividades; oportunidade da vivência da práxis a partir da aplicação de conceitos teóricos de disciplinas como cinesiologia, fisiologia, saúde ocupacional e qualidade de vida; e a fundamental percepção dos acadêmicos de como e o quanto eles podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida de um grupo de trabalhadores partindo de conhecimentos adquiridos ainda na primeira metade do curso de graduação.

Os resultados parciais apresentados por este projeto demonstram a importância e a eficácia de ações preventivas conside-

radas tão importantes nos programas de saúde pública, assim como a fundamental participação da Universidade em ações de caráter socioeducativas elevando o conceito da Universidade FUMEC junto a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e à sociedade.

## REFERÊNCIA

BUSS, P. M., Promoção da Saúde e Qualidade de Vida, *Ciência e Saúde Coletiva*, 5(1): 163-177, 2000.

FLECK, M.P.A., O Instrumento de Avaliação de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas, *Ciência e Saúde Coletiva*, 5(1): 33-38, 2000.

GONÇALVES, A. e VILARTA, R. *Qualidade de Vida e Atividade Física*. 1. ed. São Paulo: Manole, 2004.

LIMA, V. *Ginástica Laboral. Atividade Física no Ambiente de Trabalho*. 2ª edição. São Paulo: Editora Phorte, 2005.

NAHAS, M.V. *Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida. Conceitos e Sugestões para um Estilo de Vida Ativo*. Londrina: Midiograf, 2001.

# HUMOR E MAGIA: A OUTRA FACE DO CUIDAR

Eduardo Carlos Tavares - Mestre e Doutor em Medicina, área de concentração Pediatria, pela Faculdade de Medicina da UFMG. Professor Adjunto da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade FUMEC e da Faculdade de Medicina da UFMG

Grupo Oficina do Riso:

Ana Elisa Quinália, Barbara Sgarbi Morgan, Jessica Cristina de Pádua Silva, Juliana Moreira Lopes, Luana Freitas Pedrosa, Maisa Mendes Lobo, Mateus Mendes Martins, Nathalia de Sousa Santos Bolina, Paula Raid Soares, Sofia de Araujo Mendes, Valéria Lobo Gomes Jardim, Vanice Cristina de Oliveira Ferreira, Vítor de Souza Alves, Viviane Reis Couto, Weslaine Marcelino Cristo

## INTRODUÇÃO

A assistência, na área da saúde, não deve focar apenas o atendimento à doença com seus aspectos físicos e biológicos. É essencial que haja uma abordagem sistêmica na qual, além da busca da saúde biológica, cuide-se, também, do desejo de viver dos indivíduos atendidos. É necessário ir além dos esforços para a manutenção da vida, objetivando também instaurar ou recuperar a saúde emocional, os laços afetivos e a alegria de viver, proporcionando melhor qualidade de vida, independentemente do quanto esta poderá durar. Segundo Gaiva e Paião (1999), “para que a criança seja tratada como cidadã, impõe-se garantir o direito ao respeito, à vida, ao desenvolvimento harmonioso, além de supridas as necessidades materiais, físicas, orgânicas e afetivas.”

Em especial na área da Pediatria, é bem conhecida a síndrome do hospitalismo (ESCARDO e GIBERTI, 1963; SPITZ, 1979), na qual a insegurança e o medo tomam conta do lado emocional da criança no momento da sua internação. A hospitalização tende a se tornar traumática, dificultando o trabalho da equipe de saúde.

Várias iniciativas de associar a espiritualidade, a música, o atendimento emocional e o humor aos cuidados básicos e avançados das ciências da saúde, para minimizar esse trauma, têm sido descritas, na maioria das vezes com relatos de sucesso.

Alguns hospitais buscaram estratégias para a criança enfrentar o tratamento, com a introdução de brincadeiras. Françani (1998) relatou que “o ambiente hospitalar torna-se mais informal e descontraído, o riso pode ser ouvido com mais frequência e objetos,

sons, movimentos, cores, espaços e personagens podem se tornar brinquedos”.

Posteriormente, Motta (2004) afirmou que “a criança passa a se adaptar aos horários, confiar em pessoas desconhecidas, receber injeções sem se agitar e outros tipos de medicações, e até permanece mais no quarto, quando possibilitada da atividade de brincar.

Especificamente na área da introdução do humor e da arte mágica nos cuidados de saúde, podem-se citar as experiências do Dr. Patch Adams (imortalizado em filme de grande sucesso), dos Doutores da Alegria (personagens de um recente documentário), do Doutor Bartom Kamen (do *Robert Wood Johnson Medical School*), do grupo *Magic Care* (que recentemente estabeleceram uma parceria com a Universidade Federal do Paraná) e do mágico David Cooperfield (idealizador do *project magic*, que utiliza a arte mágica na reabilitação de pacientes com distúrbios físicos, psicossociais e do desenvolvimento).

Recentemente, um grupo de alunas do Curso de Enfermagem da FCS – FUMEC escolheu como tema de estudo a utilização da arte e do humor nos cuidados de enfermagem. Após uma revisão integrativa da literatura científica disponível, publicaram um pôster que recebeu o primeiro prêmio na II Semana Acadêmica da FCS-FUMEC em 2005. Concluem o seu trabalho afirmando que “o ato de brincar no hospital ganha relevância social, pois gera mudança positiva no comportamento, mais colaboração com os exames e tratamentos por parte do paciente e melhora na comunicação. Esses resultados são decorrentes da utilização de recursos como o humor, um sistema eficiente de comunicação e um conjunto específico de valores e crenças sobre a realidade hospitalar”.

Entusiasmadas com o resultado da pesquisa, sugeriram à coordenadora do curso a elaboração de um projeto de extensão em que pudessem pôr em prática o conhecimento adquirido. Esse projeto, aprovado pela comissão de extensão e pesquisa da FUMEC no primeiro semestre de 2007, foi efetivado no período de abril a outubro de 2007.

O objetivo do presente artigo é descrever a metodologia e o impacto que o projeto causou na população-alvo e nos próprios alunos participantes.

## METODOLOGIA

Por meio da análise de currículo e de entrevistas, foram selecionados 15 alunos dos 44 previamente inscritos. Dos 15 selecionados, foram escolhidos três, que se tornaram bolsistas, e os demais aceitaram participar como voluntários.

A seguir, os alunos selecionados participaram de três oficinas, com atividades teórico-práticas, com um profissional na arte do palhaço e com um artista mágico, aprendendo e treinando as técnicas de apresentação.

Em uma segunda etapa do projeto, foram formadas equipes para visitar periodicamente hospitais públicos e privados, que aceitaram participar do projeto, onde foram realizadas as performances previamente aprendidas e treinadas, para os pacientes hospitalizados e para os funcionários.

Os monitores assumiram o compromisso de apresentar pelo menos uma performance semanal, além de freqüentar as oficinas de treinamento e rever a literatura especializada sobre a arte mágica e a arte do palhaço (*clown*) para contínuo aperfeiçoamento, sem se descuidar do objetivo principal que é o cuidado de saúde da população-alvo.

Para divulgação do projeto foi elaborado um pôster onde consta o histórico da formação do grupo, seus objetivos, como funciona e meios para contato.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado superou a expectativa do coordenador, pois, além das atividades propostas inicialmente, várias atividades não previstas originariamente também foram realizadas com sucesso.

As seguintes instituições concordaram em participar e foram visitadas regularmente: Hospital Vila da Serra, Hospital Infantil São Camilo, Hospital da Baleia, Lar dos Idosos.

Segundo informações obtidas por entrevistas informais com familiares dos pacientes e com diretores e funcionários das instituições, o impacto foi muito positivo e todos demonstraram interesse na continuidade do projeto no próximo semestre.

Diversos órgãos de divulgação das entidades publicaram notícias das visitas dos monitores. A repercussão foi tão favorável que surgiram convites para apresentações esporádicas em alguns eventos: Dia do Idoso na Praça da Assembléia, Dia da Criança no Hospital das Clínicas da UFMG e no CGP – FHEMIG; além do convite para participar do programa Caleidoscópio na TV Horizontes e apresentações durante a Mostra FUMEC.

Também não previsto no projeto original, houve convite para palestras sobre o projeto na própria FCS-FUMEC, durante a Semana Acadêmica, e nas Faculdades de Medicina e de Enfermagem da UFMG. Após as palestras, alunos de outras Universidades procuraram os membros do grupo, solicitando apoio para a criação de grupos semelhantes em suas unidades.

Quanto aos monitores participantes, uma análise dos formulários de avaliação dos bolsistas e as afirmações verbais de todos os monitores, bolsistas e voluntários, durante as reuniões, demonstraram grande satisfação e aprendizado, com ganhos pessoais e sociais, ao participarem do projeto.

Pequenos problemas surgidos durante a efetivação do projeto não chegaram a comprometer sua eficácia, mas necessitam ser analisados e minimizados. Um aspecto crítico foi o acúmulo de atividades de alguns monitores, principalmente estágios e trabalhos de conclusão de curso, que, algumas vezes, interferiram nas visitas compromissadas com as instituições. Grande parte das impossibilidades foi compensada por outros colegas que se sentiram sobrecarregados. Isso ocasionou alguns problemas de relacionamento interpessoal na equipe. Várias reuniões foram realizadas, sob supervisão do coordenador, para minimizar esses conflitos.

## CONCLUSÃO

Pelas informações obtidas entre os pacientes e seus familiares, bem como entre os diretores e funcionários das instituições participantes e entre os próprios alunos monitores, conclui-se que o projeto cumpriu, com êxito, seus objetivos, trazendo momentos de alegria e descontração, tornando mais agradável a estada dos pacientes nos hospitais e asilos para idosos.

Pela relevância e pela boa aceitação do público-alvo, pretende-se a continuidade deste projeto, sanando-se os pequenos problemas e ampliando os locais de ação. Pretende-se, ainda, elaborar um projeto de pesquisa para avaliar melhor o seu impacto nos cuidados de saúde.

## REFERÊNCIAS

- ANTONINI, M. *et al.* Atuação do enfermeiro na recuperação da criança hospitalizada. Trabalho acadêmico não publicado
- ESCARDO, F. & GIBERTI, E. Sobre Hospitalismo. *Rev. Colomb. Pediat.*, v. 21, n.157, 1963.
- FRANÇANI, G. M. *et al.* Prescrição do dia: infusão da alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência à criança hospitalizada. *Revista Latino-Americana, Ribeirão Preto*, v.6, n.5, p.27-33, dez, 1998.
- GAIVA, M. A. M.; PAIÃO, M. R. S. O ser criança: percepção de alunas de um curso de graduação em enfermagem. *Revis-*



ta Latino- Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v.7, n.1, p.75-83, janeiro, 1999

MOTTA, A.B.; ENUMO, S. R. F. Brincar no Hospital: Estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. Psicologia em Estudo, Maringá, v.9, n.1, p.19-28, 2004.

SPITZ, R. The first year of life. New York: International Universities Press. 1965.



Figura 1 – Grupo da Oficina do Riso



Figura 2 – Fôlder de divulgação (em anexo em PDF)

# INCLUSÃO DIGITAL: A EXPERIÊNCIA DA UNIVERSIDADE FUMEC

## EQUIPE

Professora Coordenadora:  
Renata de Sousa da Silva Tolentino

Professor Colaborador:  
Emerson Eustáquio da Costa

Alunos Bolsistas:  
Fernanda Pires Silva  
Paulo Vinícius Resende Correa  
Thiago Roberto Menezes

Instituição Parceira  
AMAS – Associação Municipal de Assistência Social de Belo Horizonte

## RESUMO

Este artigo foi escrito baseado na experiência da Universidade FUMEC em contribuir para a capacitação de adolescentes carentes em Informática. Desde 2004, a FACE (Faculdade de Ciências Empresariais) vem desenvolvendo um curso de Informática básica para esses jovens através do ProEX. O projeto formou 210 adolescentes, alguns já inseridos no mercado de trabalho. Os alunos têm aulas de conceitos básicos, processadores de texto, apresentação, planilhas eletrônicas e internet. Ao final do curso, os alunos fazem provas práticas e teóricas sobre o conteúdo e os aprovados recebem um certificado de conclusão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão social, informática, educação tecnológica.

## OBJETIVOS

- Estimular, nos alunos, elementos que permitam caracterizar as principais perspectivas da Informática, com o direcionamento de sua importância em nossa sociedade e no

mercado de trabalho, buscando subsídios para uma visão crítica e integradora dos conteúdos obtidos através da internet e verificando as conexões com aspectos da prática profissional.

- Transmitir informações sobre computadores, sua história, funcionamento e aperfeiçoamento. Apresentar programas de edição de texto, planilhas eletrônicas e apresentações. Assim como utilizar os programas navegadores da internet e também correio eletrônico.

## INTRODUÇÃO

**Inclusão Digital ou infoinclusão** é a democratização do acesso às Tecnologias da Informação, de forma a permitir a inserção de todos na sociedade da informação.

Entre as estratégias inclusivas estão projetos e ações que facilitam o acesso de pessoas de baixa renda às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

A inclusão digital volta-se também para o desenvolvimento de tecnologias que ampliem a acessibilidade para usuários com deficiência.

## COMITÊS TÉCNICOS

Art. 1º Ficam instituídos Comitês Técnicos, no âmbito do Comitê Executivo do Governo Eletrônico, criado pelo Decreto de 18 de outubro de 2000, com a finalidade de coordenar e articular o planejamento e a implementação de projetos e ações nas respectivas áreas de competência, com as seguintes denominações:

- I. Implementação do Software Livre;
- II. Inclusão Digital;
- III. Integração de Sistemas;
- IV. Sistemas Legados e Licenças de Software;
- V. Gestão de Sítios e Serviços On-line;
- VI. Infra-Estrutura de Rede;
- VII. Governo para Governo - G2G e
- VIII. Gestão de Conhecimentos e Informação Estratégica.

## PROJETOS DO GOVERNO FEDERAL DO BRASIL

- CASA BRASIL - Implantação de espaços multifuncionais de conhecimento e cidadania em comunidades de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), por meio de parcerias com instituições locais. Atualmente há 45 unidades em funcionamento, atendendo em média 50 mil pessoas. Já foram capacitadas cerca de mil pessoas nos mais de 20 cursos oferecidos a partir da plataforma de educação a distância construída pelo projeto.
- CENTROS VOCACIONAIS TECNOLÓGICOS (CVTs) - São unidades de ensino e de profissionalização, voltadas à difusão do acesso ao conhecimento científico e tecnológico, conhecimentos práticos na área de serviços técnicos, além da transferência de conhecimentos tecnológicos na área de processo produtivo. Até o momento o Ministério da Ciência e Tecnologia apoiou a criação de 153 CVTs, instalados em todo o Brasil desde 2003.
- COMPUTADOR PARA TODOS - Voltado para a classe C, permite à indústria e ao varejo a oferta de computador e acesso à internet a preços subsidiados, e com linha de financiamento específica, além da isenção dos impostos PIS/COFINS. PCs de até R\$ 1.200 que obedecem à configuração mínima podem ser parcelados em prestações de R\$ 50. Desde o lançamento, 530 mil máquinas foram comercializadas dentro das regras, das quais 11.509 financiadas com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), pelo Banco do Brasil e pela Caixa Econômica Federal.
- OBSERVATÓRIO NACIONAL DE INCLUSÃO DIGITAL - Aglutina informações sobre todos os programas de inclusão digital do governo federal no portal [www.inclusaodigital.gov.br](http://www.inclusaodigital.gov.br), com notícias, links, eventos e materiais de referência.
- PROGRAMA NACIONAL DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO - Apoio à introdução das tecnologias de informação e comunicação nas escolas públicas de ensino médio e fundamental, em parceria com os governos estaduais e municipais.
- PROJETO COMPUTADORES PARA A INCLUSÃO - Implantação de um sistema nacional de recondicionamento de computadores usados, doados pelas iniciativas pública e privada, reconicionados por jovens de baixa renda em formação profissionalizante, e distribuídos a telecentros, escolas e bibliotecas de todo o território nacional.
- TELECENTROS DE INFORMAÇÕES E NEGÓCIOS - Apoio à implantação de telecentros e salas de informática em associações empresariais, prefeituras, entidades sem fins lucrativos e instituições do terceiro setor, entre outras.

A rede possui unidades instaladas em todos os 27 Estados brasileiros e é formada por 1.616 unidades atualmente.

O projeto foi desenvolvido pela primeira vez em outubro de 2004, voluntariamente, pela professora Renata Tolentino, com 30 alunos do ensino médio selecionados no Aglomerado da Serra, região carente de Belo Horizonte e com elevado risco social.

De fevereiro a outubro de 2005, já como projeto de extensão financiado pela Universidade FUMEC, foram formadas 2 turmas de 30 alunos cada. Eles receberam apostila, caneta, lapiseira, borracha, boné, camiseta e transporte gratuito por meio de vale-transporte. Eles sentiram-se motivados a continuar estudando em busca de um futuro melhor e muito seguros em trabalhar com tecnologias novas, como a internet e os programas de processamento de textos, planilha eletrônica e apresentações.

Em 2006, foi possível ampliar o contingente de pessoas atendidas o que resultou em 3 turmas de 30 adolescentes cada e 1 turma com 24 idosos. A participação dos alunos monitores da FUMEC foi de grande importância para atender com maior atenção cada aluno.

O projeto 2007 foi inovador, pois possibilitou aos estudantes de graduação dos cursos de Ciência da Computação e Administração a experiência de lecionar. Formamos 86 alunos em três turmas simultâneas.

## METODOLOGIA:

O curso tinha duração de 36 horas, distribuídas em 12 dias, com 3 horas de aula, intervalo de 20 minutos e lanche gratuito para os alunos.

As turmas comportavam 30 alunos selecionados pela AMAS. Eles tinham transporte gratuito, por isso, faltas não justificadas ocasionaram o desligamento de alguns alunos. A AMAS também fazia o acompanhamento dos alunos durante o curso; havia monitores em todas as aulas e uma psicóloga da prefeitura fazia visitas regulares. Havia ainda a participação da gerente da instituição e outros profissionais.

Os alunos bolsistas lecionavam com a supervisão dos professores coordenador e colaborador, o conteúdo era ministrado em blocos diferentes e, ao término de cada bloco, avaliações teóricas e práticas eram aplicadas para mensuração do aprendizado.

## RESULTADOS ALCANÇADOS:

Os objetivos foram alcançados, pois todos os alunos obtiveram 70% de aprovação. Do total de 100 pontos distribuídos em trabalhos e avaliações práticas e teóricas, todos alcançaram, no mínimo, 70. Dos 90 alunos que iniciaram o curso, somente 4 foram desligados durante o projeto, devido a faltas não justificadas e a problemas com disciplina.

A seleção desses alunos foi feita sem nenhuma interferência da FUMEC. Eles foram selecionados pela AMAS, que tem conhecimento da carência dos bairros de Belo Horizonte. Os alunos chegaram desconfiados e apreensivos sobre a vida na faculdade e o contato com a tecnologia, mas aos poucos foram se acostumando e sempre se mostraram dedicados e atenciosos.

Durante o curso, eles receberam kits com camisetas, lapiseira, caneta, boné e sacola da FUMEC como forma de incentivo e motivação. Contaram, também, com a apostila elaborada especialmente para o curso. Os assuntos foram abordados de forma sintética, procurando-se na medida do possível apresentá-los com clareza e simplicidade, enfocando o uso da Informática como ferramenta de trabalho. Assim como ensinar a utilizar os aplicativos mais comuns de processadores de texto, planilhas eletrônicas, apresentações e navegadores da internet.

Inicialmente, os alunos estudaram alguns conceitos básicos em Informática, como histórico, gerações dos computadores, funcionamento básico: armazenamento e processamento de dados. Dispositivos mais importantes como memória, processador, dispositivos de entrada e saída de dados. Depois passamos aos aplicativos *Microsoft Power Point*, com suas ferramentas de edição de apresentações, *Microsoft Word* na elaboração de textos, formatação e configuração. Por último, estudamos o *Microsoft Excel*, na elaboração de planilhas eletrônicas com funções matemáticas, estatísticas, entre outras.

As avaliações eram feitas em forma de provas práticas e teóricas, de acordo com o conteúdo ministrado ao longo do curso e estabelecendo-se um limite de 70 pontos nos 100 distribuídos para recebimento do certificado. O índice de aprovação foi de 86% dos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Neste artigo, dedicamo-nos a apresentar a experiência obtida nos eventos de Inclusão Digital para Adolescentes realizados pela Universidade Fumec, nos últimos anos. Concluímos que trata-se de um desafio permanente para todos, em especial, para alunos e docentes, conhecer profundamente a realidade

vivida por nossos alunos e promover o amadurecimento de projetos como este.

Cumprimos parte de nossa missão de usar o computador em prol da sociedade, contribuindo para o aperfeiçoamento de jovens em busca de um lugar no mercado de trabalho.

## FOTOS DO CURSO 2007







Brasil, Oficinas de Planejamento Estratégico - RELATÓRIO CONSOLIDADO - Comitês Técnicos, Comitê Executivo do Governo Eletrônico, Maio de 2004, pp. 12-14.

DIGERATI (ED.), 101 Dicas: Microsoft Excel – vol 1, São Paulo, Digerati Books, 2003.

DIGERATI (ED.), 101 Dicas: Microsoft Excel – vol 2, São Paulo, Digerati Books, 2003.

DIGERATI (ED.), 101 Dicas: Microsoft Word, São Paulo, Digerati Books, 2003.

DIGERATI (ED.), 101 Dicas: Microsoft Power Point, São Paulo, Digerati Books, 2003

LAUDON, Kenneth C., LAUDON, Jane Price, **Sistema de Informação**, 4ª ed. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos S.A., 1998

VICENT, Beatriz Rodrigues Lopes, **Internet – guia para profissionais de saúde**, 2ª ed. Rio de Janeiro, Atheneu, 2004.

## REFERÊNCIAS:

BASTOS, Gustavo Kreuzig, **Internet e Informática para Profissionais de Saúde**, Rio de Janeiro, Revinter, 2002.

# JORNAL ARENA DA MODA

## EQUIPE

Coordenação:

Professora Ana Luisa Santos

Alunas Bolsistas:

Anna Gabriela Arantes Muniz de Oliveira Queirós

Karina de Oliveira Leite

## INTRODUÇÃO

O Jornal ARENA DA MODA é a realização de um projeto que está completando sete anos. Ele começou em 2001, quando teve início a disciplina Jornalismo de Moda no curso de graduação em Design de Moda da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC. Desde o início da disciplina, começamos a discutir a idéia do que seria um jornal voltado para a pesquisa em Design de Moda em Belo Horizonte.

Também desde o princípio, a disciplina confrontava-se com mais um desafio, entre tantas contradições da Moda. Como ensinar Jornalismo de Moda para Designers e não para Jornalistas? O nome da disciplina foi questionado algumas vezes, mas revelou-se mais forte do que algo que tratasse dos seus grandes temas, como “Moda, Comunicação e Cultura”. Afinal, o Jornalismo de Moda está bem próximo de nós - mais próximo do que imaginamos. Ele está no nosso cotidiano, no cotidiano de cada um que observa as pessoas nas ruas, nos outdoors, nas fotografias, nos lugares e nas imagens que nos envolvem através de diferentes suportes, tecnológicos ou não. Está no cotidiano da cidade ou do interior, e no tempo suspenso das festas, figurinos, editoriais. Nesses sete anos de muitas pesquisas, projetos, parcerias e experiências, chegamos ao Jornal ARENA DA MODA.

Mas antes dele, várias experiências foram e são importantes nesse processo de investigação que constitui o Projeto. Além das inúmeras e valiosas trocas com professores, alunos, amigos e colegas profissionais de tantos segmentos de atuação em Moda durante todo esse período, contamos também com um número muito grande de pessoas que trabalham, ensinam, pesquisam e comunicam Moda em Belo Horizonte e que se tornarão contatos possíveis com o Jornal. Por isso, o JORNAL ARENA DA MODA é um espaço aberto para registrar e amplificar a contribuição de todos.

Entre essas trocas, tornou-se muito importante a experiência com a disciplina Laboratório, do curso de Design de Moda, em parceria com a Professora Adriana Bicalho, para a produção da Revista Retrós, um projeto de produção colaborativa de conteúdo para a Internet voltado para o Design de Moda (endereço eletrônico [www.girafa.org/lab](http://www.girafa.org/lab)).

A troca com o curso de graduação em Jornalismo da Faculdade de Ciências Humanas da FUMEC também foi indispensável. Através do contato com o Professor Alexandre Freire, desenvolvemos uma atividade interdisciplinar em parceria com O Ponto, Jornal Laboratório do curso de Jornalismo. Desenvolvemos um Workshop na disciplina Jornalismo de Moda, voltado para os alunos do Design de Moda e para a equipe de monitores do O Ponto, além da participação em duas bancas de avaliação de Trabalhos Finais de Graduação do curso de Jornalismo, que tratavam da Comunicação de Moda orientados pela Professora Isabelle Rabello.

Mas o projeto aconteceu realmente no segundo semestre de 2006, com a sua aprovação como Projeto de Extensão da Universidade FUMEC e com a realização do JORNAL ARENA DA MODA como Fórum de Ensino, Mercado e Comunicação de Moda, dentro da programação do Vende-se Moda, projeto realizado pelo produtor e estilista Rodrigo Cezário. O debate aconteceu como um trabalho de extensão desenvolvido pelos alunos da turma de Jornalismo de Moda do segundo semestre de 2006, e contou com a participação da Professora Angélica Oliveira, da estilista Maria Cristina Cruz, da jornalista Natália Dornellas, da arquiteta Rachel Rios e do próprio Rodrigo Cezário.

Contamos, já para a inscrição do Projeto, além da parceria com o Professor Alexandre Freire, com o apoio da ONG Favela É Isso Aí, coordenada pela antropóloga Clarice Libânio, autora do Guia Cultural das Vilas e Favelas de Belo Horizonte, além da parceira no projeto de pesquisa e reflexão sobre a relação entre moda e responsabilidade social. Esse contato resultou, neste mesmo ano, na pesquisa para a elaboração do Catálogo de Artesanato do Projeto Cultural Prosa e Poesia no Morro, feito pela ONG.

Em 2007, para a realização do Projeto contamos com as parcerias fundamentais de dois outros Projetos de Extensão da FUMEC. A primeira foi a parceria com a Agência Experimental de Design Gráfico, coordenada pela Professora Cláudia Almeida e executada por Pedro Campos, bolsista do Projeto, com o apoio de toda a equipe da Agência. A segunda parceria foi com o Ciclo de Conferências em Moda – Leituras Diversas, projeto coordenado pela Professora Cássia Macieira. Para o Lançamento de cada edição do Jornal, o Projeto realizou debates com palestrantes convidados sobre temas relacionados à edição.

A criação deste Jornal também não seria possível sem o apoio das bolsistas do Projeto e de toda a equipe de colaboradores. Contamos, também, com o suporte de Vanessa Michelis, moni-



tora do Laboratório de Design Sonoro, para o desenvolvimento da trilha da Apresentação do Projeto ARENA DA MODA. E não podemos deixar de mencionar o apoio de todos que participaram como entrevistados, convidados e co-autores, através de sua contribuição com significados, conhecimento e experiências para a produção de conteúdo do Jornal.

O Jornal ARENA DA MODA tem por objetivo ser um espaço aberto de discussão e pesquisa sobre informação de moda. Como um Projeto de Extensão do curso de Design de Moda da Universidade FUMEC, o JORNAL ARENA DA MODA tem por objetivo gerar conteúdo não só para as páginas do Jornal, mas para estudantes, profissionais, pesquisadores e pessoas interessadas em conhecer diferentes pontos de vista sobre a Moda, principalmente através da troca, do debate, do pensar compartilhado sobre o tema em sua complexidade. Contamos com todos os interessados para produzir, pensar e reverberar esse conteúdo.

## PROPOSTA

Como um Jornal acadêmico de caráter experimental, a proposta do Projeto de Extensão Jornal ARENA DA MODA é investigar a comunicação de moda. Por isso, o desenvolvimento do Projeto Editorial tem um caráter de processo, tanto do ponto de vista do enfoque editorial para conteúdo, quanto da formatação de sua linguagem.

O Jornal depende do seu leitor como interlocutor do seu texto. Como uma pesquisa de linguagem jornalística, não trabalhamos com as regras tradicionais de redação. A idéia é realmente começar a estabelecer um debate com esse leitor-interlocutor sobre a informação de moda. O objetivo é trazê-lo para dentro da discussão, convidando-o a exercer sua capacidade de ação nos processos de desenvolvimento da moda contemporânea. Como estudante, pesquisador, produtor, criador ou consumidor, esse leitor co-autor será convidado a relacionar diferentes pontos de vista e a experimentar diversas perspectivas sobre um assunto.

Do ponto de vista do enfoque editorial, o Jornal ARENA DA MODA também se propõe a sair das categorias de pautas de moda mais conhecidas e exercitar uma abordagem voltada para o mapeamento das informações, relações, conceitos, números e projetos de moda em Belo Horizonte.

As Editorias também foram desenvolvidas como processos que têm como objetivo refletir sobre a importância das informações sobre Moda que não têm muito espaço na mídia, ocupada mais com os lançamentos. Estamos atentos a eles também, mas precisamos processar outras informações que já estão aí, talvez há bastante tempo, até para que possamos ter ainda mais e mais

diversificados lançamentos, principalmente de novos designers e profissionais de moda.

A elaboração do Jornal, como sua leitura, é um trabalho coletivo. É resultado dos esforços de toda a equipe de colaboradores que trabalharam no desenvolvimento das Pautas, na apuração das informações e na produção dos Editoriais de Moda. Dessa maneira, salientamos também o caráter mobilizador alcançado pelo Projeto junto à comunidade acadêmica, entre estudantes e professores.

## OBJETIVOS

O JORNAL ARENA DA MODA tem por principal objetivo promover o debate entre o Terceiro Setor e os setores de ensino, estudo, produção, comercialização, representação e comunicação de Moda em Belo Horizonte, a fim de articular as iniciativas em torno da sensibilização, profissionalização e do desenvolvimento da Moda na cidade a partir da amplificação do complexo conceito de Moda, abrangendo suas diversas manifestações, modos de produção, experimentações e imagens.

O Projeto também tem como objetivos:

- Promover o debate e a reflexão sobre a complexidade dos conceitos de Moda, Cultura e Periferia;
- Estimular o debate e a reflexão sobre a Comunicação de Moda e sua cobertura jornalística realizada pelos grandes meios de comunicação;
- Promover a valorização do Ensino e Formação em Moda, além de difundir as pesquisas e projetos acadêmicos sobre Moda desenvolvidos pelos professores e estudantes de Belo Horizonte;
- Estimular o diálogo, o intercâmbio e a troca de experiências entre o Ensino e a Pesquisa de Moda, as iniciativas do Terceiro Setor e o Mercado de Moda, incluindo a indústria têxtil e de confecção, a fim de promover a integração, organização e mobilização dos diversos setores em torno de objetivos comuns;
- Promover as práticas de Associações, Cooperativas, Grupos, ONGs e demais instituições sociais que atuam no mercado de produtos e serviços relacionados à Moda, além de difundir o pensamento acadêmico em relação às práticas sustentáveis e contribuir para a construção de uma nova mentalidade a respeito dos projetos e ações sociais.

## METODOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO

A metodologia de desenvolvimento do Produto Acadêmico desta proposta de atividade extensionista consiste na concepção e elaboração do JORNAL ARENA DA MODA como um Jornal Trimestral, com distribuição gratuita para diversas comunidades acadêmicas, classes de profissionais da área de Moda e Comunicação e Instituições Sociais, apresentando pesquisas, reportagens, editoriais e entrevistas realizadas sob a orientação do projeto.

A primeira etapa do desenvolvimento consiste na pesquisa e mapeamento dos diversos segmentos relacionados à Moda em Belo Horizonte, incluindo iniciativas do Terceiro Setor, através da parceria com a ONG Favela É Isso Aí, entidades representativas, profissionais de Moda e Comunicação, além de indústrias e confecções.

A segunda etapa consiste no levantamento de Pautas junto aos diversos setores, tendo em vista a necessidade do desenvolvimento da Moda na cidade de maneira socialmente responsável e de acordo com a linha editorial do JORNAL ARENA DA MODA. O levantamento será feito através de pesquisa, coleta de dados e entrevistas realizadas pelos bolsistas, sob a orientação da Coordenação do projeto.

A elaboração e redação do JORNAL ARENA DA MODA é a terceira etapa do desenvolvimento do projeto, com a criação de um projeto gráfico e a redação das reportagens, matérias e entrevistas que serão realizadas pelos bolsistas e colaboradores. O projeto prevê a publicação de três edições do JORNAL ARENA DA MODA, em regime trimestral, de acordo com o prazo para realização do projeto de extensão.

O Jornal ARENA DA MODA tem distribuição gratuita em todos os Cursos de Moda, Jornalismo e Comunicação de Belo Horizonte, Instituições e Sindicatos dos Setores de Moda, comunidades do Terceiro Setor envolvidas no projeto e demais pontos de divulgação, para facilitar o acesso da população em geral, além de pôlos confeccionistas, lojas, associações de profissionais da Moda, eventos de Moda, museus, bibliotecas e centros culturais.

## RESUMO DE ATIVIDADES

### PROJETO EDITORIAL JORNAL ARENA DA MODA:

Editorias e Seções:

- Cultura de Moda – Cultura, Comunicação e Teoria de Moda
- Arena da Moda – Fórum de Ensino, Mercado e Comunica-

ção de Moda

- A Moda da FUMEC – Projetos desenvolvidos pelos alunos e professores do Curso de Design de Moda da FUMEC
- Horizonte de Moda – Mapas, Pólos Produtivos, Agenda de Atividades e História da Moda em Belo Horizonte e Minas Gerais
- Estilo Solidário – Moda e Responsabilidade Sócio-Ambiental, Consumo Consciente, Projetos e Grupos
- Nova Moda, Novos Projetos – Novos Designers e Profissionais de Moda, Concursos e Projetos Relacionados
- Moda Capital – Economia, Política, Gestão e Consumo de Moda

Informações sobre o Formato do Produto Acadêmico - JORNAL ARENA DA MODA:

Tiragem: 1.500 unidades

Número de Páginas: 08

Periodicidade: Mensal

Distribuição Gratuita

## PROGRAMAÇÃO DE LANÇAMENTO DO JORNAL ARENA DA MODA – 2007:

### JORNAL ARENA DA MODA - 1ª EDIÇÃO

Lançamento da primeira edição do Jornal ARENA DA MODA – DATA: 26 de setembro de 2007

Programação - Ciclo de Conferências em Moda – Leituras Diversas

Tema do Debate:

“A importância da Comunicação para a formação de público e o desenvolvimento da Cultura de Moda em Belo Horizonte”

Convidados Palestrantes do Espaço de Debate:

- Heloísa Aline – Jornalista e repórter do Caderno Feminino/Masculino do Jornal Estado de Minas
- Natalie Oliffson – Publicitária e Diretora do Bureau de Moda
- Titita Mota – Jornalista e Assessora de Comunicação e de Imprensa
- Alexandre Freire – Jornalista e Professor do Curso de Jornalismo da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade FUMEC
- Márcia Maria Cruz – Jornalista, Mestre em Comunicação e Agente Cultural

## JORNAL ARENA DA MODA - 2ª EDIÇÃO

Lançamento da segunda edição do Jornal ARENA DA MODA –  
Data: 24 de outubro de 2007

Programação - Ciclo de Conferências em Moda – Leituras Di-  
versas

Tema do Debate:

“Perspectivas e Desafios da Formação Acadêmica em Moda em  
Belo Horizonte”

Convidados Palestrantes do Espaço de Debate:

- Gabriela Torres – Professora e Coordenadora do Curso de Design de Moda da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC
- Jorge Peixoto – Coordenador de Moda do Sistema FIEMG e Modatec
- Edis Evandro Teixeira de Carvalho – Professor do Curso de Design de Moda do Centro Universitário UNI-BH
- Natália Assis – Estudante do Curso de Design de Moda da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC

## JORNAL ARENA DA MODA - 3ª EDIÇÃO

Edição Especial – História da Moda em Belo Horizonte

Lançamento da terceira edição do Jornal ARENA DA MODA –  
Data: 21 de novembro de 2007

Programação - Ciclo de Conferências em Moda – Leituras Di-  
versas

Tema do Debate:

“Um olhar sobre a História da Moda em Belo Horizonte”

Convidados Palestrantes do Espaço de Debate:

- Ivana Parrela – Historiadora e Professora do Curso de Design de Moda da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC
- Regina Teixeira – Modelo Histórica de Moda em Belo Horizonte
- Marianna Carvalho – Aluna do curso de Design de Moda da Universidade FUMEC e autora de Monografia sobre História da Moda em Belo Horizonte.

## OUTRAS ATIVIDADES:

- Apresentação e Distribuição do Jornal ARENA DA MODA no 3º Colóquio de Moda realizado durante os dias 02 e 05 de outubro de 2007 em Belo Horizonte.

## PARCERIAS COM OUTROS PROJETOS DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FUMEC:

- Ciclo de Conferências em Moda – Leituras Diversas  
Coordenação: Professora Cássia Macieira e Professora Gabriela Torres  
Curso: Design de Moda  
Parceria: Inclusão dos eventos de Lançamento do Jornal ARENA DA MODA, com a realização de Debate dentro da programação do Ciclo de Conferências, nos meses de setembro, outubro e novembro de 2007.
- Agência Experimental de Design Gráfico – Protótipos  
Coordenação: Professora Cláudia Teixeira  
Curso: Design Gráfico  
Parceria: Desenvolvimento da Identidade Visual, Projeto Gráfico e Diagramação do Jornal ARENA DA MODA.
- Projeto Sol da Serra  
Coordenação: Éder de Almeida – Técnico em Estamparia – Universidade FUMEC  
Curso: Design de Moda  
Parceria: Entrevista para a 1ª Edição do Jornal ARENA DA MODA – Editoria Estilo Solidário
- Projeto Mulheres Criativas  
Coordenação: Tina Chaves da Silva  
Curso: Design de Moda  
Parceria: Entrevista para a 2ª Edição do Jornal ARENA DA MODA – Editoria Estilo Solidário

## EQUIPE JORNAL ARENA DA MODA

### ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FUMEC COLABORADORES DO PROJETO:

- Karina Leite – Bolsista – Estudante do Curso de Design de Moda
- Anna Gabriela Muniz – Bolsista – Estudante do Curso de Design de Moda
- Pedro Campos – Bolsista Agência Protótipos – Estudante do Curso de Design Gráfico
- Clarice Lage – Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Maíra Sette - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Elisa Grossi - Colaboradora – Estudante do Curso de De-

sign de Moda

- Rachel Grandinetti - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Natália Assis - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Izabela Starling - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Eduardo Goulart - Colaborador – Estudante do Curso de Design Gráfico
- Alex Moreira - Colaborador – Estudante do Curso de Design de Moda
- Luiza Luz - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Morgana Marla - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Sylvia Jardim - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Luisa Scalione - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Kathyuscia Gusman - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Forguete Hondsdoff - Colaborador – Estudante do Curso de Design de Moda
- Rêmulô Brandão - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Clara Belmani - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Joana Maria - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Leo Cabral - Colaborador – Estudante do Curso de Design Gráfico
- Lígia Malard - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Natália Paulinelli - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Daniele Antonopoulos - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Virgílio Andrade - Colaborador – Estudante do Curso de Design de Moda
- Fernanda Lopes - Colaboradora – Estudante do Curso de Design de Moda
- Vanessa Michelis – Colaboradora – Estudante do Curso de Design Gráfico e Monitora do Laboratório de Design Sonoro

## PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FUMEC

### PARCEIROS DO PROJETO:

- Prof. Alexandre Freire – Professor do Curso de Jornalismo da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade FUMEC
- Prof. Alexandre Lopes – Professor de Fotografia do Curso de Design de Moda da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC
- Profa. Gabriela Torres – Professora e Coordenadora do Curso de Design de Moda da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC
- Profa. Cássia Macieira – Professora do Curso de Design de Moda da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC e coordenadora do Projeto de Extensão “Ciclo de Conferências em Moda – Leituras Diversas”
- Profa. Cláudia Teixeira – Professora do Curso de Design Gráfico da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC e coordenadora do Projeto de Extensão “Agência Experimental de Design Gráfico – Protótipos”.
- Prof. Éder Jorge de Almeida – Técnico em Estamparia e Professor do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC

### COLABORADORES E PARCEIROS:

- Aline Guarise – Designer de Moda formada pela Universidade FUMEC
- Grazielle Raposo – Jornalista formada pela Universidade FUMEC

### ENTREVISTADOS E CO-REDATORES DO JORNAL:

- Carla Cristiane Prestes – Assessora da Comissão Técnica de Análise de Projetos Culturais – Secretaria Municipal de Cultura
- Cássia Macieira – Professora do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Fernanda Lopes – Estudante do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Patrícia Caetano – Artista Plástica e Colaboradora do Projeto FRED
- Clarice Libânio – Antropóloga e Coordenadora-Executiva da ONG Favela É Isso Aí
- Éder de Almeida – Técnico em Estamparia e Professor do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Alexandre Lopes – Professor do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Raul Belém – Professor do Curso de Design de Moda da

#### Universidade FUMEC

- Gabriela Torres – Professora e Coordenadora do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Tereza Cristina Leão – Professora do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Alzira Calhau – Designer de Moda formada pela Universidade FUMEC
- Cristina Girardi – Estilista e Coordenadora do Projeto Box
- Luiz Cláudio – Estilista
- Ana Paula Sudano – Designer de Moda formada pela Universidade FUMEC
- Tina Chaves da Silva – Coordenadora do Projeto Mulheres Criativas
- Sandra Bianchi – Professora do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Lorena Andrade – Designer de Moda formada pela Universidade FUMEC
- Laura Taylor – Idealizadora do Projeto Casa Belory Hills
- Zoka Vassalo – Produtora e Idealizadora do Concurso Minas Lança Novos Criadores
- Ivana Parrela – Professora do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Tereza Bruzzi – Professora do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Adriene Rabelo – Professora do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Maria Vitória Souza – Professora do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Renato Loureiro – Estilista e Professor do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Edna Thibau – Estilista e empresária da marca Alporria
- Alex Dário – Produtor e Figurinista
- Júlia Vale – Professora e Modelista
- Íris Clemência – Estilista e empresária da marca Íris Clemência
- Mary Figueiredo – Designer e empresária da marca Mary Design
- Débora Magalhães – Empresária da marca Mabel Magalhães
- Bianca Lage – Jornalista e apresentadora do programa Tudo de Bom
- Heloísa Aline – Jornalista e repórter do Caderno Feminino/Masculino do Jornal Estado de Minas
- Anna Marina – Jornalista e editora do Caderno Feminino/Masculino do Jornal Estado de Minas
- Moema Tedesco – Jornalista e Professora do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Titita Moda – Jornalista e Assessora de Comunicação e de Imprensa
- Natalie Oliffson – Publicitária e diretora do Bureau de Moda
- Angélica Oliveira – Professora do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Paulo André – Professor do Curso de Estilismo da UFMG
- Elisa Grossi – Estudante do Curso de Design de Moda da Universidade FUMEC
- Ana Ester – Jornalista e proprietária do Brechó Santíssima
- Raquel Duarte – Estilista e proprietária do Brechó Brilhantina
- Thereza Tanuri – Lojista de Belo Horizonte.

#### ASPECTOS MAIS RELEVANTES:

- Pesquisa e Desenvolvimento de Projeto Editorial com caráter experimental e acadêmico.
- Parcerias com outros Projetos de Extensão da Universidade FUMEC, entre eles a Agência Experimental de Design Gráfico Protótipos, o Ciclo de Conferências em Moda – Leituras Diversas, o Projeto Sol da Serra e o Projeto Mulheres Criativas.
- Mobilização da Comunidade Acadêmica, professores e alunos, para a formação da Equipe de Colaboradores do Jornal.
- Realização de Debates durante o Lançamento do Jornal, além da publicação das três edições do Jornal ARENA DA MODA, com a presença de convidados palestrantes para discutir temas relacionados à edição da publicação.
- Desenvolvimento de Editoriais de Moda, proporcionando aos alunos a experiência de produzir moda a partir da pesquisa de temas e do desenvolvimento de uma linguagem conceitual.
- Divulgação dos Projetos realizados pelo curso de Design de Moda da FUMEC e da própria Universidade para a comunidade em geral.
- Ampliação do conceito de Moda a partir do desenvolvimento de Editorias que abordam a moda de maneira complexa e diferenciada dos meios de comunicação tradicionais.
- Apropriação do Projeto por parte dos estudantes do curso de Design de Moda e mobilização em torno de seus objetivos, bem como reflexão sobre uma nova postura acadêmica e profissional dos estudantes e futuros profissionais de Moda.



# MELHOR IDADE EM AÇÃO III 1 – INTRODUÇÃO

## EQUIPE

Sandra Maria das Graças Maruch Tonelli - Doutora em Ciências da Saúde, Professora da Universidade FUMEC.

Luciana de Oliveira Assis - Mestre em Projetos Mecânicos, Professora da Universidade FUMEC.

Tatiana Pessoa da Silva Pinto - Mestranda em Ciências da Reabilitação, Professora da Universidade FUMEC.

Leandro Malloy Diniz - Mestre em Psicologia, Professor da Universidade FUMEC.

Eliane dos Santos - Aluna bolsista

Bruna Brigolini, Djeane Marcelly U.A.C. Freitas, Larissa Alves de Carvalho, Livia Abi-Saber Rodrigues, Lydianna Mol da Rocha, Marcela Pontes Pena, Marisa Diniz Barbosa, Raquel Di Bernardi, Simone Sayonara, Thiago Ribeiro Luiz, Wanderlane Guimarães Sousa - Alunos Voluntários

## RESUMO

O projeto de extensão “Melhor idade em ação III”, continuidade de uma proposta que vem sendo desenvolvida na Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade FUMEC desde 2005, visou a ampliar a autonomia, conhecimento e qualidade de vida de idosos de Nova Lima; oferecer aos alunos da área da saúde da FCS/FUMEC a oportunidade de ampliação de sua percepção da realidade; garantir a continuidade de participação dos idosos que constituíram o grupo de 2006; concluir o processo de desvinculação do grupo de 2005. Verificou-se, ao longo do desenvolvimento das atividades, interação entre os idosos participantes, troca constante de experiências, aumento da auto-estima e sensação de capacidade, promovidas pela socialização e construção de objetivos comuns. A cada ano o projeto tem ampliado sua proposta de trabalho, com base nas necessidades e desejos provenientes dos idosos participantes, buscando mais integração com a realidade social e de saúde da comunidade de Nova Lima. Além disso, o projeto tem promovido a participação efetiva dos alunos de Enfermagem, Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, visando ao desenvolvimento de habilidades necessárias à sua formação profissional.

O envelhecimento é uma das preocupações da humanidade desde o início das civilizações. Entende-se por envelhecimento o processo dinâmico e progressivo que envolve modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas do organismo. Essas alterações determinam o prejuízo na capacidade de adaptação ao meio ambiente, acarretando mais vulnerabilidade e incidência de processos patogênicos que terminam por levar os indivíduos à morte (Papaléo Netto, 2006).

Entretanto, as pesquisas indicam que a idade cronológica é apenas um indicador do processo de envelhecimento. As mudanças decorrentes desse processo e fenômenos, como autonomia, qualidade de vida, capacidade mental e produtividade na velhice, são influenciadas pelo estilo de vida, personalidade, saúde física, renda, escolaridade, fatores genético-biológicos e socio-culturais (Papaléo Netto, 2006). Segundo Papaléo Netto e Brito (2001), as principais condições associadas à velhice bem-sucedida são: baixo risco de doenças e de incapacidade funcional; funcionamento mental e físico excelentes e envolvimento ativo com a vida.

Com o intuito de continuar a contribuir para o envelhecimento bem-sucedido de 100 moradores de Nova Lima, com idade igual ou superior a 60 anos, professores da Faculdade de Ciências da Saúde (FCS) da Universidade FUMEC desenvolveram, em 2007, o projeto de extensão “Melhor idade em ação III”, como continuação da proposta desenvolvida em 2005 e 2006.

## 2 – OBJETIVOS

Aumentar a autonomia, conhecimento e a qualidade de vida de idosos de Nova Lima, por meio de ações educativas programadas por equipe interdisciplinar da área de saúde da FCS/FUMEC; oferecer aos alunos da área da saúde da FCS/FUMEC a oportunidade de ampliar sua percepção da realidade, tornando-os mais aptos a trabalhar em equipe e com pacientes idosos; garantir a continuidade do grupo de idosos que participou em 2006 e concluir o processo de desvinculação do grupo de 2005.

## 3 – METODOLOGIA

Inicialmente, foram selecionados e treinados 12 alunos dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade FUMEC, proporcionando-lhes o embasamento teórico e prático para atuar com



pessoas da maioria, além de prepará-los para acompanhar e auxiliar os idosos na execução das ações propostas e para colaborar na confecção do material necessário para as atividades programadas.

Em 2007, o projeto “Melhor Idade em Ação III” foi estruturado de forma a propor novas atividades para o grupo 1 (iniciantes), garantir a continuidade do grupo 2 (idosos que iniciaram o projeto em 2006) e concluir o processo de desvinculação do grupo 3 (aqueles que iniciaram em 2005).

O caráter científico do projeto foi mantido. O grupo selecionado para participar do projeto em 2007 incluiu os idosos que participaram em 2006 como grupo-controle das atividades de pesquisa. Além disso, outros 35 idosos foram sorteados para atuarem como grupo-controle. Foram aplicados questionários para avaliar nível de depressão (GDS-15), qualidade de vida (QSG) e a ausência de demências, pois demência foi considerada critério de exclusão (Minimental e desenho do relógio). Os questionários foram aplicados no início e fim do projeto, no grupo participante e no grupo-controle.

Ao final das atividades, os idosos responderam, também, ao questionário qualitativo, para levantamento das opiniões sobre o projeto, atuação dos alunos e profissionais e qualidade das atividades desenvolvidas.

## 4 – RESULTADOS

No ano de 2007, a proposta do “Melhor idade em ação” foi mais ousada, com atividades que abrangeram os participantes de 2005 (grupo 3), 2006 (grupo 2) e os idosos selecionados para 2007 (Grupo 1). O grupo 3 participou de dois encontros (caminhada no Parque Ecológico da Pampulha e festa junina no Sítio Santa Rita, em Glaura), encerrando-se, a partir daí, a participação desses idosos no projeto.

O grupo 2 iniciou seu processo de desvinculação, participando das duas atividades externas à FUMEC, juntamente com os grupos 1 e 3, e de outros dois encontros com o grupo 1 (visita ao Museu de Artes e Ofícios e festa de confraternização, na FCS/ FUMEC).



O grupo 1 participou de todas as atividades com os grupos 2 e 3, além de 14 encontros na FCS/ FUMEC, onde ocorreram palestras e oficinas com temas que incluíam: diversos aspectos da saúde do idoso (conhecimento do corpo humano, nutrição, pres-

são, principais doenças, importância do lazer e atividade física, utilização de medicamentos); aspectos políticos e sociais do envelhecimento (formação de grupos de convivência, implicações sociais do envelhecimento, Política Nacional do Idoso); além de temas de interesse geral, como a relação entre saúde e religiosidade, resgate ocupacional, adaptações ambientais para a terceira idade, oficina de culinária, oficina de memória e apresentação de dança e teatro.



No encerramento das atividades, os idosos responderam de forma positiva ao questionário de avaliação, relatando estarem satisfeitos por terem participado do projeto.

Os pontos positivos mais destacados por eles no questionário qualitativo foram as palestras e orientações sobre a saúde, as visitas e festas; a atenção dada pelos monitores, professores e funcionários; e as amizades feitas nesse período.

O projeto foi avaliado pelos alunos como fundamental para o desenvolvimento educacional, visto que proporcionou experiências, conhecimentos e amadurecimento na convivência com os idosos. O fato de os alunos assistirem as palestras ministradas aos idosos, por diversos profissionais de Gerontologia, também foi avaliado positivamente, por ser uma oportunidade de adquirir mais informações. Foi destacada, ainda, a oportunidade de vivenciar e atuar nas atividades desenvolvidas como forma de aprimorar habilidades necessárias à formação profissional.



Os resultados do projeto foram apresentados em duas reuniões científicas. No IV Congresso de Geriatria e Gerontologia de Minas Gerais, que aconteceu em Ouro Preto, em outubro de 2007, foram apresentados dois trabalhos: “Melhor idade em ação II” e “Contribuições de uma experiência extensionista para a formação profissional gerontológica: a visão do aluno”, sendo este apresentado pela aluna bolsista Eliane dos Santos.

No III Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da Fundação Educacional de Divinópolis - FUNEDI/UEMG, em Divinópolis, foi apresentado o trabalho “Melhor Idade em Ação: relato de uma experiência positiva”, pela aluna voluntária Larissa Alves Carvalho.

## 5 – CONCLUSÕES

O Projeto Melhor Idade em Ação, em seu terceiro ano consecutivo, reafirmou a importância de ações sociais educativas para o público da terceira idade. A cada ano o projeto tem aprimorado sua proposta de trabalho, com base nas necessidades e desejos provenientes dos idosos participantes e buscando mais integração com a realidade social e de saúde da comunidade de Nova Lima.

A atividade extensionista de caráter interdisciplinar mostrou-se uma ótima oportunidade para os alunos vivenciarem e atuarem em atividades que enriqueçam sua formação profissional, não só por meio da convivência com os idosos, como também da interação com as demais áreas de conhecimento.

## 6 – REFERÊNCIAS

D'ASUNÇÃO, E. A. Auto-imagem vs. auto-estima. *Revista Eclesiástica Brasileira*, 6: 388-394. 1999.

D'ASUNÇÃO, E. A. Avaliação pelo tanatologista In: MACIEL, A. *Avaliação multidisciplinar do paciente geriátrico*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002. p. 239-249.

DUTHIE, E.Jr.; KATZ, P.R. *Geriatría prática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

MARTINS DE SÁ, JL. Gerontologia e interdisciplinaridade: fundamentos epistemológicos. In: NERI, AL; DEBERT, GG (orgs). *Velhice e Sociedade*. Campinas: Papyrus, p. 223-32, 1999.

PAPALÉO NETTO, M.P. *Gerontologia*. São Paulo: Atheneu, 1996.

PAPALÉO NETTO, MP; BRITO, FC. Aspectos multidimensionais das urgências do idoso. In: PAPALÉO NETTO, MP, BRITO, FC (eds). *Urgências em geriatria: epidemiologia, fisiopatologia, quadro clínico e controle terapêutico*. São Paulo: Atheneu, p. 23-34, 2001.

PAPALÉO NETTO, MP. O estudo da velhice: definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, EV. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, cap. 1, p. 2-12, 2006.

PEREIRA, L.S.M; MAGALHÃES J.F.; MARQUES, L.M.; FIGUEIREDO, V.F. Avaliação da marcha de uma população de idosos institucionalizados. *Gerontologia*, 7: 40-47, 1999.

PEREIRA, L.S.M. Avaliação pelo fisioterapeuta. In: MACIEL, A. *Avaliação multidisciplinar do paciente geriátrico*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002. p.43- 86.

ZIMERMAN, GI. *Velhice, aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

# ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA: PROGRAMA DE EXTENSÃO DESENVOLVIDO NA FACE/ FUMEC<sup>1</sup>

## EQUIPE

Profa. Dra. Zélia Miranda Kilimnik - FUMEC/FACE

Profa. Renata Livramento Mendes - Mestranda FUMEC/FACE

Profa. Márcia Crespo Ferreira - Mestre FUMEC/FACE

## 1 – INTRODUÇÃO

As inovações tecnológicas, a globalização e a aceleração das comunicações têm sido responsáveis por uma grande revolução no mundo do trabalho; os resultados dessas mudanças são: o acirramento da concorrência, a redução drástica de empregos e cada vez mais exigência quanto às competências individuais.

Nos anos 70, formar-se em uma Faculdade de primeira linha e obter bom desempenho escolar eram requisitos suficientes para arrumar um bom emprego e lá ficar até se aposentar. Em meados da década de 80, era pouco freqüente a mudança de emprego ou de carreira ao longo da vida dos indivíduos e muito menos o constante aperfeiçoamento acadêmico. Os anos 80 e 90 caracterizaram, segundo Toffler (1995), a terceira onda, a onda do conhecimento, que vem revolucionando a educação e transformando o saber em um saber crítico, criativo e contínuo e, conseqüentemente, vem levando as pessoas a questionarem suas escolhas e irem à busca de conhecimento. A terceira onda foi marcada pela globalização, o aumento de competitividade, a redução de custos, a qualidade e a alta tecnologia, o que acarretou o chamado “fim dos empregos” e a busca de adequação dos profissionais e, conseqüentemente, a transformação de carreiras.

Esses reflexos da terceira onda, denominados por Coelho (2006) de quarta onda, levam a empresa a simplificar a sua estrutura,

<sup>1</sup> Programa financiado pelo proEx FUMEC/FACE

incentivando os profissionais a se tornarem empreendedores e a prestarem serviços; a empresa começa a se organizar em células e a funcionar não como empregadora, mas como facilitadora da aplicação e do enriquecimento das habilidades de seus membros. O conhecimento e a educação continuada tornam-se, desse modo, condições para a permanência na organização. Conforme Arthur e Rousseau (1996), citados por Balassiano e Costa (2006), os indivíduos passam a assumir inteira responsabilidade sobre suas carreiras, os papéis se invertem e a organização torna-se uma ferramenta para seus membros.

Dessa maneira, tanto em decorrência da escassez de oportunidades de progressão vertical nas empresas quanto pela busca de melhor qualidade de vida, o trabalhador passa a ter a responsabilidade sobre o gerenciamento de sua carreira e de sua vida, ficando cada vez mais evidente a importância do desenvolvimento de habilidades pessoais, do autoconhecimento, do autodesenvolvimento e a preocupação com a formação acadêmica. E fica cada vez mais evidente quanto à empregabilidade a importância de uma ampla rede de relacionamentos.

Depois de tantas mudanças, reduções, demissões, as empresas estão descobrindo que não é a tecnologia que diferencia uma organização da outra, e sim pessoas capazes, valorizadas, motivadas e reconhecidas. Os recursos humanos passam a ser o mais importante ativo das empresas e o indivíduo passa a considerar seus conhecimentos, habilidades e informações como seu principal trunfo (BALASSIANO e COSTA, 2006). Assim, além do conhecimento, outras dimensões como o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a preocupação com a rede de relacionamentos passam também a adquirir maior relevância.

No Brasil, segundo pesquisa do DIEESE (2005), o impacto no trabalho ficou comprovado. A pesquisa afirma que 57,3% da força de trabalho não têm carteira assinada e que os jovens representam mais de 45% do total de desempregados. Uma outra pesquisa da DBM (2006) afirma que 80% dos empregos acontecem por indicação, ou seja, pela utilização da rede social.

Desse modo, torna-se cada vez mais importante investir em pesquisas sobre orientação, planejamento e gerenciamento de carreira e de desenvolvimento de competências individuais, principalmente quanto ao fator relacionamento interpessoal, possibilitando, conseqüentemente, maior preparação dos indivíduos para o enfrentamento de desafios e obstáculos contidos no processo de empregabilidade.

Para isso, é necessário que o indivíduo siga algumas premissas básicas como coletar informações sobre si mesmo e sobre o mundo do trabalho, traçar um perfil detalhado de suas características de personalidade, interesses e aptidões, bem como das possibilidades de atuação no mercado de trabalho e ocupações alternativas, além de estabelecer metas realistas baseadas nes-

sas informações e implementar uma estratégia para o alcance das metas.

É ideal que esse processo se inicie dentro do ambiente universitário, ainda na fase acadêmica. Assim, o aluno pode também trabalhar suas expectativas e iniciar a vida profissional a partir de oportunidades de estágios, já com um prévio acompanhamento e planejamento, além de, ao mesmo tempo, desenvolver habilidades relacionais em uma fase da vida tão propícia para isso, aumentando e fortalecendo, com isso, sua rede social, podendo participar de maior número de cursos extracurriculares que o ajudam a trabalhar as competências requeridas pelo mercado, como habilidades de gestão, de liderança, de comunicação, de relacionamento, de apresentação. Tudo isso o prepara para enfrentar de forma mais eficaz o acirrado mercado de trabalho.

A necessidade dos acadêmicos por esse tipo de programa desenvolvido em centros de desenvolvimento de carreira voltados tanto para alunos da graduação quanto da pós-graduação dentro da Universidade pode ser evidenciada pelas experiências que já estão sendo realizadas em algumas escolas, no Brasil e no exterior, como se pode ver a seguir:

A BYU - *Brigham Young University*, nos EUA, possui o *Counseling and Career Center*, responsável por dar suporte acadêmico, informações e ensinamentos sobre carreira, planejamento e gerenciamento de carreira, testes de aptidão, treinamento de habilidades, aconselhamento pessoal, preparação para entrevistas e banco de empregos (BYU, 2006).

O centro de carreira da Harvard University - *The Office of Career Services* (OCS) dá suporte a todos os estudantes e alunos da Faculdade de Harvard para explorarem suas escolhas educacionais e tornarem sua carreira eficaz (HARVARD, 2006).

A McGill University, em Montreal, no Canadá, desenvolveu uma série de oficinas criadas a fim de facilitar o processo da busca do trabalho. Essas oficinas oferecem ajuda aos estudantes para se prepararem para o mercado e ensinam a utilizar sua rede social para estabelecer oportunidades (McGILL, 2006).

O IBMEC Carreiras é uma unidade de serviços oferecida aos alunos da Faculdade Ibmec, cujo principal objetivo é orientar e aconselhar quanto à escolha e planejamento de carreira, atuando como um agente facilitador entre o plano acadêmico e o mercado (IBMEC, 2006).

O IBTA Carreiras é um departamento que foi criado pela Faculdade IBTA com o principal objetivo de preparar os alunos para serem competitivos no mercado de trabalho. Para isso, desenvolve uma série de atividades que propiciam aos alunos clara visão do mercado, além da possibilidade do desenvolvimento de um eficaz planejamento para as suas carreiras (IBTA, 2006).

Em 2000, a FAE *Business School*, situada em Santa Catarina, criou seu Núcleo de Empregabilidade que vem implementando ações de desenvolvimento e direcionamento de carreira, demonstrando resultados satisfatórios em relação às metas estabelecidas. O núcleo é encarregado de orientar, desenvolver e encaminhar alunos e ex-alunos para o mercado de trabalho, tendo em vista o seu aprimoramento profissional (FAE, 2006).

Em 2004, um dos mais tradicionais cursos de pós-graduação *lato sensu* em Administração de Empresas do Brasil – o Curso da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP) – passou a incluir a disciplina “orientação de carreira” como uma das quatro disciplinas que compõem seu atual ciclo básico – e obrigatório –, denominado, em seu conjunto, de disciplinas para “habilidades pessoais”. Como o próprio nome já diz, o objetivo dessas disciplinas é instrumentalizar os alunos do curso para habilidades em comunicação, negociação, relações interpessoais e na orientação de carreira. No que diz respeito a essa última disciplina, ela está orientada para “fornecer elementos de reflexão sobre projeto de vida e projeto profissional que permitam aos alunos a escolha, o planejamento e o desenvolvimento de carreiras com mais adequação frente ao mercado de trabalho atual”; ou seja, orientar o aluno para o sucesso na carreira (FGV, 2006).

Em Belo Horizonte, a Faculdade Pitágoras criou o SOEP (Serviço de Orientação Educacional e Profissional). Com ele, o aluno passou a ter um serviço voltado para o planejamento de sua carreira, além de propiciar orientação educacional e prepará-lo para enfrentar o mercado de trabalho desde o primeiro semestre do curso (FACULDADE PITÁGORAS, 2006).

Com a transformação da Faculdade FUMEC em Universidade, a criação de cursos de mestrado e doutorado e o grande investimento que tem sido feito na qualidade do ensino, tornou-se de extrema relevância que essas iniciativas sejam reforçadas com a implantação de um programa de orientação de carreira, a exemplo do que concorrentes e instituições de alto conceito mundial estão fazendo.

A empregabilidade diz respeito à capacidade do indivíduo de garantir sua inserção no mercado de trabalho em longo prazo, a partir de habilidades específicas, sendo o resultado um processo de desenvolvimento de carreira que propicie o desenvolvimento de competências essenciais e que permita a sua inserção no mercado de trabalho. No entanto, com todas as mudanças no mundo do trabalho apresentadas neste artigo, verifica-se que, conforme Minarelli (1995), o termo mais adequado a ser utilizado aqui seria “trabalhabilidade”.

Além do indivíduo, a sociedade também pode ajudar a torná-lo “empregável”, ou “trabalhável”, proporcionando-lhe oportunidades de formação e de informação. E é nesse sentido que foi criado o Programa de Extensão de Orientação de Carreira da FUMEC/FACE, com o objetivo de contribuir para a inserção do

aluno no mercado de trabalho a partir da conscientização de sua responsabilidade sobre o gerenciamento de sua própria carreira e de sua vida, da importância do autoconhecimento, do desenvolvimento de habilidades pessoais, assim como de uma ampla rede de relacionamentos.

O programa almejou, assim, o desenvolvimento e direcionamento da carreira, orientando os alunos para o mercado de trabalho, tendo em vista o seu aprimoramento profissional e pessoal, visando, em última instância, à qualidade de vida do aluno e ao seu sucesso profissional.

## 2 – REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 – AS TRANSFORMAÇÕES NA CARREIRA

As organizações, em face das transformações no macrocontexto, têm sido impulsionadas a mudanças na direção de se ajustarem ao novo cenário competitivo e globalizado dos negócios, tais como a horizontalização de suas estruturas, o foco no cliente e a terceirização de seus processos produtivos, afetando de forma direta os empregos e as carreiras profissionais.

Com o “fim dos empregos” (Bridges, 1994), as transformações no mundo do trabalho acarretaram também mudanças no perfil exigido do profissional que vai enfrentar o mercado, um perfil extremamente idealizado e com um leque cada vez mais amplo de competências. Ele tem que ser um indivíduo pró-ativo, dinâmico, com iniciativa e decisão, possuidor de capacidade empreendedora e ser criativo e ter capacidade de inovação, para transformar a criatividade em resultados. Além disso, tem que cuidar de sua aparência física, estar adequadamente trajado, sempre jovial, feliz e atualizado, como se isto fosse possível. E tudo isso sem demonstrar cansaço, fraqueza, sem se estressar. Tem que ter, ainda, inteligência emocional e ser resiliente para suportar as crescentes pressões, intensificadas nas cobranças por resultados, sem adoecer, irritar-se ou manifestar quaisquer sintomas de estresse. Além disso, tem que saber trabalhar em equipe, dominar outro idioma, ter habilidade de relacionamento interpessoal e de estabelecer e manter redes crescentes de relacionamento. É como se o indivíduo precisasse ser “super-homem” ou “mulher-maravilha”, um super-herói em busca do triunfo em sua carreira, conforme Sant’Anna *et al.* (2003). Essas exigências, que por um lado sobrecarregam os profissionais, por outro fazem com que exista relativa inconsistência entre a área de formação e a de atuação do profissional, tornando o mercado cada vez mais flexível e multifuncional, fazendo com que o indivíduo busque constantemente a sua adequação a esse mercado em constante transformação.

Diversos autores têm se debruçado sobre tais temas, verificando-se, daí, expressões como “o fim dos empregos”, em referência à redução drástica dos contratos formais de trabalho e ao surgimento de novas formas de vínculo empresa-trabalhadores (BRIDGES, 1994; RIFKIN, 1995; CHANLAT, 1996; FREITAS, 1997; AMHERDT, 1999). Do mesmo modo, expressões como “caos de carreira” vêm sendo utilizadas como metáforas para o fim dos percursos profissionais sólidos e duradouros e o desenvolvimento de carreiras autodirigidas e compartilhadas com diversas empresas (MCDANIELS e GYSBERS, 1992; CHANLAT, 1995; FREITAS, 1997; AMHERDT, 1999).

De acordo com Martins (2001), etimologicamente o termo “carreira” origina-se do latim *via carraria* - estrada para carros - e somente a partir do século XIX passou-se a utilizar o termo para definir trajetória de vida profissional. Até recentemente, no entanto, o conceito de carreira permaneceu circunscrito a essa analogia, como uma propriedade estrutural das organizações ou das ocupações. O indivíduo adentraria em uma dessas carreiras - estradas preexistentes, sabendo, de antemão, o que esperar do percurso.

Chanlat (1995), todavia, relata, a partir das sociedades industrializadas, dois grandes modelos de carreiras: o modelo tradicional e o modelo moderno. O modelo tradicional, que vigorou até a década de 1970, foi marcado pela estabilidade, enriquecimento, progresso e divisão sexual e social do trabalho. A progressão da carreira era linear e vertical e os trabalhadores possuíam mais estabilidade no emprego. Já o modelo descrito como moderno caracteriza-se por oportunidades para o profissional tanto do sexo masculino quanto feminino, pertencente a grupos sociais variados. Sobre esse modelo a progressão na carreira apresenta-se descontínua, mais horizontal que vertical e com mais instabilidade.

Sob a perspectiva de Chanlat (1995), a carreira tradicional pode ser vista como um ajustamento do indivíduo a uma ocupação escolhida ou à imagem que dela possui, sendo que esse processo de ajustamento implica critérios dos quais nasce a noção de hierarquia ou de seqüência de papéis, com mais responsabilidades dentro de uma ocupação (LANDAU e HAMMER, 1986; BASTOS, 1997).

Na abordagem tradicional, destacam-se, conforme Martins (2001), três aspectos que delimitam o conceito de carreira.

O primeiro é a noção de avanço, com a expectativa de progressão vertical na hierarquia de uma organização, à qual se associa a metáfora de escada, cujo alcance de degraus superiores é acompanhada por sinais de maior *status* e ganhos financeiros.

O segundo aspecto é a associação da carreira à profissão. Um médico, um militar ou um sacerdote, de acordo com essa con-



cepção, teria uma carreira, enquanto que um funcionário de escritório ou um operário de indústria não a teria.

O terceiro é a pressuposição de uma estabilidade ocupacional, em que o indivíduo sempre exerceria atividades relacionadas à sua profissão até a aposentadoria. Assim sendo, tal conceito não incluiria a trajetória de uma pessoa que fosse, concomitantemente, professor de inglês e comerciante. A carreira, nessa perspectiva, encontra-se mais relacionada ao trabalho assalariado e aos ocupantes de cargos existentes nessas organizações.

Ainda de acordo com Chanlat (1995), as principais causas do declínio da carreira tradicional, assim como da ampliação desse conceito, estão relacionadas a diversos fatores, entre eles: a crescente entrada das mulheres no mercado de trabalho; a elevação dos graus de instrução; a afirmação dos direitos dos indivíduos; a globalização da economia; a competitividade; a turbulência ambiental; a necessidade de mudança nas organizações; e a flexibilização do trabalho. A esses poderiam ser acrescidos os avanços na tecnologia e mais diversidade da força de trabalho.

Com todas essas mudanças, um conceito bem mais condizente com a carreira atualmente trilhada pelas pessoas parece ser o seguinte: “uma ocupação ou profissão representada por etapas e possivelmente por uma progressão” (ROBERT, 1989: 259). “Ingressar em uma carreira significa avançar no caminho da vida”, prossegue o autor.

Greenhaus (1999) também propõe um conceito de carreira sem as amarras da abordagem tradicional, segundo o qual carreira consiste em um padrão de experiências relacionadas ao trabalho, que abrange o curso da vida de uma pessoa.

De acordo com Baruch (2004), a geração atual testemunha o desaparecimento de limites em várias fases da vida e as implicações sobre as carreiras são que elas se tornam multidirecionais. Em uma perspectiva considerada moderna, carreira, para esse autor, é vista como um processo de desenvolvimento do empregado por meio de uma trajetória de experiência e empregos em uma ou mais organizações (BARUCH e ROSENSTEIN, 1992).

Desse modo, a questão da carreira, tanto na esfera individual quanto organizacional, só pode ser plenamente entendida considerando-se as mudanças que marcam a sociedade e as organizações contemporâneas. Neste contexto, dois conceitos emergem como centrais à compreensão da noção atual de carreira: trajetória de carreira, ou seqüência de experiências de trabalho de uma pessoa, ao longo do tempo, quer na condição de assalariado, quer por meio de outros vínculos (KILIMNIK, 2000) e transições profissionais, equivalendo às diferentes etapas do desenvolvimento vocacional suscitadas pelas perdas de emprego e que se revelam ser, igualmente, transições socioprofissionais (RIVERIN-SIMARD, 1993).

## 2.2 – CARREIRA: UM CONCEITO EM EXPANSÃO

A noção de carreira, muito embora contemporânea ao surgimento da sociedade industrial, sofre, atualmente, profundas transformações.

McDaniels e Gysbers (1992), ao procederem a uma sistematização de estudos teóricos sobre carreira a partir de 1900, apresentam uma escala evolutiva de suas concepções, indicando tendências no sentido de uma definição ampliada desse construto.

Segundo os autores, com o passar dos tempos o conceito de carreira foi ganhando outros elementos, além do sentido meramente do trabalho - ou ocupação - que lhe era atribuído de início. Dessa forma, falar em carreira nos tempos atuais significa vê-la de forma interligada a essas outras dimensões. Significa, também, que a carreira não é determinada *a priori*; é algo a ser construído, sugerindo um papel mais ativo do trabalhador no decorrer do processo. Além disso, diversos aspectos da interação dos ciclos da vida, do lazer e dos estilos de vida com a ocupação passaram a ser cada vez mais evidenciados.

Schein (1978), por exemplo, conceituando o que denominou de perspectiva de desenvolvimento de carreira, menciona a necessidade de se estabelecer uma relação entre autodesenvolvimento, desenvolvimento de carreira e desenvolvimento da vida pessoal e familiar. Para refletir sobre a carreira das pessoas, seria preciso, conforme o autor, entender as suas necessidades e características, as quais não estão ligadas apenas à vida no trabalho, mas são fruto da interação da pessoa com todos os espaços de sua vida.

Nos anos de 1990, definições ampliadas de carreira tornaram-se cada vez mais utilizadas. Expressões como espaço da vida e projeto de vida aparecem constantemente nas conceituações de carreira a partir desse período. O foco no conceito vida, englobando seus mais diferentes aspectos, tais como necessidades, desejos, ansiedade, capacidades, potencialidades pessoais e também as pressões e condicionantes ambientais, além das responsabilidades assumidas no campo estritamente familiar, fizeram convergir as idéias de desenvolvimento de carreira para o próprio desenvolvimento pessoal (OLIVEIRA, 1998).

Procedendo, também, a uma análise da evolução do conceito de carreira, no entanto, sob perspectiva distinta, Robbins (1998) considera que o papel das organizações no desenvolvimento de carreira passou por mudanças significativas, indo do paternalismo – no qual a organização assumia a responsabilidade de gerenciar as carreiras de seus empregados - ao apoio, aos profissionais, para que assumam responsabilidade pessoal por seu futuro.

Para o autor, a causa dessa mudança de postura em relação à carreira em parte se deve ao fato de que os empregadores não



querem investir em onerosos planos de carreira para os empregados e, por outro lado, os empregados não estão motivados a aprender habilidades específicas da organização, que podem ser incompatíveis com as habilidades necessárias em outras organizações. Além disso, as burocracias foram projetadas para traçar caminhos de carreiras bem-definidos para seus membros. Elas criaram especialistas estreitos, funcionais, localizados em uma hierarquia de camadas múltiplas. Como as burocracias foram desmontadas – geralmente substituídas por equipes de funcionalidade cruzada, estruturas achatadas e atividades terceirizadas – assim também o foram os programas de planos de carreiras.

Como conseqüência do movimento de descentralização empreendido pelas organizações, o planejamento de carreira é uma das funções que ganham autonomia, passando a ser de responsabilidade do próprio empregado. Hall e Mirvis (1995) afirmam que cada vez mais os trabalhadores são vistos como semi-autônomos, profissionais autogerenciados, cuja segurança não se é dada pela organização, mas por suas próprias competências.

De acordo com Oliveira (1998), durante muito tempo a organização manteve um falso discurso de que a carreira era de responsabilidade do empregado, sendo isso, no entanto, uma tentativa de esconder o fato de ela estar fazendo pouco ou quase nada no sentido de oferecer perspectivas de crescimento, notadamente aos empregados de níveis mais baixos de sua hierarquia. Esse autor, entretanto, citando Hall e Mirvis (1995), considera que a situação se modificou, assumindo, atualmente, caráter verdadeiro: assim como as organizações realmente não têm como fazer o planejamento individual das carreiras, os trabalhadores, por outro lado, já não acreditam em promessas dessa natureza.

### 2.3 – OS PARADOXAIS REFLEXOS NOS INDIVÍDUOS DAS MUDANÇAS NAS CARREIRAS

Hall (1996) entende a carreira como uma série de experiências e de aprendizados pessoais relacionados ao trabalho ao longo da vida. Observa, ainda, que no passado os estudos de carreira enfocavam os cargos e ocupações do indivíduo, enquanto que na atualidade se dirigem às suas percepções e autoconstruções dos fenômenos de carreira. Em outras palavras, o estudo da carreira interna e o planejamento pessoal de carreira estariam recebendo mais atenção do que o estudo da carreira externa ou o planejamento de carreira da empresa.

O conceito de carreira proteana, segundo Martins (2001), é, então, apresentado por Hall (1996) como um contraponto à carreira organizacional estruturada no tempo e no espaço. O termo é derivado do deus Proteu que, na mitologia grega, possuía a habilidade de mudar de forma ao comando de sua vontade.

De acordo com Hall (1996), a carreira proteana é um processo em que a pessoa, não a organização, a gerencia. Consiste de todas as variadas experiências do profissional em educação, treinamento, no trabalho em várias organizações, nas mudanças no campo ocupacional.

As próprias escolhas pessoais de carreira e a busca por auto-realização constituem, segundo o autor, os elementos integrativos e unificadores da vida profissional. O critério de sucesso é interno - sucesso psicológico - não externo.

A carreira proteana é, nessa direção, desenhada pelo indivíduo e pode ser redirecionada, de tempos em tempos, para atender às suas necessidades. Os autores advertem, todavia, que as mudanças pelas quais passam muitos dos profissionais, atualmente, podem ser interpretadas como meros mecanismos de defesa, acionados automaticamente e de forma condicionada, perante as inconstâncias e ameaças do ambiente (CALDAS e TONELLI, 2000; CARVALHO e GRISCI, 2002).

Nessa mesma linha, Evans (1996) ressalta o fato de que as carreiras estão adotando configuração espiral, em ziguezague, em substituição ao formato de uma escada.

Na verdade, trajetórias de carreira em espiral estariam muito mais alinhadas, mais em sintonia com as necessidades do nosso tempo, na medida em que possibilitam o desenvolvimento de pessoas com profundidade e amplitude de habilidades, isto é, que apresentam tanto a *expertise* de especialistas quanto a visão mais ampla do generalista (EVANS, 1996).

Em termos de desenvolvimento em espiral, prossegue o autor, as pessoas não seguem apenas uma única carreira, mas sim duas, três ou até quatro diferentes durante o curso de suas vidas e, às vezes, até de forma simultânea.

Aposentadoria para elas não é aposentadoria no sentido tradicional, é apenas uma mudança em espiral, é um ziguezague em outra direção, uma outra carreira, a oportunidade de realizar atividades novas e diferentes. Isso, no entanto, provoca dificuldades consideráveis, trazendo à tona questões tais como saber administrar a tensão entre a vida profissional e a vida pessoal e o que isso agrega ao entendimento e convicções sobre como se deve administrar as próprias organizações.

De acordo com Handy (1997), a verdadeira revolução social é a mudança de uma vida amplamente organizada em direção a um mundo no qual se é forçado a estar no comando do próprio destino. E de acordo com Drucker (1999), pela primeira vez, literalmente pela primeira vez, um número substancial e crescente de pessoas tem a possibilidade de fazer escolhas; pela primeira vez, as pessoas terão de administrar a si próprias; e, segundo esse autor, elas estão totalmente despreparadas para isso. Por outro lado, esse mesmo indivíduo necessita se enquadrar em uma série de exigências do contexto organizacional e precisa

também possuir ampla gama de competências, que nem sempre coadunam com o perfil necessário para se trilhar uma carreira “autodirigida” ou “proteana”.

Esse tipo de paradoxo, ou seja, a carreira ora se configura como autodirigida, ora subordinada aos ditames do mercado e do contexto organizacional, pode se evidenciar no confronto das idéias de outros autores que tratam desse importante tema.

De acordo com Lacombe (2002), a produção flexível e flexibilização estrutural favorecem a participação e integração do trabalhador via trabalho em equipe e provocam um enfraquecimento do vínculo carreira/organização única - o que confere, além de mais autonomia no processo decisório e no ato do trabalho em si, mais possibilidade de avaliação da própria vida profissional, de maneira a propiciar o desenvolvimento de uma profissão que possa se integrar a um projeto de vida.

Sennett (2002) chama a atenção, porém, para o fato de que, no modo de produção flexível, o trabalho em equipe reforça a dominação sobre os trabalhadores, por meio de: a) superficialidade do conteúdo do trabalho em equipe; b) foco das equipes no momento imediato; c) fuga à resistência e ao confronto, em nome da participação e comprometimento. “Os trabalhadores se deparam com a permanência do risco em cada oportunidade de trabalho causada pela cultura da mudança constante e irreversível. Para os donos do capital, o risco pode ser confortável; já para os trabalhadores sugere perturbação, desorientação e depressão” (MOREIRA-ALBANDES; BATISTA-DOS-SANTOS, 2004, p.2).

A noção de carreira, então, como um caminho a ser trilhado, “uma ocupação ou profissão representada por etapas e, possivelmente por uma progressão” (Robert, 1989, p. 259), se perde nessa nova ordem. Ela é substituída por mudanças laterais ambíguas em que “as pessoas se mexem para o lado, acreditando que estão subindo na rede frouxa” (Sennett, 2002, p. 100). “As pessoas que arriscam fazendo mudanças em organizações flexíveis, muitas vezes têm pouca informação concreta sobre o que implicará uma nova posição e só em retrospecto compreendem que tomaram más decisões” (MOREIRA-ALBANDES; BATISTA-DOS-SANTOS, 2004, p.9).

Nesse contexto, os valores e as autopercepções individuais, que se estabelecem no desenvolvimento de uma carreira ou na relação do indivíduo com o seu trabalho, surgem como novos e possíveis sinalizadores das decisões de carreira, em substituição aos critérios subjacentes aos planos clássicos de carreira, que tendem a não mais existir.

Schein (1993) define como âncora de carreira o conjunto de autopercepções relativas a talentos e habilidades, motivos e necessidades e atitudes e valores que as pessoas têm em relação ao trabalho que desenvolvem ou que buscam desenvolver.

A âncora de carreira na vida profissional de uma pessoa pode ser utilizada como uma forma de organizar experiências, identificar áreas de contribuição ao longo de sua trajetória, gerar critérios para tipos de trabalho e identificar padrões de ambição e sucesso que a pessoa pode determinar para si mesma. Elas servem, portanto, para guiar, balizar, estabilizar e integrar a carreira de uma pessoa.

O conceito teve sua origem em um estudo longitudinal com 44 profissionais que foram reentrevistados por Edgar Schein após 10 a 12 anos que haviam concluído a graduação. Essas entrevistadas focalizavam a história da vida profissional de cada pessoa e as razões de suas escolhas ou decisões tomadas. Fazendo a análise das razões para as decisões atuais, o autor encontrou claro padrão de respostas que lhe permitiu um enquadramento das similaridades. Foi visto também que as razões tornavam-se mais claras, articuladas e consistentes com a acumulação de experiência no trabalho (SCHEIN, 1993).

As principais âncoras de carreira, de acordo com a seleção realizada pelos pesquisadores Schuijer e Taillieu (1996), com base no referencial e no Inventário de Âncoras de Carreiras de Schein (1993), são:

- *Empreendedorismo* ou a preocupação com a criação de algo novo envolvendo a motivação para ultrapassar obstáculos, a vontade de correr riscos e o desejo de proeminência pessoal naquilo que é alcançado.
- *Competência técnico-profissional* ou a preocupação com o desenvolvimento da perícia pessoal e especialização, construindo a carreira em uma área técnica específica ou determinada profissão.
- *Estilo de vida* ou a preocupação em desenvolver um estilo de vida capaz de equilibrar as necessidades da carreira e da família, de modo que nenhuma delas se torne dominante.
- *Desafio puro* ou a preocupação primária com a resolução de problemas aparentemente irresolúveis, com a possibilidade de vencer oponentes duros e de ultrapassar obstáculos difíceis.
- *Autonomia* ou a preocupação com a liberdade e a independência, com o não ser constrangido pelas regras da organização, com o fazer as coisas a sua maneira.
- *Segurança no emprego* ou a preocupação com a estabilidade e com a garantia de emprego, segurança, benefícios e boas condições de aposentadoria.
- *Serviço e dedicação* ou a utilização das capacidades interpessoais e de ajuda em serviço dos outros, comprometimento com uma causa importante na vida e a conseqüente devoção a ela.
- *Gerir pessoas* ou a preocupação central com a integração

dos esforços dos outros para a obtenção de resultados e com a articulação das diferentes funções de uma organização.

O referencial de âncoras de carreiras desenvolvido por Schein (1993) coaduna-se com a mencionada tendência atual de as carreiras serem autodirigidas, ou seja, de responsabilidade dos próprios indivíduos que, conseqüentemente, necessitam estar conscientes de seus objetivos de vida e valores em relação à carreira e desenvolver competências adequadas para tal.

Essa tendência, por sua vez, enseja estudos e pesquisas sobre trajetórias, transições e estratégias de carreira, segundo as percepções dos próprios indivíduos, podendo, inclusive, revelar como reagem e se articulam diante de tão contraditórias tendências, o que tem sido investigado pelo Grupo de Pesquisas de Gestão Estratégicas de Pessoas da FUMEC/FACE. E o Programa de Orientação de Carreira consiste em um desdobramento desses estudos desenvolvidos.

### 3 – METODOLOGIA

O Programa se fundamentou no tripé base da “trabalhabilidade”. Ou seja, a “trabalhabilidade” sendo formada pelas redes interpessoais, o autoconhecimento, as competências e o conhecimento técnico propriamente dito. Esses três últimos interagindo entre si e se auto-influenciando. Desse modo, a inserção na carreira depende dos fatores que tornariam o indivíduo apto ao mercado de trabalho - alguns fatores pessoais e outros sociais -, no qual os alunos são estimulados pelas instituições de Ensino Superior, visando à melhor preparação do indivíduo/aluno (CRESPO FERREIRA, 2007).

O programa envolveu as seguintes atividades:

1. **Orientação profissional** – acompanhamento do aluno quanto a problemas relacionados à escolha e desenvolvimento de seu curso, mediante o uso de técnicas que visam ao autoconhecimento e percepção mais apurada dos interesses e das aspirações profissionais.
2. **Curso de Gestão de carreira** – envolvendo os seguintes conteúdos: o significado do trabalho; carreira - evolução, conceitos, metáforas, âncoras e tendências; pesquisas sobre carreira; planejamento e gestão de carreiras; autoconhecimento; preparação para o mercado de trabalho e empregabilidade; o equilíbrio entre a vida pessoal e o trabalho. No decorrer do curso foram realizadas oficinas de orientação de carreira em grupo, com acesso a informações e ensinamentos sobre carreira, planejamento e gerenciamento de carreira, testes de aptidão, treinamento de habilidades, assim como preparação para entrevistas e

ajuda na preparação do currículo.

3. **Eventos** - palestras de profissionais do mercado de trabalho sobre temas tais como qualidade de vida no trabalho, elaboração de currículo, entrevistas de seleção e autoconhecimento e palestras do coordenador do programa para os alunos do curso de Administração para divulgação do programa.

Serão apresentados, a seguir, alguns dos casos atendidos no programa de orientação de carreira com a caracterização do aluno, história acadêmica e resultados obtidos. Foram selecionados os casos de alunos que participaram de todas as etapas do processo e cujo resultado pode ser avaliado, ainda que de forma qualitativa.

Além dos casos relatados, o programa recebeu grande demanda de alunos que buscavam orientações quanto a como elaborar um currículo adequadamente e como se portar em entrevistas e dinâmicas de seleção.

### 4 – RESULTADOS

O desenvolvimento da orientação profissional ocorreu da seguinte forma: em um primeiro momento, foram realizadas algumas entrevistas em profundidade para melhor conhecimento do aluno, suas aspirações e conflitos. Em seguida, dando continuidade ao processo de autoconhecimento, alguns testes de personalidade foram utilizados e os resultados discutidos com o aluno, gerando vários *insights* interessantes. Numa terceira etapa, o processo focou mais a parte profissional, sendo realizado um método projetivo para a clarificação da inclinação profissional. Também foi utilizado o questionário de âncoras de carreira de Schein, bem como discussões sobre mercado de trabalho e possibilidades de atuação. Isso ocorreu em todos os casos relatados a seguir, com exceção de um, que foi todo desenvolvido por meio de entrevistas e orientações, por serem demandas bem específicas e devido ao fato de a aluna estar em um momento de vida bem delicado (recuperando-se de depressão grave). Primeiro, houve a preocupação da orientadora em confirmar se a aluna estava ainda em tratamento, se tinha acompanhamento médico e psicológico adequado. Tendo sido confirmada esta condição, as entrevistas em profundidade tiveram também caráter de intervenção psicopedagógica, como, por exemplo, desmitificando para a aluna que o fato dela ter tido um episódio depressivo fazia dela menos capaz de assumir a direção da sua vida profissional. Foram discutidas possibilidades de caminhos de atuação no Turismo e na Hotelaria, oferta de cursos de pós-graduação, demandas de mercado, entre outros temas.

Os resultados apresentados neste tópico referem-se aos sete casos que foram selecionados e envolvem análise dos principais resultados obtidos.

Caso	Apresentação	Histórico acadêmico	Resultados
1	3º período de Administração de Empresas, 23 anos, sexo masculino. Procurou o serviço de orientação dizendo-se completamente perdido e pensando em abandonar o curso.	Na época do vestibular não sabia o que queria, tentou Publicidade em uma Faculdade particular e passou, mas na última hora resolveu não cursar. No segundo vestibular, prestou para Turismo em uma Faculdade e para Jornalismo em outra. Passou nas duas e escolheu estudar Jornalismo. Fez dois períodos, não gostou e abandonou o curso. No terceiro vestibular, resolveu fazer Administração de Empresas, porque "é um curso mais amplo". Mas atualmente não sabe se gosta do curso, não possui identificação com ele e está pensando em largar novamente.	O aluno identificou que sua falta de motivação com o curso era devida à pouca informação que tinha a respeito das possibilidades de atuação do administrador e também ao pouco autoconhecimento. Ao longo do processo ficou clara sua identificação com a área de marketing e comunicação empresarial, gerando então uma dúvida se ele deveria continuar no curso de Administração ou mudar para Publicidade. Ao término do processo, o aluno escolheu permanecer no curso de Administração, focar sua carreira para a área de marketing e traçou um plano de carreiras que incluiu estratégias para melhorar as habilidades e competências pessoais e/ou profissionais que estavam lhe faltando (detectadas na parte de autoconhecimento). Além disso, foi feita uma análise e uma revisão de seu currículo, uma preparação para entrevistas e dinâmicas de grupo e, no final do atendimento, esse aluno já havia conseguido um estágio em empresa de grande porte na sua área de interesse.
2	7º período do curso de Administração de Empresas, sexo feminino, 22 anos. Procurou o serviço de orientação porque já havia participado de algumas seleções de empresas importantes e sempre era eliminada após as dinâmicas de grupo. Queria entender o motivo pelo qual isso estava acontecendo e como melhorar.	Desde pequena queria fazer Medicina, até ir para um intercâmbio nos Estados Unidos, quando pôde refletir bem o que queria e decidiu que queria continuar tendo experiências no exterior, contato com outras línguas, outras culturas. Ficou em dúvida se fazia vestibular para Comércio Exterior diretamente ou para Administração; e escolheu a segunda opção, por ser "um curso mais amplo". Está muito satisfeita com o curso, não tem dúvidas quanto à sua escolha, já fez vários estágios na área.	A aluna concluiu que não se saía bem em dinâmicas de grupo por questões de sua própria personalidade e comportamento, por ser mais individualista, pouco disponível aos outros e muito reservada. Foram levantadas algumas formas de ela trabalhar essa questão como, por exemplo, ajuda terapêutica, prática de esportes coletivos, entre outras. Profissionalmente, ela decidiu participar de programas de <i>trainee</i> de grandes empresas e para tanto foi orientada quanto às formas de se preparar. Decidiu, então, a se dedicar mais ao estudo de línguas estrangeiras, passar a ler jornais e revistas de conhecimentos gerais com mais frequência e desenvolver mais suas habilidades de lógica e raciocínio analítico. Concluiu que está no curso certo para ela, sente-se identificada com a profissão e quer voltar sua carreira mais para a área de negócios internacionais ou comércio exterior.
3	9º período de Engenharia de Telecomunicações, sexo masculino, 22 anos. Procurou o serviço de orientação muito inseguro, com dúvidas sobre o mercado de trabalho na sua área. Possuía dúvidas se devia permanecer no estágio atual, querendo fazer um plano de carreiras, mas sem saber nem por onde começar.	Sempre quis estudar Engenharia e está muito satisfeito com o curso. Está quase se formando e seus medos são em relação ao mercado de trabalho, se vai conseguir emprego, qual área ele, de fato, gostaria de trabalhar.	Como resultado do processo de autoconhecimento, o aluno identificou a necessidade de voltar para sua terapia e assim o fez. Em relação aos aspectos mais profissionais, ele reafirmou sua opção por Engenharia, mas decidiu fazer pós-graduação na área de gestão para poder ampliar seus conhecimentos e suas possibilidades de atuação. Voltou a estudar línguas e começou a investir em cursos de aperfeiçoamento tanto da área de Engenharia quanto da área de gestão. Estabeleceu um plano de carreira bem desenvolvido, conseguiu transferência para outra área da empresa onde estagiava, que lhe permite hoje mais satisfação e mais possibilidades de desenvolvimento de acordo com seu plano de carreira.

4	6º período de Administração de Empresas, sexo feminino, 26 anos. Procurou o serviço de orientação porque falta apenas um ano para sua graduação e pensava não gostar do curso.	Na época do vestibular queria prestar para Turismo, mas foi influenciada pelo namorado, que disse que “Administração era mais genérica, mais ampla, dava mais oportunidade de trabalho”. Hoje em dia acha que deveria ter feito Veterinária, porque adora animais. Não tem dificuldade no curso em termos de notas, mas não se imagina trabalhando na área.	A aluna concluiu que a área da Administração com a qual ela mais se identifica é a de gestão de pessoas, porém ficou bem claro que sua maior inclinação é para as artes em geral. Discutiui-se, portanto, sobre isso e ela percebeu a possibilidade de satisfazer esse seu lado a partir de <i>hobbies</i> , e até mesmo gerenciando galerias, por exemplo. Quanto à Veterinária, que era sua outra opção de escolha, ela percebeu ao final do processo que o que ela gostava era de estar em contato com animais domésticos para brincar e não tinha a mínima vontade de exercer a ocupação de médica veterinária. Questões pessoais que precisavam de cuidados foram identificados e foi-lhe sugerido buscar ajuda profissional, inclusive com a possibilidade de este trabalho ser feito na própria clínica da Universidade. A aluna fez boa avaliação de suas competências, detectou seus pontos fracos, mas não quis fazer o plano de carreira, alegando ter que “digerir primeiro todas as informações e conhecimentos adquiridos.” Entretanto, foi orientada sobre como fazer esse plano de carreira quando julgasse adequado, pois essa mesma aluna fez o curso de Gestão de Carreira e nele teve a oportunidade de desenvolver o seu plano de desenvolvimento profissional.
5	6º período de Administração, sexo feminino, 24 anos.	Procurou o serviço de orientação porque não conseguia identificar que área da Administração ela gostava, sentia-se sem rumo em sua carreira.	A aluna identificou seus pontos fortes e fracos e definiu estratégias para desenvolver as competências necessárias aos seus objetivos profissionais. Concluiu que se identifica com a área financeira e quer trabalhar em uma instituição financeira com clientes de grande porte (pessoa jurídica). Para tanto, precisa se qualificar adequadamente, investindo em cursos de extensão e aprimoramento. Identificou que seus conhecimentos sobre legislação precisam ser aprofundados e pretende também fazer um curso de MBA em finanças depois que se graduar.
6	4º período de Administração de Empresas, sexo masculino, 20 anos. Procurou o serviço de orientação dizendo estar desmotivado, querendo abandonar o curso.	Fez vestibular para Administração, influenciado pelos tios (também administradores), que disseram que é um “curso amplo, com muitas chances de trabalho”.	(Neste caso, o aluno optou por interromper o processo no ponto dos <i>insights</i> ). Ao longo do processo, percebeu que sua demanda não era de fato de orientação profissional e de carreira, pois suas questões eram de ordem pessoal e não profissional. Por meio do trabalho de autoconhecimento, ele percebeu claramente que sua falta de motivação não era em relação ao curso em si e sim devido a outros aspectos de sua vida. Assim sendo, ficou bem aliviado, pois “encontrou um caminho por onde começar a se encontrar e o curso nem ficou tão chato assim”.
7	5º período de Turismo, sexo feminino, 20 anos. Procurou o serviço de orientação sentindo-se muito desmotivada com o curso, achando que o mesmo era falho na parte “técnica” da Hotelaria, que é o seu maior interesse (cozinha, bebidas, arrumação, etc.). Estava pensando em abandonar o curso e ir para a Suíça fazer um curso de Hotelaria lá, mas ao mesmo tempo sentia-se muito insegura quanto a esta decisão.	Desde nova dizia que iria fazer hotelaria e na época do vestibular prestou para Administração na UFGM e Turismo na FUMEC. Passou nos dois cursos e começou a cursar os dois. Logo viu que seria muito difícil continuar nos dois e escolheu ficar na FUMEC porque achou a UFGM desorganizada e porque seu interesse maior sempre foi em hotelaria mesmo. Recentemente, havia trancado um semestre para tratar de depressão profunda e agora que estava voltando não estava gostando do curso.	A aluna ficou bastante satisfeita com o processo, pois melhorou sua auto-estima, entendeu o processo de formação que o curso estava lhe oferecendo e viu que poderia complementar essa formação com a parte “técnica” que estava querendo, inclusive com a possibilidade de uma especialização depois de formada na Suíça (e não mais abandonar o curso no meio). Sentiu-se acolhida e reafirmou seu interesse pela hotelaria especificamente, mesmo sendo “diferente” da maioria de seus colegas que, na verdade, se interessavam mais por outras áreas.

Observou-se também que muitos dos alunos que procuraram o programa tiveram interferência ou influência da família em sua escolha profissional, afirmando o heptágono da “trabalhabilidade” adaptado por Crespo Ferreira (2007).



Conforme dito anteriormente, o programa teve também grande demanda de alunos que buscavam orientações quanto a como elaborar um currículo adequadamente e como se portar em entrevistas e dinâmicas de seleção. Em relação ao currículo, percebeu-se acentuado despreparo dos alunos, que apresentaram dúvidas como: “Eu nunca trabalhei, o que eu coloco no currículo?” “Tem que colocar onde eu estudei no primeiro e segundo graus?” “Tem que colocar nome e telefone das pessoas para referências pessoais?”, entre outras dúvidas. Já quanto às entrevistas de seleção, as principais dúvidas foram em relação ao tipo de informação que deveriam dar ao entrevistador, que tipo de roupa vestir, como se portar. E em relação às dinâmicas, as dúvidas eram, em sua maioria, sobre o que os profissionais de Recursos Humanos observam nas dinâmicas de grupo.

## 5 – CONCLUSÕES

Pode-se considerar que o Programa de Orientação de Carreira da FUMEC/FACE atingiu seus objetivos, na medida em que orientou os alunos para o mercado de trabalho, tendo em vista o seu aprimoramento profissional e pessoal. Além disso, facilitou o processo de conscientização do aluno sobre sua responsabilidade de gerenciar sua própria carreira, bem como da necessidade de desenvolver suas habilidades técnicas, inter e intrapessoais.

Percebeu-se, também, grande demanda grande sobre este tipo de serviço na Universidade e que, a partir dele, não só os alunos podem ser beneficiados, mas também a própria instituição, que pode ter o índice de satisfação dos alunos em relação à Universidade aumentado e, conseqüentemente, redução dos níveis de evasão acadêmica, melhorando, assim, a imagem da instituição frente aos alunos e ao mercado.

## 6 – REFERÊNCIAS

MOREIRA-ALBANDES, L. A.; BATISTA-DOS-SANTOS, A. C. (2004) Qualidade, Subalternidade, Subjetividade e Organização: O Testemunho de um Trabalhador e a Compreensão Crítica de um Sistema de Gestão pela Qualidade. In: 28ª. Reunião Anual da ANPAD, 2004. *Anais* .....Curitiba. (CDROM)

AMHERDT, C. *Le chaos de carrière dans les organisations*. Montréal: Editions Nouvelles, 1999.

ARTHUR, M.B., CLAMAN, P.H. DEFILLIPI, R.J. Intelligent enterprise, intelligent careers. In: *Academy of Management Executive*, V. 9, N. 4, pp. 7-22, 1995.

BALASSIANO, M.; COSTA, I. *Gestão de carreiras: dilemas e perspectivas*. Atlas: 1ª. Ed., 2006.

BALASSIANO, M.; VENTURA, E. FONTES Carreiras e cidades: existe um melhor lugar para se fazer carreira? In: *Anais do XXVII Enanpad*, Atibaia, 2003.

BARUCH, Y. Transforming careers: from linear to multidirectional career paths: Organizational and Individual Perspectives. *Career Development International*. Volume: 9 Number: 1 Page: 58 – 73, 2004.

BARUCH, Y.; HALL, D. T. Careers in academia as role model for career systems. *Journal of Vocational Behavior*, 2003.

BARUCH, Y.; ROSENSTEIN, E. (1992), “Career planning and managing in high tech organizations”. *International Journal of Human Resource Management*, v. 3, n. 3, p. 477-96, 1992.

BASTOS, A.V.B. A escolha e o comprometimento com a carreira: um estudo entre profissionais e estudantes de Administração. São Paulo: *Revista de Administração*, v.32, n.3, p.28-39, jul/ set., 1997.

BRIDGES, W. *Mudanças nas relações de trabalho*. Como ser bem sucedido em um mundo sem emprego. Job Shift. São Paulo: Makron Books, 1994. 269 p.

BYU, 2006. Disponível em: < <http://www.byu.edu> >. Acesso em: 15 dez. 2006)

CALDAS, M. *Demissão: causas, efeitos e alternativas para empresa e indivíduo*. São Paulo: Atlas, 2000b

CALDAS, M.; TONELLI, M. J. O homem camaleão e os modismos gerenciais: uma discussão sociopsicanalítica do comportamento modal nas organizações. In: MOTTA, Fernando C. P.; FREITAS, M. E. *Vida psíquica e organização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. cap. 7, p.130-147.

CARVALHO, M. L.; GRISCI, C.L.I. Gerenciamento de impressão em entrevista de seleção: camaleões em cena. *Anais... ENANPAD*, 26, Salvador, 2002. (CDROM).

CHANLAT, J. F. Quais carreiras e para qual sociedade? (I). In: *RAE – Revista da Administração de Empresas*. São Paulo: v. 35, n. 6, p. 67–75, nov./dez, 1995.

CHANLAT, J. F. Jean-François. Quais carreiras e para qual sociedade? (II). In: *RAE – Revista da Administração de Empresas*. São Paulo: v. 36, n. 1, p. 13-20, jan./fev./mar. 1996.

COELHO, J.A. Organizações e Carreiras sem Fronteiras. In: BALASSIANO, M.; COSTA, I. *Gestão de carreiras: dilemas e perspectivas*. Atlas: 1ª. Ed., p. 94-108, 2006.

CRESPO FERREIRA, M. *Fatores facilitadores e limitantes da inserção no mercado de trabalho: um estudo comparativo envol-*



- vendo profissionais e alunos de graduação de Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado. FUMEC. Belo Horizonte, 2007.
- DBM, 2006. (Disponível em: < <http://www.dbm.com> >. Acesso em: 2 ago. 2006).
- DEFILLIPI, R.J. AND ARTHUR, M.B. The boundaryless career: a competency-based prospective, *Journal of Organizational Behavior*, v.15, n. 4, ,p. 307-24, 1994..
- DIEESE, 13 de Setembro de 2005, (Disponível em: < [www.canalrh.com.br/Mundos/pesquisas](http://www.canalrh.com.br/Mundos/pesquisas) >. Acesso em: 2 ago. 2006)
- DUTRA, J. Gestão de pessoas por competências: Modismo ou conceito em construção. In: \_\_\_\_ *Competências: conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na empresa moderna*. São Paulo: Atlas, 2004.
- DRUCKER, P. *Administrando em tempos de grandes mudanças*. São Paulo: Pioneira, 1999.
- EVANS, P. Carreira, sucesso e qualidade de vida. In: *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 36, n. 3, p. 14-22, Jul/Ago/Set. 1996.
- FACULDADE PITÁGORAS, 2006. (Disponível em:< <http://www.faculdadepitagoras.com.br> >. Acesso em: 15 dez. 2006. )
- FAE, 2006. (Disponível em:<<http://www.fae.edu>>. Acesso em: 15 dez.2006 )
- FGV, 2006. (Disponível em:< <http://www.fgv.br> >. Acesso em: 15 dez. 2006)
- FERREIRA, R. G. Em Busca de Trabalho: Posições, Disposições e Decisões ao Término de um Curso de Graduação. In: *Anais do XXVI Enanpad*, Salvador: ANPAD, 2002.
- FREITAS, L.A.. *E uma carreira profissional sólida se desmancha no ar...: um estudo psicossocial da identidade*. Taubaté: Cabral, 1997.
- GREENHAUS, J. H. *et al. Career management*. 3a. ed. Orlando: Harcourt, 1999.
- GREENHAUS, J. & G. CALLANAN. *Career Management*, 2nd Ed, Forth Worth: Dryden Press, 1994.
- HALL, D. T. *The career is dead, long live the career: a relational approach to careers*. San Francisco: Jossey-Bass, 1996.
- HALL, D. T, MIRVIS, P.H. *Careers as Lifelong Learning*. In: *The changing nature of work*, Chapter nine. San Francisco: Jossey Bass, 1995.
- HANDY, C. *Futuros não imaginados*. In: HESSELBEIN, F; GOLDSMITH, M.;
- BECKHARD, A organização do futuro. São Paulo: Futura, 1997.
- HARWARD, 2006. (Disponível em:< <http://www.harvard.edu> >. Acesso em: 15 dez. 2006)
- IBMEC, 2006. Disponível em:<<http://www.ibmec.br>>. Acesso em: 15 dez. 2006.)
- IBTA, 2006. (Disponível em:<<http://www.ibta.br>>. Acesso em: 15 dez.2006)
- JONES, C.; DeFILLIPI, R.J. Back to the future in film: combining industry and self-knowledge to meet career challenges of the 21st century , *Academy of Management Executive*, Vol. 10 No. 4, 1996.
- KARAWAJCZYK, T.C. ; ESTIVALETE, V. F. O sentido do trabalho e o desenvolvimento de competências: perspectivas sob a ótica do professor universitário. In: *Anais do II Eneo*, Recife: Eneo, 2002.
- KILIMNIK, Z.M.; SANT'ANNA, A. S. Trajetórias e Âncoras de Carreiras: Uma Análise Comparativa e Longitudinal de Casos com Profissionais de Administração. Artigo aceito para apresentação no 5th International Conference of the Iberoamerican Academy of Management, December 6-8, 2007, in Santo Domingo, Dominican Republic.
- KILIMNIK, Z. M.; OLIVEIRA, M.R.C.T; SANT'ANNA, A S.; CORREIA, C. M. S. C.; CRESPO FERREIRA, M. Representações sobre Carreira, Atividade Docente e Competências: um Estudo com Mestrandos em Administração. *ANAIS, ENANPAD 2006*, Salvador, 2006.
- KILIMNIK, Z. M.; CASTILHO, I. V.; SANT'ANNA, A. S.. Carreiras em transformação e seus paradoxais reflexos nos indivíduos: metáforas de carreira e de competências. In: 4TH INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE IBEROAMERICAN ACADEMY OF MANAGEMENT, 2005, Lisboa. *Anais .....4th International Conference of th Iberoamerican Academy of Management*. 2005.
- KILIMNIK, Z. M., CASTILHO, I. V., SANT'ANNA, A. .S. Carreiras em Transformação: Um Estudo de Trajetórias, Âncoras e Metáforas de Carreira In: ENANPAD 2004, 2004, Curitiba. *Anais.... ENANPAD 2004* , 2004.
- KILIMNIK, Z. M. *Trajetórias e transições de carreiras profissionais em Recursos Humanos*. 2000. Tese (Doutorado). CEPEAD – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2000.
- LACOMBE, B. M. B. O Aluno de Administração de Empresas, o trabalho e a construção da carreira profissional: contribuições de um estudo na Grande São Paulo. In: *Anais... Enanpad*, 26, Salvador: Anpad, 2002.
- LACOMBE, Beatriz Braga. (2002) A relação indivíduo-organização: é possível não se identificar com a organização? In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 2., 2002, Recife. *Anais... Recife: ANPAD*. (CDROM)

- LACOMBE, B. M. Buscando as Fronteiras da Carreira sem Fronteiras: uma Pesquisa com Professores Universitários em Administração de Empresas no Brasil . 4TH INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE IBEROAMERICAN ACADEMY OF MANAGEMENT, 2005, Lisboa. *Anais...4th International Conference of th Iberoamerican Academy of Management*. 2005.
- LANDAU, J., HAMMMER, T. H. Clerical employees's perceptions of intraorganizational career oportunities. *Academy of Management Journal*, v.29, p. 385-404, 1986.
- LONDON, M.; STUMPF, S. *Managing Careers*. Massachusetts: Addison-Wesley, 1982.
- MAINIERO, L.; SULLIVAN, S. *Kaleidoscope careers: an alternate explanation for the opt-out*.The Academy of Management Executive, vol. 19, n.1, p. 106-123, 2005.
- MARTINS, H. T. *Gestão de carreiras na era do conhecimento: abordagem conceitual & resultados de pesquisa*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.
- McDANIELS, C., GYSBERS, N. C. *Counseling for career development: theories, resources and practice*. San Francisco: Jossey Bass, 1992.
- McGILL, 2006. (Disponível em:< <http://www.mcgill.ca>>. Acesso em: 15 dez. 2006) MINARELLI, J. A. *Empregabilidade: o caminho das pedras*. 15 ed. São Paulo: Gente, 1995.
- MIRVIS, P. H., & HALL, D. T., Psychological Success and the Boundaryless Career, *Journal of Organizational Behavior*, vol. 15:365-380, 1994.
- OLIVEIRA, F. D. *A carreira profissional em transformação: variáveis que interferem nas estratégias de carreira dos funcionários do Banco do Brasil*. 1998. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.
- RIFKIN, J.O *fim dos empregos*. São Paulo: Makron Books, 1995.
- RIVERIN-SIMARD, D. *Transitions professionnelles: choix et stratégies*. Québec: Le press de L'université de Laval, 1993.
- ROBERT, P. *Le petit Robert*. Montréal: les dictionnaires Robert, 1989.
- ROBBINS, S. P. *Comportamento organizacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1998.
- SANT'ANNA, A.; MORAES, L. F.; KILIMNIK, Z. Super-homens, super-empresas? Trabalho apresentado no VIII Encontro Nacional de Estudos do Trabalho da ABET. São Paulo: USP, 2003.
- SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1999.203 p.
- SCHEIN, E. H. *Career dynamics: matching individual and organizational needs*. Massachusetts: Addison-Wesley, 1978.
- SCHEIN, E. *Career anchors: discovering your real values*. Revised Edition. San Diego: Pfeiffer & Company, 1993.
- SCHRUIJER, S. J. L., TAILLIEU, T.C.B. Perspectivas organizacionais e individuais sobre as carreiras internacionais de gestores. In: MARQUES, Carlos A., CUNHA, Miguel P. *Comportamento organizacional e gestão de empresas*. Lisboa: Publicações Don Quixote, 1996.
- SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- TOFFLER, A. *A Terceira Onda*. São Paulo: Record, 1995.

# PASSAPORTE DE LEITURA

Dulce Helena Braz Soares de Melo

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o Projeto de Extensão “Passaporte de Leitura”, sua trajetória, resultados e contribuições no período de fevereiro a dezembro de 2007. Este Projeto de Leitura e Escrita foi desenvolvido na Escola Estadual Professor Pedro Aleixo, cujo público são crianças e adolescentes, na sua grande maioria moradores do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte. Nosso foco de trabalho se deu em uma turma da 6ª. Série do Ensino Fundamental, com o acompanhamento da professora de Português da turma. O Projeto tem o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade FUMEC, PROEX. Foi objetivo do Projeto “Passaporte de Leitura” propiciar ações motivadoras do manuseio de livros e de inserção no mundo dos textos escritos, oferecendo a possibilidade de “viagens” através das leituras e, com isso, tentar criar, com o “viajante”, a construção da autoria de um sujeito-leitor em interação com o mundo da leitura e da escrita. Aliado à questão da leitura e da escrita, discutimos o Letramento como caminho possível de ser trilhado através da leitura, da escrita e do estudo dos gêneros textuais. O incentivo à leitura, acreditamos, pode possibilitar ao sujeito-leitor o seu desenvolvimento cognitivo e capacitá-lo a interagir com o mundo social e cultural.

## INTRODUÇÃO

O Projeto Passaporte de Leitura foi baseado em estudos do belga Bamberger (1975)<sup>1</sup> sobre a importância da motivação da leitura. O autor mostra o resultado de pesquisas internacionais e trabalhos práticos na área da leitura, nos levando a entender que o ensino da leitura, orientado através de estratégias e técnicas educacionais, pode estar a serviço do aprimoramento humano. Com base nos estudos de Bamberger, formulei em 2002 uma adaptação do modelo de um Passaporte de Leitura proposto pelo autor (1995) para ser aplicado em uma escola da Rede Particular de Ensino de Belo Horizonte, com alunos da 7ª. série do Ensino Fundamental. O Projeto, sob minha coordenação, foi desenvolvido entre os anos de 2002 e 2004, e resultou em minha pesquisa de mestrado, apresentada em 2005 na PUC MINAS: *Re-textualizando em projetos de ensino: A construção da leitura*

<sup>1</sup>Título original: *Promoting the reading habit*. Unesco 1975. Editora Ática/Unesco.

e da escrita no ensino fundamental. O Projeto “Biblioteca – Passaporte de Leitura” foi um projeto de incentivo à leitura e tinha também como propósito aliar a leitura e a escrita, registradas no “documento”. No período de 2002 a 2004, intencionava-se estudar, com mais precisão, o gênero resumo que constava em uma das seções do Passaporte de Leitura, sua configuração, sua função e a relação entre leitura, compreensão textual e produção do resumo. Investigou-se mais profundamente se o resumo nos dava pistas da compreensão textual dos sujeitos-leitores e produtores de textos para essa função específica. Portanto, foi um trabalho que me possibilitou estudar a relação entre leitura, compreensão e produção textual.

Como professora coordenadora do Projeto de Extensão Passaporte de Leitura da Universidade FUMEC, juntamente a uma aluna bolsista do Curso de Negócios Internacionais e um voluntário da área da Psicologia, ex-aluno da UNIVERSIDADE FUMEC<sup>2</sup>, foi proposto o desenvolvimento do Projeto Passaporte de Leitura em uma escola pública do entorno da Universidade, com foco no estímulo da leitura e conseqüente formação de leitores. Há um interesse meu, enquanto pesquisadora, em observar se as condições sócio-culturais e o contexto da escola pública vão mostrar um resultado diferente do que tivemos com o projeto nos anos de 2002 a 2004, o que poderá ser um futuro trabalho de doutorado.

Nesse novo contexto, então, tivemos como objetivo principal a formação de leitores, não de todos, é claro, mas nosso propósito era despertar alguns para o prazer de viajar pelo mundo dos livros e, como metodologia, desenvolvemos ações de manuseio de material de leitura, relato de histórias, reconto pelos alunos, discussão sobre gêneros textuais no percurso dos diversificados gêneros que fôssemos lendo, assim como o tipo textual predominante nos gêneros. Esse trabalho de leitura também estaria aliado a um trabalho de escrita: o registro no “Passaporte de Leitura” das leituras feitas, a produção de um resumo e um comentário, bem como os dados bibliográficos do texto lido.

Acreditamos que a exposição à leitura, enriquecida através de um trabalho lúdico, como o próprio jogo de associação entre viagens e leituras que o Passaporte possibilita, um ator - contador de histórias<sup>3</sup> fazendo parte da equipe do Projeto, além de discussões sobre leituras e produções escritas relacionadas às leituras, levaria a um desenvolvimento do sujeito enquanto leitor e educando. Cremos, também, assim como Abramovich (1989), na importância da leitura para a formação de qualquer criança: “Ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da apren-

<sup>2</sup> Participou como aluna bolsista num primeiro momento Raquel Rodrigues, e Nilza Turci que o substituiu no segundo semestre de 2007, assim como o voluntário Renato Palhares, Psicólogo graduado pela UNIVERSIDADE FUMEC e estudante de Ciências Sociais da PUC MG.

<sup>3</sup> Tivemos o apoio de Nuno Arcanjo, ator de teatro, como contador de histórias, e temos uma proposta dele para nos acompanhar no ano de 2008, na continuação do Projeto “Passaporte de Leitura”

dizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”.

No percurso inicial do desenvolvimento do Projeto, discutimos, juntamente com a direção da Escola Estadual Professor Pedro Aleixo, a possibilidade de o Projeto ser desenvolvido em sala de aula, no horário normal de aulas, durante a aula de Português, juntamente com a professora de Português da turma. Dessa forma, a professora seria uma participante do Projeto e uma multiplicadora dele no espaço da escola. Isso acabou resolvendo uma dificuldade encontrada no desenvolvimento inicial do Projeto: a permanência de alunos no Projeto, já que a presença assídua dos alunos esbarrava nos obstáculos ocasionados pelo fato de terem que chegar à escola antes ou depois do horário das aulas para sua participação no Projeto “Passaporte de Leitura”.

Assim, o Projeto, que visava o incentivo à leitura literária, teve como referência o manuseio semanal de leituras, o ouvir e o relato de histórias, como incentivo e instrumento de desenvolvimento da sensibilidade do sujeito-leitor, seu gosto artístico, como também o objetivo de ampliar sua maneira de ver e entender o mundo. Paraphrasing Drummond: o penetrar no mundo das palavras descortina ao ser humano o caminho do conhecimento, bem como o gosto e a fruição estética<sup>4</sup>.

## O PROJETO PASSAPORTE DE LEITURA

Bamberger (1995) descreve uma atividade de leitura na qual usa como instrumento de incentivo à leitura o “Passaporte de Leitura”. Trata-se de um objeto semelhante a um passaporte de viagens, que associa, de forma lúdica, as leituras a viagens no mundo dos textos, feitas pelos alunos no decorrer de um ano letivo. As viagens (leituras) são registradas no passaporte e carimbadas por um responsável pelo controle do passaporte, normalmente o professor. Este modelo original possui questões de múltipla escolha sobre a compreensão de certos livros indicados no documento. Já Elizabeth Machado (2002)<sup>5</sup>, ao recorrer a este instrumento, opta por não usar questões de múltipla escolha, e sim uma seção destinada à escrita do resumo para identificação

de seu enredo, seguida de um espaço para se comentar a obra lida. Neste caso, a preocupação maior não é com a avaliação da compreensão, mas sim com o incentivo ao gosto pela leitura. Há, também, na versão do passaporte proposto por Machado, um espaço destinado ao registro dos dados da “viagem” feita – data, nome do livro, autor, editora, número de páginas, tempo de leitura em dias ou horas – e um outro para indicação da quantidade de palavras lidas por minuto.

Como estávamos, em 2002, na escola particular, pesquisando uma forma de aliar o trabalho de leitura ao trabalho de escrita e à experiência com diversificados gêneros, fizemos uma adaptação no modelo de passaporte adotado por Machado (2002), pois tínhamos objetivos distintos do da autora. Modificamos a seção que se referia a anotações dos dados da leitura e, já que estávamos paralelamente desenvolvendo um Projeto sobre Gêneros Textuais, optamos por **registrar o gênero lido, a fonte do texto, autor, data do texto e da leitura**, ao invés de registrar tempo de leitura. Além disso, em lugar de pensarmos no gênero resumo, no passaporte, somente como forma de o aluno lembrar-se da obra lida, queríamos **observar como os alunos liam e verbalizavam essa leitura na atividade de retextualização<sup>6</sup> e se esta nos dava pistas da compreensão do texto-base por parte deles**. Não era nossa prioridade trabalhar o fator quantidade de leitura, pura e simplesmente, mas sim possibilitar aos alunos a leitura de uma maior diversidade de gêneros textuais, para levá-los a ter familiaridade com as características estruturais e estilísticas de gêneros diversos. Para isso, adotamos medidas de leitura mais sistemáticas, levando os alunos a visitar a biblioteca uma vez por semana, e também a sala de informática, uma vez a cada quinze ou vinte dias. Ou seja, os alunos eram levados a ler em suportes textuais diferenciados: livros, jornais, revistas (na biblioteca), sendo expostos também a outros gêneros na tela do computador, na tela do cinema ou da TV, como filmes, clipes, palestras. Além disso, assistiram a peças de teatro e puderam admirar obras de arte, em algumas exposições que aconteceram na escola ou na sala de multimídia. Nesse sentido, o projeto sobre gêneros textuais foi um aliado do Projeto Biblioteca: Passaporte de Leitura, e funcionou também um complemento deste, já que, exclusivamente na biblioteca, não teríamos oportunidade de vivenciar experiências com os outros gêneros a que nos referimos. Por exemplo, na sala de aula ouvíamos *jingles*, causos, debates, relatos de experiências, notícias radiofônicas, etc., e na

<sup>4</sup>Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004. Projeto Mala de Leitura. Mirian Chaves Carneiro (PUC/SP), Mônica Maria Machado Simões de Souza Dayrell – (UFMG), e Narriman Rodrigues Conde – (UNICAMP).

<sup>5</sup> MACHADO, Elisabeth M. R. **Lendo e Compreendendo: Uma experiência com 5ª. Série**. Dissertação de Mestrado. Campinas, S.P. [s.n.], 2002

<sup>6</sup> Segundo Marcuschi (2001), retextualização seria uma atividade em que se repassa a outro o que se ouviu ou leu, seja através da oralidade ou da escrita; produzir um resumo uma resenha; traduzir para outros o conteúdo do que se leu; fazer a tradução simultânea em uma conferência... Todas essas atividades exigem primeiramente uma atividade de compreensão da informação. “Esta atividade, que em geral se ignora ou se dá por satisfeita e não problemática, pode ser a fonte de muitos problemas no plano da coerência no processo de retextualização” (Marcuschi, 2001, p. 47). Há, ainda, a retextualização da fala para a escrita – a transcrição do oral para o escrito.



sala da informática trabalhávamos os gêneros da Internet como o e-mail e o chat, reportagens eletrônicas, etc.

A seguir, exemplos do Passaporte adotado na escola particular – capa e seções do documento de leitura: a Identificação da Leitura, a seção Resumo e a seção Comentário. Para o ano de 2008, produziremos, junto a uma gráfica especializada, um passaporte de Leitura semelhante a esse modelo, para os alunos do Projeto de Extensão “Passaporte de Leitura”.



**IDENTIFICAÇÃO DA LEITURA**

GÊNERO: *Mitaz e contos*  
*Principais Fundações e onde habitam*

AUTOR: *Nesit Scamander*  
*(J. K. Rowling)*

FONTE: *Principais Fundações e onde habitam*  
*edição = Procco*

DATA DO TEXTO: *2003*

DATA DA LEITURA: *16/04*



**IDENTIFICAÇÃO DA LEITURA**

GÊNERO: *conto*  
*de um filme Sherlock Holmes*

AUTOR: *Moriarty e Albuquerque*

FONTE: *Curso Para Gestor de Ter*  
*Volume 12, História de*  
*Publiv Editora Alca*

DATA DO TEXTO: *1995*

DATA DA LEITURA: *05-06-2002*

**RESUMO:**

*Um delegado perdeu a chave para seu amigo, como eram muito íntimos, ele fez o amigo prometer que o levaria nos casos.*  
*Um dia, ele estava em uma reunião na casa de Madame Guimarães e teve a oportunidade de mostrar seu talento de detetive, a polícia da mulher havia sido roubada. Depois de examinar o local do crime e recolher as pistas, deu a ordem de que ninguém saísse da casa. Se reuniu com todas as mulheres presentes, uma de cada*

*vez. Quando chegou a vez de Sinhazinha Prato, sobrinha da dona da loja, ele foi cobrado a joia e dizendo que não usava denúncia-la. A joia foi entregue e o detetive anunciou que descobriu a criminóloga, pelas pétalas de flor que ela deixara no local, as pétalas da flor que ela usava em seu vestido. Assim foi provado o seu talento!*

**COMENTÁRIO:**

*Eu acho a história interessante e engraçada, pois enquanto se lê a história, nós ficamos tentando descobrir o suspense e descobrir quem é o criminoso.*  
*O autor escreveu o texto, narrando o fato acontecido com nos, fazendo saber de início quem é o criminoso.*  
*A história se desenvolve de modo coerente e tem um final interessante de acordo com o que ocorre no história.*

O formato do passaporte, como visto, é semelhante ao de um passaporte de viagens, porém um pouco maior. Em cada passaporte havia vinte e cinco seções de registros de leituras, e o aluno que preenchesse todo o passaporte poderia pegar um novo passaporte, após o visto, o carimbo e um selo fixado junto ao carimbo, que continha o nome e uma foto do colégio ao fundo. Depois de revisado, seu trabalho era carimbado juntamente com o selo, criado para documentar o trabalho de leitura e de escrita.



## O CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO PASSAPORTE DE LEITURA NO PROJETO DE EXTENSÃO

Nosso público é constituído de alunos, em sua grande maioria moradores do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, representantes de uma classe social carente de recursos básicos de acesso à cultura e à saúde. No nosso primeiro encontro, pedimos que eles nos informassem um pouco sobre quem eram eles, do que gostavam e do que não gostavam; se já haviam lido um livro que considerassem muito legal; quantos livros haviam lido no ano de 2006 e em 2007, de janeiro a março. As respostas sobre a leitura de livros nos sinalizaram um sobre-valor à leitura e uma representação muito positiva da leitura, já que muitas delas pareceram-nos uma forma de nos impressionar e de se valorizarem. Vejam algumas respostas:

Pergunta: 1. Você já leu um livro que considerou muito legal? Qual? Por quê?

2.a. Quantos livros você leu o ano passado?  
2.b. E nesse começo de ano de 2007?

Respostas:

1. 1º.) J.C.L.S. 12 anos.  
1. *Sim. Os seis e a mina abandonada. Porque eu o achei ele muito interessante e legal e um livro muito bom.*  
2.a. *Li mais ou menos uns 18 livros.*  
2.b. *15 livros.*
  2. 2º.) M.T.A.S. 12 anos.  
1. *Sim. A casa mal assombrada. Porque tinha muito suspense e coisas engraçadas e era muito interessante, por isso eu gostei muito mesmo.*  
2.a. *Li 12, 1 por mês. Bem grande.*  
2.b. *8*
  3. 3º.) A.S. 12 anos.  
1. *Sim. Harry Portther. Porque ele tem muita ação e eu gosto muito de filmes que tenha ação e suspense.*  
2.a. *Li 4 livros.*  
2.b. *5 livros.*
  4. 4º.) G.R.V. 12 anos.  
1. *Sim. asterix e obelix. Por que ele é legal.*  
2.a. *esqueci.*  
2.b. *5.*
  5. 5º.) M.J.R.F. 15 anos.  
1. *Sim. Os guerreiros e as bárbaras. Porque ele além de ser bom no final ele mostra uma moral muito legal que não*
- é bom a gente ficar brigando com os seus colegas, mas sim conversar como pessoas civilizadas.*  
2.a. *2 livros.*  
2.b. *Por enquanto 1 livro.*
  6. 6º.) N.R.M. 12 anos.  
1. *Sim. Já li vários! Um que eu mas gostei foi um do Ziraldo. Porque ele conta uma estória de uma bonequinha pretinha igual a mim que um dia sua dona saiu e não pode levala ai ela pulou a janela e caiu em um cesto que foi para casa do gatorato e assim por diante.*  
2.a. *Não lembro.*  
2.b. *8 livros.*
  7. 7º.) D.S. 12 anos.  
1. *Sim. A menina que não é feliz com o pai. Porque ele é muito legau e fala de muitas coisas que os pais na de fazer com os filhos.*  
2.a. *Massimo 5.*  
2.b. *3.*
  8. 8º.) H.J.M. 14 anos.  
1. *Sim. 7 estoria de arepiar. Porque eu gosto de terror.*  
2.a. *Li 1 só.*  
2.b. *Nenhum.*
  9. 9º.) C.S.S. 14 anos.  
1. *Sim. Como perde um homem em 10 dias. Porque ele me ensinou que na vida a gente ganha e perde e que nem tudo que queremos esta ao nosso alcance.*  
2.a. *Li 15 livros .*  
2.b. *12 livros.*
  10. 10º.) V.G.F. 13 anos.  
1. *Sim. O menino maluquinho. Porque ele destrai a gente.*  
2.a. *Uns 15 livros.*  
2.b. *Uns 10.*
  11. 11º.) S.L.S. 16 anos.  
1. *Sim. Amor pela primeira vista. Por que ele me ensinou que o ser humano não vive sem o amor o amor é tudo para o ser humano.*  
2.a. *10 mas não me lembro bem.*  
2.b. *14*
  12. 12º.) E. M. C. 12 anos.  
1. *Sim. O livro da bonequinha preta. Por que e muito engraçado.*  
2.a. *19 livro o que eu lenbro.*  
2.b. *15 livro so o que eu contei.*
  13. 13º.) P. P. S. M. 12 anos.  
1. *Sim. O menino maluquinho. Por que ele e muito engraçado.*  
2.a. *100 livros.*  
2.b. *14 livros.*

---

Pelas respostas dessa amostra, podemos verificar uma tentativa de valorização da imagem da pessoa que lê, pois ao se apresentarem, realçam o número de livros lidos. Seis alunos em treze, na primeira pergunta, responderam ter lido uma média de quinze livros no ano de 2006; desses, um respondeu que havia lido 100 livros; outro, 19: “19 livro o que eu lenbro”. E em 2007, em dois meses, oito alunos em treze responderam ter lido uma média de 12 livros.

Quanto ao livro lido, um aluno responde: “A.S. 12 anos. 1. Sim. *Harry Portther. Porque ele tem muita ação e eu gosto muito de filmes que tenha ação e suspense*”. Pela resposta, deixa entender que não leu o livro, mas sim assistiu ao filme: “e eu gosto muito de filmes que tenha ação e suspense”. Uma outra aluna respondeu que leu “*Como perde um homem em 10 dias*”. O livro é americano, *How to Lose a Guy in 10 Days*, EUA, 2003, e deu origem ao filme. Mas o livro traduzido não foi lançado no Brasil; portanto, supõe-se que a aluna assistiu a um filme e não procedeu à leitura de um livro.

Essa representação social que desejam mostrar também se manifestou na resposta à pergunta “Onde você mora?” A grande maioria respondeu que morava no Bairro Serra; três alunos responderam que moravam no Cafezal. Quando perguntamos a eles se moravam perto da escola, se a rua mencionada era perto da escola, começou um certo alvoroço e um disse: “Diz logo que mora na favela! Ela não sabe onde é essa rua!”. Nesse momento, outro reforçou: “É, sô! Fala logo”. Sentimos nesta fala e em outras respostas certo conflito existente na representação de ser morador do Aglomerado da Serra. Isso nos sinalizava um sentimento de exclusão, e muitas das respostas nos davam mostra de um desejo de inclusão. Esta percepção nos despertou o desejo de ser uma ponte para aqueles alunos, para que se inserissem de alguma forma na sociedade letrada. O que poderíamos oferecer, pelo momento, era a possibilidade de inserção no mundo da leitura. E se fizéssemos com que alguns despertassem em si o prazer pela leitura, já nos daríamos por satisfeitos.

e adquirir livros suficientes e indicados para o objetivo do Projeto. Resolvemos usar o dinheiro para a compra de livros. Mas antes de ter os livros, escolhemos iniciar uma conversa sobre leitura e narrar pequenas histórias. Usamos, a princípio, leituras de crônicas (xerocadas pela escola a nosso pedido) e revistas em quadrinhos, adquiridas pelos membros do Projeto e doadas aos alunos, assim como revistas sobre carros para os meninos e, para as meninas, revistas femininas dirigidas ao público adolescente. Além disso, o diagnóstico feito sobre o re-conhecimento de gêneros e tipos textuais nos sinalizou a necessidade de um trabalho sobre a noção de alguns gêneros da escrita e seus tipos textuais predominantes. Nesse sentido, trabalhamos um tema levantado pelos meninos - carros - tratado em diferentes gêneros para iniciarmos a discussão de gêneros textuais. Veja os textos em seus diversificados gêneros:

## **PROCEDIMENTOS ADOTADOS A PARTIR DA REALIDADE VIVENCIADA**

Com a biblioteca da escola em reforma, não teríamos livros para manusear e não poderíamos iniciar o “Passaporte de Leitura”, já que o processo de preenchimento do Passaporte demandaria uma quantidade de livros suficiente para um rodízio de leituras e uma qualidade literária que despertasse o interesse daquele público. Nossa verba não daria para confeccionar os “passaportes”

**TEXTO I - TEMA: CARRO. GÊNERO  
TEXTUAL: POESIA. TIPO TEXTUAL:  
DESCRITIVO.**



**Meu carro**

*Autores: Geraldo Athanasio  
Carlos de Pina*

*Meu carro possante é muito elegante  
é muito elegante  
Ele é importado*

*O meu carro é bonito e grandalhaço  
e é nacional*

*Meu carro é bom, é bom demais.  
Ele vai no ar  
se você deixar.*

*Meu carro corre,  
corre dentro d'água  
Pode virar um barco*

*Para baleia pescar  
Para pegar tubarão  
Se você deixar*

*Quando a água sai  
Fica um avião  
Leva gente de toda a terra até para o Japão*

**TEXTO II - TEMA: CARRO. GÊNERO  
TEXTUAL: CONTO. TIPO TEXTUAL:  
NARRATIVO.**



**O CARRO**

*Era uma vez um rapaz que ia muito mal na escola. Suas notas e comportamento eram uma decepção para seus pais que, como bons cristãos, sonhavam em vê-lo formado e bem sucedido.*

*Um belo dia, o bom pai lhe propôs um acordo: se você, meu filho, mudar o comportamento, se dedicar aos estudos e conseguir ser aprovado no vestibular para a Faculdade de Medicina, lhe darei então um carro de presente. Por causa do carro, o rapaz mudou da água para o vinho. Passou a estudar como nunca e a ter um comportamento exemplar. O pai estava feliz, mas tinha uma preocupação. Sabia que a mudança do rapaz não era fruto de uma conversão sincera, mas apenas do interesse em obter o automóvel. Isso era mau! O rapaz seguia os estudos e aguardava o resultado de seus esforços.*

*Assim, o grande dia chegou! Fora aprovado para o curso de Medicina. Como havia prometido, o pai convidou a família e os amigos para uma festa de comemoração. O rapaz tinha por certo que na festa o pai lhe daria o automóvel. Quando pediu a palavra, o pai elogiou o resultado obtido pelo filho e lhe passou às mãos uma caixa de presente. Crendo que ali estavam as chaves do carro, o rapaz abriu emocionado o pacote. Para sua surpresa, era uma Bíblia. O rapaz ficou visivelmente decepcionado e nada disse.*

*A partir daquele dia, o silêncio e a distância separavam pai e filho. O jovem se sentia traído e, agora, lutava para ser independente. Deixou a casa dos pais e foi morar no Campus da Universidade. Raramente mandava notícias à família.*

*O tempo passou, ele se formou, conseguiu um emprego em um bom hospital e se esqueceu completamente do pai. Todas as tentativas do pai para reatar os laços foram em vão. Até que um dia o velho, muito triste com a situação, adoeceu e não resistiu. Faleceu.*

*No enterro, a mãe entregou ao filho, indiferente, a Bíblia que tinha sido o último presente do pai e que havia sido deixada para trás.*

**TEXTO III. TEMA: CARRO. GÊNERO TEXTUAL: NOTÍCIA. TIPOS TEXTUAIS PRESENTES: EXPOSIÇÃO ARGUMENTATIVA, NARRAÇÃO.**

***Em Curitiba, um museu para quem gosta de automóveis***

*Um museu simpático e bem instalado é uma atração que quem gosta de carros não deve perder em Curitiba. Inaugurado há mais de 20 anos, o Museu do Automóvel reúne mais de 150 automóveis e mantém mais da metade do acervo em exposição rotativa.*

*Diferente de outros museus, o de Curitiba não pertence a uma única pessoa ou instituição. Os carros que mostra são propriedades dos sócios do Clube de Automóveis e Antiguidades Mecânicas do Paraná.*

*Os carros expostos cobrem diversos períodos da história do automóvel, desde as primeiras décadas até o final do século 20. Alguns modelos são bastante raros. Além dos carros, também fazem parte da mostra permanente: motos, bicicletas e até uma caleça (veículo puxado por cavalos) Rotschild, de fabricação francesa.*

*O museu vale uma visita para quem visita a capital paranaense ou nela reside. O endereço é Av. Cândido Hartmann, 2300 - Parque Barigui Curitiba, PR. Informações sobre horários de visita pelo telefone 41 3335-1440*



**TEXTOS IV E VI TEMAS: CARRO.  
GÊNERO TEXTUAL: MÚSICA. TIPOS  
TEXTUAIS DO TEXTO “CARRO VELHO”:  
DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO, NARRAÇÃO.  
O CALHAMBEQUE APRESENTA TIPO  
TEXTUAL PREDOMINANTEMENTE  
NARRATIVO.**

### **CARRO VELHO**

(Ivete Sangalo)



*Cheiro de pneu queimado, carburador furado, coração dilacerado.*

*Quero meu negão do lado, cabelo penteado, no meu carro envenenado...*

*Eu vou, eu vou, então venha, pois eu sei que amar a pé, amor; é lenha...(2x)*

*Eu vou prá lá dançar, seja noite ou seja dia. E se eu beber alguma, amor; me guia..*

*Eu vou pra lá dançar, seja noite ou seja dia. E se eu beber alguma, amor; Ouoo oh oh me guia...*

*Quer andar de carro velho, amor;  
que venha.*



*Pois eu sei que amar a pé, amor; é lenha...(2x)*

*Que venha...é lenha. Eu sei que amar a pé...*

*Quer andar de carro velho, amor;  
que venha, pois eu sei que amar a pé, amor; é lenha...(4x)*

### **O CALHAMBEQUE**

(Roberto Carlos)



*“Essa é umas das muitas histórias que acontecem comigo. Primeiro foi Suzy, quando eu tinha lambreta. Depois comprei um carro, parei na contra-mão. Tudo isso sem contar o tremendo tapa que eu levei com a história do Splish Splash. Mas essa história também é interessante”:*

*Mandei meu Cadillac pr’o mecânico outro dia, pois há muito tempo um conserto ele pedia. E como vou viver sem meu carango prá correr, meu Cadillac, bi-bi. Quero consertar meu Cadillac: Bi Bidhu! Bidhubidhu Bidubi!..*

*Com muita paciência, o rapaz me ofereceu um carro todo velho que por lá apareceu. Enquanto o Cadillac consertava, eu usava o Calhambeque: bi-bi; quero buzinar o Calhambeque, Bi Bidhu! Bidhubidhu Bidubi!..*

*Lavado, consertado, bem pintado, um encanto, mas o meu coração na hora exata de trocar... Aha! Aha! Aha! Aha! Aha! O Calhambeque, bi-bi! Meu coração ficou com o Calhambeque: Bi Bidhu! Bidhubidhu Bidubi!..*

*Sai da oficina um pouquinho desolado. Confesso que estava até um pouco envergonhado, olhando para o lado com a cara de malvado. O Calhambeque -bi-bi- buzinei assim o Calhambeque: Bi Bidhu! Bidhubidhu Bidubi!..*

*E logo uma garota fez sinal para eu parar, e no meu Calhambeque fez questão de passear. Não sei o que pensei, mas eu não acreditei que no Calhambeque, bi-bi, o broto quis andar no Calhambeque. Bi Bidhu! Bidhubidhu Bidubi!..*

*E muitos outros brotos que encontrei pelo caminho falavam: “Que estouro, que beleza de carrinho”. Fui me acostumando e do carango fui gostando. E o Calhambeque, bi-bi... Quero conservar o Calhambeque Bi Bidhu! Bidhubidhu Bidubi!..*

*Mas o Cadillac finalmente ficou pronto. “Bem! Vocês me desculpem, mas agora eu vou-me embora. Existem mil garotas querendo passear comigo, mas é por causa desse Calhambeque, sabe! Bye! Bye!, Eh! Bye! Bye!” Arrãããããããmmmm!*



## PERFIL DOS ALUNOS DO PROJETO

Os alunos e alunas, em sua maioria, são agitados, principalmente os meninos; estão sempre mexendo um com o outro e dificilmente ficam quietos. É preciso sempre planejar uma interação, e o tempo todo temos que usar estímulos para que eles se concentrem no que estão fazendo. Uma descoberta significativa nos primeiros dias, em meio à agitação dos alunos, nos sinalizou ser a atividade de “contar de histórias” uma ação estimulante do pensamento e da atenção: quando comecei a contar uma história, todos se calaram e ficaram imóveis. Percebemos que teríamos que ir por esse caminho do contar histórias primeiro e depois chegar aos livros. E, nesse estágio, alternar atividades de leitura, escrita e oralidade. Também descobrimos que os alunos gostam de desenhar e mostraram isso numa atividade de construção de uma história em quadrinhos, em que se aliava o desenho e a escrita, depois de terem feito leituras de revistas em quadrinhos. Uma outra atividade de que gostaram está relacionada a cortar gravuras e montar cartazes, e aproveitamos esse interesse para montar cartazes com diversificados gêneros textuais presentes em jornais e revistas: notícias, quadrinhos, tirinhas, horóscopos, receitas, charges, obituários, resenhas, gráficos, propagandas, piadas, cruzadinhas... Enfim, foi um exercício interessante por podermos discutir o assunto gêneros textuais e sua funcionalidade no mundo social da escrita.

Acreditamos, como Bakhtin (1992, original de 1929; 2000, original de 1979), Marcuschi (2000, p. 27), Kern (2000, *apud* Borba, 2004, p. 81), Borba (2004, p. 81), Schneuwly (2004) e Bronckart (1999, p. 103), que a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas. Se o sujeito toma conhecimento dos gêneros, apropria-se deles nas suas atividades de comunicação, sabe manuseá-los em operações de leitura e de escrita, ele tem a seu favor, segundo Schneuwly (1994, p. 24), uma “ferramenta”, isto é, um instrumento com o qual é possível exercer uma ação lingüística sobre a realidade. Além do mais, no plano da linguagem, todas as contribuições sobre o estudo dos gêneros textuais vêm mostrar que a reflexão sobre a sua funcionalidade no circuito social não somente amplia sobremaneira a competência lingüística e discursiva dos alunos, mas também lhes aponta inúmeras formas de participação social que eles, como cidadãos, podem ter, fazendo uso da linguagem (Cereja, 2002). Outra contribuição muito importante para o estudo da Língua Portuguesa na escola é a incorporação, pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa, dos estudos bakhtinianos sobre os gêneros textuais, trazendo uma nova perspectiva para o tratamento da língua, do texto e da interação.

## OS PCNS: OS GÊNEROS TEXTUAIS E O TEXTO COMO OBJETO DE ENSINO DA LEITURA E DA PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA

Os estudos sobre gêneros do discurso, a partir da década de noventa, no Brasil, incorporaram-se às discussões dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa, os quais passam a atribuir importância considerável aos estudos dos gêneros, tanto para as situações de produção e de circulação de textos, como para a significação, construída nessas situações de interação. Naturalmente, evoca-se a noção de gêneros discursivos ou textuais como um instrumento, melhor que o conceito de tipo textual, para favorecer o ensino de leitura e de produção de textos escritos, e também orais.

Sobre as noções de tipo textual e de gênero textual, Marcuschi (2000)<sup>7</sup> esclarece que tipo textual é “um construto teórico que abrange, em geral, cinco ou seis categorias, designadas **narrção, argumentação, exposição, descrição, injunção** e, para alguns autores (p. ex. Adam, 1991), **diálogo**” (destaques do autor). Já gênero textual é definido como:

*uma forma concretamente realizada e encontrada nos diversos textos empíricos (...): telefonemas, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, ilustrações de uso, “outdoor” etc. (MARCUSCHI, 2000, p. 13; destaques do autor)*

Os gêneros textuais são, ainda segundo o autor, “textos histórica e socialmente situados. Sua definição não é lingüística, mas de natureza sócio-comunicativa”. (MARCUSCHI, 2000, p. 13)

Os PCNs fazem uso desta noção de gêneros textuais para o trabalho com as questões de leitura e de produção de textos, orais e escritos; com isso, vieram valorizar a visão de texto como material concreto sobre o qual se exerce o conjunto dos domínios de aprendizagem, sobretudo leitura e produção de textos. Rojo e Cordeiro (2004), em apresentação do livro **Gêneros orais e escritos na escola**, lembram que, há muito, circula no Brasil a idéia de que o texto é a base do ensino/aprendizagem da língua portuguesa no ensino fundamental. O texto é o objeto de ensino e suporte para o desenvolvimento de estratégias e habilidades de leitura e redação. E completam:

*... começa-se a tomar o texto como suporte para o desenvolvimento de estratégias e habilidades de leitura e redação. Tem lugar o ensino de procedimentos numa abordagem cognitiva e textual. A leitura do texto é ocasião que pode propiciar aprendizado de estratégias varia-*

<sup>7</sup>Marcuschi, 2000. Gêneros Textuais. O que são e como se classificam – material não publicado.

*das a que o leitor recorre e, na produção, são agenciadas estratégias de planejamento, revisão e editoração. (Rojo e Cordeiro, 2004a)*

Também Geraldi (1984) já trazia reflexões sobre a necessidade de o texto ser tomado como objeto de ensino ou como material sobre o qual se desdobre um ensino procedimental (“processual”) em leitura, compreensão e produção de textos, e não como um objeto de ensino que priorize a análise da língua e da gramática.

Toda essa discussão sobre o texto, seu uso e seu domínio social passa necessariamente pela questão do letramento, pois o estudo dos gêneros em sua variabilidade pode fornecer, aos estudantes da língua, possibilidades de ampliar suas habilidades de leitores e de produtores de textos e, por conseqüência, ao pressupor ações muito mais amplas do que somente ler e escrever, a experiência com os gêneros traz maturação para o processo de letramento desses sujeitos.

## LETRAMENTO<sup>8</sup>

O letramento, para Soares (1998), consiste em um grande número de diferentes habilidades, competências cognitivas e metacognitivas, aplicadas a um vasto conjunto de materiais de leitura e gêneros da escrita, e refere-se a uma variedade de usos da leitura e da escrita praticada em contextos sociais diferentes. Tomando o letramento como objeto importante no nosso estudo, já que o seu conceito traz a idéia implícita de que a escrita tem conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas e lingüísticas, tanto para o indivíduo quanto para o grupo social, é que refletimos um pouco sobre esse fenômeno, para pensar nossos trabalhos de leitura e escrita desenvolvidos na escola, no projeto “Passaporte de Leitura”, a que fizemos referência na introdução deste trabalho.

No início dos anos 90, no Brasil, autores como Kleiman (1995), Matencio (1994) e Tfouni (1995) já discutiam e buscavam compreender o impacto social da escrita, bem como a inserção dos sujeitos no universo da palavra escrita, considerando o seu processo de socialização. A partir de 1998, temos também a contribuição de Soares (1998), Rojo (org. 1998) e, mais recentemente, Marcuschi (2001). No decorrer do tempo, os vários estudos que foram sendo feitos sobre letramento trouxeram a constatação de que não era somente necessário ao indivíduo saber ler e escre-

ver, mas esse deveria ser capaz de fazer valer sua capacidade de linguagem, cultivar e exercer as práticas sociais que usam a escrita. Para Matencio (2003, p. 1), “o olhar deixa de ser discriminatório, pois o que se procura compreender é o que o sujeito faz quando recorre à palavra escrita e por que ele faz o que faz”.

O traço comum de estudos sobre o fenômeno do letramento (Kleiman, 1995) diz respeito ao fato de o letramento ser considerado um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder. Diz Kleiman (1995a, p. 7) que, “em sociedades tecnológicas, industrializadas, a escrita é onipresente. Integra cada momento de nosso cotidiano, constituindo-se numa forma tão familiar de fazer sentido de nossa realidade que seu uso passa despercebido para os grupos letrados”. Esses grupos fazem uso das experiências e práticas de uso da leitura no seu dia-a-dia, por exemplo, ao listarem objetos de compras, ou atividades e compromissos nas agendas; ao consultarem catálogos ou mapas; ao preencherem cheques; ao interpretarem os diversos textos do cotidiano, como *outdoors*, faixas, letreiros, sinalizações, símbolos..., ou seja, realizam ações quase comuns em suas práticas de leitura e escrita, mas que “representam verdadeiros obstáculos para os grandes grupos de brasileiros não-escolarizados, que não tiveram acesso à escola, ou foram prematuramente expulsos dela” (Kleiman, 1995, p. 7). E acrescentamos nesse grupo aqueles que somente foram alfabetizados, mas não se envolvem com as práticas sociais de escrita, quase que somente decodificando os sinais e códigos da escrita cotidiana ou do seu ambiente de trabalho, não participando efetivamente das situações sociais que envolvem o uso da escrita e não ampliando as suas experiências de leitura de escrita social: não lêem os jornais de grande circulação nacional, não têm acesso a revistas de qualidade informativa, como por exemplo científicas ou literárias, não se envolvem com leituras mais complexas e que exigem mecanismos de processamento intelectual mais sofisticados. Seria preciso que o domínio de usos mais sofisticados da escrita e da leitura fosse acessível a uma grande maioria de pessoas, não somente às pessoas escolarizadas, já que se supõe que essas possuem de forma diferenciada de outras pessoas não escolarizadas, desenvoltura com e nas atividades de leitura e escrita sociais, o que nem sempre é verdade, como vemos na realidade. A inabilidade com que um grande número de pessoas, pensando no Brasil, lida com a leitura, é uma questão que preocupa ou que deveria preocupar o sistema educacional de maneira geral. O objetivo essencial, cremos nós, da busca do conhecimento e dos estudos sobre o fenômeno do letramento, é viabilizar elementos de ação e análise que possam auxiliar os educadores e as políticas da educação a instrumentalizar o cidadão para lidar com as estruturas de poder na sociedade.

<sup>8</sup>A expressão “letramento” é uma versão da palavra inglesa “literacy” para o português. Do latim *littera* (letra) mais o sufixo *-cy* (qualidade, condição, estado, fato de ser...), “literacy” pode ser traduzido como estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever; resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever (cf. Soares, 1998)

## A CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO NAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA

O Projeto compreende a leitura como uma prática social, uma interação entre leitor e texto, em que instigado pelo que lê, o leitor produz sentidos, dialoga com o texto, com os intertextos e com o contexto, ativando o seu conhecimento interno. Assim, o “Passaporte de Leitura” atua, semanalmente, junto à Escola Estadual Professor Pedro Aleixo, em uma turma da 6ª. Série, com a professora de Português da turma, compartilhando os livros, as histórias, as opiniões, os personagens, os sentimentos, as afinidades, o medo, o prazer..., criando, dessa forma, um clima de interlocução entre sujeitos e leituras e entre sujeitos e participantes do Projeto, inseridos dentro do ambiente escolar.

É tarefa da escola, como uma agência do letramento que se destaca socialmente por seu grau de importância na vida das pessoas, propiciar aos seus educandos recursos que os capacitem a usar a escrita<sup>9</sup> de forma competente no contexto escolar e também fora dele. O letramento, entendido como processo, não se inicia na escola e não termina ali. Ele se constitui nas interações familiares, nas relações com a comunidade, passa pela escola e continua a fazer parte da vida dos sujeitos sempre que eles estão expostos a situações que envolvem o uso da escrita nas suas práticas cotidianas. Para Britto (2003, p. 11), “a noção de processo supõe práticas sociais de uso da escrita e da leitura e de agentes formadores que definem os modos privilegiados de levar adiante a tarefa do letramento”. Esta tarefa, ao contrário do que muitos pensam, não está restrita à disciplina de Língua Portuguesa na escola, mas a todas as disciplinas que usarem a tecnologia da escrita como veículo de informações e de interações. Propiciar esse processo contínuo e gradativo das competências da escrita é tarefa de todos os educadores, de todas as disciplinas na agência escolar de letramento (cf. Kleiman & Moraes, 1999, p. 98 e 190).

Outra desmistificação deve ocorrer também no que tange à relação que se estabelece entre o ensino da escrita na escola e a chamada norma padrão da língua, como se apenas essa variedade fosse representação legítima da língua, desconsiderando-se as variedades lingüísticas que se usam em diversos segmentos sociais, tanto no que se refere à escrita quanto à oralidade. Britto (2003, p. 22) pondera que:

<sup>9</sup> Estamos estendendo o conceito de escrita para abranger tanto as atividades de leitura como as de produção de textos.

*ao invés de corrigir a variedade lingüística das pessoas, de modo a ‘disciplinar a linguagem e atingir a forma ideal da expressão oral e escrita’, o que se busca (ou que se deve buscar com o ensino da escrita na escola) é a ampliação do conhecimento lingüístico do sujeito, criando condições para que possa usar a leitura e a escrita como instrumento de participação social.*

O que a escola deve promover são condições para que o aluno adquira outros domínios para se inserir no mundo da escrita de forma cada vez mais competente. Sabemos que essa tarefa não é fácil, e a escola não resolve essa questão sozinha; ela depende também de políticas públicas que dêem sustentação à sua ação. Temos consciência também do quanto as escolas públicas brasileiras carecem de investimento educacional por parte dos órgãos governamentais. São muitas as bibliotecas escolares que não atendem às necessidades de se promover a distribuição de leituras variadas; são muitos os professores que trabalham, às vezes, três horários, para dar conta das imposições de consumo da classe média, e que, por isso, muitas das vezes não aprimoram o seu processo de letramento: não têm tempo ou oportunidades de contato com diferentes gêneros textuais que aprimorem a sua formação, não só profissional, mas pessoal, social, intelectual, nas diversas relações com o uso da escrita. Esses educadores, por sua vez, têm que “promover, como agentes educacionais, o letramento, ou seja, a inserção efetiva do (aluno) brasileiro no mundo da escrita” (Possenti, 2002, p. 319).

A partir dessa percepção, pode-se afirmar que participar da sociedade de escrita implica saber e poder operar com os objetos culturais e com os discursos da cultura escrita, o que demanda ter a informação, saber manipulá-la e inseri-la em determinados universos referenciais. Por isso mesmo, Geraldi (1996, p. 46 *apud* Britto, 2003, p. 43) sustenta que “a aprendizagem da escrita se dá concomitantemente à aprendizagem dos conteúdos referenciais associados à escrita”, e Osakabe (1982, p. 149 *apud* Britto, 2003, p. 43) afirma que “aprender a ler e a escrever é ter acesso a um mundo distinto daquele em que a oralidade se instala e organiza: o mundo da escrita”.

Assim como a escrita, a leitura é um ato cultural, um ato de posicionamento político exercido nas práticas sociais.

*“Ela se faz sempre sobre textos que se dão a ler, textos que trazem representações do mundo e com as quais o leitor vê-se obrigado a negociar, já que, ao ler um texto, o leitor mobiliza dois tipos de ‘informações’: aquelas que se constituíram em sua experiência de vida e aquelas que lhe fornece o autor em seu próprio texto.” (Geraldi, 1996, p. 125)*

Apoiando-nos, então, nas leituras que fizemos de Soares (1991), Britto (2003), Kleiman e Morais (1999) e Geraldi (1996), concebemos a leitura como um ato em que se compartilham experiências, trocam-se informações, fazem-se inferências, constroem-se significados decorrentes tanto das pistas textuais como das nossas experiências; isto é, relacionamos o conteúdo dos textos com nossos conhecimentos prévios e com outras leituras já feitas por nós ou que ainda faremos no futuro. Como Kleiman & Morais (1999, p. 62) dizem, “todo texto remete a outros textos no passado e aponta para outros no futuro”. Completando as palavras de Kleiman & Morais:

*O significado de um texto não se limita ao que apenas está nele; seu significado resulta da interseção com outros. Assim, a intertextualidade refere-se às relações entre os diferentes textos que permitem que um texto derive seus significados de outros. [...] Diz-se que todo texto remete a outros textos no passado e aponta para outros no futuro. E como membros de um grupo social conhecemos essas relações e temos, portanto, conhecimento intertextual. Para todo leitor, um texto funciona como um mosaico de outros textos, alguns mais próximos, alguns mais distantes, alguns mais pertinentes, outros menos, mas todos eles influenciando a leitura. Entendemos um texto porque somos capazes de reconhecer esses traços e vestígios. Quanto mais elementos reconhecermos, mais fácil será a leitura e mais enriquecida será a nossa interpretação. Ou seja, a intertextualidade é um fenômeno cumulativo: quanto mais se lê, mais se detectam vestígios de outros textos naquele que se está lendo e mais fácil se torna perceber as suas relações com outros objetos culturais e, portanto, mais fácil é a sua compreensão. (P.62)*

Como membros e leitores de um grupo social, torna-se fundamental, então, que tenhamos acesso a atividades de escrita o mais diversificadas possível. O domínio sobre elas também se faz importante, já que estas constituem as experiências comunicativas de interação entre os sujeitos. Para enfatizarmos a importância da escrita em nossa vida, trazemos as palavras de Marcuschi (2001, p. 16):

*Numa comunidade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais que uma tecnologia. Ela se tornou um bem indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno.*

A escrita, dessa maneira, é vista como um objeto de comunicação, com função interativa entre aqueles que a ela recorrem nos seus diversos atos cotidianos. E como estamos focalizando neste trabalho o letramento, pensamos, como Britto (2003, p. 50), que o objeto de ensino a ser privilegiado na escola não é a língua

padrão, mas a leitura e a escrita, bem como os usos da língua em situações de instâncias públicas, que, em última análise, se orientam pela cultura escrita.

Um dos fenômenos que subjazem à escrita é a compreensão e construção de sentido na leitura e produção de um texto e, nesse sentido, a “leitura não é vista como um processo isolado, mas estudada dentro de um contexto maior em que o leitor transaciona com o autor através do texto, num contexto específico, com intenções específicas” (Goodman, 1994, p. 814, *apud* Leffa, 1991, p. 1).

Portanto, a compreensão e a produção de sentido na leitura e na produção de um texto são encaradas aqui como atos de interação entre leitores, autores e textos, com a ativação de conhecimentos, inferências, análise de intenções e estratégias, papéis sociais dos produtores e receptores envolvidos no processo de comunicação, e no contexto de produção e recepção dos textos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO. PERSPECTIVA PARA 2008.

O desenvolvimento do Projeto “Passaporte de Leitura” nos possibilitou perceber a importância do trabalho com a leitura e escrita de forma integrada, principalmente se este for, a princípio, resultado de um processo de motivação para a inserção no mundo da leitura. Continuaremos a trabalhar com a 6ª. Série em 2008, recomeçando o trabalho lúdico com a leitura, o manuseio, o contar, o ouvir histórias, e posteriormente iniciaremos o manuseio e preenchimento do Passaporte de Leituras, no qual os alunos registrarão suas leituras, suas impressões, e produzirão um pequeno resumo da obra lida. Esse objeto de registro de leituras e de comunicação com o mundo das palavras escritas, acreditamos, pode ser encarado como um instrumento de incentivo e de documentação das leituras feitas por um autor-leitor em diálogo com outros autores/escritores dentro do mundo da escrita, caminho para o Letramento contínuo desses sujeitos educandos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989. 174 p.
- ALMEIDA, A. L. C. (1999). **O papel da intertextualidade na construção da leitura crítica**. Dissertação de mestrado. IEL, UNICAMP.



- COELHO, Bethy. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1990. 78 p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. S. Paulo: Hucitec. 1999.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. S. Paulo Martins Fontes. 2000.
- BAMBERGER, R. (1995). *Como Incentivar o Hábito de Leitura*. São Paulo: Ática. (Série educação em ação). Original: *Promoting the reading habit*. Unesco, 1975.
- BORBA, V.M.R. **Gêneros Textuais e Produção de Universitários: o resumo acadêmico**. Tese de Doutorado. Recife, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – 5ª a 8ª série**. Local: MEC/SEF; editora. 1998.
- BRITTO, Luiz; Percival, Leme. **Contra o Consenso**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC. 1999.
- COSTE, D. (1997). **Leitura e competência comunicativa**. In: Galves, Orlandi & Otoni (org.) *O texto: leitura e escrita*. São Paulo: Pontes.
- FREIRE, P. (1997). **A importância do ato de ler**. 33 ed. São Paulo: Cortez (Coleção questões da nossa época, vol. 13).
- FRIER, Catherine. **Relação com a Escrita e Recurso de Inserção**. In Scripta, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 81-96, 2o. sem.2002.
- GERALDI. (1999 a). **Práticas de leitura na escola**. In: GERALDI (org) *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática; p. 88-103.
- KLEIMAN, A. (1989). **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, São Paulo: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (org.) (1995). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado Aberto.
- LEFFA, Vilson J. *Perspectivas no estudo da leitura; Texto, leitor e interação social*. In: LEFFA, V. J; PEREIRA, Aracy, E. (orgs) *O ensino da leitura e produção textual: Alternativas de Renovação*. Pelotas: Educat, 1999. p. 13-37.
- \_\_\_\_\_. **Fatores da Compreensão na Leitura**. Cadernos do IL, Porto Alegre, v. 15, n. 15, p. 143-159, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: o que são e como se classificam**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2000. (versão preliminar, inédita).
- \_\_\_\_\_. **Letramento e oralidade no Contexto das práticas sociais e eventos comunicativos**. In: SIGNORINE (ORG). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas, São Paulo. 2001.
- MACHADO, Elisabeth M. R. **Lendo e Compreendendo: Uma experiência com 5ª. Série**. Dissertação de Mestrado. Campinas, S.P. [s.n.], 2002.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Atividades de (Re) Textualização em Práticas Acadêmicas: Um Estudo do Resumo**. Scripta, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 13-22, 2o. sem.2002.
- POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes. 1993. p. 49.
- RATTO, Ivani. **Ação Política: Fator de Constituição do Letramento do Analfabeto Adulto**. In: *Os significados do Letramento*. KLEIMAN A. B. (org.). Campinas: Mercado aberto, 1995.
- SOARES, Magda Becker. **Letramento. Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica. 1998.
- SCHEUWLY, B. e DOLZ, J. **Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. In: *Revista Brasileira de Educação*. Trad. Gladis Sales Cordeiro. N. 11, p 5 – 16, maio a agosto 1999 (original de 1997).
- \_\_\_\_\_. **Gêneros e Tipos de Texto: Considerações Psicológicas e Ontogenéticas**. In: *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. SCHNEUWLY & DOLZ e colaboradores. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 2004.



# PROJETO CIDADANIA AMBIENTAL

## EQUIPE

Coordenador:

Gustavo Brígido Alvarenga Pedras

Alunos Bolsistas:

Rafaela Maciel Ladeira

Sonia Ayres Motta Moreira

O presente trabalho descreve a realização de um projeto de extensão realizado no ano de 2007 na Universidade FUMEC - Fundação Mineira de Educação e Cultura, que teve como objetivo promover a cidadania e a educação ambiental no meio acadêmico e nas escolas de ensino fundamental. Esse trabalho constou de duas fases, as quais serão descritas a seguir.

## 1 – INTRODUÇÃO

O desenvolvimento sustentável do meio ambiente entrou em evidência após a reunião da ECO-92, patrocinada pela ONU, na cidade do Rio de Janeiro. A partir deste marco foram instituídas as diretrizes de preservar o meio ambiente para gerações futuras.

O meio ambiente deve ser visto como uma conjuntura de fatores que influenciam a vida do ser humano. Contudo, a conscientização ambiental e social é restrita às classes privilegiadas, o que faz com que os menos favorecidos fiquem excluídos. Assim, a conscientização deve ser iniciada a partir dos meios acadêmicos e governo.

O projeto fortaleceu valores ambientais pouco difundidos, demonstrando a importância da conscientização ambiental, pela internalização deste conceito pelo público.

A interdisciplinaridade favoreceu o senso comum de Universidade, com o maior entrosamento entre as unidades, além do enfoque dos temas por profissionais de diferentes áreas e abordagens.

O projeto favoreceu a divulgação e discussão do tema “cidadania ambiental”, visto serem dois termos em pauta nas discussões contemporâneas. É necessário que o indivíduo seja, acima de tudo, um cidadão, não no sentido literal da palavra, que significa a prerrogativa de poder votar e ser votado, mas sim no seu contexto social: todos participando dos problemas da cidade. Esta é

a ideia atual de administração pública, quando os cidadãos colaboram com o governo no cumprimento de suas funções, visto estar este impossibilitado de atender a todas as demandas. Já o termo “ambiental” é encarado hoje de forma mais ampla, pois fatores artificiais são tidos como questões ambientais. Não existindo uma sintonia entre cidadão e meio ambiente, a qualidade de vida é comprometida. E, no ambiente urbano, são várias as questões que preocupam os ambientalistas.

## 2 – DESENVOLVIMENTO

O trabalho foi desenvolvido tendo como escopo a conscientização social e ambiental, para que o público almejado colabore com a sociedade, promovendo a integração social, já que os problemas vivenciados pelos excluídos afetam a todos direta e indiretamente. Culmina, a partir de então, na participação efetiva para uma sociedade mais ética e justa.

A segunda fase do projeto foi para além dos muros da Universidade, para que alunos e voluntários conheçam a realidade da cidade, ajudando os menos favorecidos.

Através de um trabalho extramuros, o projeto foi divulgado, quando os participantes visitaram escolas públicas na região centro-sul da capital, onde foi demonstrada a importância da integração social e respeito ao meio ambiente.

O enfoque dos alunos do curso de Turismo demonstrou que um meio ambiente preservado gera recursos para o município. Com a colaboração da aluna de *design* gráfico, foram elaborados logotipos para o projeto. As alunas bolsistas, juntamente com o coordenador do projeto, foram responsáveis por promover palestras e organizar, junto aos voluntários, as idas às escolas públicas.

Foram ministradas palestras com autoridades, ONGs e pessoas do povo. Houve esforço para convidar para um mesmo ciclo de palestras um representante de uma instituição e um cidadão comum para contrapor ideias e opiniões, a fim de que os palestrantes não tivessem somente uma visão institucionalizada do objeto em análise, e sim uma opinião vivenciada.

Temas atuais foram discutidos, como a poluição e escassez da água, o meio ambiente, a região da Pampulha, entre outros. O tema segurança pública também foi abordado, visto ser o meio ambiente não apenas a fauna e a flora, mas todos os demais aspectos que envolvem nossa cidade.

Em relação ao tema água, foi realizada palestra durante a Semana da Água, quando aspectos relacionados à poluição e escassez foram discutidos, evidenciando o fato de o Brasil ser um país rico em recursos hídricos, mas que não sabe administrar bem esse

recurso natural. Foi abordado o tema da transposição do Rio São Francisco, que se arrasta por alguns anos, o que tem promovido discussões acaloradas, visto ter-se chegado à conclusão, nas palestras, de que a mudança do curso de um rio jamais será a medida mais racional, visto existirem alternativas para o combate à seca, como, por exemplo, a construção de poços artesianos, considerando que as comunidades não estão concentradas numa mesma região. O impacto ambiental da transposição de um rio do porte do São Francisco é uma medida que influi em todo o ecossistema, sendo, portanto, uma medida de total desrespeito à natureza, com conseqüências ainda desconhecidas. Fica evidenciado, no binômio necessidade x viabilidade, que a necessidade é política, uma vez que há grandes interesses econômicos envolvidos, quando se lembra que a transposição é um projeto que envolve cifras bilionárias. Ambientalistas forneceram pareceres desfavoráveis à transposição. Até mesmo órgãos estatais discordam dessa gigantesca obra, contudo, sem sucesso, visto que o interesse econômico prevalece, quase sempre.

O petróleo era associado ao ouro, mineral escasso e cobiçado. Mas hoje, a água tem sido considerada o “ouro do século XXI”. O Brasil apresenta grande potencial hídrico, principalmente na região amazônica, contudo, não existe tecnologia viável e disponível para a transposição desse recurso para as áreas mais habitadas. Além dos rios, visíveis aos olhos, o Brasil também detém boa parte do chamado Aquífero Guarani, localizado em alguns estados do Sudeste e do Sul, além de estar presente também nos países vizinhos do Sul. Entretanto, como o aquífero é água subterrânea, muitas vezes sua exploração é cara e difícil, por estar a grande profundidade. Além disso, existe o sério risco de uma futura exploração desregrada, o que provocaria a poluição dessas águas, com a conseqüente impossibilidade de seu tratamento.

Assunto sempre em voga na capital mineira é a região da Pampulha. Na oportunidade, alunos do curso de Turismo da Fumec abordaram a necessidade de se incentivar o turismo como forma de angariar recursos para o município, bem como da conseqüente preservação do meio ambiente, pois o turismo e a preservação do meio ambiente estão atrelados. Questões como a verticalização da região da Pampulha também foram discutidas, por ser um patrimônio do povo mineiro e não somente dos moradores da região.

Nas palestras sobre segurança pública, contou-se com a presença de profissionais ativos da sociedade, que lutam por sistemas alternativos de cumprimento de penas, forma privada encontrada como meio de combater o alto índice de criminalidade cometido por cidadãos que deveriam sair da cadeia teoricamente reeducados. Estatísticas foram demonstradas sobre os locais e horários de mais incidência do cometimento de crimes, servindo de alerta para os ouvintes. Houve a participação do coordenador da Extensão, que presidiu a mesa. Em conseqüência da palestra, hou-

ve a manifestação de um grupo de alunos de fazer parte desses projetos privados, concluída com a visita à APAC (Associação de Proteção e Assistência Carcerária) de Nova Lima.

O tema recursos renováveis, entre eles o lixo, foi abordado de forma interdisciplinar, visto serem assuntos de difícil resolução, por não ter o município local adequado para tratamento e depósito dos resíduos. Quando se fala em recursos renováveis, refere-se àqueles que poderão ser novamente produzidos, como, por exemplo, a plantação da cana-de-açúcar. Já os não renováveis são aqueles de número limitado, como acontece com o petróleo. A sociedade internacional está atenta para este aspecto, visto que os países precisam de fontes de energia todo dia, sob pena de haver colapso mundial. O Brasil, por meio do álcool combustível, está na vanguarda, inclusive firmando parcerias com diversos países, que estão preocupados com a oscilação do preço do barril de petróleo. Trata-se este recurso de um artigo político, quando se lembra que Iraque, Irã, Venezuela, países considerados instáveis, detêm boa parte do petróleo mundial. Recentemente, com a descoberta de um gigantesco poço de petróleo no litoral brasileiro, o Brasil se vê prestes a se tornar uma potência petrolífera. Contudo, pressões internacionais já surgem, com o objetivo de que o Brasil avance tecnologicamente, no intuito de disponibilizar rapidamente este recurso no mercado mundial.

Uma segunda etapa do projeto, o extramuros, foi realizada na Escola Municipal “Arthur Versiani Velloso”, situada na Rua Carangola 288 – Santo Antônio - em Belo Horizonte/MG. O enfoque foi a sensibilização dos alunos e da comunidade escolar em relação à cidadania e ao meio ambiente.

A preservação do meio ambiente é um problema, antes de tudo, cultural, causado por uma sociedade competitiva e não cooperativa. Por meio da educação, crianças e jovens podem tornar-se multiplicadores de uma nova consciência-ambiental.

Para tanto, o projeto, por intermédio de seus membros, apresentou-se na escola quinzenalmente, com palestras e com o posterior desenvolvimento de tarefas concernentes à exposição dada. Como incentivo, os melhores trabalhos realizados pelos alunos foram premiados. Por último, foi confeccionado um sarau com a exposição dos trabalhos.

O projeto “Semana da Cidadania na Escola” teve o objetivo de, a partir do programa de Educação Fiscal e com as parcerias estabelecidas, levar às escolas o conteúdo e a divulgação do programa e várias atividades que estimulam o conhecimento acerca de direitos e deveres e de atitudes conscientes de cidadania, estimulando o interesse dos alunos para as questões sociais, ambientais e políticas.

É urgente a necessidade de preparar os alunos para viverem em uma sociedade democrática, na qual os problemas são discuti-

dos coletivamente e o diálogo e a cooperação buscam melhorar a vida do cidadão.

O aumento do individualismo e o enfraquecimento do vínculo familiar e social fazem com que aumentem as expectativas da sociedade para com a escola como propulsora da democracia e de cidadania, o que justifica o trabalho extramuros.

A educação para a cidadania só terá chance de produzir efeitos se for um problema de todos e se atingir todas as disciplinas e todos os momentos da vida escolar. A Secretaria de Estado de Fazenda, juntamente com os membros do projeto, estiveram presentes na Escola contribuindo, com o corpo docente, levando e incentivando o relacionamento Estado-Sociedade.

A parceria estabelecida com a Secretaria da Fazenda, por meio do programa de Educação Fiscal para o pleno exercício da cidadania, teve como enfoque sensibilizar a comunidade escolar para a função socioeconômica do tributo, desenvolver na comunidade escolar o espírito crítico e participativo nas questões da coletividade, incentivar ações e políticas educativas que levem em conta a realidade da criança e do adolescente como cidadãos de direitos, pela participação de diversas atividades como, por exemplo, formação de conselhos, orçamento participativo, e, por último, possibilitar a pesquisa e a troca de experiências para qualificação entre os profissionais que atuarão diretamente com o desenvolvimento do projeto.

Os membros do projeto participaram do Projeto Piloto, Semana da Educação Fiscal no Colégio Tiradentes, juntamente com a Secretaria de Estado de Fazenda. As palestras ministradas pelos membros do projeto alcançaram seus objetivos, despertando interesse nos alunos. Estas constaram de dois temas: um voltado para o primeiro ano, outro para a quinta e sexta séries. Entre os temas, foram discutidas as mudanças climáticas e a problemática do lixo, nunca deixando de abordar a questão da cidadania ambiental. As crianças participaram ativamente, fizeram perguntas e algumas exposições.

Ao final, foram distribuídas balas aos alunos, quando a seguinte pergunta foi formulada: "onde devemos jogar o papel da bala?:" Todos os alunos de todas as salas dirigiram-se à lixeira, cientes da lição aprendida e da importância da colaboração de cada um.

Alunos do 8º período de Direito da FUMEC, bem como da Dom Helder Câmara, visitaram a APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados) Nova Lima, em visita organizada pelo projeto, em 1º de setembro de 2007.

Estudo a ser divulgado pelo Instituto dos Advogados de Minas Gerais, do qual o coordenador do projeto é Diretor do Departamento de Direito Ambiental, desenvolveu estudo sobre a transposição do São Francisco, a partir do lema necessidade x viabilidade, cujo resultado será apresentado em solenidade na-

quele órgão, tendo o projeto Cidadania Ambiental como participante do estudo.

### 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades iniciais encontradas na aplicação deste projeto de extensão, os resultados são animadores no que tange aos seus objetivos. As palestras correram conforme planejadas, contando com a constante ajuda da ASSCOM e Prefeitura da FACE. Houve dificuldades na execução dos eventos, quando se deparou com o desinteresse dos alunos e alguns professores ao assistirem às palestras.

Em relação à Escola Arthur Versiani, alunos e professores demonstraram-se satisfeitos com a realização do mesmo na escola. Durante as apresentações ocorreram questionamentos e debates, de forma organizada.

Já as atividades no Colégio Tiradentes desenvolveram-se em perfeita sintonia entre professores, alunos e coordenadora do Colégio Tiradentes. A parceria vai continuar em 2008. Por ser o mencionado colégio instituição agregada à Polícia Militar de Minas Gerais, uma afinidade também está sendo desenvolvida entre a Universidade FUMEC e a Corporação Militar.

É função dos meios acadêmicos promover mais integração entre os cidadãos, alertando para as atuais necessidades. As Universidades, por contarem com pessoas qualificadas e ambientes propícios, são as instituições indicadas para desenvolver esses projetos sociais. No desenvolvimento do projeto, percebeu-se que são várias as pessoas e órgãos na luta pelos mesmos objetivos, o que demonstra que a sociedade tem se mobilizado. E, dessa forma, a partir de parcerias, as idéias se fortalecem, havendo colaboração de variados tipos, seja social, política ou econômica - socialmente, porque hoje as pessoas estão mais conscientizadas do seu papel coletivo; politicamente, pois alguns políticos sabem a necessidade da preservação do meio ambiente, além de terem conhecimento de que preservar o meio ambiente é fonte de votos certos; e economicamente, por serem as grandes economias os grandes poluidores, seja referente a empresas ou a países. Basta constatar que o maior poluidor do mundo é também a maior economia, os Estados Unidos. E em Belo Horizonte percebe-se que as grandes empresas também são as responsáveis pelos grandes impactos ambientais. Sobrevoando a Serra do Curral, conclui-se que ela é hoje uma casa, o lado localizado em Nova Lima está totalmente desconstituído. No lado belorizontino, ela é preservada, numa atitude típica de ludibriar a população, que só enxerga a serra do seu lado preservado, ocultando o fato de ser praticamente uma serra morta, cartão postal da cidade.

---

Percebe-se, desta forma, que o projeto atendeu a seus objetivos. No desenvolver das atividades, novas idéias surgiram, bem como novos parceiros e colaboradores, o que favorece a divulgação da FUMEC como uma Universidade ativamente operante nos projetos relativos à cidadania e ao meio ambiente.

# PROJETO DA EDUCAÇÃO GERENCIAL PARA A MAIORIDADE

José Henrique da Silva Júnior, Lilian de Fátima Simonelli e  
Tatiana Adaid Braga

# PROJETO DA EDUCAÇÃO GERENCIAL PARA A MAIORIDADE

*“Cada Pessoa tem um destino na vida...O meu destino é  
fazer escultura.”* Franz Weissmann

*“Eu fiz um acordo pacífico com o tempo, nem ele me per-  
segue, nem eu fujo dele. Um dia a gente se encontra.”*  
Mário Lago

*“Do mal da velhice chega a velhice um dia... E a gente  
ainda pensa que vive... E adora ainda mais a vida! Como  
o enfermo que em vez de dar combate à doença busca  
torná-la ainda mais comprida”* Mario Quintana

## INTRODUÇÃO

A receita para uma vida longa e saudável não está apenas em manter boa alimentação, hábitos regrados e uma pitada de sorte. O segredo para uma velhice duradoura e com qualidade pode residir no interior das pessoas, mais exatamente na sua capacidade de se sentir útil e operacional.

Segundo o IBGE, o Brasil já é um país de idosos, pois tem mais de 9% da população com idade superior a 60 anos. E muitos deles ainda estão em busca de uma formação que seja capaz de lhes dar competitividade no mercado de trabalho.

O Brasil deste novo milênio não será mais um país tão jovem. Estima-se que no final da segunda década do novo milênio a população brasileira será a sexta mais velha do mundo. Dados surpreendentes se comparados aos da década de 50, quando o país ocupava a 16ª posição mundial em número de população acima dos 60 anos de idade.

Com isso, é necessário salientar que há previsões de que em 20 anos o Brasil venha a ser o terceiro colocado no *ranking* dos

países, no que se refere ao número de consumidores da terceira idade.

No Brasil, o grupo etário velho é o que mais cresce. Com base nos dados do IBGE, o número de pessoas com mais de 60 anos cresceu neste século taxa percentual mais de duas vezes superior à taxa de crescimento da população em geral. Entre 1960 e 1980, por exemplo, o crescimento da população brasileira foi de 70%, enquanto que no grupo de pessoas com mais de 70 anos foi de 140%. No ano 2000, deverá existir um número maior de pessoas com mais de 50 anos do que de adolescentes.

A população idosa necessita de um tipo de assistência que permita apoio para as suas atividades da vida diária, aumentando o seu grau de independência, podendo estimular a capacidade que ainda tem, estimulando-a a desenvolvê-la.

Por outro lado, tem-se constatado que até pessoas da classe média têm ficado numa situação de quase exclusão porque a aposentadoria vai perdendo o seu valor e as necessidades aumentam. Isso acaba gerando uma situação muito difícil, ainda mais hoje, com o grave problema do desemprego, que deixa muitas pessoas de meia-idade desempregada.

Segundo a revista Exame, no Brasil há um grande grupo de consumidores potenciais no mercado que dispõe de renda e tempo para consumo e apresenta necessidade por novos produtos e serviços. É um grupo que está crescendo em número e ainda não estabeleceu lealdade a lojas ou marcas. Apenas um pequeno número de varejistas está buscando este segmento: a maioria parece estar ignorando o poder de compra significativo dos consumidores maduros.

Em última análise, pode-se afirmar que a população dos consumidores maduros está se tornando muito atrativa e parece então não haver dúvida sobre o imenso potencial que representa para as empresas o segmento dos consumidores da terceira idade no Brasil.

## A ATIVIDADE EXTENSIONISTA PARA A MAIORIDADE

A atividade de extensão universitária caracteriza-se por sua integração direta com o ensino e com a pesquisa realizados pela Universidade Fumec, permeando as diferentes facetas que constituem as suas áreas do conhecimento. Em sua grande maioria, tem como objetivo, direta ou indiretamente, a inclusão cultural, social, econômica e tecnológica de diferentes grupos sociais, dentro de várias linhas temáticas. A descoberta de novos caminhos metodológicos para o entendimento da arte no ensino regular, como uma das formas de relacionamento, leitura do mundo



e expressão humana, é uma de suas maiores preocupações. Nesse sentido, propõe-se a adoção de um conjunto de ações de extensão, visando a melhorar o ambiente escolar.

O projeto de extensão voltado para a maioria tem por objetivo geral difundir o conhecimento promovido pela Universidade, seja pela produção, como pela sistematização do estudo universal disponível, oferecendo ao aluno matérias que visam à possibilidade de complementar sua educação formal, acrescentando conhecimento a ser adquirido em sala de aula com aulas presenciais, eventos extraclasse a serem realizados junto à comunidade ou na própria escola; participar de atividade de extensão, pesquisa, planejamento e cooperação técnica, realizada por professores e estudantes de graduação, no âmbito de projetos, planejamento, projetos orientados por professores qualificados, visando à aplicação e ao aprendizado de técnicas e métodos científicos, bem como ao desenvolvimento da mentalidade empreendedora e da criatividade, no confronto direto com os problemas oriundos da nossa sociedade. Ou seja, proporcionar conhecimentos básicos nas áreas de gestão para esclarecer sobre as possibilidades de administrar mais eficientemente o dia-a-dia e desenvolver atividades diversas, estimulando os idosos a passarem seu tempo de forma mais interessante, divertida e atuante.

## OBJETIVOS PROPOSTOS

Preparar idosos com capacidade gerencial para atuar em casa ou em empresas privadas, de maneira integrada com a realidade dos mercados e a sociedade.

Propiciar experiências de ensino/aprendizagem da administração para profissionais idosos formados em outras áreas do conhecimento e também para aqueles graduados em administração.

Estimular e desenvolver no participante idoso a mentalidade gerencial e Empreendedora.

Possibilitar ao idoso a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades e atitudes que conformam o perfil de profissional empreendedor, para atender às suas necessidades.

Capacitar os idosos, a partir do constante aperfeiçoamento que possibilita a inserção no mercado pela formação sólida, profunda e permanente.

Orientar sobre a formulação de políticas e sobre os padrões de desenvolvimento mais adequados para a atividade econômica.

Contribuir para que os idosos alcancem novos caminhos e fixem novas perspectivas para a superação dos atrasos e postergações que são obstáculos para o pleno desenvolvimento racional e funcional destes.

## PROGRAMA

O programa tem duração de 512 horas, distribuídas ao longo de quatro bimestres. A carga horária é cumprida em quatro tardes, às segundas, terças, quartas e quintas-feiras, das 14:00 às 17h:00h e por meio de atividades em classe e extraclasse, nos meses de março a junho e agosto a novembro.

## METODOLOGIA

O processo de aprendizagem, orientado para o acompanhamento dos idosos participantes, determina a cumprir as diretrizes propostas, sendo utilizados métodos de ensino, seja por meio de: aulas teóricas expositivas, aplicações práticas, dinâmicas de grupo, exercícios, seminários, pesquisas, orientações bibliográficas, simulações e estudos de casos aplicados às áreas de Direito, Administração, Finanças, Psicologia, alimentos e bebidas, entre outras. O espaço para debates e discussões construtivas será garantido, qualquer que seja o método empregado, além de serem privilegiadas técnicas de ensino que estimulem o raciocínio dos temas levantados.

A abordagem expositiva pelo docente de cada disciplina do programa será complementada pela indicação de bibliografia específica. Outros recursos pedagógicos estão previstos, como o uso de retroprojeções, vídeos e filmes didáticos, *slides* e sistemas de informação via internet, práticas de recreação.

O estudante poderá dispor de consulta de livros, revistas e periódicos na biblioteca da FACE da Universidade Fumec.

## O CORPO DOCENTE

Professores, alunos e funcionários da Universidade FUMEC/FACE e convidados.

## A DEMANDA

Se o fenômeno da globalização é interdisciplinar e atinge a tudo e a todos, a capacitação do idoso também o é. Além dos cursos e das várias disciplinas que se complementam, a vida atual exige dos idosos habilidades e competências profissionais que os permitirão ingressar nessas áreas a partir das mais variadas formações. São idosos profissionais liberais ou não, pais dos estudantes e/ou egressos da FUMEC ou de outras escolas de En-

sino Superior ou Secundário e ainda profissionais que atuam ou desejam atuar ou trabalhar, que sentem a necessidade de serem ainda “úteis” e ativos do ponto de vista físico e intelectual.

## **PÚBLICO-ALVO**

Idosos ou pessoas da maioria, parentes de alunos, ex-alunos, professores e funcionários que desejam uma opção no âmbito do ensino para alcançarem novos caminhos e novas perspectivas de vida ou superar atrasos e postergações que impedem seu pleno desenvolvimento racional e funcional.

Existe pouco consenso entre os pesquisadores a respeito da idade cronológica caracterizando o consumidor que começa a fazer parte do mercado da terceira idade. Os pesquisadores têm considerado qualquer estágio entre 45 e 65 anos como o início da maturidade.

# A MATRIZ CURRICULAR

## 1º PERÍODO

Disciplinas	C/H	Professores
Informática I	32hs	Rafaela Freitas Magalhães
Bem-estar Físico I	32hs	Adriano Felix de Oliveira
Noções de Administração e Economia	32hs	José Henrique da Silva Júnior / Wagner Luiz Silva
Culinária I	32hs	Ramon de Salles Carvalho
<b>Total</b>	<b>128hs</b>	

## 2º PERÍODO

Disciplinas	C/H	Professores
Informática 11	32hs	Lilian Simonelli
Bem-estar Físico 11	32hs	Júlio César Teixeira e Silva
Orçamento Doméstico / Finanças Pessoais e Atuariais	32hs	Wagner Luiz Silva
Culinária 11	32hs	Ana Robles Consolin
<b>Total</b>	<b>128hs</b>	

## 3º PERÍODO

Disciplinas	C/H	Professores
Informática III	32hs	Lilian Simonelli
Bem-estar Físico 111	32hs	Hugo Estefânio da Silva
Noções Direito Trab. e Trib. e Idoso	32hs	Eden Mattar
Psicologia	32hs	Renata Conceição Lopes Sampaio
<b>Total</b>	<b>128hs</b>	

## 4º PERÍODO

Disciplinas	C/H	Professores
Mundo e Tecnologia	32hs	Emerson Eustáquio Costa
Bem-estar Físico IV	32hs	Ana Beatriz Lott Macintyre
Estudos Brasileiros	32hs	José Henrique da Silva Júnior
Lazer	32hs	Solange Celeghini Albino Inácio
<b>Total</b>	<b>128hs</b>	

# PROJETO DE ATENDIMENTO AO BEBÊ DE RISCO DA MATERNIDADE ODETE VALADARES

## EQUIPE

Ana Raquel Pereira Caixeta - Especialista em Fisioterapia com Ênfase em Neurologia, Professora da Universidade FUMEC.

Professora Voluntária:

Tatiana Pessoa da Silva Pinto - Mestranda em Ciências da Reabilitação, Professora da Universidade FUMEC.

Alunos Bolsistas:

Mirlene Carlos Lopes, Rafael Emediato Gabbay.

Alunos Voluntários:

Brígida Cibelle Teixeira, Patrícia Alkmin, Renata de Oliveira Gesualdo, Renata Gesualdo, Tânia Márcia Magalhães Câmara, Vanice Cristina Oliveira Ferreira.

## 1 – INTRODUÇÃO

Os recentes avanços na neonatologia têm reduzido significativamente as taxas de morbidade e mortalidade de bebês de alto risco (bebês cujo curso clínico perinatal possa ter contribuído para déficits motores, cognitivos ou sociais). Entretanto, os bebês prematuros, nascidos antes de completar 38 semanas de gestação, estão sob mais alto risco de déficits de desenvolvimento e condições de incapacidade do que os bebês nascidos a termo. No Brasil, o recém-nascido prematuro representa 11% do total de nascimentos, o que tem estimulado a formação de profissionais para acompanhamento desses bebês.

A importância do acompanhamento reside na possibilidade de permitir qualidade de vida mais satisfatória para os bebês e seus familiares, sendo fundamental detectar os sinais de alerta motor e comportamental atípicos do bebê, o mais precoce possível, para minimizar ou prevenir deficiências que surjam como compensações para os distúrbios do movimento.

As aquisições motoras no primeiro ano de vida são relevantes no prognóstico do desenvolvimento global da criança. O fisio-

terapeuta é o profissional mais preparado para acompanhar o desenvolvimento (*follow-up*) de habilidades motoras grossas do bebê, o que envolve a avaliação e a indicação de intervenção precoce.

Atualmente, as equipes de saúde têm trabalhado com o modelo de atenção humanizada à criança e à família. Os terapeutas vêem agora os pais como parte da equipe e os encorajam a participar dos cuidados dos seus bebês. Tal participação envolve comunicação aberta com a família, que pode ser facilitada usando meios verbais ou escritos, informações para melhorar a interação entre os pais e o bebê, instrução de técnicas de manuseio e de posicionamento terapêutico incorporadas às atividades diárias dos cuidadores e *follow-up*.

Entretanto, algumas das principais dificuldades desse modelo de atenção à saúde identificadas pelos idealizadores do projeto consistem na falta de pessoal disponível, na escassez de profissionais adequadamente treinados e nos recursos limitados para confecção de material didático de orientação aos pais. Buscando minimizar as barreiras atuais à continuidade do serviço, foi proposto então um trabalho conjunto entre a Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade FUMEC e a Maternidade Odete Valadares (MOV).

## 2 – OBJETIVOS

Os objetivos do projeto foram: humanizar o atendimento no berçário e enfermaria pediátrica da Maternidade Odete Valadares; organizar o fluxo de pacientes da MOV acolhendo, orientando, informando os familiares, tanto de pacientes provenientes de encaminhamento interno quanto aqueles identificados por busca ativa: mediar a relação familiar x equipe de saúde; prestar apoio aos profissionais da equipe de saúde da enfermaria e berçário, buscando desenvolvimento contínuo da qualidade do trabalho e a humanização do serviço à comunidade; incentivar a participação dos alunos em atividades científicas.

## 3 – METODOLOGIA

Os alunos participantes do projeto foram selecionados e, em seguida, receberam dois meses de treinamento, com aulas teóricas dadas pelas professoras coordenadoras e por professores convidados sobre os temas: tecnologia assistiva; desenvolvimento motor típico e atípico; técnicas de manuseio, posicionamento e estimulação sensorial; orientação em relação ao método mãe-canguru.

Foi realizado treinamento sistemático da aplicação de uma avaliação de desenvolvimento infantil padronizada (Alberta Infant Motor Scale – AIMS), o qual possibilitou a implementação do uso dessa escala nas avaliações de *follow-up*. Foram desenvolvidos e apresentados pelos alunos seminários sobre tópicos de pontuação da escala, além de sua participação em atividades práticas de técnicas de posicionamento, manuseio e estimulação sensorial. Os alunos realizaram acompanhamento de atendimentos e avaliação das crianças, feitos pela equipe de Maternidade Odete Valadares durante o período de férias escolares, nos meses de julho e dezembro, e assistiram às avaliações de acompanhamento do ambulatório de fisioterapia todas as segundas-feiras.

Cartilhas explicativas sobre o desenvolvimento normal do bebê foram confeccionadas pelos estudantes. Esse trabalho teve como objetivo desenvolver nos alunos a busca pela literatura da área, necessidade de entrar em contato com outros profissionais, elaboração de texto técnico de fácil entendimento para os pais e cuidadores dos bebês, adequação da linguagem e formato da cartilha às realidades locais (sociais, educacionais e financeiras), tanto da Maternidade Odete Valadares quanto da FUMEC.

## 4 – RESULTADOS

O projeto ofereceu para os alunos do curso de Fisioterapia da FCS/FUMEC a oportunidade de participarem da realidade de atendimento do hospital, acrescentando ao aprendizado teórico a prática clínica, de pesquisa e de educação em saúde. Para os alunos, o projeto possibilitou o contato com o campo futuro de trabalho, o aprendizado e a vivência de uma boa relação terapeuta – paciente/família, além do contato amplo com diversos profissionais da saúde. O aluno pôde vivenciar a dinâmica em uma equipe multidisciplinar, aprendendo a conviver e a respeitar as diversas profissões, a partir do acompanhamento do desenvolvimento motor, função neuromotora das crianças de alto risco e do estabelecimento de relações entre a teoria e a prática clínica, numa perspectiva de formação que agrega a experiência profissional aos conteúdos ministrados no curso de fisioterapia da FCS/FUMEC.

A comunidade se beneficiou diretamente com esta parceria devido à implementação da AIMS nas avaliações de *follow-up*, uma vez que esta gera dados mais objetivos para o acompanhamento do desenvolvimento motor do bebê e facilita a identificação dos atrasos, tornando mais eficiente o processo de encaminhamento para o atendimento sistemático da fisioterapia.

A presença da Universidade dentro do hospital foi uma fonte de renovação de conhecimentos, formação mais especializada para

as necessidades de sua população, e promoveu o diálogo entre o saber clínico e o científico.

## 5 – CONCLUSÕES

Os aspectos mais relevantes alcançados durante o projeto foram: capacitação dos alunos para que possam avaliar o nível de desenvolvimento motor e de função neuromotora das crianças que apresentam alto risco ao nascer; confecção de cartilhas informativas, permitindo lapidar o olhar dos pais/cuidadores a respeito do desenvolvimento motor do bebê; organização do banco de dados existente na Maternidade Odete Valadares; e sistematização da continuidade das coletas de dados para utilização em futuras pesquisas e também em trabalhos de conclusão de cursos dos alunos da FCS/FUMEC.

## 6 – REFERÊNCIAS

- ANDRESON CG *et al.* Early skin-to-skin contact for mothers and their healthy newborn infants. (Cochrane Review). *The Cochrane Library*, 2003.
- AUCOTT S *et al.* Neurodevelopmental care in the NICU. *Mental Retardation and Developmental Disabilities*, v.8, p.298-308. 2002.
- CHARPAK Net *et al.* A randomized, controlled trial of kangaroo mother care: results of follow-up at 1 year of corrected age. *Pediatrics*, v.108, p. 1072-1079, 2001.
- CONDE-AGUDELO A *et al.* Kangaroo mother care to reduce morbidity and mortality in low birthweight infants (Cochrane Review). *The Cochrane Library*, 2003.
- CRAIG S *et al.* The effect of early contact on maternal perception of infant behavior. *Early Human Development*, v. 6, p. 197-204, 1982.
- DE CHATEAU P, WIBERG B. Long-term effect on mother-infant behaviour of extra contact during the first hour post partum. II. A follow-up at three months. *Acta Paediatr Scand*, v.66, p.145-151, 1977.
- DE CHATEAU P, WIBERG B. Long-term effect on mother-infant behaviour of extra contact during the first hour post partum. III. Follow-up at one year. *Scandinavian Journal of Social Medicine*, v.12, p. 91-103, 1984.



FELDMAN R *et al.* Comparison of skin-to-skin (Kangaroo) and traditional care: parenting outcomes and preterm infant development. *Pediatrics*, v.110, p. 16-26, 2002.

KAMBARAMI RA *et al.* Long-term outcome of preterm infants discharged home on kangaroo care in a developing country. *Ann Trop Pediatrics*, v.23, n.1, p. 55-59, 2003.

OHGI S *et al.* Comparison of kangaroo care and standard care: behavioral organization, development, and temperament in healthy, low-birth-weights infants through 1 year. *J Perinatol*, v. 22, n.5, p. 374-379, 2002.

PENALVA O, SCHWARTZMAN JS. Descriptive study of the clinical and nutritional profile and follow-up of premature babies in kangaroo mother care program. *Jornal de Pediatria*, v.82, n.1, p. 33-39, 2006.

SHEAHAN MSS; BROCKWAY FN; TECKLIN JS. A criança de alto risco. In: *Fisioterapia Pediátrica*. 1992.cap.3, p.69-67.

# PROJETO DESPORTIVO SOCIOCULTURAL - 2007 - FUMEC

## EQUIPE

Profa.: Licène França

Prof. Valdir de Oliveira

## 1 – INTRODUÇÃO

O projeto Desportivo Sociocultural foi implantado na Fumec como complementação às aulas de Ed. Física (duas aulas semanais para todos os cursos) que nessa época constava na grade curricular.

Necessárias se tornavam atividades que possibilitassem a integração da comunidade Fumec: professores, alunos, funcionários, ex-alunos entre si e também com a comunidade na qual estávamos inseridos.

Idealizado pelos professores de Ed. Física e com as justificativas apresentadas, iniciou-se o trabalho com objetivos claros, a seguir.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Esportivos: promover o esporte especializado amador dentro da Universidade, considerando-o fonte importante de manifestação social, agente preventivo à saúde e retardamento do envelhecimento;
- Atividades integradas, formação de grupos e lideranças na Universidade e participativas na sociedade;
- Promover a cultura, oferecendo atividades culturais tais como: concursos de fotografia, vídeo, etc.

### OBJETIVOS GERAIS:

- Intercâmbio entre as unidades do Centro Universitário, depois Universidade, entre si e com outras, por intermédio dos órgãos competentes.
- Integração desportiva sociocultural da Fumec, funcionários e comunidade.

- Criação e incentivos de grupos esportivos (associações atléticas).
- Estímulo e apoio às lideranças positivas.

O empenho era em afirmar o esporte e ed. física para todos como vida saudável e cultural e dar oportunidade aos profissionais das áreas afins, ver, analisar e adquirir novos conhecimentos necessários ao planejamento e execução do projeto.

Em 2005, os profissionais tiveram o grande apoio da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), que o proclamou o Ano Internacional do Esporte e Educação Física como meio de promoção da saúde, educação, desenvolvimento e paz entre as nações.

O esporte e educação física encontravam-se em situação de crescente marginalização "no âmbito dos sistemas educacionais, em vários países", apesar de se constituírem em instrumento primordial em termos de saúde, desenvolvimento físico e também a aquisição de valores necessários à coesão social e diálogos interculturais.

Nesta resolução, a ONU conclamava governos, agências especializadas, instituições voltadas ao esporte e ed. física a promoverem o papel da ed. física e do esporte para todos, quando fizessem seus programas e políticas de desenvolvimento, com objetivos de incrementarem os níveis de consciência a respeito de saúde, espírito de realização e ponte cultural, assim gerada para consolidar os valores coletivos.

Metas de desenvolvimento acordadas internacionalmente, como a "Declaração do Milênio das Nações Unidas", metas para a construção da paz, tiveram no esporte e ed. física grande instrumento para sua realização.

Fala-se no trabalho coletivo feito pelo esporte e ed. física, oferecendo oportunidades no sentido de existir solidária e cooperativamente, promover cultura, paz, igualdade social, diálogo e harmonia.

A ONU afirma na sua Resolução a importância de reforçarem-se a cooperação e parceria entre os atores envolvidos, tais como famílias, escolas, Universidades, clubes, comunidades locais, associações esportivas para a juventude, tomadores de decisões, setores privados e públicos, a fim de assegurarem a existência de fatores complementares, fazendo com que o esporte e ed. física sejam assegurados a todos como instrumento de saúde, educação e desenvolvimento cultural e social.

Os governos devem, afirma a Resolução da ONU, procurar encontrar maneiras inovadoras para usar o esporte na comunicação e mobilização social em nível nacional, regional, local, levando a sociedade civil à participação e ao engajamento para que os benefícios sejam de toda a sociedade.

Estamos no caminho certo, procurando levar o esporte de maneira optativa a todos que acreditam na força da ed. física e do esporte.

A realização no Brasil nos jogos Pan 2007 e ParaPan 2007, que representam o 2º lugar em importância no mundo, sendo os jogos olímpicos os primeiros, colocou o Brasil no centro das atenções mundiais e com isto obtiveram-se resultados positivos para ed. física e esporte. Também nas áreas de Turismo e Hotelaria, Engenharia Civil, contribuindo para geração de empregos, novos conhecimentos na área do esporte. Necessário se faz mostrar para o governo a importância de continuar esse trabalho, usando as estruturas montadas para projetos de inclusão social e maior desenvolvimento do esporte e ed.física.

Como a ed. física passou por diversas fases em sua existência, deve-se estar atento para seu desenvolvimento no presente momento.

Nos anos 90, foi reconhecida pela sociedade como promotora de saúde e laser. Essa consciência cresceu na proporção em que aumentava a epidemia das “doenças da vida moderna”: doenças cardiovasculares causam morte de 70% dos habitantes do mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS); doenças ligadas ao estilo de vida – o sedentarismo.

A atividade física surge como alternativa para aqueles que vivem o ritmo imposto pela nossa era, que almejam boa saúde, não só física como emocional. Hoje se vê que atividade física aliada a uma alimentação adequada auxiliam a suportar situações de tensão, ansiedade, evitando o estresse.

O organismo elimina a beta-endorfina, ou hormônio de humor, ajudando na melhora do sono, produzindo substâncias positivas ao organismo, como o HDL (bom colesterol), eliminando os negativos, como LDL (mau-colesterol).

Seguem-se alguns exemplos dos benefícios da ed.física e esporte:

- aumenta a eficiência do coração;
- melhora a oxigenação das células do organismo;
- normaliza a pressão arterial;
- revitaliza os pulmões;
- fortalece os músculos, ossos e ligamentos;
- melhora a digestão;
- aumenta a resistência e evita a fadiga;
- melhora a capacidade mental;
- elimina gordura corporal e excesso de colesterol;
- retarda o envelhecimento;
- socializa o praticante.

Esses benefícios só serão conquistados se as atividades físicas forem acompanhadas por profissionais competentes, sendo de grande importância o acompanhamento multidisciplinar (médico, fisioterapeuta, nutricionista, professores de Ed. Física).

## 2 – CRONOGRAMA

Programação das Atividades	Meses										
	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	
Levantamento Técnico											
Torneio de Calouros											
Inscrição Jogos Unificados Todas as modalidades											
Fotografia, Video e Computação gráfica											
Jogos Unificados: Handebol e Basquete - Masc. e Fem.											
Voley Dupla e Peteca											
Jogos Unificados: Futsal - Masc. e Fem.											
Promoções Externas											
Campeonato de Truco e Xadrez											
Final dos Jogos e Premiação											

**Obs: Este cronograma é feito todos os anos com modificações adaptáveis ao calendário acadêmico anual e ao espaço físico apresentado pela FUMEC.**

## 3 – ATIVIDADES DO PROJETO

### PROMOÇÕES:

- Torneios esportivos.
- Jogos unificados.
- Jogos externos.
- Cultural – exposição de fotografias.

## 4 – DA REALIZAÇÃO

- Universidade FUMEC
- FACE – FCH – FEA – FCS (opcional)

## 5 – DA ORGANIZAÇÃO

- Núcleo de E. Física

## 6 – PERÍODO DA REALIZAÇÃO DOS EVENTOS

- Esportivo interno, março a novembro
- Externos: maio – outubro
- Culturais – setembro – outubro – Mostra de Fotografia.

## 7 – HORÁRIO E DIAS

- 12 às 18 horas – aos sábados

## 8 – LOCAL

- Quadra alugada, atualmente no colégio Coração de Jesus, na rua Inconfidentes 500 – Savassi.

## 9 – METODOLOGIA

- Congresso técnico  
Discute-se com os representantes das competições o Regulamento proposto pela organização. As modificações propostas e votadas são publicadas nos boletins nº I de 2006 e 2007. Exemplo: a modalidade FUTSAL.

## BOLETIM OFICIAL Nº 01 - 2006 RESOLUÇÕES DO CONGRESSO TÉCNICO

### MODALIDADE FUTSAL

**FICA DETERMINADO QUE A EQUIPE QUE NÃO COMPARECER AO JOGO MARCADO (WXO) SERÁ ELIMINADA DA COMPETIÇÃO, TORNANDO SEM EFEITO SUA PARTICIPAÇÃO NOS JOGOS UNIFICADOS UNIVERSIDADE FUMEC, OU SEJA, SEUS RESULTADOS ANTERIORES SERÃO DESCONSIDERADOS (ANULADOS) PARA EFEITO DE CLASSIFICAÇÃO.**

### FORMA DE DISPUTA:

Número de equipes inscritas:  
38 (trinta e oito)

### 1ª FASE

- As 38 (trinta e oito) equipes serão divididas em 07 (sete) chaves de 04 (quatro) equipes cada e 02 (duas) chaves com 05 (cinco) equipes cada.
- As equipes se enfrentarão dentro de suas chaves em rodízio simples, classificando-se 02 (duas) equipes de cada chave para a próxima fase.

### 2ª FASE

Número de equipes classificadas na 1ª fase: 18 (dezoito)

- As equipes classificadas na 1ª fase serão divididas em 06 (seis) chaves de 03 (três) equipes cada.
- As equipes se enfrentarão dentro de suas chaves em rodízio simples, classificando-se 02 (duas) equipes de cada

chave para a próxima fase.

### 3ª FASE

Número de equipes classificadas na 2ª fase: 12 (doze)

- As equipes classificadas na 2ª fase serão divididas em 04 (quatro) chaves de 03 (três) equipes cada.
- As equipes se enfrentarão dentro de suas chaves em rodízio simples, classificando-se 02 (duas) equipes de cada chave para a próxima fase.

### 4ª FASE - QUARTAS DE FINAIS

Número de equipes classificadas na 3ª fase: 08 (oito)

- As equipes classificadas na 3ª fase serão divididas em 04 (quatro) chaves de 02 (duas) equipes cada.
- As equipes se enfrentarão dentro de suas chaves em partida única no sistema de eliminatória simples, classificando-se para a próxima fase a equipe vencedora dos confrontos.
- Havendo empate no tempo normal de jogo, será disputada prorrogação de 10' (dez minutos) divididos em dois tempos de 05' (cinco minutos) cada. Persistindo o empate, haverá cobranças de penalidades máximas de acordo com as Regras Oficiais da CBFS: 05 (cinco) cobranças para cada equipe. Persistindo o empate, cobranças alternadas até que haja um vencedor.

### 5ª FASE- SEMIFINAIS

- As equipes vencedoras na fase anterior disputarão as semifinais em partida única eliminatória simples.
- Havendo empate no tempo normal de jogo, será disputada prorrogação de 10' (dez minutos) divididos em dois tempos de 05' (cinco minutos) cada. Persistindo o empate, haverá cobranças de penalidades máximas, de acordo com as Regras Oficiais da CBFS: 05 (cinco) cobranças para cada equipe. Persistindo o empate, cobranças alternadas até que haja um vencedor.

### 6ª FASE - FINAIS

- As equipes vencedoras na fase anterior disputarão as semifinais em partida única, eliminatória simples.
- Havendo empate no tempo normal de jogo, será disputada prorrogação de 10' (dez minutos) divididos em dois tempos de 05' (cinco minutos) cada. Persistindo o empate, haverá cobranças de penalidades máximas de acordo com as Regras Oficiais da CBFS: 05 (cinco) cobranças para cada equipe. Persistindo o empate, cobranças alternadas até

que haja um vencedor.

A distribuição de pontos será a seguinte:

- Vitória- 03 (três) pontos
- Empate - 01 (um) ponto
- Derrota - 0 (zero)

## BOLETIM OFICIAL Nº 01 - 2007 ALTERAÇÃO NO REGULAMENTO GERAL

### FUTSAL

Para o Futsal a distribuição de pontos será a seguinte:

- a. Vitória  
03 (três) pontos
- b. Empate  
01 (um) ponto
- c. Derrota  
0 (zero) ponto

### MODALIDADE FUTSAL

Número de equipes inscritas:  
25 (vinte e cinco)

### FORMA DE DISPUTA

#### 1ª FASE

As 25 (vinte e cinco) equipes serão divididas em 05 (cinco) chaves de 05 (cinco) equipes cada. As equipes se enfrentarão dentro de suas chaves em rodízio simples, classificando as 03 (três) melhores equipes de cada chave para a próxima fase.

#### 2ª FASE

As 15 (quinze) equipes classificadas na 1ª fase serão divididas em 05 (cinco) chaves de 03 (três) equipes cada. As equipes se enfrentarão dentro de suas chaves em rodízio simples, classificando as 02 (duas) melhores equipes de cada chave para a próxima fase.



### 3ª FASE

As 10 (dez) equipes classificadas na 2ª fase serão divididas em 01 (uma) chave de 04 (quatro) equipes e 02 (duas) chaves de 03 (três) equipes. As equipes se enfrentarão dentro de suas chaves em rodízio simples, classificando-se as 02 (duas) melhores equipes da chave de 04 (quatro) equipes e a equipe melhor colocada nas chaves de 03 (três) equipes para a próxima fase.

### 4ª FASE – SEMIFINAIS

As equipes classificadas na 3ª fase serão divididas em 02 (duas) chaves de 02 (duas) equipes cada. As equipes se enfrentarão dentro de suas chaves em partida única no sistema de eliminação simples.

Havendo empate no tempo normal de jogo, será disputada prorrogação de 10' (dez minutos) divididos em dois tempos de 05' (cinco minutos) cada. Persistindo o empate, haverá cobranças de penalidades máximas de acordo com as Regras Oficiais da CBFS: 05 (cinco) cobranças para cada equipe. Persistindo o empate, cobranças alternadas até que haja um vencedor.

### 5ª FASE – FINAIS

As equipes perdedoras em suas chaves na fase anterior disputarão a decisão de 3º e 4º lugares e as equipes vencedoras disputarão a decisão de 1º e 2º lugares.

Havendo empate no tempo normal de jogo, será disputada prorrogação de 10' (dez minutos) divididos em dois tempos de 05' (cinco minutos) cada. Persistindo o empate, haverá cobranças de penalidades máximas de acordo com as Regras Oficiais da CBFS: 05 (cinco) cobranças para cada equipe. Persistindo o empate, cobranças alternadas até que haja um vencedor.

## ATIVIDADES

- Esportivas: vôlei - *handboll* – futsal – basquete – peteca – truco – e xadrex.
- Culturais: fotografia – vídeo – computação gráfica

## SISTEMA DE DISPUTA

- Conforme número de inscrições por modalidade e resolução do Congresso Técnico.

## OPERACIONALIZAÇÃO DO PROJETO.

- Custo: material esportivo; premiações, arbitragem, competições externas, uniformes. A divulgação: *banners* e boletins; fotografia, Mostra Fumec.

## CRONOGRAMA ANUAL DOS EVENTOS

- Vide = quadro do projeto
- Obs: Apresentamos os boletins oficiais 01 de 2006 e 2007 para que se possa entender o desenvolvimento dos jogos durante os anos respectivos.

## REFERÊNCIAS

MAGNANE, george – **Sociologia do esporte** – Ed. Perspectiva

**Revista CONFEF** – Conselho Federal de Educação Física, Ano I, Nº 03, 2002, Brasília-DF

**Revista CONFEF** – Conselho Federal de Educação Física, Ano I, Nº 04, Edição Especial, 2002, Brasília-DF

**Revista CONFEF** – Conselho Federal de Educação Física, Ano VI, Nº 14, Nº 20-23, 2006, Brasília-DF

**Revista CONFEF** – Conselho Federal de Educação Física, Ano VII, Nº 24, 2007, Brasília-DF

# PROJETO ECONSCIÊNCIA

## EQUIPE

Professora Coordenadora:  
Eliane Almeida

Alunos:  
Frederico Viana  
Juliana Pena  
Leandro Baeta

## RESUMO

O Projeto Econsciência, realizado durante o ano de 2007 na Escola Municipal “Dona Lúcia Dias”, em Mateus Leme/MG, teve como finalidade implantar a coleta seletiva a partir de um programa de sensibilização dos alunos e da comunidade escolar. As dinâmicas operadas buscaram o envolvimento do corpo docente e administrativo, de modo a possibilitar ações de retroalimentação entre os objetivos propostos e as ações executadas. A adequação da proposta ao calendário escolar e aos eventos extraclasses permitiu que o projeto fosse implantado com sucesso na Escola.

## PALAVRAS-CHAVE

Educação ambiental, coleta seletiva, reciclagem

## 1 – INTRODUÇÃO

O meio ambiente como um todo tem passado por inúmeras transformações que partiram das questões conceituais até o repensar de posturas. Projetos de cunho social que visam a uma mudança de posicionamentos até então adotados têm passado por grandes avanços nas últimas décadas, principalmente a partir do momento em que estes passaram a ter papel decisivo em diversos setores da sociedade. Programas de Educação Ambiental devem ser concebidos considerando-se este tema de uma maneira ampla, ou seja, como educação para a vida.

Assim, o objetivo deste programa é estimular o surgimento de novos valores que contribuam para o estabelecimento da melhor relação entre o homem e o meio, considerando os aspectos socioambientais, visando à melhor utilização dos recursos naturais e principalmente os usos integrados a que a região, como um todo, estará exposta. Para tanto, julga-se pertinente sua conectividade com os demais programas em implementação, tendo em vista que a sinergia existente entre estes deve ser clara, objetiva e explícita para todo o público envolvido.

A implantação do Projeto Econsciência na Escola Municipal “Dona Lúcia Dias” partiu da necessidade de sensibilização dos alunos em relação à coleta seletiva e aos benefícios desta para o meio ambiente. Dessa forma, foram realizadas, junto com as atividades já desenvolvidas pelos professores, aulas temáticas sobre meio ambiente, cartilhas educativas relativas à questão dos resíduos sólidos urbanos, faixas, cartazes, entre outros, sendo relevante a adequação dos textos à linguagem do público-alvo – crianças do pré-escolar até 4ª série do Ensino Fundamental.

Para a sensibilização da comunidade escolar e melhor fixação do conteúdo abordado pelo projeto, firmou-se parceria com a Agência Experimental de *Design* Gráfico da Universidade FUMEC – Protótipos - para que fossem desenvolvidos personagens que ilustrassem o projeto. Neste contexto, foi criada a “Liga dos Recicláveis”.

A “Liga dos Recicláveis” é formada por personagens gráficos em forma de desenho animado, inspirados nos cinco resíduos que seriam reciclados (papel, plástico, vidro, metal e orgânico), adequando-se, assim, a proposta de sensibilização à linguagem dos alunos, que a receberam com muito entusiasmo.

Neste sentido, o trabalho desenvolvido buscou educar a comunidade a partir da sensibilização do público estudantil quanto aos aspectos mais relevantes no que diz respeito ao meio ambiente, tornando-se importante chave para o desenvolvimento das ações futuras.

## 2 – OBJETIVOS

Sensibilizar os alunos para as questões ambientais a partir da criação de um projeto de coleta seletiva de lixo na escola.

### JUSTIFICATIVA

A escola foi sondada pela empresa Zanini CGE Ltda. sobre a criação de um projeto de coleta seletiva. A empresa mostrou disposição em doar as lixeiras e a recolher o lixo selecionado, dando-lhe destinação apropriada, cabendo à escola o trabalho

---

de educação ambiental de modo a sensibilizar os alunos e funcionários acerca da importância da coleta seletiva.

Como já era feito na escola um trabalho de sensibilização ecológica voltada para o plantio de mudas, aulas temáticas (ex: efeito estufa e aquecimento global) e outros, a diretora Cláudia Maria de Andrade Baeta entrou em contato com alunos do curso de Engenharia Ambiental da Universidade FUMEC para o desenvolvimento de um projeto focado em coleta seletiva.

## METODOLOGIA

O projeto buscou levar os conhecimentos básicos sobre coleta seletiva e lixo por meio de metodologia diferenciada, com diversas linguagens e atividades, visando a sedimentar os aprendizados de forma definitiva. Para tanto, foram utilizadas técnicas de aprendizado compartilhado.

## 3 – RESULTADOS

A realização do Projeto Econsciência proporcionou à Escola Municipal “Dona Lúcia Dias” um direcionamento nas atividades relacionadas a meio ambiente, principalmente no que diz respeito à coleta seletiva. Todos os funcionários da escola abraçaram a causa, não medindo esforços para alcançar os objetivos propostos.

Para sensibilizar a comunidade escolar quanto à destinação final do lixo, foram utilizadas cartilhas explicativas, dinâmicas de grupo e aulas extraclases ministradas com o objetivo de ampliar os conhecimentos dos alunos sobre o tema. Além disso, foram apresentados teatros e filmes de modo a sedimentar os aprendizados adquiridos ao longo da realização do projeto. Complementarmente, foram realizados jogos e gincanas visando à interação entre entretenimento e conhecimento, procurando, dessa forma, atingir os alunos com uma linguagem mais lúdica.

Os alunos da escola perceberam a importância da coleta seletiva, atentando para o fato de que, para salvar o planeta, todos têm que se conscientizar dessa necessidade, pois cada ação provoca uma reação. Sensibilizados, “extrapolaram” os muros da escola, envolvendo suas famílias e principalmente as autoridades locais, que assumiram o compromisso, junto à comunidade escolar, de adotar políticas públicas no município em prol da coleta seletiva.

Os graduandos de Engenharia Ambiental da Universidade FUMEC puderam aplicar conhecimentos de educação ambiental, gestão de resíduos sólidos, administração pública, entre outros, de forma abrangente e objetiva.

O Projeto Econsciência alcançou sua meta principal, que era sensibilizar a comunidade escolar quanto aos problemas do lixo a partir da implantação da coleta seletiva, superando as expectativas e considerando as dimensões alcançadas.

Cabe ressaltar que o trabalho vem gerando novos frutos, a partir de sua continuidade, não somente pela escola, mas principalmente no âmbito do município.

## REFERÊNCIAS

Prefeitura de Belo Horizonte;

J.C.Sommer e R.Belli. A questão do lixo. Ed. BrasiliLeitura

## ANEXOS

### FOTOS



Imagem 1: Lixeiras dispostas na Escola



Imagem 2 :A Liga dos Recicláveis



Imagem 3: Preparativos para a festa junina



Imagem 4: A Festa Junina



Imagem 5: A Liga dos Recicláveis no desfile



Imagem 6: Apresentação  
de 7 de setembro em Mateus Leme.



Imagem 7: Evento para a finalização do



Imagem 8: Troféu dado pela Prefeitura à Escola e ao Projeto Econsciência.

# PROPOSTA PILOTO DE CAPACITAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTA DE GESTÃO DE BANCO DE ALIMENTOS

Luciana Assis Costa - Terapeuta ocupacional. Mestre em Ciências Sociais. Doutoranda em Sociologia UFMG. Professora-assistente da Faculdade de Ciências da Saúde da FUMEC. Belo Horizonte, Minas Gerais.

Marisa Antonini Ribeiro Bastos - Enfermeira. Doutora. Professor Adjunto. Aposentada do Departamento de Enfermagem Básica da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Titular da Faculdade de Ciências da Saúde da FUMEC

Aluna Bolsista:  
Camila Cavarelli Goulart

## 1 – INTRODUÇÃO

O Programa Fome Zero, implementado no primeiro mandato do governo Lula, considerado o principal programa social do governo federal, reinseriu na agenda governamental a questão da Segurança Alimentar, a partir de um conjunto de políticas articuladas entre ações estruturantes e medidas emergenciais de combate à fome.

O programa, gerido pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), por meio da Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SESAN) em parceria com os estados e municípios, empresas públicas e sociedade civil, se desenvolve a partir de quatro eixos principais, sendo eles: i) ações que articulam acesso aos alimentos; ii) fortalecimento da agricultura familiar; iii) geração de renda; iv) mobilização e controle social. As ações de acesso aos alimentos contêm programas e ações de transferência de renda, alimentação, nutrição e acesso à informação e educação.<sup>(1)</sup> Neste eixo insere-se o programa Banco de Alimentos, objeto do presente trabalho.

O Banco de Alimentos é definido como uma política do programa Fome Zero, que tem como objetivo arrecadar alimentos por meio de doações, distribuir para entidades carentes, viabilizando acesso ao alimento, educação alimentar e redução do desperdício nos centros urbanos.

Uma característica que diferencia a iniciativa brasileira de Bancos de Alimentos dos demais países é o fato de o governo ter o

papel protagonista na estruturação e implementação do programa Banco de Alimentos.<sup>(2)</sup>

No ano de 2005, o MDS apoiou a instalação de 39 Bancos de Alimentos distribuídos nos estados de Minas Gerais, Bahia, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Acre, Paraíba, Ceará, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul, Piauí, Rondônia e Espírito Santo. Atualmente, são 67 Bancos de Alimentos apoiados pelo MDS, sendo 18 já em funcionamento, totalizando mais de sete milhões de reais transferidos.<sup>(1)</sup>

Todavia, em 2005, o Tribunal de Contas da União<sup>(3)</sup>, após avaliação dos Bancos de Alimentos do país, constatou que os maiores desafios apontados pelos programas estavam relacionados, especialmente, à efetividade e transparência das suas ações, sendo eles: insegurança quanto à garantia da sustentabilidade dos Bancos; ausência de acompanhamento do governo federal no processo de implantação dos Bancos; falta de padrão de funcionamento entre os Bancos, ausência de integração entre programas públicos e privados; concentração de convênios para implantação de Bancos de Alimentos em municípios localizados nas regiões Sul e Sudeste do País; deficiência dos Bancos no acompanhamento da manipulação de alimentos e do seu uso pelas entidades, falta de profissional capacitado nos Bancos; falta de priorização de ações educativas e ausência de monitoramento e avaliação dos Bancos de Alimentos instalados.

São também apontadas a falta de critérios para distribuição dos alimentos; a carência de um modelo de gestão unificado que garanta transparência na administração da coleta e adoção, assim como a falta de sistemas informatizados que viabilizem o monitoramento e avaliação do programa.

Diante destes desafios identificados, relacionados diretamente à operacionalização dos Bancos de Alimentos, a Universidade FUMEC, em parceria com a SMAAB/PBH e a CeasaMinas, iniciou em 2005 um projeto de natureza extensionista que buscou colaborar no enfrentamento de algumas dificuldades experimentadas pelos BAs, particularmente aquelas referentes à transparência, avaliação e gestão dos Bancos.

## 2 – BREVE APRESENTAÇÃO DOS PARCEIROS ENVOLVIDOS NO PROJETO DE EXTENSÃO: BANCO DE ALIMENTOS DA PBH E RMBH

Em 2003, foi implantado o BA Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) pela Secretaria Municipal de Abastecimento (SMAB), em parce-



ria com o Serviço de Limpeza Urbana (SLU), o Ministério de Desenvolvimento Social (MDS) e a sociedade civil, constituindo-se em uma iniciativa de abastecimento e segurança alimentar que buscava articular unidades de comercialização, armazenamentos, industrialização e processamento de alimentos.

Essa iniciativa visava à redução do desperdício no combate à fome e melhoria do estado nutricional da população beneficiada. O BA/PBH é responsável pela retirada dos produtos nas empresas doadoras (supermercados, sacolões e restaurantes), transporte, seleção, embalagens e distribuição, observando as boas condições de manipulação dos alimentos e normas da vigilância sanitária.

Em estudo realizado em 2004, constatou-se que entre os principais avanços identificados nos dois primeiros anos de funcionamento do BA/PBH, destacavam-se a parceria com a SLU, com o MDS - que incentiva as doações ao BA ao conceder isenção fiscal tanto no âmbito estadual (pelo ICMS) quanto federal (pelo IPI) e a priorização de atendimento às entidades que não recebem auxílio formal ou regular do poder público para inclusão no programa.<sup>(4)</sup>

Em contrapartida, entre as principais dificuldades apontadas, destaca-se, de forma enfática, a ausência de mecanismos de acompanhamento das entidades beneficiadas, situação que limita a investigação sobre a efetividade do programa Banco de Alimentos como política de segurança alimentar, dificuldade esta reapresentada posteriormente no relatório de avaliação dos Bancos realizado em 2005 pelo TCU.<sup>(3,4)</sup>

Outra parceira do projeto, a CeasaMinas, apresentou em 2003 ao então Ministério Especial de Segurança Alimentar – MESA uma proposta para implantação de um Banco de Alimentos no entreposto da Grande BH, voltado para absorver o excedente de alimentos industrializados em complemento aos produtos *in natura* já contemplados pelo PRODAL. Tendo firmado convênio com o sucedâneo do MESA, o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome em 2004, a CeasaMinas passou a buscar experiências e referências institucionais para a implementação do projeto.

Concomitantemente à proposta de implantação do BA, a CeasaMinas, juntamente com a SMAAB/PBH, iniciou o desenvolvimento de uma ferramenta tecnológica que fosse capaz de otimizar a gestão e monitoramento dos Bancos de Alimentos a partir de uma base de dados unificada. Deste trabalho derivou a criação de um *software* de gestão de Bancos de Alimentos, com o objetivo primordial de constituir-se plataforma comum de controle de estoques e fluxos dos Bancos de Alimentos para atender eficientemente ampla gama de entidades sociais que prestam serviços assistenciais de alimentação e que pudesse tornar-se um bem público utilizável pelo programa.

Frente à possibilidade de contribuir para consolidação do *software* como instrumento de gestão, avaliação e monitoramento dos BAs, a parceira da FUMEC, CeasaMinas e SMAAB foi realizada especialmente a partir de duas frentes de ação: 1) desenvolver ações no sentido de efetivar a utilização do *software* de gestão<sup>3</sup> do programa em BH e RM; 2) estabelecer critérios de avaliação (indicadores) com a finalidade de contribuir para a definição de um modelo de avaliação dos BAs do estado de Minas Gerais.

### **3 – UMA PROPOSTA INTERSETORIAL ENTRE A UNIVERSIDADE FUMEC, SMAAB/PBH E CEASAMINAS. NA CONSOLIDAÇÃO DE UMA FERRAMENTA DE GESTÃO BANCO DE ALIMENTOS: CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO PILOTO**

A parceria entre a FUMEC e o programa BA/PBH com o envolvimento de docentes e discentes da área da saúde justificou-se não só pela oportunidade de proporcionar aos alunos a vivência de ações extensionistas de natureza educativa e científica, como também pela natureza do programa, que abrange políticas articuladas cujo foco é a segurança alimentar, concepção esta fortemente vinculada à noção de promoção da saúde.

As práticas que compõem o campo da promoção da saúde têm sido preconizadas pelas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação dos profissionais de saúde, reconhecendo que a saúde não está simplesmente relacionada à ausência de doença, mas principalmente à qualidade de vida das pessoas, da comunidade e do seu ambiente, implicando ações intersetoriais. Neste caso, o projeto adotou como referencial teórico a concepção de segurança alimentar articulada à da Promoção da Saúde, possibilitando o oferecimento de ações integradas e multidisciplinares.

Por outro lado, o desafio de um trabalho em rede com a finalidade de consolidar a unificação de um banco de dados revelou diferentes entraves de natureza política e técnica que, de certa forma, orientaram as definições de ações e metodologias desenvolvidas no projeto.

Atualmente, o projeto encontra-se na terceira etapa de operacionalização, tendo como principais objetivos (alcançados e em andamento):

- Desenvolver ações no sentido de contribuir para a constituição de uma rede de Bancos de Alimentos no estado.
- Desenvolver ações no sentido de efetivar a utilização do *software* de gestão do programa pelos Bancos de Alimentos da região metropolitana de BH.
- Adequar o cadastro das entidades beneficiadas utilizado pelo *software*.
- Cadastrar na ferramenta de gestão as instituições beneficiadas pelos BAs.
- Elaborar um formulário para cadastramento da visita técnica para utilização dos Bancos de Alimentos.
- Realizar análise documental no sentido de identificar indicadores de avaliação de programas sociais em geral e de Banco de Alimentos, em particular, na produção científica nacional e internacional sobre a temática.
- Definir indicadores de avaliação do programa Banco de Alimentos junto aos sujeitos envolvidos (Banco de Alimentos; instituições beneficiadas e doadores).
- Elaborar um instrumento de avaliação dos Bancos de Alimentos a partir dos indicadores levantados pelo projeto anterior e indicadores identificados na proposta atual.
- Validar o instrumento de avaliação junto a uma parcela da população-alvo.
- Levantar a demanda para ações educativas junto à comunidade beneficiada relacionadas à alimentação e saúde.
- Capacitar os atores envolvidos no programa Banco de Alimentos para a utilização do *software* de gestão.
- A operacionalização destas proposições supracitadas dependeu de uma série de ações de natureza técnica, científica e política, entre elas:
- Reunião com os parceiros (CEASA, Bancos de Alimentos de Belo Horizonte e região metropolitana, com o apoio do COMUSAN; SESI; SESC) para estabelecimento da agenda de trabalho e mecanismos de acompanhamento e avaliação.
- Elaboração de formulário de visita técnica.
- Capacitação dos profissionais envolvidos nos Bancos de Alimentos para utilização do *software*.
- Realização de grupos focais para levantamento de indicadores de avaliação de Bancos de Alimentos.
- Elaboração do instrumento de avaliação a partir dos indicadores levantados e finalmente validação do instrumento de avaliação, entre outros.

## 4 – RESULTADOS

### Resultados relacionados à articulação dos parceiros para consolidação da proposta de constituição do banco de dados unificado

Constatou-se que a parceria entre a FUMEC e a PBH proporcionou um cenário favorável para a articulação dos Bancos de Alimentos, no sentido de consolidar a proposta de constituição do banco de dados unificado para o Programa Banco de Alimentos. No desenvolvimento do projeto, identificou-se que o trabalho entre os parceiros encontrava-se pouco articulado, trabalho esse fundamental no sentido de construir um banco de dados que atendesse às diferentes demandas dos Bancos de Alimentos da região metropolitana de Belo Horizonte.

Sob o ponto de vista operacional, foram feitas sugestões quanto à inclusão de informações no cadastro do perfil das instituições beneficiadas, assim como estabelecidas estratégias no sentido de unificar também o roteiro de visita técnica. O roteiro foi elaborado com a participação direta dos parceiros, em especial as nutricionistas dos Bancos de Alimentos.

O instrumento é constituído de questões relacionadas às condições da estrutura física da instituição beneficiada (piso, paredes, instalações elétricas, janelas, entre outros); à qualidade da iluminação e ventilação, bem como às condições de higiene, armazenamento e manipulação dos gêneros alimentícios. Atualmente, o instrumento é utilizado pelos BAs de BH e RMBH com avaliação positiva dos técnicos responsáveis pelo cadastramento e acompanhamento das instituições beneficiadas.

Na atualidade, é realizada a capacitação da equipe dos Bancos de Alimentos para utilização do *software*, com a participação efetiva de alunos bolsistas e voluntários da FUMEC.

Sob o ponto de vista político, a parceria permitiu que fosse novamente firmada a intencionalidade dos parceiros em constituir um banco de dados unificado com o intuito de otimizar a distribuição das doações. Foi também explicitada a necessidade do estabelecimento de um termo de cooperação entre os Bancos parceiros, promovendo a administração única do *software* para melhoria do monitoramento, gerenciamento e avaliação dos resultados das ações desenvolvidas pelos Bancos de Alimentos, além de reforçar sua natureza de bem público.

Cabe ressaltar a manifestação unânime dos parceiros acerca da importância da articulação das ações do programa BA para as instituições de Ensino Superior, realizada por meio de parcerias com os objetivos de proporcionar experiências extensionistas aos discentes, estabelecer mecanismos conjuntos para solucionar as demandas ainda existentes e incrementar a produção científica sobre a temática.

### **Resultados relacionados ao levantamento das demandas para a promoção da saúde das instituições beneficiadas pelo BA da PBH**

O levantamento de demandas para a promoção da saúde nas instituições beneficiadas pelo Banco de Alimentos da PBH foi realizado a partir de visitas a uma amostra dessas instituições. O processo de seleção da amostra foi intencional, utilizando-se como critérios a diversidade de atendimento e a localização das instituições. Em todas as instituições visitadas foi constatada a necessidade de implementar ações educativas relacionadas à promoção da saúde.

### **Resultados relacionados ao levantamento dos indicadores de avaliação do programa junto aos atores envolvidos.**

Para o levantamento dos indicadores de avaliação do programa junto aos atores envolvidos, foi adotada a estratégia de grupos focais realizada com três categorias de atores: coordenadores dos Bancos de Alimentos, doadores e representantes das entidades beneficiadas.

Observa-se que, em geral, os indicadores levantados junto a esses sujeitos se referem aos aspectos do processo de doação, tais como o volume, a periodicidade, os tipos de alimentos doados, a motivação e o estímulo para doação, o número de entidades beneficiadas, a qualidade do acesso ao alimento.

Outros indicadores estão relacionados ao ingresso das entidades beneficiadas no programa, considerando-se a existência de pré-requisitos, o tempo de permanência no programa, a infraestrutura das entidades, bem como seu público atendido.

Foram também levantados indicadores referentes às ações educativas desenvolvidas pelo programa, lembrando que o BA não se restringe apenas à doação de alimentos, mas, sobretudo, à melhoria da qualidade alimentar dos beneficiados. Neste sentido, devem-se avaliar o número de atividades educativas, a periodicidade dessas ações, as melhorias ocorridas nas instituições a partir do ingresso no programa, além das visitas técnicas. Assim, destacou-se o caráter pedagógico da avaliação como um enfoque possível de superar as limitações que podem ser evidenciadas no funcionamento do programa Banco de Alimentos.

Por fim, foram apresentados como indicadores de avaliação dos BAs o custo do programa, bem como o impacto sobre a redução de desperdício de alimentos, um dos objetivos fundamentais do Banco de Alimentos.

Ressalta-se que os indicadores levantados apresentam caráter dinâmico que poderá ser alterado a partir de novas necessidades identificadas com o aprimoramento do programa. Todavia, pode-se considerar que este levantamento constitui-se em ferramenta para consolidação e ampliação do programa, bem como padronização na gestão e monitoramento dos Bancos de Alimentos.

## **5 – CONCLUSÕES E POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS**

O projeto alcançou seus principais objetivos, evidenciando em seu desenvolvimento aspectos positivos e críticos que permearam essa atividade extensionista.

Entre os aspectos críticos, ressalta-se a falta de infra-estrutura para o funcionamento adequado dos Bancos de Alimentos (computadores, internet; área física equipe de profissionais; transporte, entre outros). Verificou-se também um descrédito popular/doadores acerca do programa BA, que pode ser explicado pela falta de transparência das ações de doações. E finalmente identificou-se a necessidade de um programa sistemático de capacitação dos profissionais dos BAs para a efetiva utilização do *software* de gestão, o que permitiria, de fato, uma base comum de informações acerca do programa.

Quanto aos aspectos positivos, ressaltam-se a eficácia do *software* como ferramenta de gestão, acompanhamento e avaliação do programa Banco de Alimentos. A utilização desse *software* atende a uma das recomendações da avaliação do Programa Banco de Alimentos realizada pelo TCU, no que se refere à ausência de monitoramento e avaliação dos Bancos de Alimentos instalados, como um dos aspectos críticos do programa.<sup>(3)</sup>

É importante também destacar que a carência de indicadores de avaliação do programa Banco de Alimentos na literatura brasileira reforça a contribuição deste projeto para formulação de modelos de avaliação do programa no âmbito nacional.

No desenvolvimento do projeto, observou-se, ainda, que o *software* é um eficiente instrumento de pesquisa e extensão acadêmica, gerando produção científica relacionada à segurança alimentar e promoção da saúde.

Conclui-se, assim, que essa ferramenta de gestão do programa Banco de Alimentos poderá se constituir em uma tecnologia social aplicada, implementada em âmbito regional, com potencial de reaplicabilidade, inovação, exemplaridade e transformação social.

Neste sentido, propõe-se a elaboração de um projeto em âmbito nacional que venha replicar a experiência realizada em BH e RMBH, abrangendo basicamente duas frentes de ação: uma primeira relacionada ao desenvolvimento de ações educativas e de capacitação dos atores envolvidos nos Bancos de Alimentos para a utilização do *software* de gestão, acompanhamento e avaliação. A segunda linha se refere ao desenvolvimento de atividade científica (pesquisa e extensão) relacionada às diferentes áreas temáticas que envolvem a operacionalização de programa dessa natureza.

Para operacionalização desta proposta, serão selecionados pólos nacionais, priorizando aqueles nos quais os Bancos de Alimentos foram implementados com apoio do MDS.

Esta proposta será sustentada pelos seguintes pressupostos (Figura 1):

- Parceria interinstitucional público-privado.
- Participação de instituições de ensino superior com envolvimento de docente e discente em atividade de pesquisa e extensão.
- Trabalho em rede, viabilizado por um *software* de gestão.
- Utilização do *software* como ferramenta de acompanhamento e avaliação de programas sociais como instrumento de efetividade e transparência de políticas públicas.

## 6 – REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Desenvolvimento Social e de Combate a Fome. Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. PROGRAMA ACESSO À ALIMENTAÇÃO: BANCO DE ALIMENTOS. 2005. Disponível em:

Acesso em <http://www.mds.gov.br/programas/seguranca-alimentar-e-nutricional-san/banco-de-alimentos>

BRASIL. Fome Zero. Instituto Cidadania. Fundação Djalma Guimarães. UMA PROPOSTA DE POLÍTICA DE COMBATE À FOME. NO BRASIL. 2001. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/programas/seguranca-alimentar-e-nutricional-san/banco-de-alimentos>. Acesso em: 5 mar 2007.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. **Relatório de Avaliação de Programa. Programa Banco de Alimentos**. Brasília: TCU, Secretaria de Fiscalização e Avaliação de Programas de Governo, 2005.122p.

Universidade Federal de Minas Gerais. Segurança Alimentar: modulo 1. Belo Horizonte (MG): CEDEPLAR, 2004.

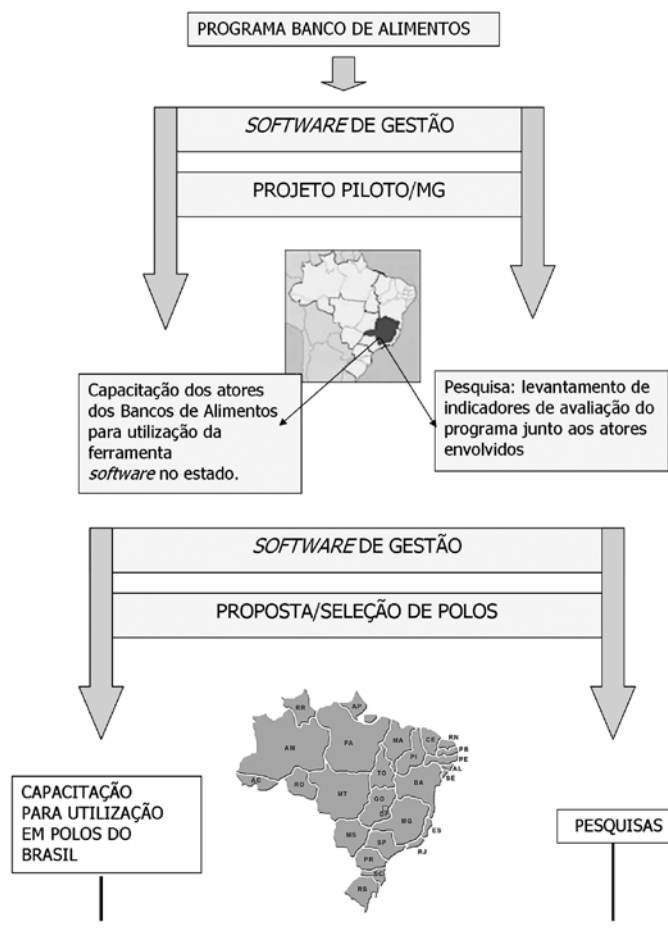


Figura 1. Projeto piloto/proposta de expansão

# PROJETO: “SAÚDE NA FUMEC: A VEZ DA VOZ DO PROFESSOR”

Coordenador:

Profa. Flávia Horta Azevedo Gobbi

Sub-Coordenador:

Profa. Luciana Vianello

Alunos:

Janaína M. Oliveira, Juscelina K. de Oliveira Ferreira, Letícia de Almeida Maia, Marcela Barata Recarey Elias

## INTRODUÇÃO

A especificidade da voz do professor como instrumento da dinâmica em sala de aula é reconhecida por características específicas dessa categoria. A intensidade, a altura, o volume e outros parâmetros precisam se ajustar às necessidades e objetivos de transmissão do conhecimento e formação do indivíduo. Isto é, a voz ajusta-se às condições de ensino. As adaptações realizadas para esses ajustes podem se configurar como facilitadores e mantenedores da saúde da voz ou como fatores de risco (BEHLAU, DRAGONE, NAGANO; 2004).

No contexto do trabalho do professor, a voz apresenta-se como importante instrumento. Por esse motivo, os docentes são considerados profissionais da voz (FUSS, LORENZ; 2003). A consideração da saúde vocal sob o prisma ocupacional implica tanto o reconhecimento dos riscos do adoecimento vocal quanto a necessidade premente de atenção e cuidados para manutenção e saúde da voz (JARDIM, BARRETO, ASSUNÇÃO, 2007).

A saúde da voz, entre os vários quesitos que permeiam a saúde do docente, está submetida à estrutura da organização do trabalho. A relação entre as características do trabalho docente e os efeitos sobre a saúde de quem o realiza pode, sob inúmeros aspectos, ser estudada levando-se em conta o contexto de exigências e novas demandas a que o professor se sujeita para viabilizar a aprendizagem dos alunos (OLIVEIRA, 2003).

Reconhece-se que o exercício profissional do professor exige a associação de aspectos de natureza distinta envolvidos na manutenção da saúde, qualidade de vida e do trabalho. Ações de promoção de saúde vão ao encontro dessa proposição. Configuram-se como estratégias efetivas por abordar o trabalho sob as perspectivas da prevenção, proteção e recuperação (PENTEADO, 2007).

Ao se pensar no desempenho comunicativo e vocal do professor em sala de aula, a abordagem da saúde no trabalho reflete no aprimoramento profissional. Nesse contexto, este projeto teve como objetivo traçar o perfil vocal dos professores de uma unidade de ensino (FCS) da Universidade FUMEC, realizar avaliação *in loco* do uso da voz e realizar ações de promoção de saúde que envolvessem o exercício profissional do ponto de vista da expressividade e da comunicação.

## METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, este projeto fundamentou-se em pressupostos de intervenção em saúde e ciência. O desenvolvimento estruturou-se em três etapas distintas.

Ao se considerarem as três etapas realizadas, pode-se afirmar que aproximadamente 60% do grupo docente total da FCS participaram de, no mínimo, uma das ações propostas.

A primeira etapa foi denominada Auto-reconhecimento da Voz Profissional. Os professores foram convidados a responder um questionário direcionado ao levantamento de informações sobre a saúde vocal, queixas, dificuldades, hábitos e percepções sobre a própria voz e seu uso como instrumento de trabalho. Forneceram informações básicas sobre o conhecimento sobre sua própria voz e o uso na atividade docente. Esse questionário foi elaborado a partir de dados da literatura específica e aplicado pelos alunos integrantes da equipe do projeto. Os professores que aceitaram participar foram informados sobre o desenvolvimento do projeto e autorizaram por meio da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Dessa investigação inicial, foram apontados temas utilizados como referência para a estruturação do trabalho coletivo que se pretendeu desenvolver. Foram elaboradas as ações de promoção de saúde vocal, desenvolvidas na segunda etapa do projeto.

Tais ações aconteceram em forma de oficinas de promoção de saúde vocal. Foram elaboradas a partir de cinco temáticas definidas em decorrência da análise dos questionários. As temáticas selecionadas e desenvolvidas foram: “Saúde e cuidados com a voz”, “Aquecimento e desaquecimento vocal”, “Ressonância, volume e articulação”, “Uso do microfone”, “Expressividade e comunicação”. Os resultados alcançados pelas oficinas foram positivos, de acordo com a análise da avaliação feita pelos professores que participaram. Porém, a execução dessas atividades sofreu interferência das dificuldades encontradas relacionadas aos horários e disponibilidade dos professores. Para que todos os professores pudessem participar, foi sugerida uma programação com horários e datas diversos. As oficinas desenvolvidas aconteceram, em média, num intervalo de 15 dias, no decorrer de



três meses (maio, junho, agosto), oferecidas em dias e horários diferentes para facilitar a participação dos docentes. A duração média foi de 30 minutos, tempo definido a partir da disponibilidade dos participantes. A divulgação da programação aconteceu via *e-mail* e cartazes expostos na sala dos professores.

A última etapa refere-se às avaliações vocais *in loco*, isto é, avaliação do desempenho vocal do professor durante a aula. As alunas integrantes da equipe se distribuíram pelos horários de aula dos professores para poder acompanhá-los. A avaliação seguiu um roteiro descritivo semi-aberto padronizado, no qual eram anotadas as características vocais, incluindo a avaliação fonoaudiológica perceptivo-auditiva, e as adaptações decorrentes da demanda da ação profissional. Os princípios da Análise Ergonômica do Trabalho (AET) da escola franco-belga de ergonomia serão utilizados como referência para o estudo ergonômico dos docentes em sala de aula, visto que é possível abordar os aspectos individuais, ambientais e a própria atividade realizada pelo professor. Esta etapa metodológica ocorreu por meio de observações globais e sistemáticas da atividade do professor em sala de aula.

A análise de tais características segue a identificação e correlação das estratégias de risco e estratégias de proteção vocal.

Cabe ressaltar que as observações aconteceram após a permissão do professor para que o aluno o acompanhasse em sala de aula.

## RESULTADOS

De modo geral, foi possível observar, durante a rotina docente na unidade na qual foi realizado o projeto, que as ações repercutiram positivamente na autopercepção dos professores em relação ao uso profissional da voz. Após o início das oficinas, a qualidade vocal, as dificuldades e as estratégias de proteção passaram a ser assuntos presentes nas conversas nas salas dos professores e também nas salas de aula.

O questionário inicial, respondido por 60% docentes, permitiu constatar que o hábito da hidratação foi referido com maior frequência quando se questionou estratégias de autoproteção utilizadas. A carga horária e a competição com o ruído ambiente foram apontados como aspectos causadores de esforço e fadiga vocal.

A análise das questões sobre autopercepção vocal permitiu a compreensão de como o professor do grupo participante compreende o uso da voz durante a atividade profissional e, também, como descreve e associa aspectos que interferem positiva ou

negativamente na qualidade vocal. A partir dessa análise, definiram-se as temáticas das oficinas.

A realização das oficinas foi marcada pela dificuldade em reunir quantidade representativa de docentes, devido à dificuldade encontrada referente aos horários para a realização das oficinas e demais ações. As justificativas foram a falta de tempo dos docentes e acúmulo de atividades, as quais impossibilitavam sua participação, mesmo havendo interesse coletivo manifestado pelos próprios por meio de comentários com a equipe do projeto. Na tentativa de driblar tais obstáculos, além da oferta de horários e dias variados, as próprias ações foram adaptadas para menos tempo de duração. E, mesmo assim, o número de participantes decresceu ao longo do período destinado a essas atividades.

Apesar de tais intercorrências, os resultados alcançados pelas oficinas foram positivos, de acordo com análise da equipe do projeto e da avaliação feita pelos professores que participaram. Interessante observar as reações apresentadas durante as experiências propostas de reconhecimento da própria voz, por meio da sensibilização da escuta e reconhecimento de hábitos que interferem na sua qualidade. As descobertas permitiram a discussão e a criação de estratégias de proteção individuais, à medida que os novos conteúdos eram apresentados e experiências vivenciadas durante as oficinas. Foi possível visualizar a construção do conhecimento em conjunto com os professores participantes no decorrer da realização das oficinas.

A ação de observação dos professores em sala de aula, com o objetivo de avaliar e descrever as estratégias vocais utilizadas, abrangeu aproximadamente 40% do grupo total de professores. Foi possível descrever as características vocais dos professores analisados e as estratégias que utilizam. Como estratégias de autoproteção, destacam-se a hidratação, pausas para participação dos alunos e uso de recursos didáticos que permitem equilíbrio da demanda vocal. Como estratégias de hipersolicitação, pode-se citar competição com o ruído ambiente, intensidade vocal aumentada e uso excessivo da voz. Destacaram-se as relações existentes entre a qualidade vocal do professor e as estratégias de hipersolicitação e autoproteção vocal identificadas. Por exemplo, na maioria das situações de aula observadas, os professores com alterações na qualidade vocal apresentaram maior número de comportamentos nocivos (postura corporal inadequada, competição com ruído ambiente, déficits na projeção vocal sem esforço). Outro aspecto interessante foi a presença do hábito de hidratação freqüente, tanto nos professores com vozes adequadas quanto naqueles com alterações.

## CONCLUSÕES

A questão da saúde vocal do professor é uma temática que demanda atenção e intervenção por parte da ciência fonoaudiológica. O professor universitário tem suas peculiaridades. Foi possível compreendê-las e fornecer instrumentalização necessária para a manutenção da saúde vocal.

Num panorama abrangente, tais reflexos se desdobraram na qualidade de ensino oferecido aos discentes da Universidade FUMEC, sob o crivo da esfera educacional.

Além do desenvolvimento de uma pesquisa científica, pode-se ampliar o objetivo de projeto para um programa de saúde ocupacional permanente, integrante das ações da instituição voltadas aos funcionários de modo geral.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, J. I., PINHO, D. L. M. As transformações do trabalho e desafios teórico-metodológicos da Ergonomia. *Estudos de Psicologia*. Universidade do RN, v. 7, p. 45 - 52, 2002.
- ASSUNÇÃO, A. A. LIMA, F. P. A. A nocividade no trabalho: contribuição da ergonomia. In: MENDES, R. *Patologia do trabalho*. 2. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Atheneu, 2003. v. 2, parte IV, cap. 45, p.1767-1790.
- BACHA, S.M.C.; CAMARGO, A. F. F. P.; BRASIL, M. L. R.; MONREAL, V. R. F. D.; NAKAO, E. M. A.; ROCHA, A. E.; TUTES, E. R.; NAKAO, M. Incidência de disфония em professores de pré-escola do ensino regular da rede particular de Campo Grande/MS. *Pró-Fono*, v. 11, n. 2, p. 08-14, set. 1999.
- BEHLAU, M.; DRAGONE, M. L. S.; NAGANO, L. *A voz que ensina: o professor e a comunicação oral em sala de aula*. Rio de Janeiro: Revinter, 2004,
- DISTÚRPIO da voz relacionado ao trabalho*.(Documento). In: XIV Seminário de Voz, 11/2004, São Paulo. PUC-SP. Disponível em <[http://www.fonosp.org/publicar/arquivos/imprensa/disturbio\\_da\\_voz\\_relacionadoaotrabalho.pdf](http://www.fonosp.org/publicar/arquivos/imprensa/disturbio_da_voz_relacionadoaotrabalho.pdf)>.
- FERREIRA, L. P. Uma pesquisa, uma proposta, um livro: três histórias que se cruzaram. In: FERREIRA, L. P. *et al.* (Org.) *Voz profissional: o profissional da voz*. Carapicuíba: Pró-Fono,1995.
- FUESS, V. L.; LORENZ, M. C. Disфония em professores do ensino fundamental: prevalência e fatores de risco. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, São Paulo, v. 69, nov./dez. 2003.
- JARDIM, R; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. Á. Condições de trabalho, qualidade de vida e disфония entre docentes. *Caderno de saúde pública*;23(10):2439-2461, out. 2007
- MELNYK, P.; JAMARDO, B.; CACACE, M.; PARDO, H.; PINO, A. A.TOMASETTI, A.; CORTIZAS M. A. M.; HURTADO, D. E.; BRAIER, M. R.; VERRETILNE, G. Considerations about teachers' dysphonias. *International Congress Series*, v. 1240, p. 1293-1296, 2003.
- OLIVEIRA, A. O. As reformas educacionais e suas repercussões sobre o trabalho docente. In: OLIVEIRA, A. O. (Org). *Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes*. Belo Horizonte: Autentica, 2003. Cap. 1, p.13-38.
- ORTIZ, E.; COSTA, E. A.; SPINA, A. L.; CRESPO, A. N. Proposta de modelo de atendimento multidisciplinar para disfonias relacionadas ao trabalho: estudo preliminar. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, São Paulo, v. 70, n.5. set./out. 2004.
- PENTEADO, R. Z.; PEREIRA, I.M.T.B. A voz do professor: relações entre trabalho, saúde e qualidade de vida. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 25, n. 95/96, p.109-130, 1999.
- PENTEADO, R.Z. Relações entre saúde e trabalho docente: percepções de professores sobre saúde vocal. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*;12(1):18-22, jan.-mar. 2007.
- RANTALA, L.; VILKMAN, E.; BLOIGU, R. Voice changes during work: subjective complaints and objective measurements for female primary and secondary schoolteachers. *Journal of Voice*. V. 16, n. 3, p. 344-355, 2002.
- RUSSEL, A.; OATES, J.; GREENWOOD, K. M. Prevalence of voice problems in teachers. *Journal of Voice*, v. 12, n. 4, p. 467-79, 1998.
- SALA, E.; LAINE, A.; SIMBERG, S.; PENTTI, J.; SUONPÄÄ, J. The prevalence of voice disorders among day care teachers compared with nurses: a questionnaire and clinical study. *Journal of Voice*, v. 15, n. 1, p. 413-423, 2001.
- SIMÕES, M.; LATORRE, M. R. D.; BITAR, M. R. Uso profissional da voz por educadores de creches: achados preliminares. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 5, n.7, p. 28-35, dez. 2000.
- SMITH, E.; LEMKE, J.; TAYLOR, M.; KIRCHNER, L.; HOFFMAN, H. Frequency of voice problems among teachers and others occupations. *Journal of Voice*, v. 12, n. 4, p. 480-488, 1998.
- SOUZA, T. M. Apresentação do documento: distúrbio da voz relacionado ao trabalho. In: XIV SEMINÁRIO DE VOZ, 11/2004, São Paulo. PUC-SP. Disponível em <[http://www.fonosp.org/publicar/arquivos/imprensa/disturbio\\_da\\_voz\\_relacionadoaotrabalho.pdf](http://www.fonosp.org/publicar/arquivos/imprensa/disturbio_da_voz_relacionadoaotrabalho.pdf)>

---

THIBEAULT, S. L.; MERRILL, R. M.; ROY, N.; GRAY, S. D.; SMITH, E. M. Occupational risk factors associated with voice disorders among teachers. *Ann Epidemiol*, n. 14, p. 786-792, 2004.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, v.39, n. 3, p. 507-14, 2005.

VILKMAN E. Occupational safety and health aspects of voice and speech professions. *Folia Phoniatr Logop*, n.56, p.220-53, 2004.

VIOLA, I.C.; FERREIRA, L. P.; SENE, C. D.; VILLAS BOAS, D. C.; SOUZA, S. M. A voz do professor: levantamento das publicações brasileiras. *Revista da Sociedade Brasileira de fonoaudiologia*, v. 5, n.7, p. 36-47, dez.2000.

WILLIAMS, N. R. Occupational groups at risk of voice disorders: a review of the literature. *Occupational Medicine*, n. 53, p. 456-460, 2003.

# SOBRE SUSTENTABILIDADE: TÊXTEIS COLORIDOS, ESTAMPADOS E POLUENTES.

Cássia Macieira – Universidade Fumec.

A indústria têxtil produz tecidos, estampas coloridas e sedutoras que geram alto custo para o meio ambiente, pois o consumo elevado e o desperdício de água a colocam como uma das maiores preocupações ambientais, perdendo apenas para a agricultura. O uso desse recurso finito não é apenas na produção, mas nas etapas comprometedoras de tinturaria, estamparia e beneficiamento, e também na geração de energia mecânica para acionamento dos maquinários. Esse caos ambiental não se dá apenas por tudo isso, mas ainda pelo elevado número de substâncias contaminantes dispensadas nos efluentes. Na etapa de engomagem dos fios de urdume, na tecelagem, os produtos usados podem ser um dos principais “componentes na carga contaminante dos efluentes têxteis, chegando a compor até 50% das análises de Demanda Química de Oxigênio – DQO”<sup>1</sup> (LUCIDO, 2005, p.88).

Sab-se que o que antecede ações contra esse desastre depende inicialmente de consciência ambiental e só assim as tecnologias empregadas - dos equipamentos, processos utilizados, e produtos químicos incluindo corantes e outros - poderão contribuir para que não se sofra agora e futuramente com as conseqüências.

O processo de dar cor ao tecido, ou seja, tingi-lo, se dá pelo banho de imersão e após a impregnação com o corante o excesso é removido por um cilindro que o espreme. E para a qualidade da tintura, o tecido é lavado em caixas de lavagem contínua com tempo e vazão controlados. Já o processo de transposição de imagens para os tecidos, ou seja, a estamparia, se dá por meio de cilindros. E eis aqui outro uso excessivo de água, pois a cada partida de produção é necessário limpar toda a máquina e o espaço. Assim, conseqüentemente, haverá alteração na qualidade da água, do ar e do solo e contaminações de solos devido ao armazenamento de grande quantidade de soda cáustica,

ácido sulfúrico e outros; cargas poluentes veiculadas pelo meio líquido são, em geral, mais perceptíveis e de grande impacto negativo. Corantes mais poluentes são aqueles que têm base de complexos metálicos contendo cromo, cádmio, cobalto e também sais inorgânicos, que são substâncias descartadas nos efluentes para não ficar retida no tecido.

No beneficiamento, processo para que o tecido chegue ao consumidor final com toque, caimento e propriedades particulares, necessita-se de processos químicos, como *alvejamento*, que elimina colorações indesejáveis nas fibras, fios e tecidos e a *mercerização*, que aumenta sua afinidade com os corantes, *resistência mecânica*, *brilho* e *absorção*. Já a purga é um processo de remoção de impurezas naturais existentes nos fios e tecidos crus, tais como óleos, gorduras, ceras, etc.

Os tecidos, quando classificados quanto à coloração, “podem ser crus, alvejados, tintos, mesclados, estampados, listrados ou xadrezes. (PEZZOLO, 2007, p.156)”. Os crus não sofrem acabamentos úmidos após serem tecidos. Já os alvejados passam pelo processo de branqueamento. Os tintos recebem a cor única em toda a sua extensão, enquanto os mesclados resultam da mistura de fibras ou fios de diferentes colorações irregulares. Os tecidos estampados recebem desenhos por meio da aplicação de corantes em áreas específicas; os listrados apresentam listras que podem ser formadas somente pelo urdume ou pela trama; e os xadrezes pela combinação dos dois; urdume e trama.

A tintura, técnica antiga oriental, já era praticada pelos egípcios, que já exploravam as cores naturais e garantiam a sua fixação, permitindo a obtenção de várias nuances com um único corante. Na Idade Média, essa fixação se dava pelo alúmen trazido pelos mercadores italianos que, com o desenvolvimento do comércio, facilitou o conhecimento e a comercialização dos corantes a mordente vindos das regiões meridionais, como o açafrao para o amarelo, o cártamo para o vermelho, oferecendo um total de dezesseis cores, o que potencializou a distinção das classes sociais. Mas a fixação também era obtida de diversas árvores com propriedades químicas semelhantes, em que países tropicais e subtropicais são favorecidos por sua infinita variedade de plantas tinturiais. Isso possibilitou que o pau-brasil viesse a se tornar uma espécie rara, devido ao imenso extrativismo praticado pelos portugueses e brasileiros, mesmo sendo uma tinta com menos poder de fixação, como o açafrao e a amoreira. Ferver o tecido ou fios num banho contendo mordente foram práticas exercidas e pesquisadas durante séculos, desde as cinzas vegetais, alúmen, tártaro, ferrugem, vinagre até a urina. O processo de obter extratos das matérias exige operações sob temperaturas e acidez controladas: maceradas, ebulição e fermentação; e o mordente, que contribui com a fixação entre fibras e corante, pode ser feito antes, durante ou após a tintura.

<sup>1</sup> DQO – demanda química de oxigênio que relaciona a quantidade de oxigênio consumido numa reação bioquímica da matéria orgânica biodegradável presente no efluente.

A tintura praticada na indústria é a quente, feita por meio da imersão dos têxteis num banho contendo o corante; e na tintura artesanal, quente ou fria, ele é obtido com a fervura das plantas. A impregnação da cor no tecido é mais eficiente nos banhos a quente devido à temperatura alta e constante. Nesta fixação no têxtil há também uma afinidade entre fibra e cor e, para algumas combinações nas quais não acontece essa identificação mútua, faz-se o uso de produtos químicos como sais alcalinos, redutores como o hidrossulfito de sódio ou sulfureto de carbono, fazendo papéis de mordentes.

Existem inúmeras substâncias que mancham ou transmitem a cor e nem todas apresentam características de firmeza e resistência à exposição ao sol e a lavagens freqüentes. Assim, os corantes diretos são os que oferecem efeito duradouro sem a ajuda dos produtos químicos como a casca de noz, que proporciona cor marrom e preta. *E “os corantes a mordente são a maioria e fazem com que a tinta “morda” ou se fixe nos tecidos”* (PEZZOLO, 2007, p.161) Os corantes na massa são para as fibras químicas, tanto artificiais quanto sintéticas, como o raion e o náilon. E a tinta é adicionada à massa líquida ou pastosa antes que ela se transforme em fios. Os corantes ácidos ou banhos ácidos tingem lã e seda, enquanto nos corantes a cobre o banho é de sulfato de cobre com tinturas resistentes à luz e a lavagens. Para os corantes de cuba, o tecido passa pelo banho de corante incolor para, em seguida, ser exposto ao ar, onde a oxidação dá surgimento à cor.

Atualmente, algumas empresas já fazem *“tingimentos com espumas ou banhos curtos, que reduzem sensivelmente a quantidade de água e energia”* (LUCIDO, 2005, p.31). Há também pesquisas de corantes para melhorar suas aplicações no esgotamento dos banhos e, conseqüentemente, a redução da quantidade de corantes nas águas residuais, o que contribuirá bastante, pois o consumo elevado de água é, na operação de lavagem, seguida dos processos de tingimento e acabamento dos tecidos.

O investimento na recuperação de gomas nesta etapa proporciona economias relevantes em termos de energia, matéria-prima e água.

O ETE – Estação de Tratamento de Efluentes – reduziu muito o consumo de água na lavagem de cores escuras, pois as tecnologias aplicadas, parte da exigência de política ambiental, têm conseguido aumentar a eficiência dos processos, diminuindo as etapas de tingimento e beneficiamento, cargas de resíduos e efluentes produzidos em níveis toleráveis.

A implantação de Sistemas de Gestão Ambiental (SGA) envolvem normas como a ISO 14.000, que surgiu para organizar inúmeros certificados ecológicos, ecosselos, com os quais qualquer empresa de qualquer país pode comprovar sua política ambiental e ter os seus produtos e serviços reconhecidos internacionalmente. Os selos verdes ou certificados ecológicos parecem garantir

não somente a diminuição do impacto ambiental no processo produtivo, mas também na redução da toxidade. Essa norma foi elaborada pela Organização Internacional de Padronização (ISO - *International Standardization Organization*). É um organização não-governamental e no Brasil é representada pela ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Sonhamos em dizer que o século XXI poderia ser o da “nova sociedade de consumo” se todos fossem comprometidos com a redução e reaproveitamento de resíduos. Assim se enfrentaria o desafio da sustentabilidade, pois não haverá água doce e limpa e solos férteis nos próximos anos. O discurso do consumo consciente pretende ser o espaço do pensar, não dizendo às pessoas que parem de comprar, mas que usem a água, a energia, alimentos, roupas, cultura com responsabilidade. *Estudos das Nações Unidas mostram que, em 2050, duas em cada três pessoas eventualmente não terão água para consumir – seja para tomar banho, seja para cozinhar etc.(...) a água será amanhã o que é hoje o petróleo.\*<sup>2</sup>*

É preciso acreditar que diante de ações caóticas e catastróficas existem organizações, pesquisas, ações coletivas e individuais pensando, praticando e inventando formas e fórmulas diferentes para minimizar a poluição têxtil e o hábito do consumidor. Existem vários *designers* experimentando processos antigos artesanais, como os corantes vegetais, a pesquisa encantadora do tecido que nasce colorido do Paraíba, tecidos ecologicamente corretos, fios biodegradáveis, fibras recicladas ou fibras da madeira reciclada ou com plantio direcionado, calçados e bolsas com reaproveitamento de pneus, embalagens recicláveis ou biodegradáveis, *design* com resíduos têxteis, normas de controle dos corantes aplicados a materiais têxteis (OEKO –TEX100) e outros.

Essa relação entre desenvolvimento e meio ambiente atravessa todas as linguagens e setores e deveria haver certo grau de consenso, não se esquecendo do consumidor final. E esta nova maneira de a sociedade se relacionar com seu ambiente, garantindo a sua própria continuidade e a de seu meio externo, não deveria estar em discussão. Mas convive-se com o mau uso da água, o que leva a acreditar que se ela fosse de alto custo para o uso domiciliar e altíssimo para as indústrias, haveria sem dúvida um jeito diferente de usá-la.

Algo a pensar e praticar seria se mudassem-se os hábitos de consumo e, como consumidor responsável, desejar, escolher e adquirir apenas o que o for criado e produzido de forma sustentável pelas indústrias têxteis, com ecosselos sérios, sem a preocupação apenas com subjetividades estéticas.

<sup>2</sup> TRIGUEIRO, André (org.). **Mundo Sustentável**. p.29.



## REFERÊNCIAS

BELLEN, Hans Michael van. **Indicadores de sustentabilidade**. Uma análise comparativa. Rio de Janeiro: Editora FJV, 2007.

KAZAZIAN, Thierry (org.). **Haverá a idade das coisas leves**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

LUCIDO, Gil Leonardo Aliprandi. **Gestão Ambiental Têxtil**. (apostila). Rio de Janeiro: SENAI/Cetiqt, 2005.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos**. História, tramas, tipos e usos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SANTOS MARTINS, Cláudio Túlio dos; MIRANDA, Márcio Alvarenga. **Reciclagem e reuso de água na Indústria Têxtil**; um estudo de caso na Fábrica Geraldo Magalhães Mascarenhas – Companhia Cedro Cachoeira Município de Sete Lagoas – Minas Gerais. Monografia apresentada no curso de pós-graduação de Engenharia Ambiental Integrada do IETEC – Instituto de Educação Tecnológica, Belo Horizonte, Minas Gerais. Sete Lagoas, 2001.

SENRA, João Bosco. “Água, o desafio do terceiro milênio” in VIANA, Gilney; SILVA, Marina; DINIZ, Nilo. **O desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001. p.133 -144.

# VEÍCULO DO SABER: PROJETO DE EXTENSÃO SEGUE SEU CAMINHO, NA DISSEMINAÇÃO DE AÇÕES EM PROL DA SUSTENTABILIDADE.

## EQUIPE

Flavio Fabrino Negrão Azevedo - Professor da FEA FUMEC e coordenador do Projeto de Extensão Veículo do Saber

Camila Carvalhal Alterthum - Professora do ISEAT e colaboradora voluntária do Projeto de Extensão Veículo do Saber

Bruna Vieira Gomes - Discente de Design de Produto da FEA FUMEC e colaborador do Projeto de Extensão Veículo do Saber

André Resende - Discente de Design de Produto da FEA FUMEC e colaborador do Projeto de Extensão Veículo do Saber

Thiago José Porto - Discente de Design de Produto da FEA FUMEC e colaborador do Projeto de Extensão Veículo do Saber

João Ferolla - Discente de Engenharia Ambiental da FEA FUMEC e colaborador do Projeto de Extensão Veículo do Saber

Gilberto Ribeiro da Silva - Discente de Arquitetura da FEA FUMEC e bolsista do Projeto de Extensão Veículo do Saber

## APRESENTAÇÃO

Este artigo apresenta dados referentes à atividade extensionista do Projeto *Veículo do Saber*, da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade FUMEC, realizada no período de fevereiro a novembro de 2007. O foco da atuação se deve à parceria com a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte (ASMARE), que desde as duas últimas edições (2005 e 2006) participa do projeto. E também, a partir deste ano, houve a inclusão de uma outra comunidade participante, o bairro Ribeiro de Abreu, através de seu conselho comunitário (COMUPRA), o qual direcionou o foco do trabalho para o desenvolvimento de ações que visam à reeducação da população, da cadeia produtiva, do consumo, e a preservação

da natureza e recursos hídricos. O projeto sócio-ambiental intitulado *Veículo do Saber* expõe, através deste artigo, as experiências e conclusões obtidas a partir das práticas vivenciadas nesse período, pela equipe de discentes, pesquisadores e comunidades envolvidas no projeto.

## EIXOS E PRINCÍPIOS DO VEÍCULO DO SABER

O trabalho realizado em 2007 visou à continuidade do que já havia sido realizado em 2006 no projeto de extensão *Veículo do Saber: capacitação de agentes ambientais de limpeza urbana*. Certamente que diversos aprimoramentos foram feitos em função da avaliação do trabalho anterior. As demandas que emergiram a partir da intervenção em 2006 redirecionaram algumas metas e reforçaram outras estratégias que tiveram resultados positivos e significativos.

A atuação permanente dos discentes de arquitetura, design e engenharia ambiental se deu primordialmente na marcenaria da ASMARE, junto aos associados que trabalham diretamente na linha de produção dos objetos confeccionados na referida marcenaria. Para além desta atuação, também participaram diretamente na continuidade do desenvolvimento do protótipo de veículo de coleta seletiva, eixo que já estava presente na edição 2006 do projeto. Extrapolando a parceria com a ASMARE, desenvolveram atividades de cunho sócio-ambiental no bairro Ribeiro de Abreu onde, através de oficinas de eco-design e participação nos fóruns de discussão pela revitalização do Ribeirão Onça, puderam contribuir para a educação e conscientização da população da região nordeste de Belo Horizonte.

O eixo que perpassa as ações mencionadas acima é a aplicação da tecnologia dos *4Rs*: Reeducar; Reduzir; Reutilizar; Reciclar (ECOLOGIA INTEGRAL, 2007, p.09). A necessidade de readequação dos hábitos de vida, de consumo e de desenvolvimento industrial ou artesanal de produtos, aponta para a adoção de medidas que tenham a sustentabilidade como objetivo. É neste eixo que se desenvolveram todas as ações do *Veículo do Saber* 2007.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão continua sendo um princípio do trabalho. Ao se realizar a capacitação dos associados da ASMARE (Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Recicláveis), a troca de conhecimentos foi de grande relevância. As aulas de geometria, maquetaria e eco-design, formuladas com base nos conhecimentos científicos e levadas aos trabalhadores da marcenaria, ampliaram seus conhecimentos, ao passo que a convivência e o acompanhamento *in loco* de suas rotinas de trabalho possibilitaram aos alunos da

Universidade FUMEC o acesso a conhecimentos de outra natureza. Assim, apropriar-nos de uma realidade específica, como é o caso dos sujeitos da ASMARE, que se enquadram na categoria de população em risco social, e realizar junto com eles uma ação educativa, é ao mesmo tempo ensino, extensão e potencialmente pesquisa.

Ensino, pois ocorreu o desenvolvimento de metodologias de ensino para um público específico, onde o modelo de ensino adotado propunha uma dinâmica de diálogo com o cotidiano daqueles sujeitos. A estratégia de capacitação buscou, antes de tudo, estar sensível à realidade e demanda de trabalho dentro da marcenaria. Os conhecimentos compartilhados entre acadêmicos e trabalhadores da marcenaria se davam a partir da necessidade de produção de objetos por estes comercializados, como móveis, utensílios e principalmente lixeiras, como será explicado mais adiante. Assim, os conceitos de geometria, matemática, cálculo projetual, escala, maquetaria e design, dominados pelos estudantes, foram apropriados na marcenaria com muito interesse pelos trabalhadores, já que eram ferramentas que facilitariam a atividade que realizavam de maneira mais “empírica” e experimental.

Extensão, pois possibilita que o conhecimento produzido na universidade seja compartilhado com outros setores da sociedade, principalmente esse público em risco social, que ainda está tão distante da realidade da academia. No ano de 2007, por exemplo, a conquista de um *atelier* de projeto informatizado, destinado à criação dos produtos, permitiu o aprimoramento do trabalho desenvolvido na marcenaria. A informatização no desenvolvimento do projeto ampliou o poder de comercialização e a qualidade do produto final desenvolvido, ou seja, o conhecimento acadêmico foi aplicado a um fim social, pois mais uma vez agregou valor ao trabalho dos cooperados da ASMARE.

Quanto à pesquisa, o projeto tem como um dos focos o aprimoramento de uma das principais ferramentas de trabalho do catador de papel: o veículo de coleta seletiva (VCS). O equipamento que deu origem, alusivamente, ao nome deste projeto (Veículo do Saber), encontra-se em fase de detalhamento de estudo e teste da estrutura desenvolvida ao longo dos três últimos anos. Atualmente, o estudo do VCS se restringe à estrutura que é acoplada ao chassi do carrinho, convencionalmente usada pelos catadores da ASMARE. A grade, como é chamado este equipamento pelos catadores, foi concebida com a utilização de elementos estruturais confeccionados em bambu. Em 2006, o trabalho de aprimoramento do VCS se tornou tema de pesquisa de mestrado em construção civil, do mestrando e coordenador deste projeto de extensão, Prof. Flávio Negrão.

A pesquisa avaliou a resistência, durabilidade e trabalhabilidade dos materiais que compõem o modelo de grade em bambu. Os procedimentos de coleta e tratamento do bambu, principais res-

ponsáveis por um bom desempenho mecânico das peças, foram apresentados para os participantes do projeto - tanto discentes como membros da comunidade envolvida - que tiveram a oportunidade de conhecer todo o ciclo de vida daquela matéria-prima, posteriormente utilizada na confecção da grade. A pesquisa de campo, com o acompanhamento do desempenho do veículo nas ruas da cidade (fig. 1), assim como os testes de resistência do bambu em laboratório, também teve o acompanhamento dos alunos envolvidos no projeto, auxiliando a pesquisa na compilação e registro dos dados.



Fig.1- Coleta de dados com o catador Elismario.

Portanto, a comunicação dos resultados colhidos ao longo de 2007, os quais seguem neste texto, tem sempre o foco nos princípios e eixo mencionados acima. A ampliação de parcerias para outros setores da sociedade e outras localidades da Grande Belo Horizonte indica a crescente demanda de meios sociais diversos para se repensarem como co-autores das reestruturações necessárias para se encontrar um caminho sustentável de vida nas cidades.

## TRILHANDO NOVOS CAMINHOS

O *Veículo do Saber*, no ano de 2007, deu os primeiros passos no sentido de ampliar seus horizontes de atuação no campo da educação ambiental. Trabalhando em parceria com o COMUPRA (Conselho Comunitário do Bairro Ribeiro de Abreu), tivemos a oportunidade de realizar duas oficinas de eco-design e participar de discussões referentes à qualidade ambiental no bairro. Localizado às margens do Ribeirão Onça, o Ribeiro de Abreu se insere em uma região considerada de extrema importância para a re-qualificação do Rio das Velhas. O trecho de 5 km do Onça, que percorre o bairro, se estende entre a canalização exe-

cutada na Via 240 e a Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) gerenciada pela COPASA. O local, que há 20 anos atrás servia como espaço de lazer para a comunidade, com cachoeiras e praias, recebeu durante esse período os resíduos da grande metrópole, que há anos vem despejando esgoto em suas águas. Hoje, apesar da construção da estação de tratamento, o Onça ainda detém o título de maior poluidor do Rio das Velhas. Esta é uma das principais preocupações do COMUPRA, que realiza a interlocução entre órgãos públicos, instituições e a população do bairro, no sentido de promover discussões sobre o tema. Ao participar dessas discussões, o projeto *Veículo do Saber* contribuiu para engrossar o coro desse grito de alerta, semeando, através de oficinas de educação ambiental, a importância e a possibilidade de reduzirmos, reutilizarmos e reciclarmos o lixo nosso de cada dia.

O desenvolvimento das ações em forma de oficinas e mutirões (fig. 2 e 3) representou uma troca de conhecimentos onde maquetaria, geometria, fatores de escala e análises estruturais entram primeiramente em cena para decifrar problemas cotidianos da construção de produtos e equipamentos. Através deste embasamento, partimos para a confecção de produtos e processos produtivos otimizados e ambientalmente corretos. Nesta etapa, a equipe de alunos da extensão atua na coordenação das oficinas, na transmissão de conhecimentos da academia para o público-alvo e na transformação das práticas cotidianas dos setores onde o projeto acontece.

Além das oficinas ministradas à comunidade na sede do COMUPRA, os membros do projeto *Veículo do Saber* participaram das discussões ocorridas em prol da Bacia Hidrográfica do Ribeirão Onça. Ocorreu uma interseção de projetos extensionistas, uma vez que as discussões e ações pró-Onça são encabeçadas pelo Sub-comitê Onça, do conhecido Projeto Manuelzão da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Uma série de conhecimentos sobre hidrografia, mobilização social, revitalização de cursos de água e projetos do governo de Minas passaram a fazer parte do vocabulário de nossos estudantes, ao passo que contribuimos, através de diagnósticos e levantamento de dados, com sugestões para a re-qualificação ambiental das áreas às margens do ribeirão. Neste trabalho, foi fundamental a participação dos alunos de engenharia ambiental e arquitetura. A troca de saberes fez jus à política extensionista das universidades, pois proporcionou aos alunos uma experiência profissional em projetos sócio-ambientais, e à comunidade, o suporte técnico e teórico às possíveis intervenções urbanas de re-qualificação da região.

A partir desse engajamento, o *Veículo do Saber* tomou a causa como mais um desafio do seu percurso: apontar caminhos que possam reverter os danos causados por uma ocupação urbana desordenada e agressora às potencialidades ambientais da região. Tendo como base o diagnóstico do COMUPRA de que

a própria comunidade é agressora do meio e de que suas rotinas influenciam ainda mais na piora da qualidade ambiental e hidrográfica da região, é que a atuação do *Veículo do Saber* foi pensada. Assim, a proposta de reeducação ambiental em uma rotina de atendimento aos moradores do bairro, através de oficinas e da participação em eventos da comunidade, foi vista pelo COMUPRA como um importante passo no processo de conscientização ambiental da população.



Fig.2 e 3 - Oficina de eco-design realizada na sede do COMUPRA.

## SEDIMENTANDO A ATUAÇÃO NA ASMARE

Em sua primeira edição (2006), a principal atividade do projeto na ASMARE foi o aprimoramento do VCS. Hoje, ela é uma atuação paralela. O encaminhamento de um novo protótipo de



grade do veículo encontra-se em fase de teste, em duas formas distintas.

A primeira, no âmbito empírico, nas ruas da cidade, para uma possível reprodução quantitativa, caso passe no “teste do catador”. Por incrível que pareça, um dos grandes entraves para a adoção de novos modelos de veículos coletores vem dos próprios agentes de limpeza urbana, que desconfiam do novo e daquilo que precisa ser adaptado ou aprendido. Ao longo de 2007, a grade do VCS foi reformulada para atender à demanda de coleta dos catadores. Alguns catadores se prontificaram a fazer uso da grade-piloto para avaliar periodicamente sua resistência, durabilidade, vantagens e desvantagens sobre os modelos convencionais. Atualmente, o catador Elisário circula com ela, e por ser um construtor de grades, ele pode ajudar muito no aprimoramento deste modelo, para que seja não só reproduzido pelos outros catadores, como também aceito pelos companheiros como mais um elemento que possa beneficiar a dura rotina da coleta de papel nas ruas da cidade.

A segunda forma de testar a grade é o procedimento científico adotado pela já mencionada pesquisa no mestrado em engenharia civil da Universidade FUMEC. As metodologias se cruzam em alguns momentos, e ambas têm a finalidade de indagar novas possibilidades estruturais que, em última instância, podem beneficiar o trabalho dos associados da ASMARE. A participação dos alunos do projeto de extensão acontece em ambos os procedimentos, para que os resultados da pesquisa já possam ser usados, a título experimental, no trabalho realizado na Associação.

A atuação na marcenaria da ASMARE foi a principal frente de trabalho do grupo em 2007. Seguindo os objetivos propostos<sup>1</sup>, o desafio era qualificar a marcenaria e seus produtos, tornando-a mais rentável e competitiva através do desenvolvimento de uma linha de mobiliário com materiais reaproveitáveis e/ou reciclados. Em função da experiência com os Festivais Lixo e Cidadania<sup>2</sup>, além da matéria prima disponível, que é sempre um determinante da produção, deu-se prosseguimento ao desenvolvimento de uma linha que foi comercializada, de sofás e mesas. Mas ao indagar-se sobre a principal demanda de produção na marcenaria, nos deparamos com um outro artefato.

As lixeiras, ou melhor, coletores de materiais recicláveis, então confeccionadas pela Associação, não atendiam à crescente demanda do mercado por este produto. Os modelos existentes, bastante convencionais, mostravam-se limitados na sua estética, forma e função. Por ser o coletor um dos principais produtos de venda da marcenaria, nos dedicamos à criação de modelos de lixeiras que tivessem formas e tamanhos variados que melhor atendessem às expectativas do mercado.

<sup>1</sup> Projeto de Extensão 2007

<sup>2</sup> Festival realizado anualmente pelo Fórum Nacional Lixo e Cidadania, na cidade de Belo Horizonte, do qual participam os integrantes do Projeto *Veículo do Saber*, desde sua primeira edição.

Visando adequar a produção da marcenaria ao desenvolvimento de produtos sustentáveis, foi iniciada a elaboração de novos coletores que atendessem às especificações necessárias para a produção do eco-design.

O desenvolvimento de um produto de eco-design não pode se basear apenas num falso marketing, que faz uso de termos politicamente corretos. Por isso nos baseamos no trabalho de Manzini e Vezzoli (2005), que alertam para a importância de se conhecer todo o ciclo de vida do produto.

*“O conceito de ciclo de vida, aqui mencionado, refere-se às trocas entre o ambiente e o conjunto dos processos que acompanham o “nascimento”, “vida” e “morte” de um produto, que é interpretado considerando a relação entre os fluxos de matéria, energia e emissão das atividades que o acompanham durante toda a sua vida”.*

As etapas de análise que identificam o ciclo de vida de um produto passam pelos processos de pré-produção, produção, distribuição, uso e descarte.

Na fase de pré-produção, os participantes do Proex (alunos e funcionários da marcenaria da ASMARE) foram capacitados para atender os conceitos de desenvolvimento dos produtos sustentáveis, aplicáveis através do uso da tecnologia dos “4Rs” (reeducar, reduzir, reaproveitar, reciclar). Geração de alternativas, desenhos, maquetes e protótipos foram desenvolvidos pela equipe, visando adequar a linha de produção à utilização de matéria prima reutilizada e reciclada. A lixeira produzida até então passou pelo crivo desta análise de produto sustentável. Apesar de algumas qualidades, como a reutilização de matérias descartadas, foram detectados dois pontos negativos que inviabilizavam a inserção competitiva do produto no mercado. A baixa periodicidade de coleta deste material e seu formato e tamanho limitados induziram a criação de um novo modelo de lixeiras que atendessem às exigências sobre um produto, segundo os autores mencionados há pouco, rotulado como eco-design, ou produto sustentável.

A metodologia utilizada na proposição de novos coletores previu a escolha de recursos e procedimentos de baixo impacto ambiental, de um produto eco-eficiente<sup>3</sup>. A geração de alternativas projetuais, através de desenhos, maquetes e protótipos, auxiliou os integrantes do grupo na pesquisa de um produto final no qual as soluções adotadas pudessem ser pensadas a partir desses novos conceitos de produtos sustentáveis. No diálogo entre a comunidade atendida e a academia, os funcionários da marcenaria foram incentivados a passar por todas as etapas citadas,

<sup>3</sup> Este termo foi proposto pelo *World Business Council for Sustainable Development (WBCSD)* e é definido pela relação entre o valor de um produto (satisfação por um serviço oferecido) e o seu impacto ambiental (poluição e consumo de recursos); indica, entre outros termos, o grau em que está conjugada a redução do impacto para a produção, distribuição, uso e descarte/eliminação, com o aumento da qualidade dos serviços oferecidos.



a fim de desenvolver um raciocínio lógico para a elaboração de projetos futuros.

O material que melhor se adaptou à demanda e à relação custo-benefício foram as placas recicladas da *Tetrapak* (fig. 4 e 5). Uma boa trabalhabilidade de corte, permitindo a flexibilidade dimensional desejada para o atendimento às novas demandas do mercado e aos condicionantes ecológicos explícitos em suas qualidades de produto reciclado e reciclável, determinou a substituição da madeira compensada (matéria prima utilizada para a produção das lixeiras) pelo eco-produto, no desenvolvimento dos novos coletores.



Fig. 4 e 5 - Caixa da Tetrapak transformada em placa e coletores.

A construção de modelos em escala reduzida se afirmou como a principal ferramenta de transposição do desenho bi-dimensional para a volumetria final desejada, além de proporcionar um estudo de corte que reduzisse ao máximo a produção de resíduos.

Com a intenção de estimular o nicho de mercado já configurado e vinculado à ASMARE - que é um produto necessário à implantação da coleta seletiva em ambientes de trabalho, trabalhamos como tema a proposta de criação de novas lixeiras que atendessem a este mercado emergente.

Ao longo de 2007, um projeto piloto desenvolvido pela ASMARE para a implementação da coleta seletiva nas dependências da matriz do Banco do Brasil em Belo Horizonte serviu de base para o desenvolvimento de novas soluções para os equipamentos de coleta seletiva. As novas lixeiras serviam de suporte para informações textuais, que mencionavam as características eco-sustentáveis do produto, proporcionando um caráter educador ao objeto. O trabalho de parceria entre as instituições forneceu dados relevantes e determinantes sobre a forma, função e o volume final dos novos modelos de coletores, adaptados para atender às demandas de coleta dos espaços internos e externos da instituição (fig. 6 e 7).

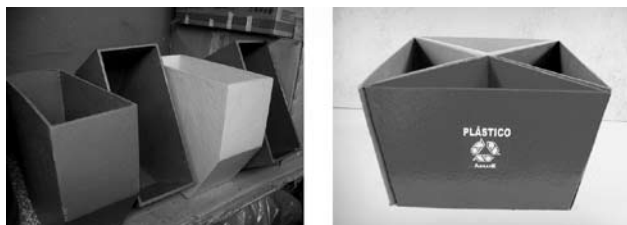


Fig. 6 e 7 - Lixeiras projetadas para demandas específicas de grandes clientes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências adquiridas nos caminhos percorridos pelo *Veículo do Saber* no ano de 2007 mostraram possibilidades e dificuldades de atuação no sentido do desenvolvimento sustentável do nosso planeta.

Nossas ações foram objeto de muito interesse por entidades, empresas, colaboradores e sociedade civil de maneira geral, que se entusiasma diante das idéias de “reciclar”, “reaproveitar”, “fazer bem ao planeta”, principalmente quando isso se materializa na redução de gastos.

Percebe-se quão necessárias e ainda escassas são as atividades no sentido de estimular as pessoas a consumir de maneira mais consciente, repensando seus hábitos de vida. As mudanças climáticas ocorridas nos últimos anos e a ampla divulgação nos meios de comunicação sobre o estado doentio em que a Terra se encontra ainda não foram suficientes para sensibilizar a população da necessidade de adotarmos uma nova postura de vida. Muito se fala, mas pouco se faz, quando o assunto se refere à sustentabilidade do planeta. A informação superficial e inconsistente sobre os termos *sustentável*, *recicláveis*, *4Rs*, etc., refletem o quão inconsistente é a maneira de a sociedade brasileira repensar seus hábitos de produzir, consumir e gerir seus resíduos sólidos. Dentro do universo de atuação do projeto, constata-se a triste realidade do que o nosso município faz pelo planeta. Apesar de ser uma referência nacional em gestão de resíduos sólidos, Belo Horizonte separa menos de 5% de seus rejeitos. Há uma enorme distância entre o discurso e as políticas públicas que de fato queiram contribuir para mudanças no nosso quadro sócio-ambiental.

Construir uma nova atitude, quebrar paradigmas, reavaliar antigos conceitos, serão necessários na busca de respostas sinceras aos enfrentamentos e desafios da vida contemporânea. Verbos como reeducar, reduzir, reutilizar e reciclar deverão fazer parte da AÇÃO cotidiana da população, para que o mundo possa respirar novamente... aliviado.

As possibilidades do projeto de extensão *Veículo do Saber* caminham no sentido de lançar sementes que minimizem o mar de problemas ambientais que o planeta ainda vai enfrentar. Conhecer pessoas, entidades, universidades, comunidades, empresas que apóiam e realizam trabalhos neste mesmo caminho é uma forma de fortalecer e amadurecer a competência e a sensibilidade necessárias para repensar o futuro da humanidade.

Este é o grande desafio que o projeto de extensão *Veículo do Saber* se propôs a realizar, ao trabalhar dentro das áreas de atuação que nos competem, em direção à multiplicação da prática do “ser” sustentável. Contribuir na formação de cidadãos de atitude, que sejam capazes de buscar respostas aos problemas

ambientais enfrentados no mundo em que vivemos, é a principal responsabilidade educadora do projeto.

## REFERÊNCIAS

CENTRO DE ECOLOGIA INTEGRAL. *Revista Ecologia Integral*. Nº. 31, ano 7, Belo Horizonte, 2007.

FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

MANZINI, Ezio e VEZZOLI, Carlo. *O Desenvolvimento de Produtos Sustentáveis*. São Paulo: USO, 2005.

RIBEIRO, Helena e VARGAS, Heliana (org). *Novos Instrumentos de Gestão Ambiental Urbana*. São Paulo: Ed. USP, 2001.

UFMG. *Jornal Manuelzão. Saúde, Ambiente e Cidadania na Bacia do Rio das Velhas*. Nº. 44, ano 11, Belo Horizonte: UFMG, março de 2008.

